



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ANDRÉIA CORDEIRO MECCA

**CICLOPEDALEIROS: PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES  
DA PRÁTICA SOCIAL DA CICLOENTREGA**



São Carlos – SP  
2022

**ANDRÉIA CORDEIRO MECCA**

**CICLOPEDALEIROS: PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES  
DA PRÁTICA SOCIAL DA CICLOENTREGA**

Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos

São Carlos – SP  
2022

MECCA, Andréia Cordeiro

CicloPedaleiros: processos educativos decorrentes da prática social da cicloentrega / Andréia Cordeiro MECCA -- 2022. 259f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Dr. Luiz Gonçalves Junior

Banca Examinadora: Dra. Aida Victoria Garcia-

Montrone, Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos, Dra.

Mariana Machitte de Freitas, Dr. Pedro Hespanha

Bibliografia

1. Processos educativos . 2. Cicloentrega. 3. Economia Solidária. I. MECCA, Andréia Cordeiro. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

Folha de Aprovação

---

Defesa de Tese de Doutorado da Candidata Andréia Cordeiro Mecca, realizada em 31/08/2022:

Membros da Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Gonçavel Junior (UFSCar)

Profa. Dra. Aida Victoria Garcia-Montrone (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP – São Carlos)

Profa. Dra. Mariana Machitte de Freitas (Instituto Florada)

Prof. Dr. Pedro Hespanha (CES/UC – Portugal)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Examinadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

**Aos CicloPedaleiros**

## **AGRADECIMENTOS**

Embora o capitalismo se configure como um sistema de extrema concorrência, há um paradoxo oculto pela ideologia dominante: o capitalismo é também um sistema de colaboração. Esse ponto cego é a fagulha sobre a qual outros sistemas se constroem, pois uma nova sociedade é sempre engendrada pela anterior. São bilhões de pessoas trabalhando conjuntamente dentro de um sistema orgânico e funcional. Só pude ter tempo para me dedicar a esta tese porque outras pessoas produziram as roupas e sapatos que usei, a comida que me sustentou, os livros que devorei, o computador que utilizei, a cama em que dormi, as mesas, cadeiras, geladeira, fogão. Trabalharam para chegar água, luz, gás, internet à minha casa, transportaram a mim e os produtos que consumi através de estradas e oceanos. Limparam e cuidaram das universidades, bibliotecas e ruas. Construíram parques, avenidas, casas e supermercados, produziram música, filmes e entretenimento para os meus descansos; ou seja, disponibilizaram tempo para um conjunto infinito de trabalhos que favoreceram a mim e outros tantos bilhões de pessoas. O problema do capitalismo é como ele se apropria desse trabalho, explora trabalhadores/as, lucra, destrói a natureza e gera desperdício enquanto acumula capital, deixando pelo caminho marginalizados/as e miseráveis. Mas é por causa dessa fagulha dentro desse paradoxo que não posso agradecer apenas a amigos/as, professores/as e familiares. Agradeço, portanto, juntamente com aqueles/as que estiveram comigo nesta jornada, a solidariedade destes bilhões de pessoas que trabalharam, pois sem elas eu jamais teria conseguido produzir este texto. E também ofereço, como contribuição para esta teia de solidariedade, o meu trabalho: a presente tese. UBUNTU!

Perguntei-lhe, então, se tinha saudades do espaço azul e infinito...  
- Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?  
- Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que coisa é o mundo?  
- O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é o senhor da gaiola, que habita e da loja, que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira.

[...] Três semanas depois da entrada do canário em minha casa, pedi-lhe que me repetisse a definição do mundo.  
- O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira.

[...] Era o canário; estava no galho de uma árvore. Imaginem como fiquei, e o que lhe disse. O meu amigo cuidou que eu estivesse doido; mas que me importavam os cuidados de amigos? Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular...  
- Que jardim? Que repuxo?  
- O mundo, meu querido.  
- Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor.  
O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

**Ideias de canário – Machado de Assis**

## RESUMO

A implantação e a consolidação do modelo econômico neoliberal tiveram como consequências a precarização acentuada do trabalho no Brasil e o aumento das desigualdades. O grande número de pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade socioeconômica e a busca pela superação desse quadro faz emergir alternativas à geração de renda. Essas alternativas promoveram práticas exploratórias como a *uberização* do trabalho, mas também contribuíram para impulsionar outras economias. O Empreendimento de Economia Solidária CicloPedaleiros buscou, através da realização de cicloentregas, viabilizar geração de renda para adultos que estão à margem do mercado de trabalho, sujeitos ao desemprego e à informalidade. A presente tese teve como objetivo identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática social da cicloentrega a partir das ações do citado empreendimento. Como metodologia utilizamos pesquisa participante, sistematização das observações por meio de diários de campo e análise pautada na fenomenologia, que fez emergir três categorias temáticas: A) “É bão usar o capacete, viu, numa hora dessa salva”, que explicitou relações cotidianas dialógicas entre os/as participantes, cujas atitudes e falas foram, em grande medida, pautadas em processos educativos de solidariedade, cooperação e cuidado; B) “Eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento de economia solidária”, que indica os processos educativos relacionados à atitude implicada dos/as participantes, por exemplo, quando firmaram parcerias com lojistas e outros/as empreendedores/as da cidade, fizeram divulgação, compareceram às reuniões, cumpriram combinados, demonstraram conhecer o histórico das ações e dos aspectos relacionados ao empreendimento; e C) “Precarização é a palavra do ano”, que trata da percepção e reflexão acerca das formas precarizadas de trabalho no neoliberalismo, reorganizando-o sobre outros princípios e necessidade, ou seja, como algo saudável, prazeroso e criativo. Consideramos que a ES, analisada por meio dos CicloPedaleiros, engendra processos educativos significativos para a elaboração de novos repertórios, que poderão contribuir para a construção de sociedades mais justas e igualitárias. A ES é, portanto, um dos muitos caminhos educativos para a libertação que está ocorrendo em processo, inconclusa. Para isso, é fundamental que essa trajetória envolva cada vez mais oprimidos/as, organizados/as, politizados/as na luta contra o capitalismo; e que nenhuma dessas experiências seja desperdiçada.

**Palavras-chave:** Processos Educativos. Cicloentrega. Economia Solidária.



## ABSTRACT

The implementation and consolidation of the neoliberal economic model has resulted in a significant precariousness of work in Brazil and the increase of inequalities. The large amount of people living in socioeconomic vulnerability and the struggle to overcome this situation raises alternatives to income generation. These alternatives promoted exploratory practices like the uberization of work, but they contributed to boost other economies as well. The Solidarity Economy Enterprise called CicloPedaleiros sought, through bicycle deliveries, to generate an income for adults who are aside of the labor market, subject to unemployment and informality. This thesis aimed to identify and understand the educational processes arising from the social practice of bicycle delivery in this enterprise. As methodology, we used participatory research, the systematization of observations through field diaries and analysis based on phenomenology, which led to the emergence of three thematic categories: A) "It is good to wear a helmet just to be sure, at right time you'll be saved", which made explicit dialogical daily relations between the participants, whose attitudes and speeches were, to a great extent, based on educational processes of solidarity, cooperation and care; B) "I gone there to speak and said, I am from CicloPedaleiros solidarity economy enterprise", which indicates the educational processes related to the participants' implicated attitude, for example, when they signed partnerships with shopkeepers and other entrepreneurs in the city, made publicity, attended meetings, kept to agreements, showed they knew the history of the actions and the aspects related to the enterprise; and C) "Precariousness is the word of the year", which deals with the perception and reflection regarding the precarious forms of work in neoliberalism, reorganizing it according to other principles and needs, that is, as something healthy, pleasurable, and creative. We consider that SE, analyzed by means of the CicloPedaleiros, engenders significant educational processes for the elaboration of new repertoires, which may contribute to the construction of more just and egalitarian societies. SE is, therefore, one of the many educational paths to liberation that is occurring in process, inconclusive. Because of that, it is fundamental that this trajectory involves more and more oppressed, organized, and politicized people in the struggle against capitalism; and that none of these experiences is wasted.

**Keywords:** Educative Processes. Bicycle Deliveries. Solidarity Economy.

## RESUMEN

La implantación y consolidación del modelo económico neoliberal resultó en la marcada precarización del trabajo en Brasil y en el aumento de las desigualdades. La gran cantidad de personas que viven en situación de vulnerabilidad socioeconómica y su búsqueda por superar esta situación ocasionó el surgimiento de alternativas para la generación de ingresos. Estas alternativas promovieron prácticas de explotación como la uberización del trabajo, pero también contribuyeron a impulsar otras economías. El emprendimiento de Economía Solidaria CicloPedaleiros ha buscado, a través del servicio de entregas en bicicleta, viabilizar la generación de ingresos de los adultos que se encuentran al margen del mercado laboral, sujetos al desempleo y a la informalidad. Esta tesis tuvo como objetivo identificar y comprender los procesos educativos derivados de la práctica social del servicio de entregas en bicicleta a partir de las acciones del mencionado emprendimiento. Como metodología se utilizó la investigación participativa, la sistematización de observaciones a través de diarios de campo y el análisis desde el enfoque de la fenomenología, lo que llevó al surgimiento de tres categorías temáticas: A) "Es bueno llevar casco, oye, en cualquier momento te salva"; que explicita las relaciones cotidianas dialógicas entre los/las participantes, cuyas actitudes y discursos fueron, en gran medida, pautados en procesos educativos de solidaridad, cooperación y cuidado; B) "Fui al frente a hablar, dije, soy de CicloPedaleiros, un emprendimiento de economía solidaria"; que indica los procesos educativos relacionados a la actitud implicada de los/las participantes, quienes, por ejemplo, realizaron convenios con comercios y otros/as emprendedores/as de la ciudad, asistieron a reuniones, cumplieron los acuerdos, divulgaron y demostraron conocer el histórico de las acciones y de los aspectos relacionados al emprendimiento; y C) "Precarización es la palabra del año", que aborda la percepción y reflexión sobre las formas precarias de trabajo en el neoliberalismo, reorganizándolo sobre otros principios y necesidades, es decir, como algo sano, placentero y creativo. Consideramos que la ES, analizada por medio del emprendimiento de CicloPedaleiros, genera procesos educativos significativos para la elaboración de nuevos repertorios, que podrán contribuir para la construcción de sociedades más justas e igualitarias. La ES es, por lo tanto, uno de los muchos caminos educativos para la liberación que está en desarrollo, inconclusa. Para eso, es fundamental que esta trayectoria involucre cada vez a más oprimidos/as, organizados/as, politizados/as en la lucha contra el capitalismo; y que ninguna de estas experiencias sea desperdiciada.

**Palabras clave:** Procesos educativos. Servicio de entregas en bicicleta. Economía solidaria.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz de divulgação do EES fixado em mural escolar. ....	56
Figura 2 – Cartaz do EES fixado no mural do CRAS Santa Felícia. ....	57
Figura 3 – Passeios ciclísticos em contexto urbano e rural. ....	58
Figura 4 – Planejamento de rota em mapa virtual (sup. esq.) e físico (sup. dir) e simulação de entregas (inferiores). ....	59
Figura 5 – Atividades de sensibilização realizadas em duas escolas municipais de São Carlos. ....	61
Figura 6 – Sistema de preços do EES. ....	62
Figura 7 – CicloPedaleiros reunidos para o serviço de cicloentrega. ....	63
Figura 8 – Reunião no espaço do Kartódromo. ....	64
Figura 9 – Diferentes <i>folders</i> desenvolvidos para divulgação do EES. ....	65
Figura 10 – Linha do tempo do Pedal-Solidário. ....	67

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais movimentos sociais (sindicais e populares) com participação dos EES. ....	46
Quadro 2 – Resultado das buscas relacionadas aos termos consultados na BDTD. ....	72
Quadro 3 – Resultado das buscas relacionadas aos termos consultados na SciELO. ....	75
Quadro 4 – Lista de frequência nas reuniões do EES. ....	77
Quadro 5 – Matriz Nomotética. ....	81

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**COOMAPPA** – Cooperativa de Transportes de Araraquara

**INCOOP** – Incubadora Regional de Cooperativas Populares

**NuMI-EcoSol** – Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária

**Pedal-Solidário** – Projeto de Educação Ambiental e Lazer – Solidário

**PEDAL-Consciente** – Projeto de Educação Ambiental e Lazer – Consciente

**PRONINC** – Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas

**SciELO** – Scientific Electronic Library Online

**UNITRABALHO** – Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho

## LISTA DE SIGLAS

**ADESM** – Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos de São Carlos  
**BDTD** – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações  
**BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social  
**CEP** – Comitê de Ética de Pesquisa em Seres Humanos  
**CGN** – Comissão Gestora Nacional  
**CLT** – Consolidação das Leis do Trabalho  
**CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
**COMESol** – Conselho Municipal de Economia Solidária  
**DAES** – Departamento de Apoio à Economia Solidária  
**DEFMH** – Departamento de Educação Física e Motricidade Humana  
**EES** – Empreendimento Econômico Solidário  
**ES** – Economia Solidária  
**EUA** – Estados Unidos da América  
**EVE** – Estudo de Viabilidade Econômica  
**FBES** – Fórum Brasileiro de Economia Solidária  
**FMI** – Fundo Monetário Internacional  
**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
**ITCPs** – Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares  
**MEI** – Microempreendedor Individual  
**MQF** – Mais Que Futebol  
**MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
**NEES** – Novos Empreendimentos Econômicos Solidários  
**OCPA** – Organizações Coletivas de Produção Associada  
**ONGs** – Organizações Não Governamentais  
**PIB** – Produto Interno Bruto  
**PMSC** – Prefeitura Municipal de São Carlos  
**PND** – Plano Nacional de Desenvolvimento.  
**SENAES** – Secretaria Nacional de Econômica Solidária  
**SIES** – Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária  
**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
**UFSCar** – Universidade Federal de São Carlos  
**URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
**VADL** – Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer

## SUMÁRIO

PARTE I: OS MOTIVOS.....	11
INTRODUÇÃO .....	12
1 – DA COLONIALIDADE À LIBERDADE, UM CAMINHO NÃO LINEAR .....	15
2 – PONTO DE PARTIDA: A PESQUISA LIBERTADORA .....	24
3 - O NEOLIBERALISMO E SEUS IMPACTOS SOBRE O TRABALHO NO BRASIL .....	30
4 – A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO PRÁXIS DE SUPERAÇÃO DA PRECARIIDADE .....	40
PARTE II: CICLOVIAGEM .....	53
5 – O GRUPO: CICLOPEDALEIROS .....	54
6 – AS TRILHAS JÁ DEMARCADAS .....	68
7 – O ROTEIRO: METODOLOGIA .....	76
8 – CICLOVIAGEM: CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS.....	82
A) É BÃO USAR O CAPACETE, VIU, NUMA HORA DESSA SALVA .....	82
B) EU FUI LÁ NA FRENTE FALAR, FALEI, SOU DOS CICLOPEDALEIROS, EMPREENDIMENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA .....	95
C) PRECARIZAÇÃO É A PALAVRA DO ANO .....	106
PARTE III: PONTO DE CHEGADA .....	123
CONSIDERAÇÕES.....	124
REFERÊNCIAS .....	130
APÊNDICES .....	138
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	138
DIÁRIOS DE CAMPO .....	140
<i>Diário de campo I</i> .....	141
<i>Diário de Campo II</i> .....	149
<i>Diário de Campo III</i> .....	155
<i>Diário de Campo IV</i> .....	163
<i>Diário de Campo V</i> .....	167
<i>Diário de Campo VI</i> .....	172
<i>Diário de Campo VII</i> .....	177
<i>Diário de Campo VIII</i> .....	186
<i>Diário de Campo IX</i> .....	190
<i>Diário de Campo X</i> .....	200
<i>Diário de Campo XI</i> .....	206
<i>Diário de Campo XII</i> .....	211
<i>Diário de Campo XIII</i> .....	217
<i>Diário de Campo XIV</i> .....	229
<i>Diário de Campo XV</i> .....	237
<i>Diário de Campo XVI</i> .....	244
<i>Diário de Campo XVII</i> .....	250

# **PARTE I: OS MOTIVOS**

## INTRODUÇÃO

Quando ingressei na graduação em Ciências Sociais, em 2007, não sabia exatamente o que significava tal profissão. Gostava de refletir sobre como a sociedade se estruturava, sobre os porquês das coisas. No exercício de voltar o olhar para minhas próprias experiências percebo que ainda enquanto criança me incomodavam certos padrões e costumes. Não conseguia entender por que eu deveria colocar um vestido desconfortável e cheio de rendas, quando tudo o que queria era vestir um shortinho para poder correr e aproveitar da melhor forma o escorregador.

A graduação em Ciências Sociais foi arrebatadora. Com os estudos pude expandir meus horizontes ao mesmo tempo em que fui transformando as minhas antigas crenças. Os estudos e a convivência com colegas de turma e professores/as permitiram que eu adquirisse uma importante base crítica para refletir, questionar e desnaturalizar os fenômenos sociais que se mostravam como objetos de minhas análises individuais. Sendo muito questionadora e detentora de um olhar bastante atento, fui aprendendo a ver o mundo com outros olhos, assim como a criança que vê tudo pela primeira vez.

Partindo do interesse em estudar a transformação das estruturas e imersa nos paradigmas das Ciências Sociais, guiei os estudos do mestrado para a compreensão das ações políticas e econômicas de governos brasileiros e os reflexos sociais de tais medidas. Conforme fui intensificando a pesquisa, abriu-se, em meu ser, um enorme vazio, que desencadeou um profundo desinteresse pelo tema. Percebi que havia enveredado para o universo da pesquisa quantitativa e que as pessoas (tão importantes para mim) tinham virado números na minha argumentação sobre o impacto dos projetos sociais. O processo que vivi de alienação e afastamento do meu próprio trabalho resultou na negação da academia como desejo e esperança.

Depois desse processo, desisti de continuar na carreira acadêmica e me engajei na transformação ativa do mundo-vida. A partir da experiência junto a uma incubadora de cooperativas populares, o Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-Ecosol/UFSCar), atuei com as pessoas que, antes, eram apenas “números e gráficos” da minha dissertação. Por meio da incubadora, realizávamos ações de maneira colaborativa e dialógica, ou seja, todas as atividades, decisões e encaminhamentos eram feitos “com” e não “para” ou “sobre” a comunidade.

Por cinco anos, participei em projetos de apoio e estruturação de empreendimentos de economia solidária na periferia e zona rural da cidade de São Carlos.



Primeiramente em um banco comunitário, depois em uma cooperativa de catadores/as de materiais recicláveis, também com inserção laboral de pessoas em vulnerabilidade, além de outros projetos. Essas atividades eram intensas e trouxeram a *práxis* que eu não tinha encontrado na universidade.

No início de 2016, dentro da linha de Prospecção de Novos Empreendimentos Econômicos Solidários, passei a desenvolver a proposta do Pedal-Solidário, cujo objetivo era incubar um empreendimento de cicloentregas com pessoas da periferia como forma de geração de renda. Passei a utilizar a bicicleta nas atividades do projeto, quando também fazíamos oficinas de manutenção e de locomoção urbana. O contato com o mundo do ciclismo me fez, após 7 anos, retomar a minha antiga “magrela” como meio de transporte, e passei a vivenciar o dia-a-dia em cima de duas rodas.

Ainda em 2016, fiz a minha primeira cicloviação - viagem realizada com o uso da bicicleta. Com mais cinco amigos/as, percorri estradas pelo interior de Minas Gerais, no que é conhecido como “Caminho dos Anjos”. A paixão por aventuras somou-se ao bem-estar trazido pela simplicidade do ato de mover-se apenas com a energia do seu próprio corpo, carregando o menor peso possível; e, depois dessa, fiz muitas outras viagens desse tipo. Foi nesse contexto que, em 2017, senti vontade de retornar à academia para fazer o doutorado.

Intentei estudar algo que relacionasse educação e bicicleta, considerando que esse poderia ser um caminho na transformação do mundo: o viver saudável, justo e solidário. Nessa elaboração a seguinte questão de pesquisa surgiu: quais processos educativos emergem da prática social da cicloentrega? Para respondê-la foi necessário desenvolver uma investigação situada na intersecção das áreas de Educação, Sociologia, Ciência Política, Economia e Motricidade Humana, tarefa essa, devo dizer, nada simples. Portanto, este estudo teve como objetivo identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática social da cicloentrega a partir das ações do CicloPedaleiros, empreendimento econômico e solidário da cidade de São Carlos, São Paulo, Brasil.

Por conta da inspiração que gerou essa pesquisa, os nomes dos capítulos e das partes que compõem esse trabalho fazem referência a termos do cotidiano das ciclovias. Sendo assim, a presente tese está dividida em três partes e oito capítulos, além desta introdução e das considerações. No primeiro capítulo, apresentamos o referencial teórico, lançando as bases sobre a qual essa tese foi concebida. Nele, iremos nos posicionar politicamente no sul geográfico e metafórico, visando desconstruir a colonialidade presente em nossos seres e saberes, e que vem invisibilizando nossa cultura e modos de *ser-estar* no mundo.

No segundo capítulo, apresentamos nossa concepção de Educação e o ato *suleado* de fazer pesquisa *com* a população e não *sobre*, na construção de um mundo comum, compartilhado. Tal atitude nos fez compreender o mundo dos/as participantes da investigação, que se mostrou singular e complexo, uma vez que nossa efêmera interpretação dos acontecimentos e fenômenos está intrinsecamente ligada à nossa construção, posicionamento e projeto de mundo. Nessa seção, também são apresentados os conceitos de *práticas sociais* e de *processos educativos*.

No terceiro capítulo discutimos a reestruturação do capitalismo global, com ênfase nos processos ocorridos no Brasil. Os referenciais utilizados buscaram demonstrar a complexa desestruturação do mercado de trabalho brasileiro a partir da adoção do modelo neoliberal na década de 1990. Ainda nesse tópico, analisamos o fenômeno da *uberização* e suas consequências para a precarização do trabalho, mostrando dados sobre a situação do trabalho informal e desemprego.

No quarto capítulo, tratamos da Economia Solidária (ES) enquanto processo histórico. Além das raízes da ES, foram discutidos seus fundamentos, definições e princípios. Para compreender o desenvolvimento dessa nova economia no contexto brasileiro analisamos o primeiro e segundo levantamento sobre a ES no Brasil, assim como o quadro geral das entidades que compõem o movimento. Por fim, adentramos o debate teórico acerca da ES, analisando se essa forma representa uma ruptura com o modelo vigente.

O capítulo cinco traz o histórico do projeto Pedal-Solidário e da criação e desenvolvimento dos CicloPedaleiros, empreendimento econômico solidário que foi o campo dessa tese. No capítulo seis, foi feita a revisão da literatura acerca da ES associada ao trabalho, à educação e à bicicleta. No sétimo apresentamos a nossa metodologia, ou seja, os instrumentos e procedimentos utilizados na coleta e na análise de dados.

No oitavo capítulo, construímos os resultados, na busca por desvelar os processos educativos emergentes da prática social da cicloentrega. A análise de dados resultou em três categorias: A) “É bão usar o capacete, viu, numa hora dessa salva”; B) “Eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento de economia solidária”; e C) “Precarização é a palavra do ano”. Ao final, apresentamos nossas considerações.

Boa viagem!

## 1 – DA COLONIALIDADE À LIBERDADE, UM CAMINHO NÃO LINEAR

Santos (2009) entende o mundo a partir de divisões físicas e de pensamento. As divisões físicas estão presentes nas diferenças entre antigas colônias e metrópoles, que hoje se configuram como Sul e Norte global. Esse autor observa que a colonização promovida pelas nações do Norte sobre os povos situados no Sul global foi marcada por uma linha abissal fixa. De um lado da linha existia a regulação/emancipação com distinção entre o direito das coisas e das pessoas (o lado Norte); de outro, a apropriação/violência que só reconhecia o direito das coisas, e mantinha a sub-humanização como condição de existência da sociedade universal (o lado Sul).

Santos (2009) afirma que nos últimos sessenta anos, as linhas abissais começaram a se movimentar, primeiro quando as pessoas das colônias conquistaram sua independência e depois quando começaram a habitar as metrópoles. Este processo teria apagado a linha clara entre o Velho e o Novo Mundo e gerado práticas confusas de apropriação/violência globais. Atualmente, as linhas abissais perpassam a nossa sociedade em vários aspectos.

Para Santos e Meneses (2009), o fim do colonialismo político não “[...] significou o fim das relações sociais extremamente desiguais que ele tinha gerado. [...] O colonialismo continuou sobre a forma de colonialidade de poder e de saber [...]” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12). Essa análise é sustentada por Quijano (2009), que compreende colonialismo e colonialidade como conceitos distintos:

O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjetividade do mundo tão enraizado e prolongado (p. 84).

Portanto, após o fim do colonialismo, permaneceu vigorando globalmente uma estrutura heterogênea que legitima as relações de dominação e opressão. A colonialidade criada a partir do colonialismo o reproduz fora da dominação física de povos e territórios. Sendo assim, as formas de dominação atuais estariam engendradas pelo poder. Quijano (2009) afirma que a colonialidade de poder controla instâncias básicas das relações sociais dentro de uma estrutura articulada.

No campo do conhecimento, Santos e Meneses (2009) anunciam uma forma de colonialidade que promove a invisibilidade e exclusão de teorias e práticas oriundas e situadas no Sul. A colonialidade do saber opera, portanto, a favor de uma ciência única e verdadeira,

com o fim de impulsionar saberes do Norte, tornando-os hegemônicos. Há três diretrizes para compreender a colonialidade do saber: existe uma epistemologia dominante; a epistemologia dominante causa *epistemicídio*, fazendo com que se reduza (e se desperdice) a diversidade epistemológica do mundo; a ciência, sustentada por um enorme aparato institucional e ideológico, se coloca como a única forma de conhecimento válido. Sendo assim e de acordo com Santos e Meneses (2009):

O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo a sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimentos econômico semelhante ao do Norte global. [...] A ideia central é, como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados (p. 12-13).

Esse campo de desafios e reconhecimentos, chamado de Sul, também é identificado por Dussel (2018), filósofo argentino radicado no México. Para o autor, o *ser* foi definido pela filosofia grega a partir de uma visão eurocêntrica e excludente que criou o *não ser*, povos inexistentes, africanos, asiáticos, latino-americanos, entre muitos outros. O estudo da história e da filosofia o fizeram compreender a colonização do conhecimento e o equívoco de refletir sobre a nossa realidade por meio de outras, como as da Europa ou dos Estados Unidos.

Dussel (2018) afirma a necessidade de criar uma filosofia desde aqui, do *não ser*, da exterioridade, pois a teoria deve partir do real, mostrando a lógica de dominação desde os seres dominados. Para esse autor, a função do filósofo seria, portanto, criar uma teoria que transformasse a sua própria realidade, algo impossível se o ponto de partida for a realidade alheia. Da mesma forma, as periferias devem ser analisadas situadas na margem, fora do centro das cidades.

De acordo com Santa-Clara (2014), quando Dussel viajou para a Europa, levado por um sentimento colonial de almejar a experiência do colonizador, entendeu-se como Outrem, o não europeu. O processo de perceber em si a exclusão fez com que se reafirmasse latino-americano, buscando, desde o oriente médio, o *ethos* ancestral do seu povo. “Descobriu que para falar dos pobres da América Latina, deveria partir do oriente e não da Grécia” (SANTA-CLARA, 2014, p. 17).

Contudo, a realidade de Dussel só pôde ser ampliada por meio do contato com Outrem, com outras culturas, outras formas de pensar e agir. Isso mostra que, dentro da realidade latino-americana, *suleados*<sup>1</sup> por uma experiência de opressão, as pessoas devem refletir sobre as alternativas que dispõem, colocando-as em diálogo com as demais. O mundo só amplia quando o epistemicídio é combatido por meio de novos repertórios que ajudam a criar alternativas mais significativas para este contexto.

Freire (2003) discorre sobre a colonialidade por meio de outra denominação: opressores e oprimidos. O autor diz que para os opressores, ser “[...] é *ter* e ter como classe que tem. Não podem perceber, na situação opressora em que estão, como usufrutuários, que, se *ter* é condição para *ser*, esta é condição necessária a todos os homens [e mulheres]” (FREIRE, 2003, p. 46). Os oprimidos, para Freire (2003), sob a lógica dominante, acabam imersos no fatalismo, mas há também o sonho/paixão pelo modo de vida do opressor, processos que resultam em *autodesvalia*: concepção equivocada de que são menores, incapazes, fracassados/as.

Para Freire (2003), os humanos nascem com a vocação de *ser mais*, mas a injustiça, a violência e a opressão, ou seja, a desumanização, acabam por distorcer essa vocação e geram o *ser menos*. “O ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos” (FREIRE, 2003, p. 30). É, portanto, o oprimido o único capaz de entender a opressão e seus efeitos, bem como a necessidade da libertação. Para tanto, é importante que atuem para não reproduzir a lógica da opressão.

Na teoria da ação antidialógica, Freire (2003) elenca quatro características fundamentais da opressão: a conquista; a divisão; a manipulação; e a invasão cultural. O opressor conquista o oprimido por meio da criação de mitos, reforçados pela mídia e meios de comunicação em massa. Além disso, procura dividir as massas para enfraquecê-las e facilitar a manutenção da ordem. Algumas formas de divisão são: interferências em sindicatos; promoção de pessoas que poderiam ser lideranças revolucionárias; distribuição de favores para alguns; entre outras.

A partir dessas ações, os dominadores aparecem como salvadores e/ou generosos; contudo, à medida que incidem sobre o trabalho, que é a realização do mundo dos homens e mulheres (no ato de criar a sua própria vida), essas ações geram duas consequências:

---

<sup>1</sup> Trata-se de um neologismo e faz contraposição a “norteado” que subliminarmente alude ao hemisfério norte, ideologicamente apresentado como superior ao hemisfério sul. “Suleado/a” propõe que tenhamos como referência o hemisfério sul, epistemologias do sul e diálogos sul-sul. Aprofundamentos podem ser feitos nas leituras de: Santos; Meneses (2009); Freire (2018); Campos (s/d).

a) insegurança de perder um trabalho que já não lhe pertence (reproduzindo a dominação e reafirmando a conquista por meio da alienação); b) a descoberta de que os oprimidos divididos são mais frágeis do que unidos (FREIRE, 2003).

Sobre a manipulação, pode ser manifestada tanto pelas elites como pelas lideranças populistas e consiste em inocular “[...] nos indivíduos o apetite burguês do êxito pessoal” (FREIRE, 2003, p. 147). Assim como a manipulação e a divisão servem para a conquista, a invasão cultural é a “[...] penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão” (FREIRE, 2003, p. 149).

Por meio da invasão cultural, os oprimidos passam a enxergar a sua cultura como menor, sem originalidade, fazendo-os ver o mundo a partir da ótica dos invasores, “[...] como um *eu* quase ‘aderido’ ao *tu* opressor. Pode ocorrer também a sobredeterminação, na qual o opressor não percebe a sua própria dominação” (FREIRE, 2003, p. 151). O fatalismo, a alienação ou o oprimido aderido ao opressor surgem da falta de referências de outras realidades e possibilidades.

Dussel (2018), Freire (2003) e Fiori (1991) puderam dialogar com teorias complexas porque tiveram acesso a elas. O que a colonialidade, sob as diversas formas de opressão, faz é reduzir o mundo das pessoas, a diversidade, histórias, culturas, referências do diálogo. A coloniedade do poder, do saber e do ser encontram-se no mesmo ponto: existem aqueles/as que dominam e aqueles/as que são dominados/as, sobretudo pela falta de acesso e suas diversas consequências.

Para libertar-se, o oprimido necessita engajar-se na luta organizada por sua libertação. Por meio da reflexão e da ação (sem dicotomias) estabelece em si próprio a “[...] vocação ontológica e histórica de *ser mais*” (FREIRE, 2003, p. 52). A ação libertadora se trata de um projeto político de mundo, da compreensão que opressores e oprimidos se libertarão, em reciprocidade, dos fatores que condicionam e impedem a potencialidade e vocação do *ser mais*, posto que “[...] se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, 2003, p. 53). É preciso se inserir criticamente na realidade, engajar-se de forma ativa e responsável, como seres e não como coisas.

Fiori (1991) diz que a história feita pelos humanos poderia ser repensada e refeita pelo mesmo humano que a fez, “[...] o ser consciente de si mesmo” (p. 42). O ato de *ser* é visto como um *ser em construção*, o ser que se realiza e que busca a liberdade a partir de dentro. O ato de ser, objetivo, é fundante: “[...] um sujeito que faz, que se faz, que se desenvolve, que se atualiza, não depois, mas que se vai atualizando na medida em que é realmente – é o ato, ato de

ser” (FIORI, 1991, p. 42). É necessário, portanto, ir às coisas mesmas, pois a “[...] consciência é sempre consciência do mundo, é sempre consciência da coisa” (FIORI, 1991, p. 44). Para ele:

[...] há uma fonte de constituição deste mundo, que não é a minha subjetividade, nem a sua subjetividade, é a intersubjetividade, isto é, o homem [e a mulher] só se faz homem [e mulher] quando se intersubjetiva no reconhecimento das consciências [...]. Por isso é que o homem [e a mulher] pode produzir o seu mundo através do trabalho; o animal também transforma o seu meio, mas não o animaliza [...]. Portanto, não é o trabalho que produz o homem [e a mulher], não é o trabalho, é o reconhecimento das consciências, é, no fundo, a reflexão. Reflexão no sentido de distanciamento de si mesmo: quando o homem [e a mulher] é capaz de distanciar-se de si mesmo e voltar a si mesmo, através do reconhecimento das outras consciências e do mundo comum a estas consciências. Não há um mundo meu e um mundo seu, porque se cada um tivesse o seu mundo nós nunca nos comunicaríamos (FIORI, 1991, p. 45).

Assim, Fiori entende o homem e a mulher como sujeitos da sua própria história, como capazes de significar o mundo comum, se refazendo nesse processo e conquistando a sua imagem: “[...] podemos, sim, dizer que, através das circunstâncias históricas que vivemos, das etapas por que já passamos, o que nós podemos ver mais e mais é que o homem [e a mulher] se faz história para realizar-se como homem [e mulher], isto é, para libertar-se” (FIORI, 1991, p. 51). Homens e mulheres compreendem as contradições da realidade objetiva, as *situações-limites*, e criam a superação dessas contradições, transformando a própria vida. “Dessa forma, o próprio dos homens [e das mulheres] é estar, como consciência de si e do mundo, em relação de enfrentamento com sua realidade” (FREIRE, 2003, p. 91).

Apreender a realidade não é conscientizar-se, é conseguir criticá-la como um objeto cognoscível. “Trata-se, estritamente, da passagem de uma consciência ingênua, para uma consciência crítica” (DUSSEL, 2007, p. 438). Sendo assim, de acordo com Freire (2003), por meio da *práxis* libertadora (ação concreta e reflexão sobre a realidade), sujeitos históricos agem no mundo para transformá-lo. O mero reconhecimento da realidade opressora não leva à liberdade; é necessária ação para sua transformação, por meio de uma inserção crítica e engajada que se constrói na dialeticidade objetividade-subjetividade. No encontro de uns/umas com outros/as, constroem-se críticas, chega-se à conscientização. Aprendendo em reciprocidade, recriamos nosso próprio mundo.

Ao dizer a sua palavra, mulheres e homens fazem-se emergir as estruturas que fundamentam a cultura de um povo, e sendo ela opressora, o movimento de *co-laboração* buscará o desvelamento do mundo e reconhecimento do *ser-para-si*. A ousadia faz emergir a ação como síntese cultural, a criatividade que supera o medo e a alienação imposta pela invasão

cultural. A busca por superar as contradições, objetivando o mundo, une pessoas organizadas na transformação das estruturas, rompendo com a dominação e libertando a todos/as (FREIRE, 2003).

O diálogo é, portanto, ferramenta da e para a intersubjetividade; por meio dele, os sujeitos entendem-se em um mundo comum e nele se colocam ou se opõem, humanizando-se e historicizando-se (FIORI, 2003). A palavra, ao significar o mundo, transforma-o. É, portanto, o lugar de reconhecimento de mundo e de si mesmo. O diálogo é o compromisso de colaborar na construção de um novo mundo. A palavra é ação, é liberdade. “Dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador [e trabalhadora], a função de sujeito de sua história, em colaboração com os [as] demais trabalhadores [trabalhadoras] – o povo” (FIORI, 2003, p. 21). De acordo com Freire (2003):

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens [e as mulheres] transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. [...] Não é no silêncio que os homens [e as mulheres] se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. [...] O diálogo é este encontro dos homens [e mulheres], mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (FREIRE, 2003, p. 78).

Fundamental, como ponto de partida, é conhecer a consciência que o outro tem da *objetividade* em que está. Nós produzimos o nosso mundo, material e simbólico. A história é um permanente porvir, contínuo. “A representação concreta de muitas destas ideias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também os obstáculos aos *ser mais* dos homens [e das mulheres], constituem os temas da época” (FREIRE, 2003, p. 93). O conjunto de temas relacionados forma o “[...] universo temático da época” (FREIRE, 2003, p. 93). Frente a esses temas contraditórios, os humanos assumem tarefas contra a reprodução da ordem (aqueles/as que percebem o inédito viável e dirigem sua ação a concretizá-lo), ou a favor dela (aqueles/as que mantêm a situação-limite com medo da liberdade) (FREIRE, 2003).

Para Freire (2003), estamos submersos em nossas realidades, captando-a em pedaços, sem a dimensão do todo. Sendo assim, é indispensável afastar-se (emergir) para uma compreensão lúcida das situações-limites que oprimem a nossa vocação para *ser mais*. Com efeito, “[...] a decodificação da situação existencial provoca esta postura normal, que implica um partir abstratamente até o concreto; que implica uma ida das partes ao todo e uma volta deste às partes” (FREIRE, 2003, p. 97). Nesse processo de decodificar a realidade, deixa-se



claro a forma de *ser-estar* no mundo. “Da *imersão* em que se achavam, *emergem*, capacitando-se para [daí] se *inserirem* na realidade que se vai desvelando” (FREIRE, 2003, p. 102).

Para Fiori (2003), a consciência é a capacidade humana de objetivar a realidade e, afastando-se [dela], refletir e criar o que pode vir a ser, ou seja, de ir além do que já existe. A consciência pode emergir e “[...] volver reflexivamente sobre tais situações e momentos, para julgá-los e julgar-se” (FIORI, 2003, p. 14). Depois, na interioridade da *práxis*, os sujeitos agem e edificam o porvir.

A emersão dessa realidade opressora possibilita a compreensão da existência de mitos, ao mesmo tempo em que promove o afastamento do hospedeiro, o que contribui para a ação-reflexão do mundo. Em contraposição à coisificação, a ação dialógica instaura o *tu* no *eu*, fazendo existir dois *tus* e dois *eus*, dialógicos e equilibrados. Com suas consciências intencionadas à transformação do mundo, as pessoas, em comunhão, anunciam seus *mundos-vidas* para a superação das situações de opressão (FREIRE, 2003).

A partir da emersão da realidade, percebe-se que se *está sendo* no mundo. Essa noção de continuidade, inacabamento, faz identificar que a realidade é histórica e que o futuro não está dado (FREIRE, 2003). Desafiados a construir um futuro transformado e conscientes desta inconclusão, o ser se sente sujeito no processo de humanização de homens e mulheres, em um quefazer permanente. “Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao *ser mais*, à humanização dos homens [e das mulheres]” (FREIRE, 2003, p. 74).

Para isso, Freire (2003) propõe a “pedagogia do oprimido”, porque é ele que se entende oprimido e terá de ser seu próprio exemplo. “Seria uma contradição se os opressores não só defendessem, mas praticassem uma educação libertadora” (FREIRE, 2003, p. 41). Contudo, é preciso salientar que se, no processo, o oprimido tornar-se opressor, ele não liberta a si mesmo e nem ao outro. “Os freios que os antigos oprimidos devem impor aos antigos opressores para que não voltem a oprimir não são opressão daqueles a este” (FREIRE, 2003, p. 44).

Para Santos (2009), a busca pela liberdade se assenta no pensamento pós-abissal. Para tal, são necessárias rupturas radicais com as formas ocidentais de pensar, em um contramovimento de globalização contra-hegemônico chamado de *cosmopolitismo subalterno*. O autor diz que essa forma de pensar poderá ser construída por meio de uma ecologia de saberes baseada no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos. A valorização de outras epistemologias, sem implicar um relativismo epistemológico, pode nos trazer pluralidade, bem como maior complexidade nas análises de experiências sociais, partindo de

“[...] diferentes tipos de interpretação e de intervenção no mundo” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12).

A Ecologia de Saberes prevê: a copresença (todas as pessoas do mundo são iguais e contemporâneas, não existindo um tempo linear); a pluralidade de formas de conhecimentos; práticas de conhecimento alternativas à ciência ocidental; a não existência de uma alternativa no singular; que as formas de ignorância são tão interdependentes quanto as formas de conhecimentos; interação e interdependência de todos os saberes; intersubjetividade, interesalaridade e intertemporalidade; a escolha da forma de hierarquização do conhecimento; a tradução intercultural (SANTOS, 2009).

É preciso reconhecer que sempre houve contatos (inter)culturais. Todavia, a hierarquização cultural promovida desde o contexto das invasões coloniais tornou as culturas milenares invisíveis e marginalizadas. Essas culturas, aparentemente inexistentes para o ocidente, resistem à opressão e seguem vivas, embora o acesso a elas seja controlado. Conhecemos os países do mundo por meio da relação que a Europa estabelece com eles, por exemplo, o Brasil aparece na história oficial (e outros tantos países) quando foi colonizado, a China quando abre os mercados, o Japão quando se torna aliado da guerra. Porém a história e a cultura pretérita ou atual, que não tem relação com o eurocentrismo, é constantemente invisibilizada.

Na esteira do pensamento pós-abissal de Santos (2009) e da ação dialógica/libertadora de Freire (2003), Dussel (2016) reconhece que o processo de superação das desigualdades históricas deverá emergir da exterioridade, ou seja, dos povos do Sul (SANTOS, 2009), dos oprimidos (FREIRE, 2013). Nesse sentido, Dussel (2016) sugere a troca do termo pós-modernidade para “transmodernidade”, uma vez que os desafios são gerados no interior da modernidade, mas a busca por resposta deve partir da exterioridade.

A cultura criativa pode propor soluções inovadoras capazes de entender as assimetrias culturais, que parecem impossíveis para a modernidade. Para isso, o diálogo intercultural deve ser transversal, ou seja, da periferia para a periferia, sem passar pelo centro da hegemonia. Esse movimento depende de valorizarmos a nossa própria cultura e buscarmos suas origens anteriores à modernidade e à colonização, reconstruindo nossa própria tradição e rompendo com a colonialidade (DUSSEL, 2016).

A Ecologia de Saberes, o pensamento pós-abissal, a busca pelo *ser mais* e a transmodernidade são teorias de ampliação do mundo propostas por autores que puderam transitar entre diversas culturas. O diálogo entre essas proposições, por meio do corpo, da cultura, das epistemologias, pode nos proporcionar a objetivação da nossa própria realidade, o

enfrentamento das *situações-limites*, o surgimento do *inédito-viável* e a busca por outras possibilidades de nos relacionarmos com o mundo e com Outrem, mais justas e solidárias. A intersubjetividade, interculturalidade e a inter-temporalidade necessitam de duas ou mais pessoas, que trazem para o diálogo dois ou mais mundos que se complementam ou se contrapõem, dos quais podem emergir um quarto, quinto, sexto... criadores de condições para a *práxis* de transformação da realidade.

## 2 – PONTO DE PARTIDA: A PESQUISA LIBERTADORA

Santos (2009) traz algumas contribuições que nos auxiliam a compreender o atual cenário do sistema-mundo em que vivemos: estamos imersos em uma Modernidade-Capitalista altamente globalizada e regida pelo paradigma da apropriação/violência imposto aos povos do eixo Sul (geográfico e metafórico) da linha abissal. Santos (2009) identifica essa racionalidade de dominação como uma “razão indolente”, ou seja, preguiçosa, que se expressa de duas maneiras: como razão metonímica e como razão proléptica.

Metonímia significa tomar a parte pelo todo. Nesse sentido, em um movimento de contração do presente, a razão metonímica possui a pretensão de tornar-se a própria totalidade histórica. A História contada pelos invasores-dominadores-opressores, sendo apenas um ponto de vista, é imposta como única. Para tanto, marginaliza, inferioriza, folcloriza, invisibiliza e torna inexistente a comunicação que os diferentes povos fazem para contar a história de seus antepassados, (re)produzir suas tradições e práticas sociais. Nessa visão de mundo, “[...] o conhecimento verdadeiro é concebido como sendo aquele que se constrói com rigor científico, negando e desqualificando outros conhecimentos, saberes, perspectivas de mundo presentes nas mais diversas práticas sociais” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 114).

A prolepse é uma figura de linguagem que significa ocorrência prematura de algo, ou seja, antecipar o futuro no presente. A razão proléptica impõe uma noção de tempo linear que antecipa o futuro de todas as sociedades, tendo como critério o caminho trilhado desde um ponto de vista eurocêntrico. A invasão de territórios pelos colonizadores, feita sem diálogo e sem respeito, impôs uma trajetória linear da história que separa os países em desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Para exercer a dominação, os invasores estabeleceram a educação bancária que, de acordo com Freire (2003), doutrina os/as educandos/as para o mundo da opressão, fazendo-os/as acreditar que são inferiores e que sua história vale menos (violência essa, que atravessou os séculos e continua atual). Esse tipo de educação faz com que os povos oprimidos sejam espectadores do mundo em que vivem. O/a opressor/a, por meio de narrativas predefinidas, torna-se aquele/a que sabe e ensina quem não sabe, tendo a responsabilidade de adaptar as pessoas ao contexto opressor, realizando assim a manutenção da ordem (FREIRE, 2003).

Ao contrário, porém, a educação libertadora orienta-se para a humanização, partindo da crença nos indivíduos. Libertação é sinônimo de *práxis*, ação e reflexão na/para a transformação do mundo. Isso só é possível na *com-vivência*, no buscar *ser com* os outros. A consciência aparece aqui como consciência intencionada ao mundo. Sendo assim, enquanto

uma educação bancária mantém a contradição e a opressão, a educação libertadora tematiza e problematiza as situações que limitam a potencialidade e vocação de *ser mais*.

Uma vez que ninguém se educa sozinho, coletivos se engajam para a libertação e superação das situações opressoras. Na educação em comunhão, “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2003, p. 68). A realidade, cognoscível, não é pensada apenas pelo/a educador/a, mas por em relação, em diálogo, refazendo o ato cognoscente.

A educação é um ato de desvelamento da realidade, pois oportuniza um relativo afastamento da realidade, uma emersão para que se possa admirá-la (olhar com distanciamento) para, então, realizar uma inserção crítica com ensejo de transformação. Educar-se é desafiar as relações sujeito-mundo, ampliando-as. Torna-se necessário, portanto, libertar-se das referências alheias à nossa cultura e realidade atuais, sem, contudo, apagá-las, mas criticando-as a partir do reconhecimento de que nossa história é constituída por um projeto antidialógico para opressão e colonização.

Por meio da educação deve-se dar respostas às necessidades humanas, uma vez que “[...] a realidade existe e é produto da ação de seres humanos, e se transforma também por essa ação” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 118). É fundamental analisar o que está sendo invisibilizado por padrões universais, considerando as seguintes perguntas: Quem fala? A partir de qual contexto e de quais experiências? Qual a intenção da fala? E qual o contexto histórico do que está sendo dito? (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

Oliveira *et al.* (2014b) afirma que nos educamos em relação com as pessoas. O cuidado com o/a outro/a pode nos educar para a construção de um mundo mais dialógico, justo e bonito. Portanto, o fazer pesquisa *com* e não *sobre* pressupõe engajar-se, participar das tarefas e compartilhar afazeres com as pessoas que gentilmente se dispõem a contribuir com o desenvolvimento da investigação. A busca pela educação libertadora deve ser conjunta e sem hierarquias, envolvendo pesquisador/a e comunidade.

Araújo-Olivera (2014) leva a refletir acerca da necessidade de assumir uma atitude fenomenológica de exercício de alteridade a partir da escolha de Outrem como critério (constituente do *eu* por meio da intersubjetividade). Sendo assim, ao/à pesquisador/a intelectual-militante cabe o compromisso social de lutar com Outrem pela transformação do mundo por meio de relações horizontais e dialógicas. Nesse diálogo honesto, Outrem nos mostra o que pesquisar, como e para quê (ARAÚJO-OLIVERA, 2014), tendo em conta que o conhecimento não está acabado, *está sendo*, construindo-se.

Cumpra ressaltar que a busca por uma neutralidade científica pode desumanizar as relações constituídas nos/pelos grupos em que nos inserimos, bem como a nós mesmos/as (OLIVEIRA *et al.*, 2014a). Por outro lado, uma *práxis* científica dialógica pode humanizar e libertar quando assumimos a perspectiva de entender o mundo a partir de quem o vivencia e reconhecemos os/as participantes “[...] como sujeitos capazes de produzir cultura e conhecimento em suas relações com os outros no mundo” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 122).

O/a pesquisador/a deve prezar pela “[...] abundância de diálogo e de respeito, tendo em vista seus posicionamentos políticos/sociais e também os objetivos do trabalho que está sendo realizado, procurando agir de forma coerente com os mesmos” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 124). Da mesma maneira, deve compreender que ao se posicionar criticamente para a escolha de um projeto de convivência com-outro-e-com-mundo, um projeto que também é político, coloca-se “[...] a favor de alguém e contra alguém” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 119).

O diálogo também é importante para comunicar e estabelecer intercâmbios de saberes e de experiências entre pesquisador/a e comunidade. Compartilhar frustrações, sonhos e desejos também é uma forma de diálogo. A intersubjetividade possibilita ampliação do conhecimento construído, posto que a convivência, como forma de compartilhar existências, é imprescindível para uma pesquisa séria e atenta (OLIVEIRA *et al.*, 2014b).

Por meio do respeito, escuta atenta e disponibilidade para o diálogo, as pessoas refletem sobre a realidade e a refazem. O *eu*, aos poucos, constitui-se como *nós*. Os “[...] referenciais vão também se re-fazendo e re-significando no processo de diálogo, comunicação e na interação dos seres humanos entre si e no mundo. De igual maneira acontece no transcorrer das pesquisas” (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p. 69). A pesquisa rigorosa, coerente e ética orienta a:

[...] identificar, compreender, denunciar, corrigir as diversas manifestações da colonialidade [...] a partir do ponto de vista das e dos que deles fazem parte, no intuito de des-velar as ações, os processos, as estratégias em que as pessoas procuram se tornar mais humanas e humanizar o mundo (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p. 54).

A compreensão da realidade é apenas uma das interpretações possíveis dentro de tantas outras. Suspendê-la (e não negar) é reconhecer que todos/as podemos *ver* e *conviver*. Conhecer o ponto de vista de outros/as é possibilitar que ressignifiquemos nosso próprio mundo e possamos construir juntos/as um contexto compartilhado (OLIVEIRA *et al.*, 2014b). Respeitar o mundo-vida daqueles/as com quem pesquisamos é adentrar no senso comum, superá-lo e tecer conjuntamente uma compreensão mais profunda sobre a realidade.

Para Freire (2018), o contexto histórico e social “[...] é o ponto de partida para o conhecimento que eles [e elas] vão criando do mundo” (p. 119). O autor reitera a importância de partir dos saberes e de experiências que indivíduos possuem acerca de determinados fenômenos que são tematizados e problematizados, nomeando tais saberes e experiências como *saber de experiência feito*, e afirma que “[...] partir do ‘saber de experiência feito’ para superá-lo não é *ficar nele*” (FREIRE, 2018, p. 98).

O/a pesquisador/a deve também prezar pela afetividade, pois “[...] afetar-se é experimentar o processo de pesquisa e de atuação em sua completude” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 126). É preciso, também, fazer pesquisa junto com as pessoas que se encontram na realidade a ser pesquisada. Aproximar-se é um dos fundamentos, requer “[...] tempo, reflexões constantes e ‘disposição para’”. Na aproximação, o/a pesquisador/a vai aprendendo aspectos importantes para condução das conversas e entrevistas” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 127). Aproximação implica confiança, respeito, amor; é preciso que a comunidade veja o/a pesquisador/a como alguém comprometido/a com o enfrentamento das injustiças e com a construção de alternativas.

Brandão (2014) traz também uma perspectiva revolucionária ao considerar que são tempos de dispersão e de dificuldades para os movimentos sociais e, portanto, deve-se ter coragem de criar o saber por meio da reflexão daquilo que se vive. Deve-se construir, pautado por reflexões, leituras e estudos, alternativas à opressão, direcionando os campos de investigação para outras áreas, tais como a filosofia, a música, o teatro e as próprias tradições populares, recriando-as de forma dialógica.

De maneira a consubstanciar estas diretrizes, adotamos, portanto, a perspectiva de que a educação não se restringe à escola ou à casa e que nos educamos o tempo todo ao mundo, em reciprocidade, ensinando e aprendendo em qualquer espaço-tempo de que participamos, conforme Oliveira *et al.* (2014a) e Freire (2018; 2016). Compreendemos que “[...] as pessoas se formam em todas as experiências de que participam em diferentes contextos ao longo da vida” (OLIVEIRA *et al.*, 2014a, p. 36).

Das relações entre as pessoas na e para a sociedade surgem práticas sociais. Estas práticas produzem e reproduzem estruturas materiais e simbólicas, cujas consequências engendram permanências ou transformações históricas e culturais. Em consonância com Oliveira *et al.* (2014a) explicitamos que práticas sociais “[...] se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações” (p. 33), e têm como objetivo:

[...] repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; buscar o reconhecimento dessas necessidades pela sociedade; controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais ampla; propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de racionalidade, de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; corrigir distorções e injustiças sociais; buscar reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade; pensar, refletir, discutir e executar ações (p. 33-34).

Podem, portanto, enraizar, desenraizar ou levar a criar novas raízes, contribuindo para ações transformadoras ou para reprodução da opressão e da segregação humana (OLIVEIRA *et al.*, 2014a). Das práticas sociais decorrem processos educativos passíveis de serem estudados; contudo, nos colocamos em sintonia com Fiori (1991) quando afirma: “A educação, pois, é libertadora, ou não é educação” (p. 83). Dessa forma, nos posicionamos para inexistência de processo educativo quando essas práticas reproduzem opressões e desumanizam. Todavia, afirmamos possível, mesmo em contextos contraditórios, emergir processos educativos que promovam libertação.

Também compreendemos que somos seres inconclusos, construídos cotidianamente por meio de múltiplas e complexas experiências. Sendo assim, preferimos utilizar a expressão processos educativos, uma vez que remete a estar-sendo educado continuamente, pois não é possível marcar o momento exato que alguém se educou sobre algo. Acerca do significado de processos educativos, concordamos com Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2015), ao proporem que:

[...] ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se (p. 176-177).

Com atenção ao contexto latino-americano, onde vivemos a perspectiva de ciência *suleada*, compreendemos que investigar processos educativos decorrentes de práticas sociais é algo que deve buscar respaldo na realidade, partindo de vidas, experiências e compreensões de mundo que, por meio da ação reflexiva, dialógica e crítica, busquem a práxis coletiva, produtora de novos saberes e transformadora desta realidade opressora. Sendo assim,



nossa pesquisa se insere na prática social da cicloentrega dentro do contexto do Empreendimento de Economia Solidária (EES) CicloPedaleiros. Acompanhando o grupo, buscamos desvelar os processos educativos decorrentes.

### 3 - O NEOLIBERALISMO E SEUS IMPACTOS SOBRE O TRABALHO NO BRASIL

- O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é o senhor da gaiola, que habita e da loja, que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira (ASSIS, 1997, p. 67).

O modelo econômico neoliberal, vigente no Brasil desde os anos 1990, foi implementado a partir das consequências da crise econômica mundial que teve início na década de 1970. A crise multifacetada dos anos 1970<sup>2</sup> teve caráter profundo e estrutural, resultando em uma reestruturação do sistema capitalista em vários níveis. Para conter a crise, Estados Unidos e Inglaterra, principais potências da época, reorganizaram suas economias, culminando na nova hegemonia do capital. Esse processo ficou conhecido como mundialização ou globalização do capital (CORSI, 2003; SINGER, 1989).

Em 1974, havia enorme superávit primário nos países produtores de petróleo, consequência do aumento do preço do barril. Ao mesmo tempo, estava em expansão um mercado interbancário supranacional criado em Londres: o Euromercado<sup>3</sup>, que recebia principalmente os lucros não repatriados de empresas norte-americanas. Em uma confluência de oportunidades, a maior parte desses superávits gerados pela crise acabou por ser depositada no Euromercado, o que gerou excessivo recurso ocioso com necessidade de valorização imediata.

Nesse contexto, a América Latina estava expandindo seu parque industrial e necessitando de investimentos externos. Tal conjuntura de liquidez internacional possibilitou que países dessa região atraíssem grande fluxo de capitais internacionais provenientes do Euromercado. Esses capitais financiaram programas de desenvolvimento por meio de

---

<sup>2</sup> Crise relacionada à elevação do preço do barril de petróleo, entre outros aspectos. As atividades econômicas do capitalismo atual estão direta ou indiretamente relacionadas a esse combustível fóssil; portanto, o aumento do preço encareceu produtos finais e fez diminuir o consumo, esfriando o mercado global e resultando em superprodução (quando a venda não se realiza). Dessa forma gerou-se, em muitos países, uma capacidade produtiva ociosa, obrigando-os a frear a produção por falta de mercados. Nesse momento ocorreram demissões em massa e, como consequência, retração ainda maior do consumo em diversas camadas sociais, agravando a crise (CARNEIRO, 2002).

<sup>3</sup> Esse mercado inicia-se nos anos 1960, quando a Inglaterra permite a formação de um mercado interbancário sem o controle do Estado, tentando atrair mais capitais para Londres. Inicia-se, então, a formação de um mercado financeiro supranacional. As empresas norte-americanas optavam por não repatriar os lucros obtidos nas suas filiais (espalhadas pelo mundo), aplicando-os nesse mercado emergente. Dessa forma, ao longo da década de 1960 esse mercado (chamado de Euromercado) vai se expandindo e absorvendo também o excesso de dólares emitidos pelos Estados Unidos para saldar seu déficit público. O resultado desse processo é que, no decorrer dos anos 1970, todo o dinheiro investido, acrescido dos rendimentos do aumento do preço do petróleo, foi aplicado em empréstimos mais flexíveis, com taxas de juros baixas, principalmente aos países da América Latina (CARNEIRO, 2002).

movimento especulativo, o que gerou aumento da taxa de juros de vários países latino-americanos, deixando-as acima da taxa internacional.

A criação de um mercado supranacional de alta rentabilidade, associado ao crescimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) durante a Guerra Fria (país marcadamente controlado pelo poder estatal), bem como os efeitos desastrosos da crise da década de 1970, contribuiu para o fortalecimento das correntes econômicas que propunham restrição do poder político do Estado. Hayek (1987) e Friedman (1980) reformularam o liberalismo<sup>4</sup>, organizando-o como neoliberalismo. De acordo com esse modelo, o Estado deveria reduzir suas funções, principalmente as sociais, deixando aos mercados a tarefa de se autorregular e garantir o bem-estar de todos/as (FRIEDMAN, 1980).

Para conter a crise, a nova doutrina foi adotada pelas economias centrais, uma vez que a conseqüente inflação e baixa lucratividade foram atribuídas à má gestão pública (COUTINHO, 2010). O neoliberalismo foi usado também como forma de conter o keynesianismo, o socialismo e o fascismo, modelos que estavam em expansão. O marco de sua difusão mundial foi em 1990, quando o Fundo Monetário Internacional (FMI) adotou o Consenso de Washington<sup>5</sup> e passou a exigir dos países da periferia a aplicação de medidas restritivas<sup>6</sup> como forma de garantir o pagamento de suas dívidas.

No Brasil, a crise econômica internacional da década de 1970 coincidiu com o esgotamento do período chamado “Milagre Econômico” (1968-1973). A partir de 1974, a economia passou a desacelerar, e como forma de reativá-la, tendo disponível os recursos do Euromercado, o governo brasileiro implementou ambicioso plano de expansão produtiva chamado de II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND-II).

O PND-II aumentou o endividamento externo brasileiro, o que acabou por deteriorar as contas do país a partir de 1979, momento em que os EUA elevaram a taxa de juros da dívida dos países da América Latina. Na década de 1980, os empréstimos internacionais ficaram escassos e caros, resultando na explosão da inflação, e como consequência no baixo crescimento econômico e em altos endividamentos do Estado brasileiro. A década de 1980 ficou conhecida, no Brasil, como a “Década Perdida”.

---

<sup>4</sup> Modelo econômico proposto no século XVIII pelo filósofo e economista escocês Adam Smith (2017).

<sup>5</sup> Consenso de Washington é uma expressão fundamentada no texto do economista John Williamson para designar um conjunto de medidas (formado por 10 regras básicas) de ajuste macroeconômico para países em desenvolvimento, formuladas pelas principais instituições financeiras mundiais, entre elas o FMI, o Banco Mundial e o Departamento de Tesouro dos EUA) em novembro de 1989 na cidade de Washington, Estados Unidos.

<sup>6</sup> O receituário formulado tinha como base a liberalização dos mercados financeiros, o fim de regras que impediam a livre circulação de mercadorias e a redução dos gastos públicos com educação, saúde, previdência, políticas sociais, políticas trabalhistas e empresas estatais, agravando, assim, o quadro social de países periféricos.

A crise da dívida, portanto, impactou a economia brasileira e produziu estagnação. Para Carneiro (2002), a crise acarretou a “[...] desarticulação do padrão de desenvolvimento vigente por décadas na economia brasileira, no qual o investimento público e o do setor produtivo estatal desempenharam o papel indutor do investimento privado” (p. 149-150). No início dos anos 1990, o governo de Fernando Collor de Mello, pressionado pelo FMI, promoveu a reorganização da economia brasileira, implementando o modelo neoliberal.

A adoção do modelo neoliberal abriu os mercados brasileiros para os produtos externos mais baratos e diminuiu o investimento estatal na indústria e em áreas importantes para o desenvolvimento, entre outros aspectos. Esse processo gerou a desindustrialização do país e possibilitou a ascensão de cadeias produtivas de pouco dinamismo, uso excessivo de recursos naturais e mão de obra barata. A partir de 2009, esses setores formavam as *global players*<sup>7</sup> brasileiras, financiadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)<sup>8</sup>. O país consolidou, assim, sua posição no mercado mundial como exportador de *commodities*, ao que Filgueiras e Gonçalves (2007) denominam “especialização retrógrada”.

A mudança estrutural na economia brasileira impactou profundamente o emprego. Pochmann (2012) afirma que, entre 2000 e 2010, “[...] a parcela dos ocupados com até 1,5 salário mínimo voltou a crescer, aproximando-se de quase 59% de todos os postos de trabalho” (POCHMANN, 2012, p. 20). Também nesse período ocorreu alto índice de rotatividade na faixa salarial de até 1,5 salário mínimo. Significa que embora tenha sido criado número significativo de postos com carteira assinada, o índice de rotatividade permaneceu elevado. Pochmann (2012) acrescenta que em 2010 “[...] a taxa de rotatividade da mão de obra terceirizada no estado de São Paulo foi de 63,6%” (p. 109). No quadro nacional:

Entre 1999 e 2009, a taxa de rotatividade cresceu significativamente para os empregos com rendimento de até 1,5 salário mínimo mensal. Para os empregos que pagam entre 0,5 e 1 salário mínimo mensal, a taxa de rotatividade foi de 85,3% em 2009, com aumento de 42,2% em relação à rotatividade do ano de 1999 (POCHMANN, 2012, p. 93).

Entre 2014 e 2018 o emprego formal diminuiu, mantendo a rotatividade e os baixos salários. Nesse período, a taxa de desemprego do país subiu em 101,5%, tendo aumentado de 12,8% para 28,1% na faixa de 18 a 24 anos, ou seja, a cada três jovens um estava desempregado (POCHMANN, 2018). Pochmann (2012) afirma que “[...] o avanço da

---

<sup>7</sup> Grandes empresas nacionais com possibilidade de atuar ativamente no mercado mundial, influenciando preços e concorrência no complexo jogo mundial. Estas empresas passam também a ser visadas em acordos políticos entre países no que tange exportação/importação, tarifação, entre outros aspectos.

<sup>8</sup> Para aprofundamentos, consultar Mecca (2014; 2022).

terceirização do trabalho tem sido a expressão maior das transformações no modo de produção e distribuição de bens e serviços nas economias capitalistas transcorrido desde o último terço do século XX [...]” (p. 109). O desemprego, os baixos salários, a alta rotatividade e a terceirização estão ligados à nova relação capital-trabalho, decorrente do processo de reestruturação produtiva a partir da adoção do modelo neoliberal no Brasil. De acordo com Filgueiras *et al.* (2010):

A reestruturação produtiva das empresas – privadas e públicas –, através da reorganização dos seus processos de produção, com a introdução de novos métodos de gestão do trabalho e de novas tecnologias, teve implicações devastadoras sobre o mercado de trabalho. Esse impacto negativo foi reforçado pela abertura comercial e financeira da economia e pelo longo ciclo de estagnação iniciado no começo dos anos 1980 e prolongado na década de 1990 – caracterizado por baixíssimas taxas de crescimento do PIB e reiteradas flutuações de curto prazo (p. 40).

De acordo com Antunes (2011), a partir da adoção do modelo neoliberal ocorreu:

1) redução do trabalho estável, abrindo espaço para formas desregulamentadas; 2) aumento do trabalho informal, terceirizado, parcial, temporário e também do desemprego; 3) aumento do trabalho feminino, cuja faixa salarial é inferior a dos homens; 4) expansão no setor de serviços; 5) exclusão de jovens e idosos/as do mercado de trabalho formal, fazendo-os/as ingressar na informalidade ou permanecer no desemprego; 6) inclusão de crianças em atividades produtivas; 7) crescimento do terceiro setor; 8) aumento da modalidade de trabalho em domicílio, que corrobora para o aumento da exploração e diminuição de direitos das mulheres, já que passam a desenvolver o trabalho produtivo e doméstico no mesmo local.

Segundo Hespanha (2002), “[...] o sistema de emprego que se está a instituir através do novo modelo global de produção representa um agravamento do risco social e da exclusão para um crescente número de trabalhadores espalhados por todo o espaço mundial” (p. 24). De acordo com o citado autor:

A diferenciação social é um dos processos associados à globalização que permite explicar fenómenos bastante visíveis nas sociedades contemporâneas, como a acentuação das desigualdades, a crescente marginalização de certas camadas e a gradual destruição das solidariedades sociais. Ela opera através de um duplo efeito. Por um lado, um efeito de segmentação social, consistindo na descolagem dos segmentos mais débeis dos grupos sociais situados na base da sociedade e na promoção dos mais fortes situados no topo. Por outro, um efeito de individualização da vida social, ou seja, uma maior autonomia dos indivíduos relativamente às estruturas coletivas de autoridade baseadas na tradição ou no poder do Estado (HESPANHA, 2002, p. 22).

O duplo efeito citado por Hespanha (2002) incrementa o processo de enfraquecimento do poder de luta da classe trabalhadora. Analisando o conjunto da classe trabalhadora e as perdas dos últimos anos, é possível identificar que não existe no Brasil uma classe robusta, com um projeto político bem definido e direcionado. Pelo contrário, o que há são grupos segmentados e individualizados, politicamente desestruturados e impossibilitados de superar as relações capital-trabalho estabelecidas pelo neoliberalismo vigente (MECCA, 2022).

A deficiência política da classe corroborou para maior flexibilização das leis trabalhistas e retirada de direitos historicamente conquistados. Na esteira desse processo, em 2016 o governo federal apresentou projeto de reforma trabalhista, que foi rapidamente discutido e aprovado pelo Congresso, entrando em vigor apenas 120 dias após a sua promulgação. A Lei 13.467/2017 alterou centenas de dispositivos da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT)<sup>9</sup> e regularizou formas devastadoras de trabalho no país.

Entre outros aspectos, a Lei 13.467/2017 regulamentou o trabalho intermitente e a terceirização. No trabalho intermitente, a prestação de serviço não é contínua e pode ocorrer alternâncias de períodos trabalhados e inativos, contabilizados em horas, dias ou meses (BRASIL, 2017). O/a trabalhador/a fica, portanto, à espera da convocação sem ser remunerado/a por isso. E embora a lei exija que o salário seja baseado no valor hora do salário mínimo, ela não prevê jornada mínima, ou seja, não deixa garantido que ao final do mês o/a trabalhador/a terá acumulado horas suficientes para reproduzir a sua própria vida.

Sobre a terceirização, a Lei 13.467/2017 alterou dispositivos da Lei 6.019/1974, passando a permitir o trabalho temporário nas atividades-fim das empresas (até então só era permitido em atividades-meio<sup>10</sup>). Essa terceirização irrestrita resultou em ainda mais precariedade, isso porque essa forma de trabalho é marcada por menores salários, maiores jornadas e maior rotatividade (e, como consequência, insegurança e desproteção) (DIEESE/CUT, 2011).

Nesse contexto, empresas transnacionais implementaram uma nova forma de terceirização no setor de serviços, por meio de um processo que vem sendo discutido sob o conceito de *uberização* (ANTUNES, 2018). Antunes (2020) define *uberização* como “[...] um

---

<sup>9</sup> A CLT trata dos direitos de trabalhadores/as e foi estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943.

<sup>10</sup> Atividades-meio são aquelas essenciais para a empresa, mas que não estão relacionadas diretamente com o objetivo da empresa. Já as atividades-fim são as que tratam da finalidade da empresa, do porquê ela se constituiu. Por exemplo, atividades-meio de uma empresa da área de informática: serviços de limpeza e manutenção do prédio; atividades-fim: produção de computadores e sistemas operacionais.

processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas, assumindo, assim, a aparência de ‘prestação de serviço’ e obliterando as relações de assalariamento e de exploração do trabalho” (p. 11). Segundo Pochmann (2018):

[...] identifica-se a experimentação de formas de maior exploração capitalista do trabalho humano por meio do avanço da terceirização e “Uberismo” do trabalho. Simultaneamente, percebe-se o avanço da degradação das conquistas dos trabalhadores no ambiente de flexibilização e desregulação do sistema de proteção social e trabalhista que desafiam o formato tradicional de organização e representação dos interesses dos ocupados ante a explosão sucessiva de manifestações sociais de natureza espontânea, desconectadas e desarticuladas de um projeto maior de transformação do capitalismo (p. 70).

A *uberização* ou *uberismo* tem feito referência à Uber<sup>11</sup>, primeira empresa que praticou este modelo. Por meio de aplicativo de celular, possibilitou que motoristas não profissionais atuassem no transporte de pessoas utilizando-se de automóveis de passeio próprios ou alugados. Depois dela, outras empresas lançaram aplicativos que operam sob a mesma lógica nesse e em outros serviços, como o transporte de alimentos e mercadorias em geral. De acordo com Antunes (2020):

[...] trabalhadores e trabalhadoras com seus automóveis arcam com as despesas de seguro, gastos de manutenção de seus carros, alimentação, limpeza etc., enquanto o ‘aplicativo’ se apropria do mais-valor gerado pelo sobretrabalho dos motoristas, sem nenhuma regulação social do trabalho [...]. Dos carros para as motos, destes para as bicicletas, patinetes, etc. A engenhosidade dos capitais é, de fato, espantosa (ANTUNES, 2020, p. 12).

Nesse modelo, a relação entre patrão e empregado é suspensa, pois quem decide trabalhar para os aplicativos cadastra-se como autônomo. Como não há registro em carteira de trabalho, fica sem efeito toda a regulamentação trabalhista nesse âmbito, inclusive em caso de acidentes durante o serviço prestado. Dessa forma, a terceirização atinge níveis jamais vistos, deixando a cargo do/a trabalhador/a toda a responsabilidade e custos sobre o trabalho.

A *uberização* do trabalho intenta difundir a ideologia de que todos/as os/as envolvidos/as são empreendedores/as e podem decidir quando e como ganhar seu próprio dinheiro<sup>12</sup>, inculcando a ideia de liberdade e insubordinação. Todavia, as empresas por trás dos

<sup>11</sup> Palavra originária da língua alemã (no original escrita com trema: Über) que significa "sobre", "por cima de", "além", e na linguagem de rua (gíria), “super”, “mega”, como a expressão “top” do idioma inglês. Sendo assim, visa aludir a uma forma de transporte compartilhado, “legal”, “descolado”, “jovem” e “econômico” e que se dá via Aplicativo (App).

<sup>12</sup> Campanha publicitária da empresa Uber: “Dirija apenas quando for conveniente para você. Sem escritório ou chefe. Isso significa que você pode começar e parar quando quiser. Com o app da Uber, é você quem manda.” (retirado do site da Uber: <https://www.uber.com/a/join-new>. Acesso em: 13 ago. 2020).

aplicativos estipulam o preço do serviço e fazem rigoroso controle por meio das avaliações de clientes e estabelecimentos (no caso de entregas de mercadorias). Woodcock (2020) aborda o sistema de avaliação utilizando metaforicamente o panóptico<sup>13</sup>, como se os algoritmos tomassem o lugar do observador. Ninguém está efetivamente vigiando, mas há um sistema coletando dados, fazendo relatórios e desativando trabalhadores/as que não atingem metas específicas (WOODCOCK, 2020).

Para cada serviço oferecido, as empresas cobram entre 15% e 40% do valor total. Em muitos casos, quem contrata o serviço não sabe quanto o prestador irá receber e quem presta não sabe quanto foi pago. Além disso, as empresas omitem informações, disponibilizando ao/a trabalhador/a uma tarefa por vez. O/a entregador/a, primeiro recebe a comunicação da coleta do objeto, e quando chega ao local a empresa disponibiliza o endereço da entrega. No caso do transporte de passageiros, o/a condutor/a só recebe o destino quando o/a cliente entra no carro. Esse modelo impede a liberdade de escolha dos/as trabalhadores/as sobre as rotas e serviços que gostariam de executar (WOODCOCK, 2020).

Segundo Presta (2019), o advento dessas tecnologias em meio à deterioração das relações de trabalho corroborou para que indivíduos negassem a condição de trabalhadores/as e passassem a almejar o status de empreendedores/as. Contudo, a *uberização* vincula-se ao aprofundamento da exploração da força de trabalho em benefício do lucro obtido pelas empresas transnacionais. O que está ocorrendo é que milhões de indivíduos são terceirizados de grandes grupos, sem nenhuma garantia, proteção, direitos ou regulamentação. Para Linhart (2017):

À sua maneira, essas companhias procuram reduzir o “jugo” que representam para elas os direitos e garantias que constituem o outro lado da relação assalariada. Assim, esforçam-se para desenvolver competências dos indivíduos “que lhes permitam assumir a si próprios”, a enfrentar por conta própria os riscos, sem deixar de prendê-los com imposições suficientemente fortes para garantir o lucro. Isso ocorre sob a forma do autoempreendedorismo e, particularmente, da economia de plataforma digital (como o Uber). Esses trabalhadores, apresentados como amantes da liberdade e da aventura, da ousadia e da flexibilidade, veem-se diante de imposições bastante específicas em termos de equipamentos (carro, bicicleta), vestuário e até roteiros de interação verbal, que são obrigados a respeitar sob pena de multa (s/p).

Embora a ideologia dominante promova o empreendedorismo, fazendo com que parte dos/as trabalhadores/as busque essa condição, por outro lado o quadro de trabalho

---

<sup>13</sup> Modelo de prisão desenhado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785 e que utiliza apenas um observador para vigiar todos os presos (FOUCAULT, 1987).



brasileiro apresenta-se instável e precário, deixando, em muitos casos, pessoas sem alternativas além da submissão ao trabalho intermitente e terceirizado. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que havia 13,39 milhões de pessoas desempregadas no país no primeiro trimestre de 2019. O número de desalentados/as<sup>14</sup> era de 4,84 milhões (BRASIL, 2019).

No mesmo período, 23,8 milhões de pessoas trabalhavam por conta própria. O rendimento médio real dos/as trabalhadores/as dessa categoria era de R\$ 1.600,00 (BRASIL, 2019). Em 2020, de janeiro a março, trimestre anterior à pandemia, o número de pessoas que trabalhavam por conta própria havia subido para 24,1 milhões, mantendo o rendimento médio no mesmo valor (BRASIL, 2020). A informalidade atingiu cerca de 40 milhões de brasileiros/as, que ficaram sem acesso à legislação trabalhista (BRASIL, 2020). Em setembro de 2020, durante a pandemia, o desemprego tornou-se realidade de quase 15 milhões de brasileiros/as (BRASIL, 2020)

O Instituto Locomotiva publicou uma pesquisa no jornal O Estado de S. Paulo sobre o número de trabalhadores/as envolvidos/as com as plataformas digitais no Brasil. Segundo a pesquisa, em abril de 2019, 17 milhões de pessoas utilizavam aplicativos regularmente como complemento da renda e cerca de 4 milhões como a principal fonte. A matéria também afirmou que, juntas, IFood e Uber eram as maiores empregadoras do país (GRAVAS, 2019).

Sobre a situação dos/as entregadores/as que utilizam a bicicleta, de acordo com matéria publicada pela BBC News Brasil, o número de horas trabalhadas é muito superior às 8 horas previstas pela CLT e os rendimentos médios são baixos. A reportagem salienta que os ciclistas “[...] relataram fazer jornadas de mais de 12 horas diárias, trabalhar muitas vezes sem folgas e até dormir na rua para emendar um horário de pico no outro, sem voltar para casa. Em média, eles conseguem uma renda mensal de R\$ 2 mil [...]” (MACHADO, 2019, s/p). Segundo Antunes (2020):

[...] em plena era do capitalismo de plataforma, plasmado por relações sociais presentes no sistema de metabolismo antissocial do capital, ampliam-se globalmente formas pretéritas de exploração do trabalho que remetem aos primórdios da Revolução Industrial. O que significa dizer que, em pleno século XXI, estamos vivenciando a recuperação de sistemáticas do trabalho que foram utilizadas durante o que podemos denominar protoforma do capitalismo, isto é, os primórdios do capitalismo (p. 21).

---

<sup>14</sup> Aquele/a que está na fase economicamente ativa, porém desistiu de procurar emprego.

Sem regulamentação do trabalho, as pessoas envolvidas com as plataformas digitais podem ampliar significativamente a jornada de trabalho. Aquelas que têm esse tipo de trabalho como geração primária de renda conseguem prestar serviço para várias plataformas ao mesmo tempo, sem limite de horas, e as que pretendem complementar a renda trabalham em contraturnos, muitas vezes na madrugada. A nova era tecnológica promoveu “[...] a expansão do trabalho digital, on-line, [e] vem demolindo a separação entre o tempo de vida no trabalho e o tempo de vida fora dele” (ANTUNES, 2020, p. 15).

A pandemia intensificou processos de informalidade, terceirização e flexibilidade. No primeiro trimestre de 2022, o número de trabalhadores/as por conta própria subiu para 25,2 milhões, cujo rendimento médio foi de R\$ 1995,00. A taxa de informalidade foi de 40,1%. A de subocupados (que trabalham menos de 40 horas por semana) foi de 6,8%, ou seja, quase 6,6 milhões de pessoas (BRASIL, 2022). De acordo com Festi (2020), “[...] até 2030 a automação poderá atingir cerca de 60% das ocupações existentes hoje e, como consequência, entre 11% e 23% da população economicamente ativa [mundial] perderá seu posto de trabalho” (p. 149).

A atividade profissional pautada por profunda instabilidade, desproteção e insegurança tem impactos significativos na vida pessoal e social de indivíduos. Para além da impossibilidade de reproduzir a sua própria vida, essas experiências podem gerar desmotivação sobre o presente, impossibilitando a projeção e construção do futuro. Há imediatismo, como se a existência fosse diminuída à sobrevivência (CALDEIRAS, 2015; BARATA, 2018; CARMO; D’AVELAR, 2020; CARMO *et al.*, 2021). De acordo com Carmo *et al.* (2021):

O tempo cotidiano flui, por si só, sem o mínimo de domínio por parte do indivíduo. Por outro lado, a noção de futuro vai-se dissipando, na medida em que se estabelece uma dificuldade monumental em descortinar uma saída ou uma alternativa viável à situação continuada de desemprego ou de precariedade, como se não perscrutasse um fim (p. 30-31).

Essa alienação em relação ao futuro, bem como a falta de alternativas para o presente, pode segmentar ainda mais a classe trabalhadora, inviabilizando formas organizadas de luta contra as consequências trazidas pelo modelo neoliberal. O que têm destaque hoje são iniciativas insuficientes para barrar o enorme estrago causado por grandes corporações transnacionais. A tendência é que a precarização continue acentuada nos próximos anos, e enquanto não houver um projeto unificado de transformação da atual situação, a classe trabalhadora permanecerá dominada pelo grande capital.

Contudo, não é justo dizer que não há luta, existem iniciativas que vão contra a lógica do capital, embora ainda incipientes e reformistas<sup>15</sup>. Em 2020, por exemplo, ocorreu o Breque dos Apps em São Paulo, movimento grevista que agregou trabalhadores/as de diversos aplicativos *uberizados*. As pautas do movimento incluíam revisão dos bloqueios realizados pelos aplicativos de *delivery*, aumento dos valores das entregas, ações contra a insegurança e regulamentação do trabalho.

Em 2021, na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo, um grupo de motoristas que trabalhava para as plataformas digitais fundou a Cooperativa de Transportes de Araraquara (COOMAPPA). Com o intuito de criar alternativas à *uberização*, a COOMAPPA criou seu próprio aplicativo, o Bibi Mob, que cobra apenas a taxa de 5% sobre a corrida (para manter os custos da plataforma) e paga 95% para o/a prestador/a de serviço. Os preços aplicados também são discutidos coletivamente. Em março de 2022 já eram cerca de 200 motoristas e 7 mil usuários (SOUZA, 2022).

Também em 2021, por meio de financiamento colaborativo, uma *startup* brasileira angariou cerca de R\$ 1,9 milhão para investir em um novo aplicativo de entregas, chamado AppJusto. O serviço, já em operação no país, promete relações mais justas entre consumidores/as, entregadores/as e restaurante. Na página que contém informações sobre a plataforma<sup>16</sup>, existem descritivos sobre a maneira de operação: o/a trabalhador/a pode escolher o valor que irá cobrar pelo serviço, se irá ou não realizar e de que maneira (inclusive incluindo rotas). Além disso, o cadastramento deve ser realizado como Microempreendedor Individual (MEI), que garante acesso a parte dos benefícios da CLT.

A descentralização produtiva causada pela globalização e o neoliberalismo, somada ao uso de novas tecnologias e à expansão do setor de serviços, aprofundou o uso e a exploração da mão de obra. A saída para algo tão expressivo deve ter igualmente a mesma força. Estas ações são importantes para a construção de novos futuros, inclusive no que tange os/as trabalhadores/as mais precarizados/as da cadeia. Mas elas não devem ser o fim em si mesmas: primeiro porque não mudam a realidade, segundo porque têm enorme potencial para criar algo transformador.

---

<sup>15</sup> O termo reformista remete-se ao conceito leninista de classe. Para aprofundamentos, consultar Lenin (2020) e Mecca (2022).

<sup>16</sup> Site da *startup* disponível em <https://appjusto.com.br> e em [https://app.kria.vc/agents/users/offers/277?locale=ptBR&utm\\_source=appjusto&utm\\_medium=landing&utm\\_campaign=crowd](https://app.kria.vc/agents/users/offers/277?locale=ptBR&utm_source=appjusto&utm_medium=landing&utm_campaign=crowd). Acesso em: 24 jun. 2022.

#### 4 – A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO PRÁXIS DE SUPERAÇÃO DA PRECARIIDADE

- O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira (ASSIS, 1997, p. 68).

O sistema capitalista de produção gera (e acumula) riquezas para uma pequena parcela da população, fazendo com que muitas pessoas não consigam ter acesso aos bens e serviços básicos. A necessidade de sobrevivência de parcela da população leva-a, por força das circunstâncias, a buscar alternativas. Dentre elas, a Economia Solidária (ES) se desenvolve “[...] em muitos países, sobretudo na América Latina, como um campo operativo de transformação social e de ação política” (HESPANHA *et al.*, 2015, p. 466). Segundo Hespanha (2009):

Esta insatisfação dá lugar, muitas das vezes, a uma procura por soluções alternativas, à revalorização de práticas económicas baseadas noutros princípios que não a concorrência e o lucro, à imaginação de uma sociedade onde a separação radical entre a economia e o social seja substituída por modos de ajustar os recursos às necessidades de forma integrada e capaz de maximizar o bem-estar humano e social (p. 49).

As raízes históricas da ES, contudo, remontam há mais de dois séculos. De acordo com Singer (2002), na Grã-Bretanha e na França do século XIX havia diversas iniciativas que hoje podem ser consideradas a base mundial da ES. Na Grã-Bretanha, por exemplo, propostas coletivas de trabalho foram desenhadas e praticadas por Robert Owen. No início do século, tentando cooperar com o Governo Britânico, que enfrentava uma terrível recessão econômica, Owen desenhou um plano de Aldeias Cooperativas que a princípio seria subsidiada pelo Estado. Em cada Aldeia viveriam cerca de 1.200 pessoas trabalhando por sua própria subsistência:

Os excedentes de produção poderiam ser trocados entre as Aldeias. Com cálculos cuidadosos de quanto teria de ser investido em cada Aldeia, Owen tentava mostrar que haveria imensa economia de recursos, pois os pobres seriam reinseridos à produção em vez de permanecerem desocupados. Em pouco tempo, a desnecessidade de continuar subsidiando os ex-pobres permitiria devolver aos cofres públicos os fundos desembolsados. [...] O raciocínio econômico de Owen era impecável, pois o maior desperdício, em qualquer crise econômica do tipo capitalista (devida à queda da demanda total), é a ociosidade forçada de parte substancial da força de trabalho. [...] Portanto, conseguir trabalho para eles é expandir a criação de riqueza, permitindo a rápida recuperação do valor do investimento (SINGER, 2002, p. 25-26).

Porém, essa proposta não foi aceita pelo Governo Britânico. Owen mudou-se, então, para o Estados Unidos e financiou, com recursos próprios, uma Aldeia Cooperativa modelo em New Harmony, Indiana, no ano de 1825. Sem êxito nessa experiência inicial, retornou à Inglaterra assumindo liderança nas lutas sindicais contra os capitalistas. No segundo quarto do século XIX, a Inglaterra já havia conquistado forte desenvolvimento econômico e industrial, o que criava efervescência política entre os/as críticos/as do liberalismo. Nesse ínterim, as propostas de Owen circulavam com facilidade.

As ideias owentistas influenciaram George Mundie, que reuniu um grupo de pessoas para viver em comunidade e gerar subsistência. Mundie criou um jornal cooperativo de grande circulação na época, *The Economist*. Outra expressão owentista foi a *Brighton Co-operative Trading Association* (Associação Cooperativa de Trocas de Brighton), um armazém cujos/as sócios/as eram operários/as. Depois dessa, outras cooperativas foram criadas; em 1829 havia cerca de 70 iniciativas (SINGER, 2002).

No meio dessa ascensão do cooperativismo, o owenismo foi assumido pelo crescente movimento sindical e cooperativo da classe trabalhadora. Um dos seus grandes líderes, John Dorherty, conseguiu, em 1829, organizar os fiandeiros de algodão em um sindicato nacional. A partir dessa vitória, ele passou a lutar pela organização sindical de todas as categorias de trabalhadores, logrando fundar em 1833-1834 o Grand Nacional Consolidated Trades Union (sucessora da Grand National Moral Union de Owen, possivelmente a primeira central sindical do mundo) (SINGER, 2002, p. 28).

Outra grande expressão do cooperativismo dessa época e que tem impactos na Economia Solidária atual foi a criação em 1832 da *National Equitable Labour Exchange* (Bolsa Nacional de Trabalho Equitativo) na Inglaterra. Tendo o próprio Owen como idealizador, essa bolsa funcionava como possibilidade de escoar a produção das cooperativas em ascensão, uma vez que o comércio tradicional rejeitava estes produtos. As trocas promovidas tinham como referência o tempo de trabalho médio necessário para produção de cada item comercializado e não a moeda inglesa oficial:

As trocas nessas bolsas não eram estritamente escambo, pois eram intermediadas por uma moeda própria: as notas de trabalho, cuja unidade eram horas de trabalho. Os bens oferecidos à venda eram avaliados pelo tempo de trabalho médio que um operário padrão levaria para produzi-los. Cada bem era avaliado por este critério por um comitê formado por profissionais do ramo correspondente. Adotou-se como padrão um operário que ganhasse seis dinheiros por hora (SINGER, 2002, p. 31).

Na França, Charles Fourier elaborou o projeto de falanstério, comunidades onde existiriam trabalhos diversos, cujo exercício seria livre e de acordo com as paixões de cada

indivíduo. Nesse modelo, as pessoas poderiam circular entre os trabalhos e exercer aquele que melhor lhes conviesse. Fourier acreditava que o indivíduo movido por paixões almejava a remuneração em segundo plano. Esse livre-curso dos sujeitos em trabalhos que seriam otimizados pelo engajamento resultaria em aumento da produtividade e, conseqüentemente, da produção. Contudo, nesse modelo o fruto do trabalho não seria coletivizado, como proposto por Owen, e se preservariam as propriedades privadas. Houve experiências práticas dessa teoria, porém, assim como as Aldeias de Owen, sucumbiram.

As expressões acima citadas são alguns exemplos de reações à pobreza e à extrema exploração dos/as operário/as (inclusive de crianças) engendradas pela Revolução Industrial do século XIX. As bases associativas, cooperativas, de trocas, que existiram ao longo de mais de dois séculos, hoje estão presentes no movimento conhecido como ES. Sendo assim, a ES não se configura como criação intelectual de um único sujeito, e sim como síntese da ação de vários movimentos sociais ao longo do século XIX, tendo suas raízes históricas na luta de trabalhadores/as contra a produção capitalista de desigualdades e a favor de uma sociedade justa.

No Brasil, a ES como movimento social começa a ter alguma expressão na década de 1980 e ganha impulso a partir de 1990, concomitantemente à implementação do neoliberalismo. De acordo com Singer (2002), a ES reviveu no país “[...] quando milhões de postos de trabalho foram perdidos, acarretando desemprego em massa e acentuada exclusão social” (p. 122). Para Hespanha *et al.* (2015) “[...] no caso da América Latina, confrontada com uma realidade socioeconômica de acentuada exclusão, a Economia Solidária ganhou forte expressão enquanto prática pela inclusão econômica” (p. 468).

De acordo com Gaiger e Kuyven (2020), “[...] na atualidade, o termo evoca um amplo conjunto de organizações econômicas, entidades representativas, organismos da sociedade civil e ações de governo” (p. 1). Singer (2000) argumenta que a ES se baseia na propriedade coletiva dos meios de produção, na divisão dos excedentes entre os sócios e na gestão coletiva. Por essas características, segundo Singer (2000) a ES poderia representar uma alternativa ao próprio sistema capitalista de produção, possibilitando a construção de outra sociedade mais justa e solidária. Para o autor, a ES é definida:

[...] como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. É a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer,

cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto (SINGER, 2008, p. 289).

Em relação às definições de ES, Gaiger (2004) destaca os seguintes princípios: a autogestão e cooperação no trabalho, a participação, o igualitarismo, a auto-sustentação, o desenvolvimento humano e a responsabilidade social. Sobre a autogestão, Veronese (2009) a define como a tomada coletiva de decisões, em que são definidas ações prioritárias. Sendo assim, a autogestão é “[...] o conjunto de práticas que propicia a autonomia de um coletivo responsável pela concepção e decisões dos processos de gestão” (p. 158).

As Políticas Públicas de Economia Solidária (PPES) são recentes e se tornaram relevantes a partir da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) em 2003. A SENAES foi alocada no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e teve Paul Singer como primeiro secretário (2003-2016). Seu surgimento buscou agregar o trabalho cooperado e associado às atividades do MTE (FREITAS, 2012). Contudo, de acordo com Freitas (2012), embora existam, as PPES são ainda frágeis, pois “[...] não possuem resultados compreensíveis para a sociedade, possuem um baixo reconhecimento dentro do MTE e do governo e baixa institucionalidade, em termos amplos” (p. 186).

Sobre a definição adotada pela SENAES, a ES é o “[...] conjunto de atividades econômicas – produção de bens e de serviços, distribuição, consumo e finanças – organizado e realizado solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras na forma coletiva e autogestionária” (BRASIL, 2013, s/p). Além disso, por meio de relatório oficial, o órgão afirma que tem o objetivo de promover “[...] a geração de trabalho e renda e a inclusão social e econômica de milhões de brasileiros [e brasileiras], herdeiros [e herdeiras] e vítimas das políticas seculares de concentração de renda e desenvolvimento excludente” (BRASIL, 2013, s/p). Sendo assim, para a SENAES, a ES possui as seguintes características:

**a) Cooperação:** existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de meios de produção, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária [...] **b) Autogestão:** os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas nos processos de trabalho, nas definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, na direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses etc. [...] **c) Dimensão Econômica:** [...] Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais; **d) Solidariedade:** [...] expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável e com o desenvolvimento sustentável dos biomas; nas relações que se estabelecem com a comunidade

local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem-estar dos trabalhadores/as e consumidores/as; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras (BRASIL, 2013, s/p).

Gaiger e Kuyven (2020) analisam que a ES possui diversas abordagens conceituais e teóricas justamente porque se configura como um conjunto variado de iniciativas. Além disso, como sua expressão é diversa ao redor do mundo, a ES assume como característica a multiplicidade de propósitos e discursos sobre sua prática. Entretanto, é possível afirmar que “[...] referências à economia solidária têm servido, simultaneamente, para designar um tipo peculiar de empreendimento econômico, um conjunto de entidades representativas que lhe servem de porta-voz, além de uma série de organismos públicos com ações correlatas” (GAIGER; KUYVEN, 2020, p. 1). Dentro disso, existem:

[...] quatro componentes do campo da economia solidária: a) os empreendimentos solidários, dedicados [...] também ao consumo coletivo; b) as organizações de apoio à economia solidária, incluindo ONGs, entidades sindicais, organismos de pastoral social e universidades; c) os órgãos de representação e articulação política, ligados ao sindicalismo, a incubadoras de cooperativas populares, a gestores públicos, a entidades de crédito solidário e outras, destacando-se o Fórum Brasileiro (FBES), central nos debates e mobilizações nacionais; d) os organismos estatais à frente de programas públicos de economia solidária, a exemplo da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), [...] e, também, o Conselho Nacional de Economia Solidária, instalado em 2006, como órgão maior de agregação e de formulação de diretrizes para a ação governamental (GAIGER, 2013, p. 214).

Os empreendimentos que atuam sob o prisma da ES compreendem um conjunto de experiências coletivas de trabalho, produção, comercialização e crédito, organizadas por princípios solidários. Para citar algumas: cooperativas, associação de produtores e produtoras, empresas autogestionárias, bancos comunitários de desenvolvimento, clubes de troca e diversas organizações populares urbanas e rurais (SINGER, 2000). Essas características são a confluência de regras aplicadas por diversas cooperativas anteriores, mas que agora aparecem em conjunto nos chamados Empreendimentos de Economia Solidária (EES).

Nessa concepção, os EES superam a mera dimensão analítico-reflexiva do sistema capitalista de produção ao se engajarem na materialização de práticas que se configuram como formas de politização e como estratégias alternativas de geração de emprego e renda, manifestando-se como novas frentes de luta. Soma-se a isso o impulso trazido pelas Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) na década de 1990, entidades importantes no apoio à ES. De acordo com Oliveira Filho (2016):



[...] voltadas à produção de conhecimento simultaneamente à intervenção na realidade, o trabalho desenvolvido nas ITCPs visa o acompanhamento e a formação de empreendimentos econômicos autogestionários como oportunidade de geração de trabalho e renda para populações excluídas, bem como a consolidação de princípios solidários e cooperativistas na sociedade (p. 53).

Além das ITCPs e dos EES, constituem o amplo movimento brasileiro de ES a Fundação Unitrabalho, que desenvolve pesquisas na área e presta assessoria aos empreendimentos; o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); a Cáritas, entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Organizações Não Governamentais (ONGs), entre outros. O movimento se organiza por meio de fóruns (brasileiro, estaduais e municipais) e tem sua representatividade em instâncias governamentais como a SENAES. A ES também é constituída de muitas redes entre os empreendimentos e os/as apoiadores/as. Sobre o número de empreendimentos de ES em 2007:

Um levantamento amplo sobre a economia solidária acaba de realizar-se no Brasil. Conhecido como *primeiro Mapeamento Nacional*, foi idealizado pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária e pelo Governo Federal, com o apoio de universidades, instituições de pesquisa e ONGs. Em 2006, o término da etapa principal de coleta de informações resultou em uma base de dados sobre 15 mil *Empreendimentos de Economia Solidária* (EES), envolvendo uma população estimada de 1,2 milhão de participantes, em todos os Estados do país e em 41% dos municípios. Em fins de 2007, uma pesquisa de campo complementar propiciou a inserção de mais sete mil empreendimentos na base de dados (GAIGER, 2007, p. 58).

Entre 2009 e 2013, novo levantamento foi feito pela SENAES, por meio de uma Comissão Gestora Nacional (CGN), que tinha representantes da Secretaria e também de outros órgãos envolvidos com a ES, entre eles o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). O objetivo era montar uma base de dados nacional, denominada Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), de caracterização dos EES e da ES no país. Os dados atualizados foram disponibilizados e são até hoje utilizados por pesquisadores/as, instituições de fomento e, inclusive, pelo Governo Federal na constituição de programas e políticas públicas de apoio e fomento (BRASIL, 2016). A CGN também propôs uma definição das organizações que representam os EES:

- [a] coletivas – organizações supra familiares, singulares e complexas (tais como: associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de troca, redes etc.) cujos participantes ou sócios exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados; [b] permanentes – que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real; [c] e que realizam atividades econômicas de produção de bens,

de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos rotativos populares), de comercialização e de consumo solidário (BRASIL, 2016, p. 9).

De acordo com o II Mapeamento de Economia Solidária no Brasil, foram identificados 19.708 empreendimentos, em todos os estados e em 2.713 municípios do país. “Desse total, 11.869 (60,2%) são novos EES, ou seja, não haviam sido registrados no mapeamento anterior, e 7.839 (39,8%) são de EES revisitados” (BRASIL, 2016, p. 10). Sobre os movimentos sociais presentes na ES, o mapeamento mostrou um dado interessante da situação brasileira, resumida no quadro a seguir:

Quadro 1 – Principais movimentos sociais (sindicais e populares) com participação dos EES.

<b>Resposta</b>	<b>Total de EES</b>	<b>%</b>
Movimento sindical urbano ou rural	6.550	33,2
Movimento de luta pela terra e agricultura familiar	4.042	20,5
Movimento popular ou comunitário	3.194	16,2
Movimento religioso ou pastoral	2.619	13,3
Movimento ambientalista/de agroecologia	1.992	10,1
Movimento de mulheres/gênero	1.990	10,1
Movimento cultural	1.607	8,2
Movimento de luta por moradia	1.549	7,9
Movimento de jovens/da juventude	1.268	6,4
Movimento de combate à fome	1.024	5,2
Movimento étnico/racial	818	4,2
Movimento dos catadores	603	3,1
Movimento de ameaçados ou atingidos por barragens	299	2,6
Outros movimentos	955	4,8

Fonte: Brasil (2016, p. 32).

Esse, contudo, foi o último levantamento feito acerca da ES no Brasil. Após 2013, é possível encontrar dados situados por meio de teses e dissertações sobre o tema. Não há dúvidas sobre a necessidade de um novo levantamento nacional, entretanto, Gaiger e Kuyven (2020) afirmam que o levantamento de 2013 não fica desprovido de valor como referência para aqueles/as que querem se debruçar sobre a temática. De acordo com o autor e autora, os dois mapeamentos nacionais da ES são importantes porque:

a) embora sejam levantamentos parciais, eles são consideravelmente representativos e fornecem informações confiáveis sobre as características gerais dos EES, não havendo razões para se presumirem alterações significativas, desde 2013; b) além de retratarem a economia solidária no momento dos mapeamentos, os dados trazem informações indiretas, mas altamente interessantes, sobre a evolução da economia solidária (ou sobre seus antecedentes), uma vez que identificaram EES existentes há muito tempo, e que, em certa medida, testemunharam modalidades semelhantes que tiveram seu momento de auge ou de expansão há várias gerações; c) mediante recortes,

é possível examinar segmentos específicos (por área de atuação, setor de atividade econômica, região do país, raça ou cor predominante, etc.), dispondo-se, em geral, de dados mais homogêneos e comparáveis (GAIGER; KUYVEN, 2020, p. 4).

Sendo assim, a Economia Solidária tem sido, ao longo dos anos, considerada como um possível caminho de superação das formas precárias de trabalho ou até mesmo de exclusão social, gerando renda por meio de formas mais justas e solidárias. Entretanto, sobre as possibilidades de ruptura com o modelo capitalista, na transformação da sociedade e das formas políticas e econômicas vigentes, há um debate teórico controvertido, cuja discussão faremos a seguir.

Marx e Engels (2007) defendem que os humanos criam a sua condição de sobrevivência transformando o mundo por meio do trabalho. Ao produzirem sua vida material, transformam a realidade e a si mesmos, e nessa relação, a *práxis* coletiva organiza e estrutura a vida. Sendo assim, tanto o que produzem, como o modo que produzem constroem as formas de pensar e agir em sociedade. No modo de produção capitalista ocorre a subsunção do trabalho ao capital. Ou seja, nesse sistema os humanos deixam de reproduzir a sua própria vida para produzir mercadorias. No processo, é a força humana que, associada aos meios de produção, transforma a matéria prima de sua forma original para uma nova.

O trabalho produtivo é aquele que gera mais-valor (compreendido como a soma de trabalho não pago e de onde é retirado o lucro que promove a acumulação capitalista). Para gerá-lo, o capitalista pode ou prolongar a duração do processo de trabalho, ou aumentar a produtividade para além dos limites de tempo de trabalho necessário para a composição do salário. O objetivo é sempre que a mercadoria, seja ela qual for, tenha o máximo de mais-valor em sua composição (MARX, 1978).

Sendo assim, quanto maior o número de mercadorias produzidas, maior a quantidade de trabalho não pago gerado e maior o lucro. É por isso que o capitalismo necessita produzir incessantemente e também porque dizemos que é um sistema que explora as pessoas. Nesse modelo, o trabalho assume uma forma modificada, abstraindo-se por completo da sua função primeira, a produção da vida material. Aparece agora como inerente e inseparável do capital, e embora essa força seja objetiva, que vem do corpo do/a proletário/a, o trabalho existe como exterior ao/à trabalhador/a, alienado.

Nesse sistema, a produção de mercadorias fica atrelada à acumulação de capitais e não às necessidades humanas. Além disso, o mais-valor só se realiza quando a mercadoria é vendida no mercado (MARX, 2011). Elas são, portanto, o capital valorizado à espera que se

conclua o processo de exploração. Isso explica a constante criação de necessidades engendradas pelo capitalismo, a incessante produção de mercadorias, a excessiva propaganda de produtos e o porquê de existir a obsolescência programada nos produtos, entre outros aspectos.

Nessa concepção, portanto, a Economia Solidária não é um trabalho produtivo, porque não gera mais-valor e, portanto, não explora o trabalho. Embora ocorra a produção de mercadorias, o tempo do/a trabalhador/a é pago de acordo com as suas necessidades materiais e bem-estar. Os excedentes gerados são apropriados pelos/as sócios/as e destinados de acordo com a suas preferências. Sendo assim, desaparece a figura do capitalista que explora indevidamente o trabalho alheio. Por isso também, a atividade é consciente, ou seja, todos/as estão comprometidos/as com o processo produtivo e seus frutos são coletivizados.

Giavedoni (2015) analisa as formas de trabalho na economia solidária, os modos de acumulação de capital. Argumenta, que a precarização e informalidade vem corroborando para o enfraquecimento da sociedade salarial. O conceito de trabalho como fundamento da economia capitalista, porque gera valor e mais-valor, o revela como mediador social da dominação capitalista. Esse autor reflete sobre as experiências da ES no Brasil, buscando na prática a indagação teórica sobre o trabalho no capitalismo.

Considerando que o novo modelo de acumulação requer a ampliação do número de trabalhadores/as e da produção de bens de consumo, a ES atua como gestora do conflito social. Isso se daria por meio da reorganização do trabalho, incluindo no mercado de trabalho pessoas historicamente excluídas e reduzindo o salário, o que promoveria o aumento de mais-valor em outras partes da cadeia produtiva. Afirma, portanto, que o capitalismo necessita de trabalho precarizado e terceirizado e que a ES poderia estar auxiliando o processo de produção capitalista. De acordo com Giavedoni (2015):

Pero, una cosa es poder reconocer en estas experiencias mecanismos para incorporar hombres y mujeres expulsadas del mercado de trabajo formal y de los sistemas de protección social, logrando dar cuenta de las actividades que se despliegan y las motivaciones que los movilizan, reconociendo estas experiencias y las expectativas que muchas veces se depositan en las mismas, y otra cosa es advertir la necesidad de examinar las relaciones existentes entre estas formas de trabajo y los modos de valorización del capital (p. 208).

Para Giavedoni (2015), a economia solidária surgiu como resposta ao processo de exclusão social promovido pela reestruturação produtiva da década de 1970 e possibilitou que a responsabilidade sobre a reprodução da força de trabalho, que antes era patronal e estatal, recaísse sobre os/as trabalhadores/as, colocados/as agora como protagonistas. O capital se empenhou para estruturar essa nova forma, pois ela também mantém os salários baixos e eleva

o mais-valor. Com suas análises, o autor conclui que a emancipação não pode estar relacionada ao trabalho, sendo esse o elo de dominação do capital, mas sim na sua completa eliminação, entendendo-o como elemento promotor de submissão de uma classe perante outra. Nas palavras do autor:

[...] de aquí la dificultad de pensar como categorías emancipatorias al trabajo digno, trabajo libre, trabajo voluntario, trabajo emancipado, etc., lo que se trata no es de lograr un mejor trabajo, sino menos trabajo y un contra el trabajo [...]. La determinación de este modo de dominación social abstracto es que los individuos se encuentran obligados a producir e intercambiar mercancías para sobrevivir, pero ello no se debe a una dominación social directa como la esclavitud o el trabajo servil, sino a estructuras sociales ‘abstractas’ y ‘objetivas’, materializadas en prácticas sociales. De aquí la necesidad de comprender el capitalismo como un orden social de dominación, incorporando la dimensión del *trabajo* a la ya conocida dominación de clase (GIAVEDONI, 2015, p. 210).

Gaiger (2015) promove reflexão sobre a ES, por meio da comparação entre as estatísticas sobre empresas no Brasil e dados do primeiro Mapeamento Nacional de Economia Solidária, considerando-a como alternativa à geração de renda e combate à pobreza. Além disso, explicita o empreendedorismo dos EES como singular em relação aos outros tipos desenvolvidos por indivíduos e pequenas empresas. Contudo, Gaiger (2015) identifica que há um impedimento financeiro para que esses empreendimentos se consolidem, uma vez que são constituídos de pessoas empobrecidas e muitas vezes à margem da economia capitalista. Como saída propõe a articulação destes em redes, criando ações em grande escala que possibilitem alterações sociais e mercantis.

Sobre a atuação em rede, Mance (2002) propõe as Redes de Colaboração Solidária como possibilidade de ruptura com o capitalismo. O autor acredita que o valor excedente gerado nos EES poderia auxiliar na criação de novos EES para compor essa rede. Como a ES já está presente em diversos setores econômicos, poderia gerar autonomia completa em relação ao capitalismo sem depender das formas de produção, comercialização e distribuição vigentes. Portanto, um sistema alternativo e pós-capitalista poderia ser criado. Mance (2002) afirma:

[...] sendo praticados a produção e o consumo solidários em laços de retroalimentação, qualquer unidade produtiva pode vender toda sua produção, gerando um excedente de valor econômico que permite criar novas unidades produtivas solidárias que, conectadas em rede, podem atender a uma diversidade ainda maior de elementos demandada pelo consumo final e produtivo de novas células (unidades de produção e consumo), incorporando um número cada vez maior de consumidores e produtores em um movimento

auto-sustentável de expansão, remontando solidariamente as cadeias produtivas (p. 24).

Sobre criação de redes como alternativa à subsunção ao capitalismo, Laville (2009) argumenta que o comércio justo tem esse potencial. As atividades econômicas construídas a partir da solidariedade democrática obedeceriam a um bem comum e não às perspectivas do lucro. Sendo assim, o respeito pela justiça social e acessibilidade aos serviços seria fruto de uma reflexão coletiva, desenvolvida por partes implicadas em gerar resultados coletivos para o comércio. Segundo o autor, o comércio justo:

[...] procura submeter as relações comerciais ao respeito pelos produtores [e produtoras] e à preservação do meio ambiente. [...] os actores do comércio justo, apoiados por numerosos consumidores [e consumidoras], empenham-se no apoio activo aos produtores [e produtoras], na sensibilização do público e na mobilização para alterar as regras e as práticas do comércio internacional convencional (LAVILLE, 2009, p. 26).

Mance (2006) define o comércio justo como uma troca responsável que busca beneficiar produtores/as e possibilitar condições econômicas, sociais, políticas, culturais, ambientais e éticas mais equilibradas, que respeitem humanos e meio ambiente de forma integral. No comércio justo, consumidores/as e produtores/as então imbricados/as numa relação de compromisso e cooperação. Essa forma de comércio tem como característica o preço justo. Diferente da formação de preço convencional, que se baseia em oscilações mercadológicas, lei da oferta e procura, lucro ou vantagens individuais, o preço justo é resultado de cálculos que envolvem os custos do produto ou do serviço, acrescidos dos custos da reprodução de uma vida digna para quem produz.

Laville (2009) analisa que o consumo responsável e solidário está intimamente ligado ao comércio justo e às finanças solidárias (praticada por meio dos bancos comunitários). A ES, reunindo todas essas iniciativas, promove a democratização da economia trazendo ao debate público a noção de coletividade. Analisa também que a ES tem dupla dimensão transformadora, primeiro porque interroga as categorias econômicas tradicionais e segundo porque alimenta a reflexão sobre o papel da economia na sociedade. Sobre os obstáculos à sua difusão, Laville (2009) argumenta:

Porém, o percurso das cooperativas revela todas as dificuldades: o individualismo tradicional do meio, as delimitações de responsabilidades com as organizações não governamentais, cujo apoio é indispensável, mas cuja intenção pode ser percebida como uma ingerência por parte dos associados, o confronto com um processo de privatização e de racionalização da recolha que oferece oportunidades e, ao mesmo tempo, corre risco de beneficiar as

empresas de dimensão superior, a necessidade de alianças com o sector privado que daqui resulta, com os riscos de absorção que lhe estão ligados (p. 17).

Hespanha (2009) identifica que é preciso relativizar a teoria econômica para que seja possível pensar diferente. Apoiado na teoria de Santos (2009), o autor observa que a economia também está entre as ciências hegemônicas, cuja racionalidade invisibiliza formas alternativas. Portanto, seria imprescindível desconstruir a imagem de única interpretação possível para as relações materiais, abrindo espaço para novas perspectivas. Hespanha (2009) sugere como caminho a aproximação entre aspectos econômicos e sociais da vida, valorizando assim outras práticas econômicas.

Sobre os limites dessas formas diversas, o autor afirma: “Não sabemos, pois, se estes processos que se constituem em alternativas à economia padrão, como a economia solidária, serão capazes de desencadear uma transformação na sociedade, mas o facto é que tais processos não podem ser silenciados ou desperdiçados” (HESPANHA, 2009, p. 52). E sobre os limites materiais da ES, o autor argumenta que a falta de recurso e de bens impede os EES de ter acesso ao crédito, fundamental na constituição de um novo negócio, sobretudo para pessoas empobrecidas. Impede, também, de arcar com os riscos desse negócio, em muitos casos presentes no processo de formalização, já que “[...] o ambiente comercial muitas vezes [é] hostil para o início, crescimento e desenvolvimento de negócios” (HESPANHA, 2009, p. 60).

Veronese (2009) diz que o trabalho associativo e cooperativo promovido pela ES pode ser uma das respostas para o empobrecimento e a falta de emprego. Aspectos como a reciprocidade, autogestão e eficiência, na unificação do espírito empresarial e solidário, capacitam a ES como alternativa para a geração de renda com impactos na justiça social e ambiental. Entretanto a autora afirma que “[...] muitas são as precariedades enfrentadas, especialmente em países da periferia do sistema mundial, que já ocupam um lugar subalterno na divisão internacional do trabalho” (VERONESE, 2009, p. 157). Sobre isso, escreve:

Os problemas mais frequentes [da ES] são: ausência de comunicação e informação em rede; formação política fragmentada; dependência excessiva de redes de apoio e agentes mediadores; trabalhadores [e trabalhadoras] que ocupam posições de gestão comportando-se como ‘chefes’, em relações de mando e obediência típicos do trabalho heterogestionário (VERONESE, 2009, p. 164).

A autora, assim como Hespanha (2009), entende que a ES pode representar um caminho de emancipação por meio das práticas que a constituem, criando repertório para possibilidades futuras. A autogestão contribui para que indivíduos possam organizar-se no

diálogo, constituindo-se como sujeitos “[...] na ação e na linguagem, na produção simbólica e na interação, num sentido emancipatório” (VERONESE, 2009, p. 158). Há, portanto, a idealização de um novo projeto de sociedade mais justa, construída a partir de heterotopias que estão sendo experimentadas ativamente nesses espaços e que podem construir caminhos possíveis e identificar os impossíveis. E termina: “[...] temos o direito de desejar e experimentar cada vez mais e melhores alternativas” (VERONESE, 2009, p. 166).

Tendo trazido o debate teórico acerca do potencial da ES, seus limites e possibilidades, salientamos nossas concepções sobre o tema como forma de nos incluirmos nesse debate. A ES é um movimento que pode promover formas alternativas de produção, comercialização, distribuição e consumo mais responsáveis, justas e solidárias. Também, ao longo dos anos tem se configurado como importante ferramenta de suplantar a miséria e exclusão social causada pela nova reestruturação econômica a partir da adoção do modelo neoliberal.

Assumimos que o movimento de ES enseja a *práxis* de superação da precariedade, pois está intimamente relacionado à proposta de uma sociedade mais igualitária, rompendo com paradigmas modernos e propondo novos repertórios para as relações sociais. Sobre os limites da ES enquanto *práxis* de libertação, utilizaremos a análise de dados como instrumento para colaborar com esse debate, cujas proposições traremos nas considerações desse trabalho.



## **PARTE II: CICLOVIAGEM**

## 5 – O GRUPO: CicloPedaleiros

Em 1998 foi inaugurada a Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos (INCOOP-UFSCar). A INCOOP-UFSCar tinha como objetivo assessorar, prestar consultoria e oferecer apoio a diversos EES do município de São Carlos, interior de São Paulo. A prioridade era atenção a empreendimentos constituídos por pessoas em vulnerabilidade social.

O sucessor da INCOOP-UFSCar é o atual Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol). Tendo os mesmos objetivos da Incubadora precedente, o NuMI reorganizou as equipes em Linhas de Ação. Cada uma delas é constituída por um conjunto de atividades de ensino, pesquisa e extensão em torno de um objeto específico. Dentre elas foi criada a linha de Fomentos a Novos Empreendimentos Econômicos Solidários (NEES), que se dedicou, entre 2012 e 2018, a identificar e caracterizar possíveis atividades produtivas com potencial para a ES.

Neste ínterim, algumas possibilidades identificadas se destacaram pela confluência de condições iniciais indicativas de potencialidades e relevância social, que justificaram a proposição de estudos de viabilidade. Sendo assim, em 2013 emergiu a sugestão de constituição de um empreendimento envolvendo o uso de bicicletas, com práticas orientadas por profissionais da área de Educação Física. Essa proposta considerava necessidades percebidas pelas iniciativas de ES existentes na cidade em termos de logística.

Concomitantemente outro projeto estava sendo desenvolvido na universidade, ligado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH/UFSCar). O projeto de extensão universitária Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL) surgiu em 1999 como uma das ações do programa Esporte para Cidadania. Ao longo do tempo, o projeto desenvolveu ações voltadas aos grupos empobrecidos e socialmente marginalizados (BELMONTE, 2014).

Em outubro de 2013, o VADL estabeleceu parceria com o programa Mais Que Futebol (MQF), da Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos de São Carlos (ADESM). Nessa época o VADL-MQF desenvolvia atividades no Clube de Campo do Sindicato dos Metalúrgicos, localizado no bairro Santa Felícia, na cidade de São Carlos. O projeto tinha como público crianças, adolescentes e jovens até 17 anos. Essa parceria teve por objetivo a educação *para e pelo* lazer, com a intenção de contribuir com: formação crítica de crianças e jovens voltada à cidadania; cultura de paz; educação *para e nas* relações étnico-raciais (GONÇALVES JUNIOR, 2017).

Ainda em 2013, o NuMI-EcoSol propôs atuação conjunta com o VADL-MQF, na perspectiva de desenvolver a proposta de empreendimento envolvendo o uso da bicicleta. Naquele momento, os estudos realizados pela equipe do NuMI apontaram que o EES poderia ser uma alternativa profissional para jovens participantes do VADL-MQF – ou que viessem a se integrar a ele a partir de atividades de sensibilização. O objetivo era criar interfaces entre lazer, ciclismo e ES, com potencialidades de sensibilização e ação pedagógica no campo da Educação Ambiental, da mobilidade urbana e do trabalho justo e solidário, tendo como aspecto fundante o viver bem.

Devido à falta de equipe que pudesse se dedicar a essa complexa tarefa, a parceria entre o NuMi-EcoSol e o VADL-MQF se manteve em estado de aquiescência, tendo em vista o possível desenvolvimento do EES em um futuro próximo. Em 2015, o NuMI-EcoSol conseguiu aprovar o projeto “Implementação e sistematização de processos de fomento à Economia Solidária” junto ao CNPq-PRONINC, obtendo recursos necessários para a contratação de equipe que pudesse desenvolver esse e outros projetos de apoio à Economia Solidária no município.

Em fevereiro de 2016, portanto, teve início o projeto Pedal-Solidário. A atividade focal seria o ensino de mobilidade urbana por meio da bicicleta (condução em vias públicas) e de manutenção dos equipamentos próprios. O objetivo era a criação de um serviço de cicloentrega, ou seja, entregas de materiais e produtos com uso da bicicleta. As atividades do projeto ocorriam no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos, concomitante com as atividades do VADL-MQF.

As estratégias específicas da atuação, tendo por base o Método de Incubação<sup>17</sup>, foram: mapear locais e situações nas quais pudesse haver concentração de jovens de 15 a 18 anos que poderiam ter interesse em participar do EES<sup>18</sup>; fazer formação técnica, utilizando o apoio de profissionais da área de Educação Física, sobre locomoção urbana com bicicletas, tendo como referência a atividade de cicloentrega; realizar o estudo de viabilidade econômica do EES; fazer formação em ES; construir o plano de negócios do empreendimento; assessorar o início da atividade econômica.

O mapeamento de possíveis lugares com concentração de interessados/as chegou a alguns resultados. Primeiro foram identificadas escolas de ensino médio nas regiões

---

<sup>17</sup> Método que orienta as ações da equipe do NuMI-EcoSol. Para mais informações sobre o método: <http://www.numiecosol.ufscar.br/numi-ecosol/metodologia>.

<sup>18</sup> Naquele momento o VADL-MQF tinha participantes de 7 a 12 anos apenas, embora a idade do projeto fosse até 17 anos.

periféricas da cidade, que são: Escola Estadual Atília Prado Margarido, Escola Estadual Aracy Leite Pereira Lopes, Escola Municipal Arthur Natalino Deriggi. Além das escolas, a equipe considerou outros locais oportunos, como o Fórum de Economia Solidária e a Escola de Futebol do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos (EFCSM) e assentamentos rurais.

Nas escolas, após conversa inicial com a direção e a aprovação de entrada, a equipe passou nas salas falando sobre ES, EESs, cooperativas e a possibilidade de um novo EES envolvendo o uso de bicicletas. Depois, durante os intervalos distribuiu-se material gráfico e conversou-se com alguns/mas alunos/as interessados/as na proposta. Tendo interessados/as, a equipe marcou reunião no contraturno dentro da própria escola. De toda forma, cartazes foram fixados nos murais escolares (Figura 1), com contatos da equipe, caso alguém quisesse entrar em contato depois da sensibilização. Essa ação atingiu cerca de mil e quinhentos estudantes, dos/das quais cerca de trinta passaram pelas atividades seguintes.



Figura 1 – Cartaz de divulgação do EES fixado em mural escolar.

Fonte: acervo pessoal (2016).

Sobre os jovens comprometidos com a escolinha de futebol do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos, a sensibilização ocorreu logo após os horários de treino em duas das quatro turmas. Isso porque os/as frequentadores/as do turno da manhã não poderiam frequentar as atividades do projeto que ocorreriam à tarde, pois estariam na escola nesse horário. A maior parte era do sexo masculino e residia em bairros periféricos. Essa ação atingiu cerca de cem jovens, dos quais vinte e dois participaram de algumas das atividades do projeto.

Apresentamos também a proposta no Fórum Municipal de Economia Solidária em busca de conhecidos/as e/ou parentes de pessoas que já compõem um EES e que poderiam

estar desempregados/as ou interessados/as em participar dessa iniciativa. Fomos à reunião mensal do Fórum e incluímos a apresentação nos informes. Nesse caso, foram atingidas cerca de cinquenta pessoas, havendo apenas uma interessada, mas que não participou das atividades do projeto.

Houve ainda uma via de sensibilização indireta por meio da colagem de cartazes em pontos de ônibus, pista de skate do bairro Santa Felícia, Unidades Básicas de Saúde dos bairros periféricos, Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) (Figura 2). Também foram feitas panfletagens pelas ruas próximas ao Clube, abordando e conversando com transeuntes. Além dessas ações, foi solicitada à equipe responsável pela assessoria aos assentamentos que levasse a proposta nas reuniões. Das ações indiretas não houve nenhum/a interessado/a. Todo esse processo durou cerca de quatro meses.



Figura 2 – Cartaz do EES fixado no mural do CRAS Santa Felícia.  
Fonte: acervo pessoal (2016).

Concomitantemente com as sensibilizações, desenvolvíamos atividades de consolidação da proposta. Em cada visita e também nos cartazes deixávamos disponível um local (Clube do Sindicato dos Metalúrgicos) e um dia (quinta à tarde) para que as pessoas pudessem se aprofundar na proposta, realizando atividades com a bicicleta e podendo tirar dúvidas sobre o projeto. As atividades envolviam passeios ciclísticos urbanos e rurais (Figura 3) e oficinas de manutenção de bicicletas. Cerca de cinquenta pessoas participaram dessa fase aleatoriamente, como um momento de experimentação, ainda sem compromisso com o projeto.



Figura 3 – Passeios ciclísticos em contexto urbano e rural.  
Fonte: acervo pessoal (2016).

Após os quatro meses, em junho de 2016, teve início a etapa de formação. Para isso, seria necessário pausar as sensibilizações e, dentre os/as interessados/as, identificar quem gostaria de permanecer no projeto. Dos/as cinquenta jovens, vinte optaram por continuar. Os encontros foram ampliados para dois dias na semana: terça e quinta no mesmo local e horário. Participavam, além dos/das jovens, coordenadores/as do VADL-MQF e do NuMI-EcoSol. A metodologia dos encontros seguia os parâmetros do Método de Incubação e era pautada pela pedagogia dialógica de Freire (2018).

De junho a setembro de 2016 foram feitas as formações técnicas sobre locomoção segura com bicicletas em meio urbano e rural e sobre manutenção básica de bicicletas. Também ocorreram formações sobre os princípios da ES, tipos de EES, elaboração de preço justo e uso de computadores, celulares e mapa físico para traçar rotas de entrega (Figura 4). As atividades eram divididas em duas partes: as teóricas ocorriam às terças e as práticas, às quintas. Em outubro os/as participantes fizeram duas entregas simuladas, calculando o tempo da atividade e avaliando desempenho (Figura 4).



Figura 4 – Planejamento de rota em mapa virtual (sup. esq.) e físico (sup. dir) e simulação de entregas (inferiores).

Fonte: Acervo pessoal (2016).

Durante o processo de incubação e como parte dele, a equipe buscou meios de formalização do EES. Como o projeto envolvia menores de idade e havia leis impeditivas para esse tipo de trabalho, foi preciso agendar uma reunião com o Ministério do Trabalho (MT). A reunião ocorreu no fim de outubro e estavam presentes: os/as jovens, os/as coordenadores/as, os/as apoiadores, a gerente regional do trabalho e emprego da cidade de São Carlos e o advogado. Durante a conversa, fomos apresentados/as ao Decreto n. 6.481 de 12 de junho de 2008, que declara a lista das piores formas de trabalho infantil (até os dezoito anos). O item 73 da lista, referente a trabalhos prejudiciais à saúde e à segurança, cujo teor relacionava-se à cicloentrega, trata do seguinte:

**73) Em ruas e outros logradouros públicos** (comércio ambulante, guardador de carros, guardas mirins, guias turísticos, transporte de pessoas ou animais, entre outros). **Riscos:** Exposição à violência, drogas, assédio sexual e tráfico de pessoas; exposição à radiação solar, chuva e frio; **acidentes de trânsito; atropelamento.** Saúde: Ferimentos e comprometimento do desenvolvimento afetivo; dependência química; doenças sexualmente transmissíveis; atividade sexual precoce; gravidez indesejada; **queimaduras na pele; envelhecimento precoce; câncer de pele; desidratação;** doenças respiratórias; hipertermia; traumatismos; ferimento (BRASIL, 2008, s/p – grifos nossos).

Esse decreto proíbe, portanto, menores de dezoito anos a realizar qualquer tipo de trabalho na rua, alegando riscos à saúde e segurança do menor de idade. Após a reunião, houve um esforço coletivo em encontrar alternativas para superar o impasse, enquanto os/as menores continuaram a receber formação contínua para a criação e estruturação de EESs. No início de dezembro, os/as jovens, sem perspectivas de ganho financeiro com o empreendimento, passaram a abandonar o projeto. Em janeiro de 2017, o Pedal-Solidário parou as atividades, pois não havia mais ninguém frequentando.

Em julho de 2017, a Prefeitura Municipal de São Carlos (PMSC) deu continuidade ao convênio preestabelecido com o governo federal (MTE/SENAES 761863/2011). Intitulado “Brasil sem Miséria”, previa a criação de oito novos EESs na cidade e a consolidação de doze. O NuMI-EcoSol foi a incubadora responsável pelo desenvolvimento do convênio e, reafirmando a parceria com profissionais da Educação Física do DEFMH/UFSCar, retomou a proposta de estruturação do EES de cicloentrega.

Contudo, os objetivos foram alterados para atender às determinações do MT. O foco, portanto, passou a ser adultos/as maiores de 18 anos. Por conta disso, o VADL-MQF não poderia mais fazer parte da parceria, pois atendia população até no máximo 17 anos. Ocorre, portanto, mudança dentro do DEFMH/UFSCar e o Projeto de Educação Ambiental e Lazer-Consciente (PEDAL-Consciente)<sup>19</sup> assume a parceria a partir de agosto de 2017.

Por causa da necessidade de criar oito novos empreendimentos no município, a equipe do projeto Brasil sem Miséria iniciou busca de interessados/as para os novos EES, fazendo as sensibilizações. Nessas atividades, todas as possibilidades existentes eram apresentadas, entre elas a cicloentrega. As sensibilizações ocorreram dentro do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) das escolas estaduais e do município (Figura 5) e também no Fórum de Economia Solidária e assentamentos rurais.

---

<sup>19</sup> O PEDAL-Consciente é um projeto de extensão universitária que tem como objetivo incentivar o uso da bicicleta em todos os âmbitos, tais como transporte, lazer, saúde e esporte. Atende adolescentes com idade entre 13 e 15 anos de escolas públicas de São Carlos, desenvolvendo atividades ao longo de dois meses com cada turma. Os/as coordenadores/as desse projeto têm amplo conhecimento sobre os aspectos da bicicleta e do pedalar, e acolheram a proposta de parceria, mesmo que isso significasse abrir novas frentes de atividades, já que o público seria distinto. Aprofundamentos podem ser feitos na leitura de Bertuso *et al.* (2012).





Figura 5 – Atividades de sensibilização realizadas em duas escolas municipais de São Carlos.  
Fonte: acervo pessoal (2017).

O método utilizado foi o mesmo da primeira sensibilização. Primeiro ocorria a apresentação do projeto, depois reunião de aprofundamento no próprio local e por fim a chamada para participar das atividades em locais preestabelecidos. Essa fase durou cerca de um mês e cinco interessados/as vieram integrar o projeto Pedal-Solidário. Da mesma forma, as atividades foram agendadas às terças-feiras no período da tarde no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos.

Isso ocorreu por dois motivos: primeiro porque o PEDAL-Consciente estava vinculado, naquele momento, ao VADL-MQF, utilizando o espaço para guardar bicicletas e ferramentas (que também eram usadas pela equipe do NuMI-EcoSol); segundo porque o Clube era um espaço amplo e seguro para desenvolver as atividades. Além disso, para o deslocamento dos/as interessados/as, que eram de bairros periféricos, o VADL-MQF cedia vagas sobressalentes na van que era utilizada para transporte de crianças e adolescentes participantes do VADL-MQF (da periferia até o Clube).

Também houve sensibilização indireta por meio da colagem de cartazes em pontos de ônibus, Unidades Básicas de Saúde e Centro de Referência da Assistência Social de bairros periféricos da cidade. Em relação aos cartazes, seis pessoas entraram em contato querendo participar das atividades e também foram acolhidas nos encontros no Clube. Colamos cartazes também na UFSCar e dois interessados apareceram, levando, depois, mais uma pessoa interessada, totalizando assim treze participantes.

Dentre os/as seis interessados/as que chegaram ao projeto por meio dos cartazes, dois eram um casal de idosos. O marido já pedalava há muitos anos e utiliza a bicicleta como meio de transporte. A esposa relatou não ter experiências de subir em uma bicicleta e que nos procurou para saber mais sobre o projeto. A equipe então se comprometeu a ensiná-la a andar

de bicicleta, e depois de três encontros a senhora aprendeu a se equilibrar e conduzir. Contudo, apesar do marido seguir com as atividades até o fim do projeto, ela parou de frequentar, pois não se via trabalhando com cicloentrega. Mesmo com as solicitações para que permanecesse, a senhora deixou as atividades e nunca mais retornou.

Em setembro de 2017, contando com nove pessoas (pois alguns/algumas interessados/as foram a uma ou outra atividade, não permanecendo assíduos/as), com idades entre 20 e 64 anos, a coordenação do projeto iniciou formação com aos/as participantes sobre: gestão financeira participativa, estruturação de empreendimentos autogestionários e solidários, manutenção e deslocamento seguro em bicicletas (GONÇALVES JUNIOR, 2017). Todas as atividades ocorriam às terças, no Clube, porém algumas foram realizadas no NuMI-EcoSol. Ocorreram também passeios ciclísticos pela cidade e pela zona rural.

Em novembro de 2017, o grupo passou a frequentar as reuniões do Fórum de Economia Solidária, ainda como EES em desenvolvimento, mas já com a perspectiva de se envolver no movimento da ES. Em dezembro criaram uma marca própria: CicloPedaleiros. Fizeram também o Estudo de Viabilidade Econômica (EVE) do empreendimento, com o intuito de iniciar o serviço de cicloentrega no próximo ano. O EVE permite, entre outros resultados, calcular o preço justo do serviço. O sistema de preços calculado foi descrito numa tabela que tinha duas variáveis: peso e distância (Figura 6).

Peso ou Volume/ Distancia	3km - linha reta	3km - subidas/descidas	4km	5km	6km	7km	8km	9km	Até 10km	mais de 10km
Até 5kg - pacotes pequenos	R\$ 3,00	R\$ 4,50	R\$ 6,00	R\$ 7,50	R\$ 9,00	R\$ 10,50	R\$ 12,00	R\$ 13,50	R\$ 15,00	sob consulta
Até 10kg - pacotes médios	R\$ 5,00	R\$ 6,50	R\$ 8,00	R\$ 9,50	R\$ 11,00	R\$ 12,50	R\$ 14,00	R\$ 15,50	R\$ 17,00	sob consulta
Até 15kg - pacotes grandes	R\$ 7,00	R\$ 8,50	R\$ 10,00	R\$ 11,50	R\$ 13,00	R\$ 14,50	R\$ 16,00	R\$ 17,50	R\$ 19,00	sob consulta
Até 20kg - pacotes grandes	R\$ 10,00	R\$ 11,50	R\$ 13,00	R\$ 14,50	R\$ 16,00	R\$ 17,50	R\$ 19,00	R\$ 20,50	R\$ 22,00	sob consulta

Figura 6 – Sistema de preços do EES.  
Fonte: acervo pessoal (2018).

Em fevereiro de 2018, o grupo começou a realizar entregas por meio de parcerias (Figura 7). A primeira e mais importante delas foi feita com o grupo de compras coletivas da cidade. Esse grupo surgiu do interesse coletivo em comprar arroz orgânico. A primeira intenção foi a divisão do frete. Depois, quando mais pessoas foram agregadas, aumentou-se o volume de arroz pedido, o que possibilitou a compra pelo preço de custo. Para conversar sobre os detalhes, como preços, prazos e pagamentos, as pessoas utilizavam o aplicativo de conversas, o que

colocou todos/as em contato. Incentivados/as pelo baixo preço conquistado na compra do arroz, começaram a diversificar as compras.



Figura 7 – CicloPedaleiros reunidos para o serviço de cicloentrega.  
Fonte: acervo pessoal (2018).

O aglomerado carregava uma singularidade: todos/as eram envolvidos/as, de alguma forma, com pautas sustentáveis, o que foi decisivo para a coesão. Aos poucos, o coletivo foi se estruturando e naquele momento era um dos mais importantes da região, com cerca de 150 pessoas, que realizavam quase trinta compras ao ano. Os produtos eram variados, mas seguiam algumas tendências: orgânicos, preferência por produção artesanal/familiar/local, sustentáveis, biodegradáveis etc.

Em janeiro de 2018, a parceria com o grupo de compras foi discutida como maneira de viabilizar o início das atividades laborais. A conveniência se dava por dois motivos: primeiro porque as pessoas que o compunham já eram sensibilizadas à ES; e segundo porque a cicloentrega se conectava aos princípios de coesão do grupo. Como forma de divulgar o EES, foram feitas campanhas dentro do coletivo por meio de *folders* virtuais e postagens sobre o serviço, avisando, inclusive, os/as consumidores/as que era um EES em desenvolvimento e que precisava de apoio. Sendo assim, a parceria começou em fevereiro de 2018 e se manteve durante toda a trajetória dos CicloPedaleiros. Ainda em fevereiro foram feitos acordos com os

assentamentos da cidade para entrega de cestas orgânicas semanais, e com uma moça que fazia marmitas veganas para vender *delivery*.

Em março de 2018, quando essa investigação teve início<sup>20</sup>, o EES tinha apenas três participantes<sup>21</sup>, dois homens e uma mulher, com idades entre 20 e 64 anos e com diferentes graus de escolaridade. Nesse mês foram estabelecidos acordos coletivos por meio de uma teatralização, que teve como objetivo lembrar tudo o que haviam estruturado até ali. Além disso, ocorreu o último treinamento, momento em que os/as participantes se deslocavam juntos/as para realizar entregas, calculando o tempo e verificando se correspondia à tabela de preços. Depois, faziam a avaliação da interação com cada consumidor/a, pontuando melhorias.

Em abril de 2018, os CicloPedaleiros passaram a fazer reuniões no espaço do Kartódromo da cidade de São Carlos (Figura 8), pois um dos participantes estava trabalhando lá durante a noite e, como aproveitava as tardes para repousar da jornada anterior, não podia mais frequentar as atividades no Clube. Em maio entraram mais dois homens para o EES, que vieram por indicação de outros/as participantes.



Figura 8 – Reunião no espaço do Kartódromo.  
Fonte: acervo pessoal (2018).

---

<sup>20</sup> Detalhes sobre os eventos a seguir podem ser encontrados nos diários de campo que compõem os apêndices desta investigação.

<sup>21</sup> Os/as participantes que deixaram as atividades do projeto foram procurados/as para que pudessemos entender os motivos da desistência e identificar alternativas. Três deles/as encontraram vaga em emprego fixo (não necessariamente com registro em carteira, mas que possibilitaram rendimento mensal estável); um teve um filho e precisou atuar como vendedor-ambulante de bolos congelados, anunciando e vendendo seus produtos de porta em porta, migrando para outro empreendimento incubado pelo NuMI-EcoSol; outra pessoa mudou-se de cidade; e um participante foi internado para tratamento de doenças mentais. Não conseguimos contato com os outros quatro.

Também foi o último mês do convênio MTE/SENAES 761863/2011. Como consequência da dificuldade de conseguir recursos que pudessem manter equipe mínima de trabalho, o projeto Pedal-Solidário deixou de fazer parte das atividades rotineiras do NuMI-EcoSol, sendo assumido integralmente pelo projeto PEDAL-Consciente. Nesse momento, o Núcleo continuou contribuindo com as atividades por meio do acesso às suas estruturas físicas, bem como empréstimo de material (itens de papelaria, impressão, carros, equipamentos de som e multimídia, computadores), entre outros recursos que ficaram disponíveis.

O EES passou, então, a se dedicar à expansão das atividades no município onde está sediado, utilizando-se de *folders* e material gráfico (Figura 9). Abriam também páginas em redes sociais e disponibilizaram um celular para a contratação do serviço. Por meio desse esforço, cinco novas possibilidades de parcerias surgiram, sendo que duas foram firmadas. A saber: entrega de produtos para uma moça que comercializava cosméticos naturais e *delivery* de uma padaria artesanal.



Figura 9 – Diferentes *folders* desenvolvidos para divulgação do EES.

Fonte: Acervo pessoal (2018).

Ainda em maio, o país vivenciou a greve dos caminhoneiros, que teve como consequência uma crise de abastecimento de mercadorias e combustíveis. Por causa disso e também como resultado da campanha de divulgação, havia muitos/as interessados/as no serviço de cicloentrega, o que gerou aumento considerável no volume de serviço. O EES estabeleceu mais duas parcerias que estavam sendo conversadas há meses, mas que só se desenvolveram no contexto da crise: uma loja de orgânicos e um armazém de produtos naturais. Também entrou em contato uma emissora local de televisão solicitando entrevista sobre o aumento das entregas, a qual o grupo gentilmente concedeu.

Em junho de 2018, com o fim da crise, as entregas diminuíram. Por conta das dificuldades financeiras dos/as participantes e necessidade latente de geração de renda, eles/as deixaram de fazer as reuniões semanais, porém continuaram a realizar entregas esparsas que chegavam por contato direto com os membros (muitos/as consumidores/as tinham o telefone pessoal dos/as ciclistas e solicitavam entregas pontuais). Em outubro as reuniões foram retomadas, após comunicado do Departamento de Apoio à Economia Solidária da PMSC (DAES/PMSC) de que chegariam equipamentos e ferramentas comprados na época do convênio MTE/SENAES 761863/2011. Para recebê-los era preciso estar cadastrado como empreendimento ativo no município<sup>22</sup>.

Contudo, as reuniões tiveram como foco, além do cadastramento, o plano de negócios, que possibilitaria a entrada de novos membros e o estabelecimento de parcerias bem desenhadas. Com o cadastramento seria possível ocupar uma das salas do Centro Público de Economia Solidária, portanto o plano foi feito considerando essa oportunidade e também os equipamentos que seriam comprados por meio do convenio. A partir disso, foram discutidas novas propostas para o EES, tais como cicloturismo, oficina de manutenção, criação de aplicativo de entregas, entre outras.

Entre os meses de outubro e dezembro, as reuniões foram, no geral, mais reflexivas. Foi um momento em que todos/as estavam envolvidos/as com outras formas de geração de renda, o que deixava o EES em segundo plano. Uma das participantes, por exemplo, não frequentou nenhuma dessas reuniões porque estava exausta com as atividades do outro trabalho. Os diálogos traziam questionamentos sobre permanecer ou não com o EES, ao mesmo tempo que tentavam traçar um futuro. Era o começo do fim.

Em dezembro de 2018, os/as participantes se reuniram para fazer uma avaliação do ano. Todos/as se comprometeram a permanecer no EES e continuar com as atividades,

---

<sup>22</sup> O cadastramento exige que o grupo esteja comprovadamente ativo por meio de atas de reuniões, portfólio e participação regular no Fórum de Economia Solidária do município.

mesmo tendo envolvimento com outras formas de geração de renda. Foram pensadas novas parcerias, bem como maneiras de concretizar o desenvolvimento do aplicativo de entregas. A reunião terminou com a proposta de retomar as atividades já no dia 15 de janeiro.

Contudo, de janeiro a março de 2019, o grupo parou novamente as reuniões devido às demandas de geração de renda, encontrando-se apenas para uma reunião em março, com o objetivo de eleger a diretoria do EES. Apesar de inúmeros esforços para que se mantivessem ativos, os CicloPedaleiros deixaram de frequentar o Fórum de Economia Solidária do município, e depois da reunião de março pararam definitivamente as atividades. Por fim, salienta-se que durante todos os anos de vigência do projeto Pedal-Solidário, de 2015 até 2018, pesquisadora e professor-orientador estavam presentes na coordenação. Apresenta-se um resumo desse histórico na linha do tempo a seguir (Figura 10).



Figura 10 – Linha do tempo do Pedal-Solidário.

Fonte: acervo pessoal (2022).

## 6 – AS TRILHAS JÁ DEMARCADAS

Como forma de justificar essa pesquisa, parece imprescindível descrever a revisão de literatura feita. Com o objetivo de compreender o que já dispomos de investigação sobre o tema desse trabalho, iniciamos a revisão de literatura pelo site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Em todas as buscas restringimos os resultados entre 2014 e 2021. Para cada palavra ou combinação de palavras fizemos duas buscas, uma sem restrição além da data e outra acrescentando a restrição “assunto” à palavra ou palavras.

Inicialmente digitamos a palavra “bicicleta” e a plataforma retornou 323 resultados. Quando restringimos para assunto, retornou 82 resultados. A busca contendo as palavras “economia solidária” retornou 1.659 resultados e como assunto, 252. A palavra trabalho retornou 190.733 resultados e com a restrição, 7.863. A palavra “cicloentrega” não retornou resultados

Esses resultados mostraram a importância de delimitarmos as buscas ao assunto, pois nas pesquisas mais amplas foram encontrados estudos muito dispersos, alguns, inclusive, continham as palavras pesquisadas somente na bibliografia, ou citados no corpo do texto, porém, sem figurar como tema central das pesquisas identificadas em nossas buscas. Compreendemos, portanto, a necessidade de delimitar ainda mais a busca, uma vez que os resultados foram inconclusivos. Para tanto, realizamos combinações de palavras chaves da nossa pesquisa, priorizando os trabalhos que dialogavam com nosso tema e o nosso objeto de estudo.

Assim, com a combinação das palavras “economia solidária” e “bicicleta” a plataforma retornou 2 resultados, porém quando colocada a restrição assunto, não retornou nenhum. Os termos “economia solidária” e “trabalho” encontraram 1.109 resultados sem restrição por assunto e 36 documentos quando aplicada a restrição, sendo 22 dissertações e 14 teses. As palavras “educação” e “bicicleta” combinadas retornaram 47 resultados amplos e 3 restritos a assunto; desses, 2 dissertações e 1 tese. A última combinação que fizemos foi “trabalho” e “bicicleta”, encontrando 166 trabalhos sem restrição e apenas 1 com restrição por assunto.

Com a restrição, os trabalhos encontrados estavam dentro da nossa temática, ainda que abordando aspectos diferentes do que pesquisávamos. Por exemplo, quando elencamos a combinação de “economia solidária” e “trabalho” apareceram 1.109 resultados; contudo, ficou difícil encontrar resultados que tratavam de trabalho dentro da perspectiva da ES. Quando restringimos, tivemos acesso a 36 resultados, cujos temas principais eram: trabalho



de mulheres dentro da economia solidária; situação prisional; empresas ou fábricas recuperadas; cooperativas de catadores/as; sindicalismo; bancos comunitários; saúde mental; para citar alguns. Dentre esses resultados foi possível encontrar 5 trabalhos similares à nossa temática, ou seja, pesquisas que discutiram a ES como alternativa ao capitalismo e à situação de desemprego e miséria de parte da população. Desses trabalhos, 1 é tese (KUYVEN, 2016) e 4 são dissertações (MONTEIRO, 2016; FIGUEIRAS, 2014; LEITÃO, 2018; FAJARDO, 2014).

A dissertação de Figueiras (2014), na área de Ciências Sociais, discorre sobre as superações e limites da ES como alternativa à precarização do trabalho no Brasil, em especial no estado do Maranhão. O autor estudou, sob a ótica marxista, a diminuição do trabalho formal a partir da terceira revolução industrial e o advento de novas propostas no âmbito da ES para conter o desemprego, tais como as empresas autogestionárias, as fábricas recuperadas e os empreendimentos constituídos no Maranhão.

A referida pesquisa adotou uma perspectiva quantitativa e primou pela análise de dados oficiais, coletados ao longo de seis anos por meio da participação do autor junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho (UNITRABALHO) da Universidade Federal do Maranhão. Figueiras (2014) concluiu que a ES apresenta as bases para a superação do modo de produção capitalista, contudo salientou que pessoas envolvidas com essa nova forma de trabalho permanecem em condições desfavoráveis, reproduzindo a precarização por meio de trabalhos sem garantias, direitos, benefícios e com baixas remunerações.

A mais recente das dissertações, também da área das Ciências Sociais é de Leitão (2018). O autor utilizou método qualitativo e desenvolveu um estudo de caso, entrevistando mulheres que estavam envolvidas com ES há mais de cinco anos. Esse autor anunciou que a pesquisa teve como objetivo compreender como os referenciais ideológicos da ES auxiliam no cotidiano do trabalho associado. Leitão (2018) definiu categorias de análise dos discursos, que são: história do sujeito; participação do sujeito no empreendimento; processos de formação; e impactos do cotidiano às trabalhadoras associadas. Nas considerações, o autor comunica que os princípios da ES (autogestão, cooperação, entre outros) estavam presentes no cotidiano das entrevistadas, fazendo, inclusive, com que superassem as barreiras da ideologia capitalista (individualista, competidora, machista), ainda que esses elementos também estivessem presentes nos empreendimentos. Todavia, a pesquisa revelou que os EESs investigados ainda estão bem marcados pelo auxílio público federal, estadual e municipal, oscilando com as trocas de governo, o que causa fragilidade/instabilidade para os/as envolvidos/as.

Já a investigação de Fajardo (2014), desenvolvida na área da Engenharia de Produção, dedicou-se, por meio de metodologia participativa, a compreender elementos excludentes e transformadores da gestão realizada por trabalhadores/as fomentados/as pela prefeitura municipal de São Carlos no âmbito da ES. Segundo a autora, dentro da ES há mais elementos excludentes do que transformadores, representando desafios a serem superados na relação entre poder público e EESs.

Monteiro (2016), cujo estudo situou-se na área de Ciências da Linguagem, também analisou, por meio do discurso de pessoas envolvidas com a ES, os desafios e contradições da mesma no contexto capitalista, identificando-a como movimento de luta e resistência. O objetivo foi identificar rupturas com o individualismo latente do capitalismo. O autor utilizou como dados documentos oficiais do Movimento de Economia Solidária Brasileiro, tais como cartilhas, mas também entrevistou membros de empreendimentos, para apreender os significados das palavras “trabalho”, “autogestão” e “lucro” no contexto da ES. O autor concluiu a partir das respostas obtidas, que a ES não se configura como um novo modelo de produção, capaz de romper com as estruturas capitalistas, e sim como um movimento social em busca de desenvolvimento local, geração de renda e inclusão produtiva.

A tese doutoral de Kuyven (2016), na área de Sociologia, apresenta reflexões sobre os impactos da ES na geração de renda dos/das envolvidos/as em EESs. A coleta de dados foi feita de modo quantitativo, circunscrevendo 2.895 trabalhadores/as da ES das cinco regiões brasileiras. Por meio dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE) sobre o mercado de trabalho formal, produziu uma análise comparativa para compreender as diferenças entre trabalho formal e trabalho associativo no âmbito da ES.

O estudo seleciona perfis de pessoas (homem/mulher; negra/branca; escolarizado/sem escolarização); tipos de emprego (trabalhador/a rural; catador/a; trabalhador/a na área de serviços) e diferentes regiões para comparar dados. Por exemplo, “[...] um homem negro, agricultor familiar no Ceará, de baixa escolaridade, tem uma média de renda mensal de R\$336,35 no emprego formal e uma faixa salarial entre R\$554,86 e R\$764,86 na ES” (KUYVEN, 2016, p. 186). A partir de tal investigação, o autor concluiu que a ES, em comparação com o mercado formal, tem possibilidades de gerar melhor renda para segmentos menos favorecidos da sociedade, tais como negros/as; trabalhadores/as do campo e pessoas com baixa escolaridade.

Avançando na revisão, utilizamos os termos “educação” e “bicicleta” relacionados e encontramos 47 trabalhos na BDTD. Desses, 19 dissertações e 9 teses. Em

grande parte, os temas tratavam de desenvolvimento motor, programas de treinamento, obesidade, sedentarismo, treinos de força física e saúde. Apenas 3 trabalhos apresentavam temas parecidos com a nossa pesquisa, porém ainda diversa, sendo 2 dissertações de mestrado (SILVA, 2014; HEMPKEMEYER, 2016) e 1 tese doutoral (CARMO, 2017).

A dissertação de Hempkemeyer (2016), na área de Educação, entende a educação como processo contínuo e permanente, tendo como objetivo compreender o encontro de pessoas e bicicletas na relação com a cidade. A autora reflete sobre visões e narrativas que são produzidas por meio de múltiplas experiências sobre duas rodas. A metodologia utilizada foi a de pesquisa participante, ancorada em método qualitativo. A autora vivenciou diversos momentos e viagens de bicicleta, depois decidiu unir narrativas conhecidas e desconhecidas em sua dissertação. Para isso, abriu uma página em rede social virtual (o *Facebook*) e convidou pessoas para contar suas histórias. Os/as participantes, sabendo dos fins da pesquisa, deveriam publicar um texto com imagens nessa página. Depois, a autora reuniu essas narrativas no trabalho final, analisando como essas histórias se relacionavam com o pedalar nas cidades, seus perigos e prazeres. Conclui que a bicicleta é emancipadora e pedagógica, que opera na construção de sujeitos e de modos de vida, reinventando pessoas e lugares.

A pesquisa de Silva (2014), está situada na área de Educação, Arte e História da Cultura, tendo como objetivo principal a busca por compreender a utilização de bicicletas em uma cidade do interior do estado de São Paulo, Atibaia. O autor refletiu sobre o papel da educação ambiental e de trânsito na promoção de um trânsito mais seguro e sustentável. Como metodologia, utilizou o enfoque qualitativo, fazendo estudo de caso por meio de observações sistemáticas e entrevistas. Silva (2014) concluiu que, apesar do desconhecimento de itens de segurança obrigatórios para pedalar, ciclistas e motoristas conhecem os riscos e benefícios do uso da bicicleta. Há ainda um alerta sobre a necessidade de inclusão desses elementos (riscos e benefícios) no ensino escolar e não-escolar, por meio de parceria entre escolas da região, com possibilidade de incluir no currículo temas como educação ambiental com ênfase na educação para o trânsito seguro. Salienta, ainda, que isso pode incentivar o uso da bicicleta como meio de transporte.

A tese doutoral de Carmo (2017) busca compreender como o uso da bicicleta contribui para a construção de uma pedagogia emergente, defendendo que o pedalar possui grande potencial educativo. Essa tese está inscrita na área de Educação e o autor desenvolveu metodologia qualitativa com aporte na fenomenologia existencial. Os dados foram coletados por meio de rodas de conversas e diários de campo. O autor conclui que existem potencialidades no uso da bicicleta como elemento pedagógico no cotidiano das pessoas, bem como no contexto

de projetos socioeducativos, cujos sentidos e valores decorrem da epistemologia da bicicleta, como mais um dos conhecimentos possíveis no mundo.

O conjunto “trabalho” e “bicicleta” obteve 166 resultados, cujos temas principais eram: deslocamento para o trabalho de bicicleta; ciclovias; mobilidade universitária; testes físicos utilizando bicicleta; e programas de treinamento, entre outros. Alguns desses temas estão relacionados com a nossa pesquisa, tais como mobilidade urbana, mas não ao nosso principal objetivo, que é compreender a bicicleta como ferramenta de trabalho e não como meio de transporte ou lazer. Sendo assim, desses, apenas 1 trabalho nos pareceu similar. A dissertação de Paiva (2014) fez um estudo de caso sobre entrega de malotes realizadas com o uso de bicicleta dentro da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Essa dissertação objetivou compreender entregas de encomendas pequenas em área urbana restrita, substituindo veículo motorizado por um de propulsão humana. O estudo construiu diferentes cenários, filtrando variáveis contidas na problemática de distribuição e coleta de pequenas encomendas, com o objetivo de comparar operações com bicicleta e motocicleta. O autor concluiu que o emprego da bicicleta foi favorável em relação ao da motocicleta, ainda que se considere o peso das encomendas, pois as distâncias entres os pontos não eram superiores a 2km e o terreno era regular.

Quadro 2 – Resultado das buscas relacionadas aos termos consultados na BDTD.

Resultados	TESES	DISSERTAÇÕES
Termos consultados		
Economia Solidária e Trabalho	KUYVEN, 2016	MONTEIRO, 2016; FIGUEIRAS, 2014; LEITÃO, 2018; FAJARDO, 2014
Educação e Bicicleta	CARMO, 2017	SILVA, 2014; HEMPKEMEYER, 2016
Trabalho e Bicicleta		PAIVA, 2014

Após as pesquisas na BDTD, decidimos revisar a plataforma da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Igualmente, delimitamos, inicialmente, apenas os anos da busca, procurando por produções publicadas entre os anos de 2014 e 2021. Sendo assim, o termo “bicicleta” retornou 112 resultados, enquanto “economia solidária”, 102. Por sua vez, a busca pela palavra “trabalho” retornou 32.874; o termo “cicloentrega” não encontrou resultados, assim como os termos “economia solidária” e “bicicleta” combinados.

Devido à grande diversidade de temas, delimitamos ainda mais por meio da combinação dos termos de busca, de maneira semelhante à realizada junto à BDTD. Desta vez

não realizamos a busca por assunto. Com efeito, a combinação de “trabalho” e “economia solidária” retornou 38 resultados, sendo que 4 trabalhos são próximos à nossa temática (PRESTA, 2019; FERNANDES; DINIZ, 2018; FARIA, 2017; BENINI; BENINI, 2015; GAIGER; KUYVEN, 2020). Esses textos tratam da ES de forma ampla ou conceitual, por vezes também investigando as diferenças entre ela e a economia capitalista no âmbito do trabalho, da gestão de empreendimentos e da perspectiva de superação da miséria.

Presta (2019) discute o capitalismo atual e as novas formas de produção, distribuição e consumo, sustentadas por novas tecnologias. Segundo o autor, o advento dessas tecnologias, somado às alterações nas relações de trabalho (maior flexibilidade; menos encargos; maior autonomia de contratos), possibilitou o surgimento de um sujeito empreendedor. Essa nova forma de trabalho, ligada às tendências de transformação técnica e social, seria responsável por aprofundar a terceirização, uma vez que individualiza o trabalho e distancia os/as trabalhadores/as das lutas de classe, mascarando relações entre trabalho e capital.

De acordo com Presta (2019), as novas tecnologias trazem a ilusão do/da trabalhador/a como dono de seu próprio meio de produção e de seu destino, ou seja, o capital estaria se apropriando da ES para recriar a terceirização e a exploração do trabalho, beneficiando grandes grupos. Primeiro porque os pequenos produtores descentralizam as relações de produção e também parte da produção de bens consumíveis; e depois, porque atuariam como complemento do sistema capitalista e não como ruptura, regulando conflitos sociais gerados por desemprego e desigualdade, sob o ideal de autonomia e autogestão. Por fim, o autor argumenta que, sendo a ES um modelo ideal de superação do capitalismo, pode trazer dentro de si contradições difíceis de responder, contudo, poderia também trazer esperança para a construção de um mundo alternativo.

O trabalho de Fernandes e Diniz (2018) trata sobre os conceitos de descolonialidade e economia popular desde a América Latina. O autor e a autora discutem, por meio de revisão bibliográfica, os conceitos de outras economias e descolonialidade, tendo como objetivo analisar as contribuições teóricas dessas áreas, seus limites e possibilidades na construção de novas economias. Por fim, analisam que a ES reúne características de superação do modelo econômico hegemônico, pois discute temas transformadores como igualdade racial, sexual e social; autogestão; produção, circulação e distribuição igualitária de bens e produtos; crítica à economia capitalista sob o modelo neoliberal. Por fim, concluem que a economia popular tem possibilidades de incorporar a crítica ao atual modelo econômico e de criar as bases para emergência de outra economia, pautada na solidariedade.

A autogestão é o tema do ensaio de Faria (2017), que procura reafirmar a distinção entre autogestão e experiências de gestão que contenham características autogestionárias. O autor compreende que essas experiências, dentro do capitalismo, podem ser conceituadas como Organizações Coletivas de Produção Associada (OCPA), atuando como unidades no sistema de capital, embora possam, em alguma medida, representar certa resistência ao capitalismo. Com isso, afirma que as OCPA, segundo o seu modo de funcionamento, não podem ser consideradas superação ao modelo econômico vigente, pois as propostas da ES nem sempre atuam com modelos autogestionários.

Faria (2017) ainda afirma que as OCPA são unidades no sistema de capital quando disputam mercados para comercialização de mercadorias, submetendo-se, assim, às regras capitalistas. Dessa forma, essas organizações podem encontrar-se inteiramente inseridas, dependentes ou complementando o sistema de capital. De maneira distinta, a autogestão refere-se a um processo de rompimento e superação do capitalismo e, portanto, não está vinculada a ele sob nenhum aspecto. Significa a consolidação de um novo modo de produção dominante, onde há, por parte dos/as trabalhadores/as, o controle direto da gestão do trabalho, no que tange elementos econômicos e político-ideológicos. A autogestão, nessas bases, seria uma abstração, constituída por meio da negação da heterogestão. O autor pretende, com essa distinção conceitual, favorecer análises críticas mais profundas da sociedade, que possam guiar práticas de transformação do capitalismo.

O trabalho de Benini e Benini (2015) faz uma reflexão sobre o trabalho associado. O autor e a autora dizem que as cooperativas estão inseridas no capitalismo, estando, portanto, condicionadas à competição. Por conta disso, a falta de equipamento e tecnologias poderia ser uma desvantagem na disputa com empresas capitalistas, desfavorecendo a ES. Além disso, o Estado como mecanismo de controle de uma classe sobre a outra, é quem estaria pautando o trabalho associado por meio de leis e acordos, seguindo seus próprios interesses políticos e financeiros. Nas conclusões, autor e autora afirmam que a ES somente ganharia impulso e causaria rupturas quando viesse a convergir com necessidades históricas de superação da alienação, para além da geração de trabalho e renda.

Gaiger e Kuyven (2020) escrevem sobre questões interpretativas e conceituais relacionadas à economia solidária nas duas últimas décadas. O artigo analisa estatísticas nacionais, buscando compreender onde a ES está situada dentro das formas coletivas de organização socioeconômica. O objetivo é discutir quatro pontos centrais da economia solidária: múltiplas vertentes da solidariedade econômica; tipos e lógicas instituintes; o papel motor das aspirações; trajetórias de vida e trabalho. O artigo concluiu que a ES é multifacetada,

pois ela é: uma construção política-ideológica; um alvo de ações das políticas públicas; e também um conjunto de organizações econômicas populares. Porém, a interpretação brasileira sobre a ES tende a unificá-la politicamente e conceitualmente, gerando problemas, inclusive, por causa da dimensão do país e das múltiplas trajetórias e experiências.

Ao realizar a busca utilizando as palavras “educação” e “bicicleta” conjuntamente, encontramos 6 resultados, sendo apenas 1 relacionado ao nosso tema de investigação (GONÇALVES JUNIOR *et al*, 2016). Os termos “trabalho” e “bicicleta” juntos retornaram 24 resultados, mas nenhum tinha relação com a nossa pesquisa.

O trabalho de Gonçalves Junior *et al.* (2016) teve como objetivo identificar processos educativos em uma das ciclovagens de pessoas envolvidas no “Projeto de Educação Ambiental e Lazer”. Os/as pesquisadores/as viajaram pela Rota das Emoções, no Brasil, fazendo registros em diários de campo que depois foram submetidos à redução fenomenológica. A pesquisa identificou processos educativos relacionados ao saber técnico do uso de bicicletas; a aspectos geográficos; atitudes de empatia e solidariedade entre membros do grupo e, também, entre estes para/com as pessoas das comunidades locais; à tomada de decisões coletivas e resoluções de conflitos. O estudo concluiu que a utilização da bicicleta possibilita a sensibilização de pessoas para relações sociais, políticas e ecológicas mais equilibradas, podendo favorecer ações educativas escolares e não escolares.

Quadro 3 – Resultado das buscas relacionadas aos termos consultados na SciELO.

TERMOS CONSULTADOS	ARTIGOS
Economia Solidária e Trabalho	PRESTA, 2019; FERNANDES; DINIZ, 2018; FARIA, 2017; BENINI; BENINI, 2015; GAIGER; KUYVEN, 2020
Educação e Bicicleta	GONÇALVES JUNIOR <i>et al.</i> , 2016
Trabalho e Bicicleta	Sem resultados relevantes

A presente revisão de literatura justifica a necessidade de pesquisas no campo da ES e da Educação, que tenham como objeto de estudo o trabalho. A junção dessas três áreas tem a potência de compreender que a atividade humana de produção e reprodução da vida, cerne do capitalismo, não pode se configurar apenas como uma alternativa de geração de renda aos menos favorecidos, seja ela qual for, justa ou ainda mais precária. O trabalho é, antes de mais nada, a própria ruptura, por meio dele é possível engendrar modelos econômicos que trarão bem estar não só para uma parcela ínfima da sociedade, mas sim para toda ela. O trabalho, em sua estrutura e consequências é o que une bilhões de desconhecidos.

## 7 – O ROTEIRO: METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa<sup>23</sup> adotamos método ancorado em abordagem qualitativa de pesquisa. Nesta perspectiva, o ato de pesquisar é o de dar voltas em torno do fenômeno investigado, cuja intencionalidade é buscar uma compreensão possível, dado que todo fenômeno é perspectival. Nas palavras de Garnica (1997):

Já aí, nas abordagens qualitativas, o termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador (p. 2).

Optando por compreender o contexto estudado em suas minúcias realizamos inserção cuidadosa e atenta junto ao EES CicloPedaleiros respaldada pela pesquisa participante (STRECK; ADAMS, 2012). Desde essa perspectiva, emerge a apreensão de que o ato de fazer pesquisa deve voltar-se para o ‘fazer com’ a população e não ‘fazer para’ ou ‘fazer sobre’ as pessoas que contribuem com a investigação (OLIVEIRA *et al.*, 2014a). Significa também adotar postura ativa, convivendo, dividindo tarefas, participando dos diálogos. O/a pesquisador/a faz parte tanto quanto a comunidade, colocando seus próprios conhecimentos em diálogo.

A inserção junto aos/às participantes do empreendimento foi registrada em diários de campo, conforme preconizado por Bogdan e Biklen (1994), o que possibilitou o registro dos aspectos descritivos da experiência, bem como a explicitação da dimensão reflexiva acerca do fenômeno observado. O objetivo da parte reflexiva é melhorar a descrição das notas e explicitar que existe um sujeito pesquisador/a que interpreta o fenômeno, avalia as situações e reflete acerca dos acontecimentos observados e vividos em campo. Essa parte foi destacada do texto e recebeu a indicação “C.O.”, que significa “comentários do/a observador/a” (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

No contexto desta pesquisa trazemos a análise de dezessete diários de campo, confeccionados a partir de nossa participação nas reuniões de avaliação e planejamento do grupo. Acompanhamos os CicloPedaleiros de março de 2018 a março de 2019, auxiliando nas tarefas diárias, como verificação de rotas, busca por parcerias, manutenção das bicicletas, entre outras, e participando também do serviço de entregas. Optamos por fazer a coleta de dados

---

<sup>23</sup> Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos sob o número CAAE 02939518.9.0000.5504.



apenas nas reuniões, pois nesses momentos o grupo avaliava e refletia acerca dos acontecimentos e planejava atividades, portanto, todas as ações do EES passavam pelos diálogos nas reuniões.

Os encontros, em princípio, deveriam ocorrer semanalmente, porém, em alguns momentos o grupo se reuniu mensalmente e tiveram, também, períodos de pausa. Tal contexto decorreu da própria demanda de serviços e interpretação da necessidade de reuniões definida pelos/as CicloPedaleiros. A tabela a seguir (Quadro 4) apresenta a frequência dos/as participantes nas reuniões:

Quadro 4 – Lista de frequência nas reuniões do EES.

Participantes \ Reuniões	Adriano	Andréia	Benedito	Fernanda	Leandro	Odair
22/03/2018		X		X	X	X
27/03/2018		X		X	X	X
03/04/2018		X		X	X	X
10/04/2018		X		X	X	
23/04/2018		X		X	X	X
08/05/2018		X		X	X	X
29/05/2018	X	X	X		X	X
05/06/2018	X	X	X	X	X	X
10/10/2018	X	X	X		X	X
17/10/2018		X			X	X
24/10/2018	X	X	X			
31/10/2018	X	X	X			X
07/11/2018		X	X		X	X
21/11/2018	X	X			X	
05/12/2018		X	X		X	
19/12/2018	X	X	X		X	X
27/03/2019	X	X	X		X	X

Após cada intervenção, ao chegar em casa, em silêncio e sem ter discutido o ocorrido com qualquer pessoa, o texto principal era redigido. Depois de pronto, conforme íamos lembrando das situações, sozinhos/as ou em conversas com os/as demais participantes em intersubjetividade, acrescentávamos informações aos diários. Por fim, foram feitas revisões e,

durante esse processo, quando novas lembranças surgiam eram acrescentadas ao texto principal.

Durante as oito primeiras intervenções, gravamos apenas trechos do diálogo nas reuniões, na maioria relatos, que foram feitas utilizando aparelho celular. Nesses diários registramos também fragmentos de falas que circularam por meio do aplicativo de mensagens, utilizado pelo grupo para se organizar nos intervalos das reuniões. Esses trechos foram transcritos considerando que poderiam explicitar conteúdos nebulosos discutidos nas reuniões ou que traziam elementos complementares para a construção dos diários.

A partir do nono diário, decidimos gravar as reuniões, o que possibilitou que houvesse acesso às falas dos participantes na íntegra. Nesse caso, a análise foi feita por meio da escuta dos áudios das reuniões, que fizeram emergir trechos significantes e que posteriormente foram transcritos e acrescentados aos diários. Esse trabalho foi refeito inúmeras vezes. Também, como o grupo já estava bastante coeso, em alguns casos foram compartilhados vivências e sentimentos íntimos que, por questões éticas, não aparecem nos dados.

Na transcrição dos trechos selecionados, fizemos algumas escolhas de redação. Por exemplo, é comum falarmos “boa noiti” ao invés de “boa noite”, ou seja, isso não é uma característica específica de um/a dos/as participantes e sim algo que é geral na forma como expressamos a língua portuguesa. Essas palavras, que geralmente suprimimos partes ou trocamos o “e” pelo “i”, foram transcritas tal como está previsto na norma ortográfica. A palavra só foi escrita da forma como foi pronunciada quando sinalizava uma característica do/a participante, como “cê”, “tá”, “nóis”, entre outras. Do mesmo modo, todos os vícios de linguagem permaneceram nas transcrições, como o uso da palavra “tipo”.

Em relação aos valores numéricos ditos pelos/as participantes, optamos por transcrevê-los por extenso para evitar que fossem lidos de forma distinta ao que foi dito. Por exemplo, “1,5” poderia ser lido como um e cinquenta; um virgula cinco; ou um e meio. Para evitar confusões, portanto, estão transcritos da forma como foram ditos.

Os diários seguem a mesma formatação, tendo no topo a contagem por meio de algarismos romanos, seguida de cabeçalho indicando a data, horário e local da reunião e os/as participantes presentes. Algumas reuniões duraram 20 minutos, como no caso da IX, outras quase 2h, conforme VII, por exemplo. A duração de cada reunião era determinada pelo número de pautas, informes do dia e a extensão dos diálogos empreendidos.

Ressaltamos a opção de, na descrição contida nos diários, fazer referência à investigadora pelo seu próprio nome: Andréia. Consideramos que dessa forma poderíamos tornar a leitura mais clara, impedindo certos equívocos, como por exemplo: após um trecho

transcrito, a frase “eu propus a próxima pauta” poderia sugerir que a pessoa que havia falado anteriormente indicou a pauta e não a pesquisadora. Contudo, usamos a primeira pessoa do singular nos comentários da observadora e nas falas transcritas para manter o conteúdo inalterado. Por responsabilidade ética, todos os outros nomes que aparecem nos diários são fictícios, escolhidos pelos/as próprios/as participantes. Pelo mesmo motivo, também não nomeamos lojas, empreendimentos, assentamentos, emissora de televisão (a qual fornecemos entrevista), entre outros.

Nos apêndices é possível ter acesso aos dezessete diários na íntegra, bem como à análise realizada. A intencionalidade deste procedimento foi direcionada para o acolhimento da complexidade inerente à experiência investigada. Deste modo, nossa inspiração na análise fenomenológica buscou desvelar a compreensão dos/as envolvidos/as no processo sobre o fenômeno estudado, (re)afirmando nosso caminhar intersubjetivo no fazer ciência. Garnica (1997) destaca:

Consideremos, entretanto, que a análise fenomenológica não se encerra na descrição do subjetivo, como poderiam argumentar alguns. A mediação pela linguagem, sempre presente, e o “vivercom” – intersubjetivo – permitindo a compreensão e interpretação de um discurso que não é o nosso próprio, colocam a análise conduzida pela fenomenologia como abrangendo o histórico e o social, pois encontros e mediações ocorrem temporal e contextualizadamente (p. 116).

Após a coleta de dados, iniciamos a análise, marcada pela realização da redução fenomenológica, exercício que compreende a análise ideográfica e nomotética. A primeira implicou em diversas (re)leituras de nossas fontes de dados (diários de campo) realizadas à luz do objetivo proposto para a pesquisa. Essas releituras possibilitaram destacar textualmente as chamadas unidades de significado. Conforme Martins e Bicudo (1989):

[...] como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, torna-se necessário dividi-lo em unidades. [...] as unidades de significado são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado [...] também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (p. 99).

Os diários foram organizados em ordem cronológica, sendo mais antigo o primeiro (I) e o mais recente o décimo sétimo (XVII), enquanto as unidades de significado (US) foram anotadas com números arábicos (1, 2, 3 etc.), sempre reiniciando a contagem do número um em cada distinto diário de campo. No decorrer da análise citaremos algumas unidades de

significado e ao final, entre parênteses, indicaremos primeiro o diário em que ela foi registrada e depois o número correspondente à US. Por exemplo, “IX-19”, significa o trecho corresponde à décima nona unidade de significado do nono diário de campo.

De maneira interdependente à análise ideográfica, fizemos a análise nomotética, que consiste na identificação de convergências (as quais expressam alinhamentos e aproximações acerca das compreensões que os/as colaboradores/as da pesquisa comunicam) e/ou divergências (indicam pontos de vista contrários entre uma, ou mais unidades de significado) entre as diferentes unidades de significado que foram destacadas (GARNICA, 1997; MARTINS; BICUDO, 1989; GONÇALVES JUNIOR, 2021).

Diante de convergências ou divergências entre as unidades de significado, ou ainda idiossincrasias (posições individualizadas), foram criadas categorias temáticas que indicaram os processos educativos decorrentes da prática social da cicloentrega. As categorias analíticas expressam o núcleo de significações que captamos dos discursos e registros constantes nos diários de campo. No percurso traçado pelo método de inspiração fenomenológica, as categorias emergem autenticamente no momento das análises (ideográfica e nomotética), ou seja, a posteriori, não havendo pré-indicações temáticas a priori.

A Matriz Nomotética (Quadro 5), organiza os diários verticalmente, em colunas, e as categorias horizontalmente, em linhas. A intersecção entre as linhas e as colunas identifica as unidades de significados e sua correspondência a determinada categoria, seja como convergência (apresentação apenas do algarismo arábico) ou como divergência (quando o algarismo está acompanhado da letra “d”).

Da análise empreendida, construímos as seguintes categorias: A) É bão usar o capacete, viu, numa hora dessa salva; B) Eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento de economia solidária; e C) Precarização é a palavra do ano. Os títulos atribuídos às categorias foram extraídos das falas dos/as participantes. Segue a Matriz Nomotética (Quadro 5):

Quadro 5 – Matriz Nomotética.

<div style="text-align: center;">Categoria</div> <div style="text-align: left;">Diário de Campo</div>	A) É bõ usar o capacete, viu, numa hora dessa salva	B) Eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento	C) Precarização é a palavra do ano
I	1, 4, 9, 11, 12, 13, 14d, 15d, 16, 18, 19d	2, 10, 17	3, 5, 6, 7d, 8, 20, 21
II	2, 3, 9, 10, 11	1, 4, 5, 8	6, 7, 12
III	1, 2, 3, 5, 11, 13, 14, 15d, 17, 19, 25	24d	4, 6, 7, 8d, 9, 10, 12, 16, 18, 20, 21d, 22, 23d
IV	1, 2d, 3, 5, 6, 7, 8d, 9, 10, 11, 14		4d, 12d, 13
V	2, 3d, 4, 5, 6, 7, 13	8, 10	1d, 9, 11d, 12
VI	1, 2, 10, 11, 12, 13, 15, 16d, 17	4d, 6	3, 5, 7d, 8, 9, 14d
VII	1, 8, 9, 10, 12, 14d, 16, 17, 20d, 23d, 24, 29, 31, 34d, 35, 36, 37, 38	2, 5, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 30, 33	3d, 4d, 6d, 7d, 11, 13d, 15, 18, 32d
VIII	2, 8, 9d, 10	1, 3d	4d, 5, 6d, 7, 11d, 12, 13, 14d
IX	13, 17, 20, 21, 30, 31, 34	2, 3, 4d, 5, 6d, 7, 8d, 10d, 12, 16, 18, 19, 22, 23d, 27, 28, 29, 35, 36	1d, 9, 11d, 14d, 15, 24d, 25, 26, 32, 33, 37
X	3d, 4d, 9, 11, 16, 19	1, 2d, 5d, 6d, 13, 15d, 18	7, 8, 10, 12, 14, 17, 20d
XI	3, 6d, 7d, 12d, 17, 18	1d, 2, 14, 16d	4, 5d, 8, 9, 10, 11, 13, 15
XII	1, 2, 3, 9, 13, 14, 18, 19d, 21, 24, 25	5, 6d, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 20, 22	4, 8, 11, 23, 26
XIII	1, 2, 5, 7, 9, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 47	3, 4, 6d, 8, 10, 14, 16d, 22, 25, 28d, 30d, 38, 40, 41d, 42d, 43, 44, 45d	18, 27d, 34, 46
XIV	1, 2, 7, 12, 14, 16, 18, 26, 27	3, 9, 11, 15, 17	4, 5, 6, 8, 10, 13, 19d, 20d, 21, 22, 23, 24, 25, 28d
XV	5, 10, 11, 13, 18, 19d, 20, 22, 24, 25	1d, 3, 8, 23	2, 4, 6, 7, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 21
XVI	1, 3, 4, 8, 11, 12d, 15, 20, 23, 24, 25, 26, 27	2, 5, 7, 13, 18d	6, 9, 10, 14, 16, 17, 19, 21, 22
XVII	13d, 17d, 20, 24	1d, 2d, 3, 4d, 6d, 8, 10, 11, 12, 16, 19d, 22, 23, 26d	5d, 7d, 9d, 14, 15, 18, 21, 25

## 8 – CICLOVIAGEM: CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

### A) É bñ usar o capacete, viu, numa hora dessa salva

As notas registradas explicitaram relações cotidianas dialógicas entre os/as participantes do EES CicloPedaleiros, cujas atitudes e falas foram, em grande medida, pautadas em processos educativos de solidariedade, cooperação e cuidado com Outrem, conforme previstos na ES (SINGER, 2002). Relações dialógicas pressupõem horizontalidade entre todos/as, cujo envolvimento promove espaços acolhedores de fala e escuta. É estar atento a si mesmo e a Outrem em exercÍcio de subjetividade, compartilhando responsabilidades, afazeres e reflexões.

No inÍcio das atividades, quando o EES ainda era um projeto, os/as participantes nñ se conheciam muito bem, contudo ao longo do tempo foram aprofundando laços de confiança e carinho e transformando as relações. Por exemplo, um dos participantes do grupo, Leandro, nasceu no mÊs de maio, e acabamos por marcar uma das reuniões no dia do aniversÁrio dele, sem, contudo, nos lembrarmos da data festiva. Todavia, a participante Fernanda lembrou-se e nos preparou uma surpresa:

Andréia perguntou se os/as participantes tinham informes. Fernanda informou que era aniversÁrio de Leandro e, enquanto tirava os quitutes da bolsa, disse que havia preparado bolo com suco para comemorarmos. Todos sorriram. C. O.: foi surpreendente! Leandro ficou muito feliz e eu me emocionei com o gesto de carinho. Odair expressou um “Oloco, que legal” que demonstrava todo o seu contentamento com a atitude de Fernanda. Ela também pareceu orgulhosa com a reação de todos/as, disse que passou a tarde fazendo o bolo e preparando a surpresa (VI-1).

Conforme fomos aprofundando esses laços, percebemos que as pessoas se sentiam seguras para compartilhar sentimentos e emoções, como Leandro ao relatar o acidente de sua namorada. Leandro nos contou que Laura nñ tinha muita experiÊncia em pedalar e sentia certo receio, porÊm ele a estava incentivando a usar mais a bicicleta. Em um dia que os dois estavam pedalando juntos, um carro virou a rua em alta velocidade e atropelou Laura, que ficou ferida e teve sua bicicleta partida ao meio. Ao fazer o relato, Leandro estava bastante abatido, pois se sentia responsÁvel pelo acidente, mas logo os/as demais participantes o confortaram com dizeres carinhosos e ofertas de ajuda.

Em outro momento, Odair teve sua bicicleta roubada dentro de casa, e antes de informar a polÍcia mandou mensagem ao grupo pelo aplicativo de conversas. comunicando o evento. Isso demonstra que Odair compreendia o EES como um lugar de apoio e acolhimento,

onde pôde buscar ajuda numa hora difícil. A mensagem foi a seguinte: “Bom dia pessoal, então, minha bicicleta foi furtada, viu, roubaram ela aqui dentro do quintal, pularam o muro, acordei agora, ainda cuei o café de manhã, era umas seis e meia, então, eu tô avisanu, tá bão?” (VI-11). Depois outras pessoas se manifestaram enviando áudios carinhosos e se oferecendo para ajudar nas buscas. Passado um tempo ele respondeu: “[...] eu tô, eu tô, tô muito triste, chorando muito, eu tô fazenu umas oração lá no serviço, duas aqui em casa, entendeu, pra ver se encontra a minha bike né” (VI-13).

Durante as reuniões e tendo em conta o ambiente saudável criado pelas relações dialógicas, os/as participantes puderam, de maneira respeitosa, expressar visões políticas. Estávamos em um período de efervescência política no Brasil, por causa das eleições que haviam ocorrido em outubro e que elegeram um candidato polêmico, sobretudo por representar a ala mais conservadora do país. Em muitos grupos os debates políticos foram acalorados, incluindo espaços familiares, por exemplo. Discutir política de maneira tão respeitosa e tranquila criou um ambiente seguro para que pudéssemos dialogar sobre essa pauta controversa, fazendo emergir processos educativos de pertencimento político e fomentando nossa reflexão crítica.

Em uma das conversas sobre política, Benedito trouxe uma ponderação sobre as pessoas que se dizem apolíticas, termo recorrente naquele momento. Comentou que em uma das conversas que teve com um amigo sobre isso, compreendeu que não se manifestar politicamente poderia gerar problemas. Benedito continuou dizendo “[...] mas [se] a gente não faz nada, a gente, de alguma forma, tá fazendo a manutenção daquilo, tá de acordo com aquilo. Ser apolítico, assim, de alguma forma você está colaborando para a manutenção disso, entendeu? Conivente, acho que foi essa a palavra” (XV-20). Leandro disse:

‘Eu acho que, pelo menos pra mim, a universidade pública abriu vários horizontes diferentes, várias coisas que eu nunca tinha escutado falar mesmo. Eu acho muito engraçado como a gente, às vezes, passa por momentos, eu por muitos anos, eu me julguei muito apolítico mesmo, mano, não tava nem aí pra nada, aí eu não sei em que momento, foi um momento de virada, que tipo, eu achei que tomei conhecimento do mundo suficiente para não se manter neutro, assim, o tempo inteiro, sabe?’. Andréia perguntou se tinha a ver com a entrada na universidade e Leandro respondeu: ‘eu acho que ela expandiu meu horizonte, mas acho que um pouco antes eu já vinha aumentando o meu leque, abrindo meu horizonte mesmo’ (XV-18).

Certa vez fizeram um protesto quando Andréia anunciou a palavra “[...] bancada [de manutenção de bicicletas]. Benedito disse ‘bancada ruralista’ e Adriano respondeu ‘não

queremos’. Rimos. Andréia disse que essa não queríamos mesmo” (XIII-31). E houve diálogo sobre a política nacional, quando o grupo demonstrou apreensão em relação ao futuro:

Benedito perguntou o que tínhamos achado do novo presidente. Odair disse ‘tinha uma muié falando na episcopal ‘graças a Deus’ e eu falei assim ‘vamo vê o que ele vai fazer, né? Se ele vai fazer coisa boa’, porque disse que ele não gosta de preto, não gosta de traveco’. Benedito disse ‘ele só gosta de dinheiro’ e Adriano completou ‘e de poder’ (XII-2).

As relações, quando dialógicas, abrem espaços também para diversão, o que deixava o clima dos encontros amistoso. Entendemos que o ato de brincar com Outrem não deve inferiorizar ou salientar aspectos físicos, culturais ou intelectuais, entre outros, de maneira irônica e com o intuito de discriminar. Brincadeiras dialógicas são atos de amizade, entretenimento e respeito. Por exemplo, as reuniões estavam sendo gravadas por meio de um aparelho celular; então quando precisavam migrar de um espaço a outro, Andréia o levava junto. Quando fomos conhecer as salas do DAES para ver em qual delas poderíamos instalar o EES, “Andréia levantou e pegou o celular. Odair questionou ‘vai continuar gravando?’ e Benedito brincou: ‘ela vai filmar a gente agora, nossa reação’” (XII-13).

Em outra situação, o grupo também brincou com as gravações. Andréia precisou se ausentar da sala, e antes de sair alertou os/as demais que o celular já estava gravando. “Enquanto foi até a cozinha, Adriano brincou com a situação contando uma fofoca falsa sobre ela. Todos riram. Nesse momento o galo da vizinha cantou fazendo o riso virar gargalhada” (XII-1). Contudo, para além da brincadeira, houve um dia que Odair surpreendeu perguntando “[...] se poderia gravar [também], pois ele queria ouvir a própria voz. Leandro e Andréia responderam que sim. Andréia acrescentou que se ela podia gravar o seu Odair, ele com certeza poderia gravar ela” (X-9).

Odair ligou o gravador do seu celular e ficou segurando perto da boca das pessoas. Todos/as riram. Andréia disse que ele poderia apoiar o celular na mesa, pois a sala não tem ruído e a captação de áudio fica boa. Ele apoiou, mas de tempos em tempos apertava o botão para ver se estava mesmo gravando (XI-3).

No fim da reunião, “Odair pediu a Benedito que o ajudasse a salvar o arquivo de áudio que acabara de gravar e ele respondeu que ajudaria” (XI-18). A atitude de Odair representou o que denominamos ampliação de mundo, ou seja, algo que até então não fazia parte do contexto de vida de alguém e passou a fazer. Odair, até então, nunca tinha usado o gravador e nem escutado sua própria voz gravada, mas aprendeu que isso era possível a partir da convivência com o grupo.



As relações, quando dialógicas, fazem com que coloquemos nossos limites, saberes e conhecimentos em diálogo, o que pode contribuir para expandir nossas concepções sobre a realidade. Também nos fazem ampliar o repertório de possibilidades, escolhas e alternativas para agir na sociedade. Foi assim quando aprendemos um jeito diferente de nomear as ruas da cidade:

Conversamos um pouco mais sobre Odair, Andréia comentou que ele deve ficar aflito em relação aos endereços, pois ela acredita que ele tem dificuldades para ler. Leandro contou que acha curiosa a forma como ele salva as rotas na memória e fez o relato de um dia em que precisava passar um endereço de entrega para Odair e conforme ia falando as ruas, ele as reconhecia do seu próprio modo, como ‘essa é rua que a minha mulher comprava presunto’, ‘lá onde o ciclista passou por mim na contramão’, ‘onde congelava os mortos’, ‘na rua que tem a loja que lava cachorro’. Leandro finalizou dizendo: ‘acho essa forma fantástica’ (IV-11).

Odair nunca disse que não sabia ler, ao longo dos encontros, em atividades que exigiam leitura, percebíamos que ele sempre se poupava. Quando chegávamos a alguma esquina e pedíamos para ele ler o nome da rua, travava e arrumava um motivo qualquer para não decifrar a placa. Uma vez ele pediu à Andréia para ler uma mensagem que um amigo havia enviado a ele no celular, e, em outro momento, para que ela anotasse uma informação no papel para ele entregar à esposa. Mesmo sem saber se conseguia ou não ler, o grupo foi se adaptando à maneira como ele descrevia os endereços, explicando-os por meio das histórias sobre as ruas. Nunca conversamos ou combinamos nada disso, aconteceu. Odair nos ensinou a ler o mundo de outras formas.

Em certa ocasião precisávamos nos reunir no NuMI-EcoSol, e enquanto combinávamos os detalhes, “Odair perguntou: ‘O NuMI ééééé....?’ e Andréia respondeu: ‘lá onde encontramos o senhor na ponte do lago e subimos juntos’. Odair lembrou onde era e agradeceu” (XIII-9). No dia em que nos contou sobre um acidente que sofreu (descrito mais adiante), identificou as ruas da seguinte forma: “Eu sofri o acidente numa rua pra trás do cartão de todos<sup>24</sup>, ali o, ali perto do PROCON [Programa de Proteção e Defesa do Consumidor], é o PROCON. A mão que desce, a pessoa pegou eu ali, eu vim sentido, sentido parquinho da, o parquinho da casa de saúde” (V-5).

Em todos esses diálogos sabíamos quais eram as ruas a que ele estava se referindo, e quando precisávamos passar algum endereço a ele, nos referíamos a elas da mesma forma. Contudo é interessante notar que essa comunicação, construída coletivamente e

---

<sup>24</sup> Nome do produto de uma empresa que fornece descontos em farmácias, consultas médicas, gás, entre outros produtos e serviços.

acessível para os/as participantes do EES, seria ininteligível para pessoas de outros contextos. Por exemplo, combinamos de fazer uma reunião no DEFMH/UFSCar, e ao indicar o lugar “Odair perguntou ‘onde a gente foi a primeira vez que não era lá?’, Andréia disse que não, falou que era perto do lago e Odair indagou ‘que furou o pneu perto ali, né?’, Leandro afirmou que sim, era ali e Odair entendeu” (XVII-24).

Sabíamos que o lugar a que fomos a primeira vez, mas que não era lá, é o ginásio da UFSCar. Isso porque na primeira vez que fomos ao NuMI-EcoSol, encontrando dificuldade de orientar os/as participantes, Andréia sugeriu de nos encontrarmos no ginásio e seguirmos juntos/as para o núcleo. E o pneu de Odair furou em frente à escada do restaurante universitário, que fica próximo ao lago e também do DEFMH.

Aprender essa forma de comunicação distinta não significa que nos educamos só para conversar com Odair, embora isso seja uma consequência. As histórias sobre as ruas possibilitaram a compreensão de que não existe apenas uma maneira de se comunicar e referir-se às coisas da vida, existem diversas, e outras ainda poderiam ser criadas. Essa ampliação de mundo possibilita que sejamos criativos na resolução dos problemas.

Por conta da dificuldade de leitura, em dada ocasião, Odair demonstrou seu incômodo com os escritos enviados no aplicativo de conversas. Em tal aplicativo é possível mandar mensagens em formato texto ou áudio. No decorrer das atividades, fomos privilegiando o áudio apoiando a necessidade de Odair, mas em alguns momentos esquecíamos e acabávamos conversando por texto. No fim de uma das reuniões, Odair se manifestou dizendo:

‘Escrever é ruim, né? Eu acho que fica escrevendo um monte de coisa, cê vê, eu pegava tudo escrito, mas não tava entendendo quem que era, eu vejo que num falavam assim escrito ‘vai rolar’, acho que era ele (e apontou para o Benedito), era 166 o telefone, é mais melhor em áudio, eu acho bonito quando a Andréia fala em áudio ‘Odair dá pra fazer essa entrega? É quatro entrega’. Eu acho melhor, dá pra entender e você entender, eu também, né? Eu não sei bem escrever, não’. Leandro disse: ‘Nos assuntos mais específicos a gente manda um áudio, seu Odair’. Benedito completou: ‘Eu acho mais fácil também, então a gente manda só áudio’. Combinamos, mais uma vez, de só mandar áudio (IX-34).

Ampliar o mundo significa também se educar a respeito de algo desconhecido, como quando Adriano estava redigindo a ata da reunião e perguntou: “[...] isso é pauta ou é informe?”. Andréia disse que era pauta, pois tínhamos que tirar encaminhamentos; informe era quando não precisava encaminhar nada” (XIV-18). Sobre os mapas que deveríamos ter disponível no EES, “Leandro perguntou qual seria a diferença entre o mapa da cidade e um mapa turístico. Andréia comentou que o mapa da cidade descrevia ruas e bairros, enquanto o

turístico marcava os pontos mais interessantes para se visitar” (XIII-21). E a respeito dos equipamentos:

Leandro leu o papel e perguntou: ‘Ciclocomputador? O que é ciclocomputador?’. Adriano respondeu: ‘Ah, é tipo um GPS pra bike, marca velocidade, distância, é não é um GPS, tem aquele, é aquele, sabe aquele pequenininho que você coloca o sensor no pedal? Aí cada volta ele marca, ele marca distância, velocidade, mas os mais modernos têm mais coisas, né?’. Benedito complementou: ‘tem odômetro, marca velocidade média’ (XIII-12).

Além disso, ampliar o mundo pode educar para novas possibilidades. Conversando sobre um EES de cicloentrega da cidade de São Paulo, decidimos abrir o site deles para conhecer um pouco mais do trabalho. Andréia disponibilizou o computador e juntos/as fomos lendo as descrições e vendo os vídeos disponibilizados pela página. Porém, o que mais chamou a atenção foram as diferentes formas de transportar os produtos, que também poderiam ser implementadas pelos CicloPedaleiros:

Nas fotos aparecia uma bicicleta equipada com caixa na frente, algo que nunca havíamos pensando em fazer. Também notamos que levavam os produtos: amarrado às costas com rede de moto; no suporte da frente ou de trás; carreta acoplada, entre outros. Adriano disse que eles estavam começando a projetar bicicletas específicas para entrega, com carreta integrada. Também vimos uma bicicleta elétrica alimentada por painel solar fixo entre o banco e o bagageiro (XIV-7).

Todas essas opções de transporte abriram novos horizontes e perspectivas para o EES. Depois disso passamos a usar a rede de moto para levar produtos menores e pensamos em desenvolver alguma alternativa parecida com a carreta. Outra novidade foi utilizar a mochila específica para transporte de pizzas (geralmente utilizada por motoboys) em entregas de marmitas, por exemplo. Tivemos em conta essa possibilidade depois que passou por nós um ciclista que a estava usando.

Durante um dos nossos encontros, Odair também ampliou sua visão de mundo ao experimentar o estranhamento em beijar outro homem no rosto. Estávamos todos/as sentados em roda e Leandro chegou por último, cumprimentado cada um/a com beijo no rosto. Quando foi beijar Odair, o mesmo se afastou, advertindo Leandro que homens se cumprimentam com aperto de mão e não com beijo. Incomodado com o comentário, Leandro indagou Odair sobre os porquês da diferença entre os cumprimentos de homens e mulheres. Depois:

Leandro pediu que ele ‘experimentasse’ o novo cumprimento e se aproximou de Odair abrindo os braços para receber um abraço; Odair aguardou alguns minutos, sorriu, olhou para baixo e por fim abraçou e deu um beijo no rosto

de Leandro. Todos/as riram. Odair disse que não tinha nada de mais mesmo e desculpou-se com o grupo. Andréia comentou que gostou de ver Odair experimentando algo novo, pois era assim que o mundo ia mudando. Disse ainda que caso Odair não se sentisse confortável em abraçar e beijar Leandro, que não precisava, mas que era importante ele saber que isso é apenas uma demonstração de carinho e respeito (V-4).

Essa maneira dialógica de se comunicar produziu mudanças importantes de atitude. No encontro em que cantamos parabéns pelo aniversário de Leandro, “Odair o abraçou e beijou” (VI-2), parecendo bem mais natural dessa segunda vez. Em outro momento Odair deu um tapa em Adriano, que era algo comum quando ele ria de algo. “Andréia pediu: ‘Odair, não bate, dói quando o senhor faz isso’. E ele respondeu ‘Dói? Dói nada’. Adriano disse que não tinha doído, mas concordou que era desconfortável. Odair disse que não ia fazer mais” (XIII-35). Benedito também alterou uma atitude por meio de diálogo:

Quando chegamos à esquina que Andréia e Leandro virariam, Benedito se despediu e subiu na bicicleta, porém Andréia percebeu que ele pedalaria na contramão e alertou ‘desce a próxima que você vai tá na mão já, vai descer na contramão?’, e Benedito disse: ‘é verdade, você tem razão’. Ele desceu da bicicleta e continuou nos acompanhando (XV-25).

Algo parecido aconteceu com Odair, mas teve outro desfecho. Estávamos pedalando todos/as juntos/as pela cidade, e quando Odair virou uma rua na contramão foi interpelado pelo grupo, que ficou parado na esquina solicitando que retornasse. Odair começou a discutir com as pessoas, afirmando que sempre descia por ali e chegou mesmo a descer até quase a metade do quarteirão. “Andréia interveio e falou sobre segurança no trânsito e os princípios para circular de forma segura em meios aos carros. Odair consentiu em respeitar essa regra, mas afirmou que estava contrariado” (I-14d). Essa unidade de significado, considerada como um desrespeito às regras do grupo seguido de diálogo, que não alterou a atitude de Odair, foi analisada como divergente.

Nesse caso, a análise mostra que houve tentativa de diálogo, mesmo que sem êxito para o resultado pretendido. Mas em outros dois momentos, analisamos que houve a interrupção do diálogo, criando também unidade de significado divergente. A primeira foi quando Odair expressou cuidado em relação aos/às demais participantes, fazendo uma fala antitabagista. Estávamos pensando na mobília do empreendimento e Adriano disse para incluirmos um cinzeiro:

Odair questionou: ‘cinzeiro? Não isso aí não, oxi, cê fuma?’. Adriano riu, disse que não e Odair completou: ‘eu também não, não precisa disso aí não. Não pode fumar em ambientes fechados. No bar não pode, nem na sua casa,

nem na casa da Andréia, nem na minha também’. Adriano respondeu: ‘na minha pode sim’. Odair: ‘mas a casa fica fedida’. Adriano e Benedito riram (XII-18).

Andréia, não se atentando para a importância do desenvolvimento desse diálogo, interrompeu o assunto da seguinte forma: “Andréia pediu para nos concentrarmos na tarefa, pois de outra forma não seria possível terminar. Odair quis continuar o assunto e Andréia interferiu: ‘relógio na parede, Odair, um bebedouro” (XII-19d). Em outro momento foi Andréia que novamente não continuou a conversa, porém dessa vez não foi por desatenção, mas sim porque o assunto a impactava de alguma maneira. Na conversa sobre qual o valor do salário pretendido no EES, Odair:

[...] disse que achava errado as mulheres ganharem o mesmo que os homens. Leandro questionou e ele respondeu: ‘mais as muié chama os homi pra carregar peso, do certo é elas ajudar a gente, né? Trabalho em equipe, mas não trabalha, ganha igual nós’. Leandro questionou de novo: ‘Odair, se uma mulher for trabalhar de guarda lá junto com você, ela deve ganhar menos?’. Ele disse: ‘Não né, é um serviço arriscado, esses vagabundos, hoje cedo o cara rasgou tudo o saco de lixo, esses vagabundos’. Andréia, que estava em silêncio, disse: ‘Eu acho errado seu Odair, porque eu sou mulher e acho justo ganhar o mesmo que os homens’, e ele respondeu: ‘é, na ISS [INSS] ganha tudo igual, mas eu não concordo (X-3d).

Essa fala de Odair foi seguida da interrupção do diálogo por Andréia, que sugeriu mudarmos de assunto. Andréia registrou o motivo nos comentários de observadora: “[...] eu gostaria muito de ter aprofundado o assunto de uma forma clara e coerente, mas essa questão invadiu o meu cerne [...] porque isso afeta milhões de mulheres trabalhadoras desse país, e eu não consegui manter o diálogo” (X-4d). Sendo assim, por causa do corte, foi excluída a possibilidade de Odair repensar o tema a partir da conversa com o grupo.

O diálogo também pode ajudar a superar barreiras individuais. Leandro ficou de representar o EES no desenvolvimento de uma nova parceria, mas durante a reunião o participante mostrou insegurança em realizar a tarefa. Leandro disse: “[...] caramba meu, precisava de mais alguém lá, mano, eu não sei, eu vou... seu Odair, mano, não não, eu não sei, mano, tipo eu tenho a impressão que vou falar ou fazer alguma coisa errada, mano” (XIV-14). Andréia questionou o participante perguntando por que sentia aquilo, e Leandro respondeu:

‘Eu não sei, eu não sei qual que é a mentalidade desse cara aí, de repente vai que ele já chegue lá com uma ideia fixa na gente, mano, e eu sou muito manso para esse tipo de ideia, é muito capaz de eu aceitar muito rápido, assim, as coisas’. Andréia disse: ‘calma, você não vai aceitar nada sozinho, cê tá lá representando um grupo, então tudo que ele falar, você fala ‘legal, eu vou falar com o grupo; ah legal, preciso falar com eles; ah então a gente conversa e te

dá um retorno’, porque não dá pra decidir nada amanhã’. Leandro concordou e disse que poderia ir com Odair. Andréia perguntou se ele tinha certeza e ele respondeu que sim (XIV-14).

Sobre as unidades divergentes acerca de relações dialógicas, também salientamos o contato com uma das emissoras locais de televisão, que nos chamou para gravar uma entrevista durante a greve dos caminhoneiros. Nesse momento, a crise do combustível, consequência da greve, fez aumentar o número de entregas realizadas pelo EES. No dia em que fomos contatados, verificamos as agendas de todos/as os/as participantes e consideramos que Andréia poderia ser a representante. Além disso, entendemos que seria importante aparecer na televisão local para divulgar as ações e o nome do EES. A entrevista foi marcada em frente a uma das lojas parceiras e, nesta,

Andréia falou sobre o projeto Pedal-Solidário e comentou que as pessoas deveriam valorizar o serviço de cicloentregas para além da crise, pois é uma alternativa sustentável. Discuti o uso do carro como meio de transporte e os impactos disso para a cidade. Disse ainda que a crise veio para revelar a nossa dependência em relação aos combustíveis fósseis, finitos, e que em muitos aspectos a bicicleta representava um rompimento de paradigmas para a sociedade moderna. A apresentadora perguntou à Andréia se as entregas haviam dobrado e ela respondeu que ‘sim, aumentaram bastante’. Depois, à noite, quando viu a reportagem, reparou que a emissora cortou toda a fala dela e colocou no ar apenas o momento em que ela fala ‘sim, aumentaram bastante’. O nome do empreendimento nem apareceu, sob o seu nome na tarja da TV estava escrito apenas entregadora (VII-23d).

Consideramos que a emissora não teve cuidado com os/as participantes do EES, cuja entrevista foi manipulada pela intencionalidade de registrar apenas um dos impactos da greve. Embora não tenha promovido propostas alternativas para o uso do combustível, avaliamos a importância de uma mulher que faz entregas de bicicleta aparecer na televisão e que isso poderia despertar a curiosidade dos/as telespectadores/as. Durante a reunião, Andréia fez um relato de como a crise do combustível impactou a sua vida, demonstrando que para algumas pessoas foi algo positivo:

A quitanda em que eu costumo comprar as frutas e verduras de assentamentos rurais da região estava abastecida; eu pude me locomover tranquilamente de bicicleta pelas ruas vazias de carros (quando tinha algum, eles me davam preferência!); pude reparar em pais e mães levando filhos/as para a escola a pé ou de bicicleta; as rodovias livres e sem o trânsito causado pela opção de transportar todas as nossas mercadorias por meio de caminhões (nada ecológicos); as pessoas contratando e valorizando serviços como a cicloentrega. Para mim o mundo podia ser esse da crise (VII-9).

Ainda sobre as relações de cuidado, na convivência tivemos como acordo coletivo o uso dos equipamentos de segurança, que em princípio eram calçados fechados e capacete. Existem outros que são convenientes no uso da bicicleta, tais como óculos de proteção e luvas, porém, devido aos custos, não entraram nos nossos acordos. Discutimos que o uso dos equipamentos de segurança fazia diferença na preservação da vida em meio ao trânsito e também porque nos dava maior credibilidade perante os/as consumidores/as.

Odair, por exemplo, expressou cuidado quando relatou seu envolvimento em um acidente que ocorreu no retorno para casa, após concluir afazeres pessoais no centro da cidade. Segundo o relato, ele estava à direita da via pedalando a bicicleta e a motorista do carro o atropelou ao fazer uma conversão não sinalizada. Odair caiu, bateu a cabeça na calçada e como estava sem capacete teve escoriações leves no couro cabeludo. Ao término do relato, Odair lembrou que Leandro também não gostava de usar o capacete e decidiu aconselhá-lo: “[...] ô Leandro, mai é bão usar o capacete, viu, numa hora dessa salva” (V-5). A fala de Odair demonstrou carinho com Leandro, pois sua experiência poderia auxiliar o companheiro a ter outra visão sobre o uso do equipamento de segurança.

Os processos educativos de cuidado com Outrem também proporcionaram superação de barreiras. Odair comentou, a certa altura, que tinha conseguido um trabalho de vigia noturno e que não poderia mais ir às atividades durante o dia, pois se sentia cansado. Compreendendo a importância da participação de Odair, decidimos alterar o local e o horário das reuniões para atender às necessidades dele e, com isso, contribuir para sua permanência nas atividades. “Ele começa a trabalhar às vinte e uma hora no Kartódromo de São Carlos, então decidimos marcar a reunião lá, um pouco mais cedo para não o atrapalhar” (V-2). Além disso, deixamos as entregas do fim da tarde para Odair, momento em que estaria se deslocando para o trabalho e poderia fazê-las no caminho.

As diversas manifestações de cuidado ocorriam entre os/as participantes, mas também podiam ser notadas na relação entre participantes e consumidores/as. Certa vez fomos realizar entregas juntos/as, com o intuito de padronizar os procedimentos. Quando chegamos à casa da cliente apertamos a campainha e ela, “[...] ao abrir a porta, sorriu em ver todos/as juntos/as. Perguntou como estávamos e se queríamos água. Odair respondeu que queria e ela foi pegar” (I-12). Sempre carregamos garrafas de água, mas naquele dia quente já estávamos sem, portanto, compreendemos que foi um sinal de atenção da cliente para conosco. Sobre o cuidado demonstrado por consumidores/as, Benedito relatou:

‘Fiz quatro entregas dos produtos da compra coletiva. As entregas saíam da Rua São Sebastião e as primeiras duas foram entregues na Rua XV de

Novembro, bem perto da onde saiu. A primeira foi feita em mais ou menos cinco minutos, foi entregue três caixas e custou quatro reais, mas recebi cinco. A segunda entrega foi de aproximadamente dez minutos, quatro caixas foram entregues e custou quatro reais, mas recebi cinco. As outras duas entregas foram para perto da região da UFSCar, a primeira foi entregue próxima a Avenida São Carlos, duas caixas e uma sacola, quatro e cinquenta, mas recebi cinco. A segunda foi em frente à delegacia da Polícia próximo a saída para a estrada, uma sacola e custou quatro e oitenta, recebi cinco. O início das entregas começou quatro e meia e finalizou seis e vinte' (VIII-10).

Embora o grupo fizesse o cálculo do preço das entregas utilizando a tabela do EVE, avaliamos que houve processo educativo de valorização das pessoas do EES, quando o preço foi arredondado para cima. Benedito tinha troco para retornar, mas os/as consumidores/as preferiram pagar um valor mais alto. Isso ocorreu também com Leandro, quando “[...] no momento de confirmar a entrega, a cliente disse que havia muitas caixas e que ele poderia ter cobrado um pouco a mais” (VIII-8).

Outra consumidora do grupo de compras coletivas, após receber seu pedido, decidiu mandar uma mensagem de texto por meio do aplicativo de conversas, agradecendo e valorizando as ações do EES: “Que fantástico! [...] e ainda me senti fazendo parte de algo incrível! Apareceram 1 jovem e um senhor super simpáticos! Tudo certinho, embalado, ajeitado. Quero incentivar que nosso grupo apoie cada vez mais esta galera!” (III-25). Essas diferentes maneiras de valorização foram compreendidas como formas de cuidado.

Porém, em algumas relações com os/as consumidores/as houve descuido, o que gerou unidade de significado divergente nessa categoria. Leandro foi realizar uma das entregas solicitadas pelo grupo de compras coletivas e precisou esperar 20 minutos para ser atendido pela consumidora. Ao chegar, solicitou ao porteiro do prédio que entrasse em contato com a mulher e o porteiro indicou que não havia ninguém no apartamento. Leandro relatou o ocorrido na reunião:

‘Daí eu encostei ali do lado da portaria e esperei. Aí eu liguei a internet, tentei ligar pra ela e não consegui, daí tentei falar com ela pelo aplicativo de conversas e também não consegui, daí eu mandei uma mensagem pra ela falando que o porteiro falou que ela não estava lá e que eu ia esperar até seis e meia, que era o que a gente tinha combinado. Aí, era quase seis e vinte sete, ela me ligou de volta no meu celular. Daí ela falou ‘eu não tô aí, mas tem gente na casa’, daí eu entreguei. Foi uma falha meio que tipo, do porteiro, talvez um pouco dela por não ter avisado e do porteiro que poderia ter ligado na casa e confirmado mesmo se não tinha ninguém’ (VIII-9d).

Em outra, a consumidora pediu que entregássemos os produtos na casa da mãe dela. Contudo, esqueceu-se de avisar a mãe sobre a entrega e conseqüentemente sobre o valor



do serviço. Quando chegamos, a situação, primeiro, gerou um estranhamento na senhora que nos atendeu e depois um impasse no momento do pagamento, situações que analisamos como descuido: “Dissemos o valor e ela entrou novamente na casa fechando o portão. Cerca de 5 min depois voltou com uma nota de R\$100,00 e perguntou se tínhamos troco. Não tínhamos, ela entrou novamente na casa e voltou com um saco de moedas” (I-19d).

Compreendemos também que houve falta de cuidado em algumas ocasiões, como quando os/as participantes foram convidados/as para uma reunião de apresentação de um novo projeto, dedicado a fomentar parcerias entre os diversos EES da ES de São Carlos. No convite, que chegou por meio do Fórum, foi prometido um lanche coletivo, o que animou Odair e Benedito a participarem. Odair levou, inclusive, o filho, contudo o lanche não foi providenciado e nada foi dito a respeito. No relato do ocorrido, Benedito disse:

‘Quase fiz uma fala sobre isso. Odair tinha até levado o filho para comer e não teve nada’. Odair comentou: ‘o meu filho falou ‘o pai não vai sair o comes e bebes?’. Dessa vez não teve, já pensou se a minha mulher ia’. Benedito comentou: ‘falar que vai ter comida e não ter, é sacanagem’. Leandro e Andréia concordaram (XVII-17d).

Nas parcerias também analisamos algumas situações de cuidado e outras de descuido. No primeiro caso, trazemos o exemplo da parceria com uma produtora de marmitas, que estava indicando aos/às consumidores/as a possibilidade da cicloentrega. Quando alguém solicitava o serviço, a produtora passava o contato para o EES fazer a mediação de preços. Além de oferecer o serviço, ela demonstrou cuidado ao anotar os endereços dos/as interessados/as e repassá-los ao grupo com antecedência, para que pudessem programar a logística das entregas. Leandro avisou que “[...] ela ia deixar a maior parte delas organizadas antes e já passar os endereços pra gente antes, pra daí não tentar pegar no dia. Mas provavelmente vai rolar uma no dia também. Mas pra gente já organizar rota, essas coisas, tal, a gente tá suave, mano” (XV-13).

Em relação aos descuidos, identificamos que a parceria com a dona de um armazém fez emergir unidade de significado divergente. Essa senhora vendia produtos naturais e solicitou uma parceria com a cicloentrega, dizendo que estava sobrecarregada com a gerência da loja mais as entregas (que até então eram feitas de perua). “Fechamos uma parceria, mas ela continuou a entregar de Kombi e jamais solicitou os nossos serviços” (VII-20d). Quando o acordo da parceira foi feito, criamos enorme expectativa nesse novo trabalho e por isso entendemos como descuido ela nunca ter executado a proposta e nem nos ter comunicado que preferiu continuar entregando com a perua.

Sobre a empatia, fundamental em relações dialógicas, analisamos um momento em que ela foi fundamental na compreensão e superação de um problema. A certa altura, precisávamos conversar sobre a reclamação de um cliente, que ficou incomodado por Odair querer conversar longamente no portão, o que o atrasou nos afazeres diários. O cliente solicitou, por meio de outra pessoa, que o entregador fosse mais breve nas palavras. Durante a reunião, Leandro se exaltou, chateando Odair:

Leandro retomou com o Odair a reclamação feita pelo moço que recebe as marmitas. Ele iniciou a conversa em um tom de voz alto e forte, dizendo que algumas pessoas gostam de conversar no portão, mas que outras não. Ele entende que Odair adora contar histórias, mas que seria oportuno, durante o serviço, limitar-se apenas à entrega e caso as pessoas puxassem assunto, conversar. Senão, ‘é só entregar e ir embora, fazer outras coisas, dormir’, disse Leandro. Odair reagiu, disse em voz alta: ‘eu não fiz nada não Leandro, num falo com ninguém’. Leandro alterou novamente a voz, falou que para o/a cliente ‘não importa se sua bike foi roubada ou se você se perdeu no caminho, ele só quer receber o produto’ (VII-34d).

Após a exaltação entre Leandro e Odair, Benedito interveio com “[...] uma voz tranquila e baixa, [e] olhando firme para Odair disse: ‘eu gosto de pessoas que conversam e gosto de conversar também, mas tem pessoas que ou não gostam de conversar, ou não têm tempo para isso. É preciso saber medir, ter sabedoria’” (VII-35). A fala de Benedito provocou alteração em Odair. Afirmou “[...] que entendeu a crítica e que ia tentar melhorar” (VII-36).

Uma análise equivocada dessa situação poderia compreender a atitude de Odair como falta de cuidado. Contudo, a oralidade é a maneira como Odair se coloca ao mundo, é como ele se sente confortável em se expressar e aparentemente tem muita facilidade com essa forma. O assunto voltou a essa reunião porque o cliente havia reclamado novamente. Odair chegou às 11h30min para entregar a marmita que havia sido combinada para as 12h30min. Quando Andréia explicitou para Odair

[...] como isso poderia atrapalhar a rotina de alguém, ele concordou novamente e disse que não queria mais fazer essa entrega. Leandro discordou, falou que ele deveria continuar e tomar mais cuidado para atender bem o cliente. Odair perguntou como deveria ser, pois tinha ‘medo de chegar atrasado na casa do cliente’ e por isso havia se adiantado tanto. Andréia disse que ele poderia chegar entre 12h20min e 12h40min, tendo 20 minutos de margem, sem causar transtornos ao casal. Odair fez algumas contas de cabeça e nos disse que deveria chegar 11h45min para retirar a marmita, assim daria tempo de fazer tudo (VII-36).

Nessa unidade de significado, Odair expressou que seu aparente descuido era, em realidade, um excesso de cuidado, uma vontade de atender bem o consumidor. Esse diálogo

provocou alterações no comportamento de Odair, que parou de estender a conversa e passou a cumprir o horário acordado. Contudo, isso só foi possível porque o grupo teve empatia com a situação e o ajudou a compreender o ocorrido e transformar suas ações. Algo que poderia se tornar um problema, foi facilmente resolvido.

A empatia sobre a realidade de cada um/a torna possível compreender Outrem com mais profundidade e complexidade, valorizando outras experiências ao mundo. Nas relações dialógicas, a empatia é uma característica necessária. Ainda na situação da reclamação da pessoa que recebe as marmitas, para nós que convivíamos com Odair era compreensível que quisesse conversar no portão. De maneira empática, em outra reunião Fernanda e Andréia analisaram a atitude de Odair:

Houve alguns segundos de silêncio e Fernanda comentou que não gostou da reclamação da cliente, pois o seu Odair era ‘assim mesmo, contador de histórias’. Leandro fez uma ponderação, disse que ele gosta de conversar, mas que nem todo mundo gosta e que ele [consumidor] tinha direito de receber os produtos e voltar pra dentro de casa sem grandes conversas. Andréia riu e disse: ‘mas no caso do seu Odair as histórias vêm no pacote das entregas’ (IV-7).

As relações, quando dialógicas, são respeitosas, acolhedoras, cuidadosas e abrem espaço para a construção de um mundo compartilhado, onde ampliamos nossas concepções de existência. Também é um espaço de luta, de transformação de relações opressoras e de superação de dificuldades. Possibilitam o reconhecimento de Outrem, consolidando ações mais justas e solidárias. O diálogo enseja a denúncia e o anúncio, provoca reflexões e humaniza relações. Faz do cotidiano a busca pela diferença, pela alternativa viável que se materializa na realidade.

## **B) Eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento de Economia Solidária**

A presente categoria emergiu dos diários quando identificamos processo educativo de engajamento na constituição do EES. De maneira geral, isso pôde ser notado quando algo foi feito de forma autônoma, por exemplo, quando os/as participantes trouxeram ideias, firmaram parcerias com lojistas e outros/as empreendedores/as da cidade, fizeram divulgação. Também se relaciona à atitude implicada dos/as participantes, como quando compareceram às reuniões, cumpriram combinados, utilizaram equipamentos de segurança, demonstraram conhecer o histórico das ações e dos aspectos relacionados ao empreendimento.

Engajamento pressupõe disposição, envolvimento, compromisso. É estar encharcado da realidade circundante, refletindo e ao mesmo tempo construindo ações transformadoras.

Por exemplo, o comparecimento às reuniões do Fórum Municipal de Economia Solidária emergiu como engajamento, uma vez que era fundamental estar em contato com outros EES e integrar o movimento de Economia Solidária. A reunião era mensal e o aviso chegava sempre por correio eletrônico. Contudo, o e-mail cadastrado era o da Fernanda, que não estava participando tanto naquele momento devido a outro trabalho em que estava envolvida. Conversando sobre o repasse dos e-mails, “Leandro disse para trocarmos o *e-mail* cadastrado no grupo do Fórum [...] e sugeriu inserirmos o *e-mail* dele” (IX-7). Depois disso passamos a nos revezar para ir às reuniões e aos poucos fomos construindo nossa identidade naquele espaço. Sobre uma das reuniões, Adriano relatou:

‘Ah foi massa ontem a reunião aí da economia solidária, eles falaram várias coisas, que não dá pra falar tudo agora, né, porque foi uma reunião de algumas horas, mas aí, foi só na real assim, na parte que no, nos informes, aí quando perguntou mais algum informe, eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento de economia solidária, aí o pessoal falou que já conhecia, aí eu vim avisar que a gente tá de volta aí, daí a galera ‘ahhh’ e bateu palma, foi muito da hora’ (IX-35).

Adriano mostrou estar engajado não só quando afirmou que faz parte do EES, mas personificando uma ação transformadora, envolvida em um movimento maior, que é a ES. Dizer isso em voz alta para uma sala com diversas pessoas desconhecidas salienta que ele estava naquele espaço reivindicando um lugar de direito, de luta e de comunhão com os demais EES. Nessa mesma reunião houve outra unidade de significado que analisamos da mesma forma: “Benedito comentou que ele e Adriano foram à reunião do Fórum Municipal de Economia Solidária, disse que assinou a lista de presença com o nome e entre parênteses escreveu: CicloPedaleiros” (IX-5).

Esse espaço, porém, não foi ocupado por Odair. Depois da única vez que foi ao Fórum, não conseguiu relatar as discussões. Quando Andréia solicitou que fizesse o repasse dos informes, Odair falou: “o Benedito, ele marcou tudo no caderno”. Andréia questionou se ele lembrava de algo e respondeu: ‘ah num lembro, ixi, tava falando de outro projeto, das barracas, que vai ter na praça XV alguma coisa, algum cantor” (XIII-3). Embora Odair não tenha se apropriado do espaço, a presença dele no Fórum foi importante para o grupo e, portanto, essa unidade de significado não foi considerada divergente.

Em outro momento, o grupo precisou se unir para superar uma dificuldade. Em setembro de 2018 perdemos um prazo importante para o EES. “Andréia informou que o grupo

perdeu o cadastramento dos empreendimentos (o prazo final foi dia 30/09, 10 dias atrás) e que iria verificar como ficaria a nossa situação em relação ao DAES” (IX-6d). Nessa época, a prefeitura, por meio do convênio com o MTE, estava realizando a compra de equipamentos e ferramentas para o EES, ao mesmo tempo em que estávamos construindo a proposta de solicitar junto ao DAES uma sala para o funcionamento do mesmo. Perder o cadastramento poderia impossibilitar essas duas ações.

Sendo assim, durante cerca de dois meses atuamos coletivamente para superar a situação. Primeiro mandamos ofício ao Conselho Municipal de Economia Solidária (COMESol) pedindo para realizar o cadastramento fora do prazo, e para isso tivemos que providenciar uma série de documentos exigidos. Separamos, assim, uma das reuniões para realizarmos essa tarefa juntos/as. Combinamos de nos encontrar no NuMI, por conta dos computadores que o Núcleo disponibilizava para uso dos EES. Andréia comentou:

‘A gente fica em dois computadores, você mais um, o Benedito mais um e o Seu Odair também, aí, enquanto um vai pegando fotos, sei lá Odair vai baixando fotos, a gente vai fazendo o portfólio, aí o outro vai fazendo as atas, depois a gente troca também, pra não ficar muito cansativo’ (XIII-8).

Um dos documentos que deveriam ser entregues eram as atas das reuniões, porém o grupo não as tinha. Durante a semana, “Andréia enviou um arquivo para Adriano contendo os tópicos das atas que ela tinha nos Diários de Campo e Leandro complementou com os escritos no caderno. Depois Adriano pegou tudo isso e terminou de redigir o documento que seria entregue para o conselho” (XIV-15). Sobre esse processo, Adriano comentou que “[...] é difícil lembrar das coisas, aí é legal que uma coisa puxava a outra, e vinha uma coisa, outra coisa’. Andréia concordou e finalizou: ‘a memória é assim, cê lembra de uma coisa, essa coisa vai fazendo você puxar as outras, foi bem coletivo o negócio” (XIV-17).

Analisamos, portanto, que perder o cadastramento gerou unidade de significado divergente nessa categoria, primeiro porque é imprescindível para um EES em construção participar de uma das instâncias coletivas do movimento de ES; segundo porque sem o cadastramento o grupo perderia oportunidades, como já foi descrito. Contudo, como consequência, no esforço para superar a situação emergiram processos educativos de engajamento na estruturação do EES. Ao final, houve êxito na tarefa e o cadastro foi feito mesmo fora do prazo.

Identificamos que saber falar sobre o EES do qual se faz parte também demonstra uma atitude implicada. Em uma das reuniões, tínhamos como pauta a construção dos acordos coletivos do grupo, que já existiam de forma fluida, mas que nunca haviam sido

descritos ou organizados. No dia da atividade, quando foi perguntado quais acordos tínhamos, ninguém conseguiu responder. Sendo assim, foi proposta uma atividade para que relembrássemos alguns pontos. A atividade consistia em um teatro, cujo enredo tratava da chegada de um/a novo/a participante às atividades do projeto. Fernanda saiu da sala e retornou dentro da personagem, perguntando a Leandro como funcionava o EES. Leandro respondeu:

‘Explicando mais ou menos, fazemos serviços de cicloentrega. A gente trabalha, por enquanto, com as cestas e fazendo cicloentrega do grupo de compras coletivas e queríamos expandir um pouco o nosso negócio e estamos abertos a novas possibilidades, que nem cicloturismo. Mais para frente queríamos tentar manutenção em bikes também. Ao longo do nosso projeto aqui, a gente vai ter algumas noções de economia solidária e também vamos aprofundar um pouquinho em manutenção de bikes. Mas a gente vai se conhecendo nesse meio tempo, vamos sair pedalar um pouco por aí e tal. Agora que estamos começando o projeto mesmo, a gente tá fazendo esse sistema de rodízio entre nós, para cada uma dessas cicloentrega que já estão marcadas, agendadas, a gente tem um plano de quem vai fazer a próxima cicloentrega. Já temos uma escala disso. E com as outras cicloentrega que não são fixas, a gente tá tentando escalonar um pouco isso’ (II-5).

Depois da conversa entre Leandro e Fernanda, conseguimos listar dez acordos coletivos já em vigor no grupo. Além desse exemplo, analisamos outras situações que os/as participantes demonstraram conhecimento a respeito do EES. Certa vez Adriano fez o relato de que foi questionado sobre o valor do serviço em uma das reuniões do Fórum e respondeu: “[...] ‘três o mínimo, um e cinquenta o km’, aí outro já perguntou ‘e carregam qualquer coisa?’, [...] ‘qualquer coisa que dá pra levar na bike’, porque se fala qualquer coisa já vai pedir pra levar uma geladeira, um botijão” (IX-36). Em outro momento, durante a reunião, Leandro também demonstrou conhecimento em fazer o cálculo sem consultar a tabela de preços:

Enquanto Benedito pesquisava a rota, Leandro começou: ‘eu acho que vai dar uns quatro quilômetros, três quilômetros, seis e cinquenta? Acho que a gente podia cobrar oito reais’. Andréia pediu para ele usar a tabela de preços que havíamos produzido, para saber quanto ficaria e ele respondeu: ‘então, mas ó, a tabela, então, porque três quilômetros com subida e descida com o pacote de dez quilos dá seis e cinquenta. Quatro quilômetros dão oito reais, num chega a dez reais. Eu só uso a tabela, na real’. Andréia perguntou quanto daria de dez a quinze quilos e Leandro respondeu: ‘quinze quilos, três quilômetros, oito e cinquenta; quatro quilômetros dez reais’ (XV-8).

Conhecer o próprio empreendimento e todas as características que o compõem ajuda no avanço da estruturação e evita a repetição de ações e também de equívocos. Quando estávamos fazendo o plano de negócios, voltamos a conversar sobre assuntos que haviam sido pautados no Estudo de Viabilidade Econômica (EVE). Andréia questionou qual seria a retirada

mensal ideal para cada um/a dos/as sócios/as e Leandro lembrou a primeira discussão sobre o valor de retirada:

‘O valor inicial que a gente tentou foi de três mil, só que não fechava a conta, né? Aí acho que a gente deve ter feito mil e quinhentos’. Odair complementou: ‘cê falou que pedalasse, pedalava tantas horas, dava uns três mil reais, né?’. Leandro falou: ‘acho que o que mais pesava, a nossa tabela, a gente trabalha teoricamente meio baixa assim os valores, acho que por causa da cidade, porque a gente não tem um leque de clientes muito grande e daí tipo, por mais que a gente pedalasse e fizesse as entregas ia ser muitas entregas concentradas numa hora e não tinha cabimento assim, daí a gente acabou indo para mil e quinhentos assim. Esse valor por hora contabilizava todos os custos do empreendimento mais a retirada dos sócios’, ou seja, foi contabilizado aluguel, ferramentas, luz, etc. (IX-28).

Saber falar sobre o empreendimento também cria laços de pertencimento, pois tomamos consciência das minúcias daquilo que estamos construindo. Por exemplo, “Leandro lembrou que temos muitos materiais que estão espalhados, no NuMI-EcoSol, no VADL e na casa dos/as participantes e que seria muito bom concentrar tudo em um único lugar (XVI-7). Em outro momento, por causa dos diversos atrasos para as reuniões do grupo, “Odair pediu para as pessoas chegarem no horário [...]. Comentou que se todo mundo chegar mais cedo, teríamos mais tempo para conversar” (IX-29).

De outro modo, não saber sobre o empreendimento do qual se faz parte pode causar constrangimento e dificuldades, perdendo possibilidades importantes, como a constituição de novas parcerias. Depois de uma reunião do Fórum, Benedito foi abordado por uma senhora que queria incluir o sobrinho (menor de idade) nas atividades, imaginando que era um coletivo que pedalava por lazer. Benedito explicou que era um EES de cicloentrega e visualizou uma possibilidade de parceria com a mulher, que produzia artesanato. Então Benedito disse:

‘Ó, a gente não é um grupo que pedala por lazer, né, a gente também pode fazer isso, mas a gente faz um serviço de entrega, daí eu falei ó, se você precisar, perguntei ‘o que você faz?’, daí ela ‘ah eu faço artesanato’ eu falei ‘se você quiser entregar em algum lugar a gente pode entregar, a gente cobra um valor e entrega’, daí ela ‘ah que legal’, aí ela queria o telefone, tanto que eu fiquei perguntando lá no grupo, daí eu não sabia e não passei pra ela’ (XIII-41d).

Esse desconhecimento fez com que a possibilidade minguasse e não se concretizasse. A ampliação do empreendimento necessitava de novas parcerias para as entregas, da procura de empreendedores/as que usassem o serviço, bem como da busca por mais clientes, portanto seria fundamental não perder oportunidades. Odair teve uma atitude diferente,

de maneira autônoma buscou fazer parceria com um mercado do seu próprio bairro, na periferia da cidade. Ainda que essa atitude não tenha sido previamente aprovada pelo grupo, a participação ativa de seu Odair trouxe abertura para que pudéssemos pensar novas formas de divulgação da cicloentrega.

A novidade trazida por Odair fez com que avaliássemos a possibilidade de divulgar melhor o empreendimento na região sul da cidade onde poderíamos encontrar interessados/as em participar das atividades do projeto e em contratar os nossos serviços. Com o desenvolvimento dessa ação, poderíamos ter dois pontos de distribuição na cidade: um no bairro Cidade Aracy e outro no centro. Encaminhamos que essa será uma das nossas ações, bem como tentar aumentar o nosso grupo por meio de maior divulgação das nossas atividades (I-2).

Os diversos atrasos que ocorreram nas reuniões durante o tempo que acompanhamos o EES foram analisados como uma atitude divergente de engajamento. Muitas vezes começamos as reuniões sem a presença de todos/as, como na descrição a seguir: “[...] nos acomodamos e por volta das 16h10min Leandro chegou e se juntou a nós. Benedito chegou logo em seguida. Iniciamos a reunião, mesmo sem a presença de Adriano” (IX-4d). Em outras ocasiões, quando chegavam atrasados acabavam por interromper o fluxo da conversa já iniciada: “Adriano adentrou a sala nesse momento e gritou ‘ooouuuu’. Paramos de conversar para recebê-lo” (XIII-6d). Em alguns casos os atrasos eram justificados:

A reunião foi interrompida pela chegada do Benedito, já 25 min atrasado. Benedito informou que se atrasou porque foi levar a bicicleta de uma amiga para arrumar e demorou mais do que ele queria. Adriano brincou ‘ah, cheio das desculpas, essa galera que chega atrasada...’ e Benedito interrompeu sorrindo: ‘você quer ver o recibo do conserto?’. Rimos. Benedito se desculpou pelo atraso e sentou, colocando a mochila e o capacete no chão (XIII-16d).

E embora tivéssemos um aplicativo de conversas, onde os/as participantes pudessem justificar atrasos ou ausências nas reuniões, nem sempre isso ocorria como o esperado. Em certo momento Odair lembrou essa ferramenta como possibilidade e pediu aos/às demais que a utilizassem, dizendo: “[...] tem que avisar a gente, né? Senão...’. Andréia comentou da semana passada, que só tinham ido o Odair e o Leandro e que as outras pessoas não tinham justificado a ausência” (XI-16d). Contudo, quatro reuniões depois, o problema ainda persistia:

Andréia havia dado uma carona a Leandro e os dois aguardaram cerca de 15 minutos pelos demais participantes, porém ninguém chegou. Andréia mandou áudio no aplicativo de conversas convocando os demais a se justificarem. Adriano respondeu que estava no projeto de horta e que não iria dessa vez.



Odair não respondeu e Benedito chegou em seguida. Começamos a reunião já eram 16h30min, apenas em três pessoas e Andréia comentou que faltou comprometimento da equipe (XV-1d).

A participação ativa nas reuniões foi analisada como atitude engajada, das quais emergiram processos educativos. Quando visitamos as salas do DAES em busca de uma que poderia acolher o EES, Andréia entrou em uma delas “[...] e foi ditando onde ficaria cada móvel. Odair, Benedito e Adriano também ‘colocaram’ alguns móveis e percebemos que caberia tranquilamente um empreendimento lá” (XII-15). Nesse mesmo dia, pensando sobre a mobília necessária para o empreendimento, Adriano, Benedito e Odair conduziram o diálogo:

Adriano disse que precisaríamos de muitos armários: um para colocar as entregas, outro para as ferramentas e mais um para equipamentos. Benedito comentou da lousa e Odair disse que poderia ser uma pequena. Também posicionamos uma mesa multiuso e outra tipo ‘escrivadinha’ com computador e telefone. Nesse momento Adriano se ergueu da cadeira, olhou mais de perto o desenho e comentou: ‘é uma oficina de bicicleta também, não é? Então precisa de bancada, precisa de espaço para trabalhar, precisa encher de bicicleta e bicicleta ocupa espaço. A gente tinha que começar pensando na parte da oficina, ao meu ver, assim’ (XII-12).

Na reunião seguinte, Adriano sugeriu a seguinte forma de organizar a lista de material do EES: “[...] acho que a gente podia ter um valor, que nem, não vamos colocar que precisa colocar lápis, quanto que é, quanto cada lápis, borracha, quantas borrachas, tipo, material de escritório, isso daí podia entrar dentro de material de escritório” (XIII-25). Leandro também teve uma atitude implicada quando de maneira autônoma avisou os/as consumidores/as sobre as férias do grupo:

‘Já estou dando uma avisada aí no pessoal, que a gente vai tá fora nesses dias, quem a gente atende, a moça dos cosméticos, a moça dos bolos lá, o pessoal, já tá meio que sabendo’. Andréia perguntou se tinham entregas rotineiras acontecendo e Leandro respondeu que a única rotineira era a do senhor que recebe a cesta de orgânicos do assentamento todas as segundas, mas que ele já havia sido comunicado que ficaríamos fora até o final de janeiro (XVI-5).

Em outros momentos tivemos US divergentes em relação à participação ativa nas reuniões. Por exemplo, iniciamos o plano de negócios conversando sobre as atividades que iríamos realizar, dentre elas a manutenção. Esse assunto foi amplamente discutido na nona e décima reunião, quando também delimitamos quais serviços o empreendimento ofereceria. Na décima terceira reunião, quando já estávamos discutindo os equipamentos que comporiam o espaço da oficina:

Benedito perguntou: ‘a gente vai ter serviço de manutenção também? De as pessoas vêm aqui que tem problema e a gente conserta e ganha um dinheiro com isso?’. Adriano respondeu: ‘acho que podia, acho que sim, né? A gente vai ter toda essa estrutura aí meu, pô’. Andréia comentou que já havíamos discutido amplamente essa questão e pediu mais atenção às atividades (XIII-30d).

Na nona reunião também, Andréia havia solicitado aos/às participantes que refletissem sobre o EES e pensassem nos serviços que gostariam de realizar, além dos já elencados. Na décima primeira foi perguntado se Adriano e Benedito haviam feito a atividade e “Adriano respondeu que não, pois havia faltado à reunião passada. Benedito afirmou que a tarefa era da retrasada. Adriano lembrou os exercícios, mas disse que não havia feito a reflexão e Benedito disse apenas que não tinha feito” (XI-1d).

O não uso dos equipamentos de segurança também foi analisado como US divergente. Até o acidente de Odair, relatado na categoria “A”, tanto ele quanto Leandro não gostavam de usar o capacete, mas aos poucos foram adquirindo o hábito e apreendendo a importância. Porém, depois de vários meses em que o uso havia se tornado comum no EES, Odair chegou a uma das reuniões pedalando a bicicleta de shorts, chinelo e sem capacete. “Andréia lembrou o acidente que ele sofrera recentemente e perguntou por que ele estava sem os itens de segurança. Odair respondeu que tinha esquecido e que estava muito calor para usar tênis e capacete hoje” (X-2d).

Identificamos que sugerir possibilidades para o EES compõe essa categoria porque representa atitudes de pertencimento e envolvimento. Isso porque, novos repertórios de ações só aparecem quando refletimos sobre o futuro e para isso é necessário estar implicado no presente. Por exemplo, nas discussões sobre a mobília que comporia o EES, sabendo da dificuldade financeira do grupo, Odair propôs um caminho: “[...] aí dava pra começar com uma geladeira só e depois montar, que ele falou, o negócio das bicicletas, as peças, as bikes, que vai vim, sei lá, aí depois pensar em outras coisas, num sofá, pode ser um sofazinho pequeno, né? Para caber três pessoas assim” (XII-17).

O interessante é que Odair não falou apenas de móveis e peças para oficina de manutenção, ele pensou em uma geladeira e um sofá, visualizando o espaço para além das possibilidades que já existiam e tornando-o confortável para o trabalho. E para comprar a geladeira sugeriu: “[...] se a gente tivé o dinheiro, a gente pode fazer uma vaquinha e comprar, né? Na rede social tinha uma puta geladeira de freezer, rapaz, bonita, mas não me lembro quanto tava” (XII-10).

Sobre as novas possibilidades de serviço do EES, Andréia sugeriu uma “Bicivan escolar, ou seja, poderíamos passar na casa de crianças e fazer uma comitiva ciclística até a escola” (IX-19). A respeito do cicloturismo, Adriano comentou: “[...] turismo é legal, é massa’. Leandro completou ‘tem mó galera que não conhece aqui a região, mano, tipo dá um rolê maior’. Adriano continuou ‘dá um rolê no cerrado, várias vezes a galera quer conhecer o cerrado, o 29, dar um rolê diferente’ (IX-27).

Outra possibilidade elencada foi a de ensinar pessoas a andarem de bicicleta. Consistiria em ensinar ou acompanhar em passeios pela cidade e zona rural. Adriano ponderou que podíamos associar esse tipo de serviço aos eventos da ES: “[...] pode rolar sempre tipo em eventos, assim, por exemplo, vai ter uma feirinha de trocas, podia combinar da galera, sempre combina carona, não sei o que, podia combinar da galera ir de bike” (IX-27).

A superação de dificuldades na criação de estratégias e melhorias para nossa organização também está nessa categoria. Em certa entrega feita por Leandro, a consumidora não o pagou, alegando que já havia pago a outro ciclista do mesmo grupo, seu Odair. Contudo, seu Odair não lembrava de ter recebido nenhum valor a mais na semana anterior, quando ele foi à casa da cliente. Refletimos sobre o assunto, mas não foi possível saber o que havia acontecido (se Odair não se atentou ao pagamento de duas entregas; ou se a pessoa se confundiu sobre os valores). Naquele momento, fizemos um rateio para que Leandro não ficasse sem receber e depois encaminhamos soluções:

Conversamos sobre o problema e com o intuito de evitarmos que se repetisse, pensamos nos vales. Os vales funcionariam da seguinte forma: a pessoa que contrata regularmente o serviço pode comprar os vales. No momento da entrega do produto, ela dá o vale ao/à cicloentregador/a como pagamento pelo serviço. Fizemos os vales em uma gráfica e mandamos plastificar. Fernanda foi buscá-los e os trouxe na reunião de hoje. Dividimos por cor, cada participante recebeu cinco vales da mesma cor, tinha verde, amarelo e vermelho. As diferentes cores servirão para sabermos com quem está o dinheiro, ou seja, para quem a entrega foi paga. Fernanda ficou com os vermelhos, Leandro com os amarelos e Odair com os verdes (VI-6).

Outra dificuldade superada pelo grupo foi relacionada às cestas do assentamento. Houve um problema com a gestão das cestas, quando quiseram fazer a intermediação entre os nossos serviços e os/as consumidores/as da cesta. Andréia procurou as pessoas que faziam a gestão e identificou o problema, entendendo que seria melhor tirar o atravessamento. Portanto, seria mais viável:

[...] que eles sugerissem a cicloentrega como uma possibilidade e deixassem para nós o contato direto com o/a cliente para combinar o serviço. Andréia

levou a nova proposta para reunião e ela foi aceita pelos demais. Odair disse que isso deveria ter ocorrido desde o início. Andréia ficou de fechar o acordo com a gestão das cestas (VII-33).

Fizemos também uma parceria com uma produtora de doces, e certa vez Leandro precisou transportar um bolo de aniversário na bicicleta; não sabendo como fazê-lo de maneira a não estragar o produto, levou o assunto para a reunião. Leandro primeiro considerou levar o bolo preso ao bagageiro, mas foi desestimulado pelos/as demais. Depois pensamos na possibilidade de levar dentro de uma mochila nas costas. Por fim,

Andréia sugeriu para Leandro usar a mochila de carregar pizzas, que havíamos emprestado de um amigo do Adriano para realizar algumas entregas de marmitas veganas. Leandro disse que era uma boa ideia, mas que de todo jeito necessitaria de um calço. Adriano sugeriu fazer o calço com espuma. Andréia comentou que nossas articulações absorvem mais impactos do que o sistema de amortecimento da bicicleta e que, nesse caso, carregar o bolo nas costas seria mais indicado. Leandro concordou e decidiu fazer a entrega com a caixa de pizza (XIV-9).

Por fim, compreendemos que alguns aspectos divergentes dessa categoria se tornaram importantes para a análise dos motivos do encerramento do EES em 2019, a ser feita nas considerações deste trabalho. De um lado, as ações engajadas possibilitaram o desenvolvimento, a estruturação e a expansão das atividades; de outro, a falta de comprometimento ou a desorganização representaram a inflexão do EES, minguando possibilidades. Vamos, portanto, descrever esses momentos e também trazer algumas avaliações feitas pelos/as participantes.

Entre janeiro e março ocorreu uma pausa das atividades do grupo. Houve esforços para que as reuniões voltassem, mas os/as participantes estavam sempre indisponíveis para tal. “Leandro tentou marcar uma reunião no dia 16/01, Andréia nos dias 24/01, 10/02, 20/02, 11/03 e 14/03. Odair propôs pedalarmos juntos no dia 21/03. [...] Chegamos a marcar no dia 18/03 no Kartódromo, mas apenas Andréia apareceu” (XVII-1d). Sobre o retorno das reuniões, Andréia relatou:

[...] achei bem difícil essa retomada. O grupo parou no momento em que Adriano e Benedito entraram, então parece que tudo ficou meio no ar. Fernanda estava bastante ausente, porque tinha arrumado outro trabalho, então praticamente metade do grupo era nova e não sabia muito bem do histórico. Ao mesmo tempo, as decisões tomadas até o momento que Adriano e Benedito entraram ficaram desatualizadas, ou esquecidas. Naquele momento me parecia que a tentativa de retomar o grupo seria em vão, achei que não haveria condições materiais disso ocorrer (IX-10d).

Esta pausa afetou as entregas, que não estavam sendo realizadas. Durante esse período “[...] algumas entregas apareceram e discutimos no grupo quem poderia fazê-las, contudo, muitas não foram feitas e até mesmo não foram justificadas, deixando as pessoas sem notícias se haveria entrega ou não” (XVII-4d). Chegamos a receber diversas reclamações, inclusive de antigos parceiros, como o grupo de compras coletivas e o assentamento.

Na primeira reunião de retorno consideramos a possibilidade de ter horários fixos para trabalhar. Andréia ponderou que ter um horário fixo poderia auxiliar no compromisso com o EES e evitaria situações como as que ocorreram, em que os/as clientes solicitaram entregas, mas não havia ninguém disponível para executar o serviço. Por exemplo: “[...] a moça dos cosméticos mesmo, chegou um momento que ela tava com várias entregas pra gente e não tinha gente para entregar, daí ela foi desistindo e foi diminuindo, entendeu, ao invés de aumentar para todas as entregas ser a gente” (IX-23d).

Também por causa dessa pausa, o grupo deixou de comparecer às reuniões do Fórum de ES. Em janeiro nos foi oferecida uma sala no DAES para acolher o EES, mas não conseguimos nos reunir para discutir o assunto e acabamos perdendo essa oportunidade, que foi muito almejada pelos/as participantes. Sobre isso Odair chegou a dizer: “[...] não pode perder a sala, né? A gente tá ganhando as outras coisas. Um dos cêis mesmo pode fazer um esforço, meu, o Benedito, o Adriano, tem que fazer uma forcinha pra não perder a sala” (XVII-11).

Em uma das reuniões conversamos sobre um novo empreendimento que estava fazendo comida orgânica na cidade. Eles estavam bem estruturados, já tinham aplicativo para que clientes fizessem os pedidos e haviam feito parcerias com outros grupos da cidade, como os assentamentos, de onde vinham todos os legumes e verduras utilizados nos alimentos. Era uma ótima oportunidade de parceria para os CicloPedaleiros, contudo Adriano avaliou: “[...] acho que ainda não rolou por questão de organização nossa, de chegar pra eles e falar o que a gente tem de possibilidade” (XVI-18d).

De maneira contrária, avaliamos que nos momentos em que o grupo quis manter o EES, embora em meio às adversidades, emergiu a vontade de permanecer fazendo algo inovador e que poderia transformar a realidade de todos/as os/as envolvidos/as. A maior parte das unidades de significado relacionadas a isso foi identificada nas avaliações feitas pelos/as participantes em situações de crise ou instabilidade, na maioria das vezes antes ou depois de uma das pausas. Benedito disse:

‘Ah, eu queria continuar, mas, quando a gente tava com as reuniões, falando cada um de quanto a gente queria ganhar no futuro, assim, acho que a gente

tem que trabalhar pra que isso aconteça, a gente precisa de novas pessoas também, precisa realmente pegar no tranco, assim, a gente tá parado também, né? Antes mais no tranco do que agora. Mas ah, eu pretendo sim, eu também esse semestre tá bem difícil de aparecer em reuniões, assim, mas entregas eu tenho até feito. Eu fiz uma que a moça pediu, ela pediu direto pra mim. Ela falou assim ‘ah, como que eu faço pra pedir uma cicloentrega?’ e eu falei ‘ah, manda pra mim que eu mando no grupo’ [risos], aí ela mandou pra mim e eu falei ‘ah, eu posso fazer’, aí não tinha sentido mandar no grupo, aí, eu fiz’ (XVII-10).

E em outra reunião, Odair disse:

Nóis pode, nós pode pensar na na cicloentregas, né, do mesmo jeito, sempre fazendo essa reunião né, para vê se consegue, se consegue esse negócio que você tava falando, de mil e quinhentos reais por mês, sei lá, né, porque não pode parar, talvez se nós arruma um lugar assim que pega uma entrega boa do meio dia até de noite, sei lá, a gente não pode perder né (IX-18).

Sendo assim, compreendemos que os/as participantes, de maneira implicada, demonstraram pertencimento, criatividade e proatividade na condução das atividades e dificuldades, bem como nas decisões que envolviam o EES. Entretanto houve também momentos de pausas, em que atitudes pouco implicadas afetaram o desenvolvimento do empreendimento. Todavia analisamos que o encerramento das atividades e serviços não minimizou a relevância dos processos educativos de engajamento e autonomia, os quais entendemos, assim como Freire (2016) e Oliveira *et al.* (2014a), fundamentais para uma educação cheia de sentido.

### **C) Precarização é a palavra do ano**

Das relações de trabalho presentes no EES emergiram processos educativos consubstanciados na terceira categoria. A precarização circundante engendrada pelo neoliberalismo foi apreendida pelos/as participantes, principalmente quando comparada com a proposta da ES. Foram os diálogos que nos fizeram perceber a *uberização* permeando nosso cotidiano em São Carlos, nos mais diversos ramos. E foi ele também que nos motivou a estabelecer relações mais saudáveis com o trabalho, construídas sobre outros princípios e necessidades.

Um dos princípios da ES é a valorização humana. Os processos educativos que emergiram nessa categoria reorganizaram o trabalho como algo prazeroso e criativo, diferente do que acontece no capitalismo. Certa vez Leandro disse que gostaria de ganhar “[...] dois mil reais, [e trabalhar] seis horas por dia, para dar tempo pro ócio também” (X-8). Sobre os sábados

“[...] concordamos que seria melhor não trabalhar, mas se fosse preciso, quatro horas seria o máximo, ainda em sistema de escala, sábados sim e não. Aos domingos ninguém gostaria de trabalhar” (X-8).

Quando tentamos estabelecer parceria com uma padaria artesanal, eles nos propuseram entregar de graça no centro da cidade, onde está localizada, e em troca colocariam nosso logo nos *folders* deles. Depois de discutir o assunto, “[...] decidimos não aceitar a proposta das entregas gratuitas, pois isso não valorizaria o nosso trabalho” (VI-8). E ainda sobre a padaria, a proposta era que ficasse um/a entregador/a disponível todo o tempo no local. Avaliamos e decidimos fazer uma contraproposta, que era mais viável para nós:

Resolvemos aceitar a proposta da seguinte forma: a princípio ficaremos disponíveis todas as manhãs (das 8h às 10h) e fim de tarde (das 17h às 19h). Quando houver entregas, a Padaria entra em contato conosco por meio de telefone e fazemos o serviço, dessa forma não precisaremos ficar lá no estabelecimento esperando uma solicitação e poderemos utilizar esse tempo para outras tarefas. Fernanda ficará disponível pelas manhãs e Odair à tarde. Pediremos à Padaria que concentre duas ou mais entregas e que indique horários já preestabelecidos aos clientes, por exemplo, às 9h sai o/a cicloentregador/a, então, entre 8h e 9h os pedidos são coletados e confirmados para chegar às 9h30min. O mesmo deve ocorrer no período da tarde (VI-8).

A divisão igualitária de tarefas também é outro pilar da ES, e embora burocraticamente os empreendimentos necessitem apresentar estruturas formais, na prática não existem hierarquias entre os/as sócios/as. Para o cadastramento, que aconteceria em 2019, o grupo precisou obrigatoriamente eleger uma diretoria, cujo processo ocorreu da seguinte forma: “Adriano votou em Leandro, Leandro votou no Benedito, Benedito votou no Adriano, Odair votou na Andréia e Andréia votou no Odair. Rimos. Fizemos novamente e todos repetiram os votos, menos Odair, que votou no Leandro, que ficou sendo nosso presidente” (XVII-18).

Fora da burocracia, todos/as os/as participantes atuavam em todas as tarefas, que eram divididas nas reuniões: “Discutimos as entregas rotineiras da semana e quem seriam os/as responsáveis. Odair faria as cestas do assentamento na segunda; e Fernanda faria a entrega do grupo de compras coletivas e das cestas do assentamento na quarta” (V-12). Quando Odair perguntou quem seria o próximo no rodízio de quarta-feira, “[...] não sabíamos ao certo, então refletimos juntos sobre as entregas anteriores até descobrir quem seria. Seria o Leandro, entretanto ele não poderia fazer e pediu para que outra pessoa fizesse. Odair aceitou fazer” (II-6).

Algumas vezes, porém, os/as participantes não conseguiam realizar a tarefa por que haviam se responsabilizado e perguntavam em reunião ou no grupo do aplicativo de

conversas se poderiam ser substituídos/as. “Fernanda comentou que vai trabalhar em um “*frela*” na quinta e que não poderia se dedicar a essa tarefa. Seu Odair falou que não poderia ir e Leandro disse que poderia. Por fim, Leandro e Andréia ficaram de realizar a tarefa” (V-9). Em outra ocasião:

Leandro sinalizou estar um pouco cansado e a loja queria que duas entregas fossem feitas logo às 8h da manhã do dia seguinte. Andréia disse pelo aplicativo que poderia ajudá-lo e que estaria na loja no horário combinado para fazer as duas primeiras e que ele poderia fazer as outras duas por volta das 11h. Como combinado, Andréia apresentou-se pontualmente na loja às 8h, trajando o colete alaranjado do projeto. Ela fez as duas entregas em aproximadamente 50 minutos, pois eram um tanto distantes. Leandro foi na sequência e fez as demais (VII-11).

Nas atividades realizadas durante as reuniões, as tarefas também eram divididas, para que todos/as participassem dos processos de gestão e estruturação. Por exemplo: para confirmar as entregas do grupo de compras coletivas, “Andréia acompanhou Odair nas ligações; Leandro e Fernanda tiveram mais autonomia. Cada um/a fez cerca de seis ligações para os/as clientes das duas compras” (III-6). Nessa mesma reunião “[...] decidimos que montaríamos uma lista de cliente para cada compra, facilitando a montagem das rotas. Depois alimentaríamos coletivamente a planilha online de consumidores/as para atualizar o banco de dados” (III-4). Sobre isso:

Os/as cicloentregadores/as deveriam abrir a planilha com os nomes, telefones e endereços; traçar a rota no mapa virtual e calcular distância e preço; montar a rota de todas as entregas; ligar para os/as clientes e informar sobre o valor do serviço e horário da entrega; perguntar sobre troco; empacotar separadamente as encomendas; entregar. Os/as participantes se dividiram em duas equipes para realizar as tarefas (Leandro e Odair em uma; Fernanda e Andréia em outra) e cada grupo pegou um computador portátil (trazidos por Andréia para a atividade). Depois de concluir a tarefa, conversamos sobre as rotas desenhadas e decidimos coletivamente qual seria a melhor (I-5).

Como todas as tarefas eram compartilhadas, havia também divisão de recursos igualitária entre os/as sócios/as. Essa divisão acontecia por meio da distribuição das entregas na semana, equilibrando quanto cada um/a recebia. Mas poderia ocorrer, também, de juntar todo o dinheiro de determinada rota e distribuí-lo de maneira justa. Na entrega de grãos, por exemplo, Leandro e Odair “[...] decidiram traçar rota única, pois assim conseguiriam levar todo o peso de uma vez, ou seja, 31kg, transportando cerca de 15kg por bicicleta. O objetivo era começar pela casa que comprou 9kg e depois redistribuir o peso para não ficarem muito cansados (III-10). Depois seguiu o diálogo:



Leandro disse: ‘quanto a divisão de valores. A gente tinha combinado, como o Seu Odair tava fazendo menos entrega, eu e a Fernanda tava fazendo mais essas de toda semana e agora teve essas duas da feira de segunda-feira, é, a gente ficou de dar para o Seu Odair, as entregas de maior valor, no caso essas de quatorze reais. Só na verdade, então se for fazer essas contas, o Seu Odair ficou com dezenove. Então, daí, a outra parte, a outra quantidade vai ficar comigo daí, das entregas, se não me engano, tudo deu vinte e nove de entregas hoje. Daí só tem essa que eu combinei com ela na segunda-feira’ (III-20).

Outra diferença entre um EES e uma empresa comum é que, no caso dos EES, os problemas são compartilhados e as respostas refletidas conjuntamente. Em muitos momentos, o grupo pensou em tentar estabelecer algum ponto fixo como forma de guardar todos os equipamentos em um mesmo lugar, mas também para conseguir concentrar as entregas, o que possibilitaria planejar rotas e valorizar a hora. Andréia disse: “[...] hoje em dia, isso é feito em alguns casos, como nas entregas da compra coletiva, mas na maioria das vezes saímos para entregar apenas um produto, o que encarece a entrega e causa maior cansaço” (IX-25). Sobre isso, Adriano comentou:

‘Aí, uma outra proposta que veio agora, enquanto a gente não tem nenhum espaço, dá pra usar o espaço lá de casa. Lá em casa tem um barracão que tem espaço, é um dos meus sonhos ter uma oficina de bike lá, mas ainda não consegui desenvolver, porque precisa investir em ferramentas e tal, organizar o espaço [...]. Aí assim, tem espaço, tem estrutura, é uma área bem central, acho que pelo menos provisoriamente, também dá pra usar lá. A gente pode conversar, a gente pode marcar uma reunião lá e ver o que vocês acham do espaço, da localização, é perto da Praça Brasil’ (XVI-9).

Outro problema que entrou para a pauta mais de uma vez foi a falta de recursos para confeccionar um uniforme de identificação visual do EES. Discutimos sobre a necessidade de vestir blusa de ciclismo para realizar as entregas, pois além de própria para o trabalho, é mais fresca que as camisetas comuns. No entanto, o grupo não dispunha de dinheiro para tal, confeccionada com tecido tipo *dry fit* e com bolsos atrás. Conversamos sobre este problema e encontramos uma solução:

Adriano fez o orçamento, sairia R\$53,00 cada e agora precisávamos fazer pelo menos 4 camisetas. Como não tínhamos dinheiro em caixa, pensamos em fazer uma rifa (100 rifas de R\$2,00) com a cesta de produtos naturais doada pela loja de orgânicos. Adriano falou que poderíamos rifar uma bicicleta, por meio de alguma parceria com uma bicicletaria e cobrar R\$5,00 cada número. Como contrapartida poderíamos colocar o logo deles na camiseta [...]. Adriano ficou de procurar bicicletarias para fazer a proposta (XVI-14).

Nos EES, a decisão sobre o preço de produtos e serviços é feita por meio do Plano de Negócios e do Estudo de Viabilidade Econômica (EVE), que considera todos os

aspectos do trabalho e seu contexto e define um cálculo justo sobre o valor a ser cobrado. No caso da cicloentrega, chegamos a valores que levavam em consideração duas variáveis, quilometragem e peso. Esses valores estavam descritos na nossa tabela de preços (Figura 6), que era sempre repassada a clientes e parceiros/as.

Entretanto, havia um valor justo a ser recebido por hora de trabalhada (R\$20,07) que só poderia ser atingido quando saíamos para fazer mais de uma entrega. Após cada trabalho, verificávamos coletivamente se o preço justo havia sido atingido. Na distribuição da compra de mel (descrita no DC-I), por exemplo, a avaliação foi a seguinte: “[...] pedalamos 27,6km em 3h08min, recebemos o valor de R\$48,00 por todas as entregas, resultando em aproximadamente R\$16,00/h. Se tivéssemos feito as entregas em 2h30min, ganharíamos o valor de R\$19,20 (bem próximo dos R\$20,07 do EVE)” (I-20).

A compra do mel foi uma entrega-teste, cuja rota foi feita conjuntamente como forma de praticar. O tempo total foi maior do que o esperado por causa de algumas particularidades, como a conversa durante o pedalar, o ritmo exclusivo de cada pessoa e as diversas pausas que fizemos (uma com mais de 30min). Essas especificidades foram identificadas pelo grupo, que considerou a possibilidade de realizar a rota em 2h30min. Nesse caso, portanto, o preço justo foi atingido. Na décima sétima reunião, Benedito relatou o seguinte:

‘Eu fiz uma entrega pra ela [consumidora] que era seis reais, daí ela não pagou no dia e depois de duas semanas pagou cinco. Aí outro dia eu fui lá e pedi um real pra ela. Falei ‘ah, eu vou pedir esse um real, não porque tá faltando um real, mas porque eu acho que é meio desvalorizado o serviço e se a gente ficar deixando um real ali, a gente fica mais desvalorizado ainda. Aí ela me deu dois [risos] e eu vou devolver um real pra ela’. Andréia perguntou se ele tinha ido várias vezes à casa dela e Benedito respondeu que não, que sempre a encontra pela cidade (XVII-15).

Entretanto, nem sempre o preço justo foi cobrado, gerando US divergentes nessa categoria. Questionado se havia usado a planilha para cobrar o preço de uma entrega do grupo de compras coletivas, “Leandro respondeu que não, que eles cobraram o valor de R\$4,00 pois era uma entrega muito perto (cerca de 600m) e que Benedito colocou três caixas no bagageiro e mais uma na mochila para conseguir levar tudo em uma única viagem” (VIII-6d). Na parceria com a loja de orgânicos, eles nos pediram para cobrar:

[...] um valor fixo, pois eles não queriam calcular a distância de cada entrega e acharam que ficaria bastante complexo separar as duas gestões, pois eles já têm muitas funções na loja e isso poderia atrapalhar a dinâmica. Aceitamos o

valor de R\$5,00 para todas as entregas, longe ou perto, e decidimos avaliar a parceria por um tempo (VII-13d).

Depois avaliamos que a parceria construída dessa forma não valorizava nosso trabalho. “Leandro comentou sobre as entregas da loja de orgânicos, disse que tinha feito duas pela manhã e que o preço cobrado não foi satisfatório (R\$5,00 para qualquer lugar da cidade), sendo uma das entregas no centro e outra próxima ao shopping” (VIII-14d). Ainda sobre isso, Leandro avaliou que todas as pessoas envolvidas foram prejudicadas (ele, a loja e o/a consumidor/a), pois:

[...] foi necessário sair com as duas cestas (que são comercializadas em caixas de papelão fornecidas pela loja), uma sobre a outra, ambas presas ao bagageiro com um elástico que, para dar firmeza, precisou ser tensionado, amassando as duas caixas. O problema é que essas caixas são retornáveis (o/a cliente que devolve a caixa recebe desconto na próxima cesta) e chegaram ao destino completamente destruídas, o que porventura prejudicou tanto o/a consumidor/a quanto a loja. Além disso, Leandro disse que as caixas são grandes e pesadas e ficam instáveis no bagageiro, o que gera certa insegurança e lentidão ao pedalar (VIII-14d).

Nesse caso, optamos por parar a parceria, pois seria complexo fazer a gestão conjunta das entregas. Todavia tivemos ainda outros impasses nas parcerias que foram se construindo ao longo da trajetória. Havia uma produtora de cosmético artesanal que queria realizar a distribuição de seus produtos por meio do nosso EES, considerando que tinha relação com o negócio dela, pois ambas as marcas estavam ligadas à sustentabilidade. O problema é que essa pessoa fazia o contato com seus/suas clientes e definia ela própria um valor para a cicloentrega menor do que cobrávamos, o que interferia na autogestão do grupo. O incômodo causado por essa situação rendeu reflexões e unidade de significado divergente na construção desta categoria, conforme segue:

Benedito perguntou quem era a moça dos cosméticos e Leandro disse que era a pessoa que morava em um condomínio distante e queria que cobrasse só R\$5,00 ou R\$6,00 por entrega. Leandro comentou que nesse caso ninguém quis fazer as entregas dela porque são longe e porque ela quer estipular o nosso preço, ou seja, ela cobra o preço que quer pelos produtos dela e depois abaixa o preço do nosso serviço para que o conjunto não fique caro para o/a consumidor/a. Entendemos que isso (pedir para reduzirmos a valor da cicloentrega até no máximo R\$6,00) teria nos desestimulado a atendê-la (IX-24d).

Estipular o preço do nosso serviço ou baixá-lo para além do que foi calculado como justo precariza não só o trabalho, mas também as relações entre EES e parceiros/as. Em relação às entregas do assentamento, quem primeiro nos contactou foram as pessoas que faziam

a gestão da cesta. Estabelecida a parceria, esse grupo passou a atuar como intermediário entre a cicloentrega e os/as consumidores/as, compreendendo que poderiam facilitar o processo. Todavia, em algum momento:

Houve um problema de diálogo: Leandro foi fazer a entrega na segunda-feira passada e ela havia sido cancelada pela consumidora. Os/as gestores/as da cesta deveriam nos ter comunicado com antecedência, mas isso só foi feito quando Leandro chegou lá e acabou que ele se deslocou sem motivo. Em áudio no aplicativo de conversas ele propôs “pararmos com a parceria” e afirmou estar bastante chateado com o ocorrido. O caso era que eles/as estavam tentando fazer a gestão do nosso trabalho (marcando horário, combinando preço, fazendo a ponte entre nós e os/as consumidores/as) e isso vinha causando alguns conflitos. Já tinha ocorrido, por exemplo, deles cobrarem preços errados e tivemos que fazer a entrega recebendo menos (VII-32d).

No primeiro caso, resolvemos o problema solicitando à produtora de cosméticos que nos entregasse os produtos na região central e nos devolvesse a gestão das entregas, ou seja, o relacionamento com o/a cliente sobre os pormenores do serviço, como horário e preço. E no caso do assentamento, como descrito na categoria anterior, solicitamos que a gestão apenas indicasse o serviço e nós faríamos o contato com os/as clientes que se interessassem.

Entretanto, convém ressaltar que havia parcerias bem desenhadas e que auxiliavam no desenvolvimento do EES. Como já descrito, as compras coletivas foram, desde sempre, nossa melhor parceria. Isso porque os/as consumidores/as eram sensibilizados/as para a ES e procuravam apoiar o nosso grupo. Certa vez Leandro comentou que as entregas da compra coletiva compensavam e lembrou a compra de óleos essenciais em que “ganhou R\$40,00 em 7 entregas, pedalando por 2h. Benedito comentou que na entrega de chocolates ganhou R\$17,00 por 3 entregas, 40min pedalando. Disse que deu ‘um rolê na cidade inteira e foi legal’” (IX-26).

Em outra parceria, com a moça das marmitas, “Leandro comentou que foi legal, pois além de podermos estipular nosso preço e conseguir cerca de dez entregas, ela os presenteou com uma refeição no fim do trabalho” (XV-12). Ter parceiros solidários faz com que possamos construir um empreendimento sem ter como limite problemas comuns aos empregos convencionais, como a desvalorização das pessoas em detrimento do dinheiro. Possibilita, também, que o EES estenda essa rede de solidariedade, como no caso a seguir:

Adriano comentou: ‘Eu ia falar da gente se envolver mais, a gente com o nosso grupo, cicloentrega, empreendimento de Economia Solidária, da gente tá envolvido também nesses outros movimentos, então a gente chegar junto como parceiro assim, dos movimentos que já existem, que seria esse Bike Anjo, que já existe aqui em São Carlos, né? Alguém comentou, daí, tipo,

entrar em contato com essa galera e falar, ó a gente também tem uma equipe de pedaleiro, como é que a gente faz para ajudar e, e aí nisso também acaba divulgando nosso empreendimento, assim né, a gente faz como voluntário, mas não precisa a gente puxar isso se já existe, talvez conversar com eles' (XI-4).

Leandro relacionou “ativismo” com “solidariedade”. Disse: “[...] eu vejo o lance da bike nossa muito como ativismo também, então eu acho que tipo, ensinar uma pessoa a se locomover dentro da cidade, eu acho que a gente devia encarar isso como ativismo, como algo solidário” (X-14). Em ambas as falas, os participantes se colocaram como pertencentes a algo transformador, que trazia também a responsabilidade de estabelecer redes para além das estruturas do EES, tanto de dentro pra fora quanto de fora pra dentro. Adriano disse:

‘Aqui, é até uma coisa que eu tava pensando, a gente precisa começar, a gente precisa fazer um trabalho forte de conscientização das pessoas, do nosso trabalho, da importância dele, pras pessoas valorizar, pô realmente, sabe? Botar de uma forma que toque as pessoas ‘pô realmente véio, esse projeto, tem que investir, mesmo que pague mais caro que uma entrega, é justo e tô mesmo colaborando com as coisas’, tá ligado?’ (XIV-5).

Havia vontade de se juntar a outras propostas parecidas, porque impulsionaria não só o EES, mas toda uma rede alternativa de produtos e serviços ligados ou não à ES. Por exemplo, existia na cidade um grupo que produzia marmitas orgânicas: “[...] os caras colhem no dia, alimento orgânico, cozinham, fazem a marmita inteira orgânica, vegetariana, vegana, usam uma caixinha de papelão pra não usar marmita de alumínio [que não é reciclável] e entregam de moto. Dá pra entender? A gente tinha que pegar essas entregas” (XVI-17). Adriano também vislumbrou a possibilidade de se associar com a UFSCar: “Mano, dá pra nós fazer uma parceira aqui dentro da universidade, né? Com o pessoal da engenharia mecânica, pros caras fazerem uma carretinha pra bike, seria legal” (XIV-8).

Sobre o contexto do trabalho que estava sendo desenvolvido no EES, ocorreu uma importante reflexão a partir da necessidade de realizar uma melhoria na comunicação. Naquele momento, as entregas chegavam por meio do telefone do grupo, mas também pelo celular dos/as participantes. Depois eram compartilhadas no aplicativo de conversas para decidirem coletivamente quem as fariam. Entretanto, em algumas situações, essa comunicação falhava e causava constrangimentos ao grupo.

Adriano pensou em uma forma de resolver essa questão. Ele tinha visto o lançamento de um empreendimento solidário nas redes sociais, cujo pedido de produtos era feito por meio de aplicativo. Quando viu a informação, entrou em contato com o empreendimento e solicitou: “[...] passa o contato dessa galera do aplicativo que eu tenho muita

vontade de fazer um aplicativo pro nosso empreendimento dos CicloPedaleiros, aí ela falou ‘pô, é uma galera que tem essa ideia de trabalhar com questões de empreendimentos sociais’” (XVI-16). Sobre como seria o aplicativo, Adriano sugeriu:

‘Eu imagino um aplicativo, não sei como seria para construir ele, né? Que que seria possível, né? Mas eu imagino que um aplicativo daria para fazer muito, chamar muito cliente assim. Ele chega, tem tudo lá, se coloca já de onde cê é pra onde cê quer e ele já calcula o preço, calcula a rota, já aparece tudo pra gente, não precisa ficar procurando mapa. Eu pensei até em fazer um legal, eu pensei em fazer um jogo de entrega de bike, tá ligado? Um bagulho que você entra lá, tal fulano pediu tal entrega, aí você tem que ir lá com a bicicletinha, pá e fazer a entrega. Um que tivesse vinculado ao nosso aplicativo, entendeu? Porque a pessoa baixa pra jogar e já aparece nosso empreendimento. Aí a gente coloca dificuldades, os desafios do dia a dia dos CicloPedaleiros, oh você saiu e está chovendo pra caramba, seria um jogo educativo’. Benedito comentou: ‘no final aparecia a mensagem você perdeu, você entendeu porque a entrega custa esse preço? Muito educativo’, [...] Adriano: ‘Daí você passa maior perrengue e recebe cinco reais pela entrega, depois aparece a mensagem, você precisa trocar de peças, duzentos e trinta reais, você conseguiu só, fez dez entregas e conseguiu cinquenta’ (XI-13).

Analisamos que o aplicativo representou uma proposta de superação de uma dificuldade, no caso a comunicação. Contudo, ao imaginá-lo, os/as participantes o fizeram por meio da reflexão sobre o cotidiano do EES. Primeiro Adriano fala do jogo como algo educativo, que apresentaria aos/às consumidores/as a rotina da atividade. Depois Benedito, ao justificar o valor do serviço, demonstra que o preço calculado também leva em consideração aspectos materiais da vida de quem trabalha, como bem-estar das pessoas e gastos com a manutenção da bicicleta.

A forma como descreveram o aplicativo deixou transparecer que o trabalho realizado no EES não é alienado, ou seja, ele é todo construído, planejado e elaborado pelos/as sócios/as. Estas pessoas detêm os meios de trabalho, a possibilidade de avaliá-lo e transformá-lo; decidem o que é relevante, para quem vão prestar serviço e calculam o preço justo da entrega (possibilidades que são inexistentes para trabalhadores/as vinculados/as às plataformas *uberizadas*). Esse privilégio escancarava as entrelinhas da precarização.

Por exemplo, recebemos uma proposta de parceria para atuar na entrega de produtos de um mercado que funcionaria de portas fechadas e venderia por meio de site e de aplicativos para celular. Curiosos/as sobre a proposta, Adriano se prontificou a nos representar em reunião marcada com o dono do estabelecimento. Depois fez o relato e comentou que era uma proposta por demanda e, portanto, seria necessário ficarmos disponíveis durante todo o

período de atendimento para realizar qualquer entrega que fosse solicitada. Segundo Adriano, o dono esperava ocupar todos/as os/as demais envolvidos/as da mesma forma<sup>25</sup>:

‘Esse tipo de projeto dele, eu acho que ele dá uma enfraquecida no trabalho, assim, não no nosso trabalho, mas no geral, sabe? Precariza o trabalho, porque a ideia dele é que a gente, a gente já faz isso na verdade, a gente ganha pelo que a gente pedala, né? A ideia dele é que as pessoas ganhem pelo que elas produzem, então ele quer pagar um preço justo assim, pro cara que corta a carne, um preço justo pra pessoa que faz a coleta e que recebe o pedido, um preço justo pra pessoa que coloca as coisas no carrinho, que separa, né? E o preço justo pra ele é tipo conforme a demanda, assim, então vai lá, o cara recebe o pedido daí ele vai ser pago mediante aquele pedido, né? Só que é assim, eu acho que a gente trabalha, agora nesse momento a gente trabalha por tempo pago, né? Com a CLT atual, tipo, a gente trabalhou oito horas por dia e é pago por essas oito horas por dia, não importa o que a gente esteja fazendo essas oito horas por dia. Sei lá, tem um restaurante, o cara vai ter um pico entre onze horas e uma ou duas horas da tarde, o resto do tempo as pessoas estão mais paradas, recebem um pedido ou outro, vai comprar um salgado e tal, né? Mas você recebe pelo seu dia inteiro trabalhado. Aí no caso do cara, ele só quer, ele quer pagar pela quantidade de pessoas que você atende. Então, o que acontece, pra mim, eu acho que, provavelmente não vai compensar, ele vai pagar por essa mão de obra produzida, assim, mas o tempo que você tá parado, você vai tá lá apostado, né mano? E você não vai ser pago por isso, saca? Eu acho que é mais um projeto de precarização do trabalho assim, mesmo, né? Tipo eu vejo que o cara, ele não fez isso na maldade, tanto que uma hora eu perguntei pra ele: ‘mas e as pessoas que trabalham já?’ que nem, ele começou a me explicar com um exemplo que o dono de outro mercado chegou e perguntou pra ele ‘eu tô com dez pessoas aqui no caixa e boa parte do tempo elas estão paradas, né?’; daí o cara explicou pra ele e tal. Eu perguntei pra ele: ‘tá, mas’, ele falou no final, ‘então quer dizer que no final eu consigo fazer tudo o que essas dez pessoas fazem, só com duas’ e aí eu perguntei pra ele: ‘o que essas outras oito pessoas vão fazer’, né? [risos]. Daí ele tipo, deu uma curva, assim, tentou explicar tudo: ‘não, porque cê tem que produzir e tem que pensar nisso, né?’, tipo pra chegar no final e falar pra mim: ‘olha Leandro, eu sinceramente não sei dizer o que essas outras oito pessoas vão fazer [risos]. Eu queria que, tipo, ele me falasse, sei lá, que ‘ah não, essas pessoas vão ser remanejadas para outras funções, assim’, mas nem isso ele pensou’(XV-16).

Após o relato de Adriano, iniciamos uma discussão sobre essas novas formas de trabalho e como elas são prejudiciais. Lembramos outras propostas que já havíamos recebido e que tivemos autonomia para negar, mas compreendemos que a escolha não está disponível para a maioria das pessoas. No relato de Adriano apareceu o termo precarização, novidade que gerou curiosidade em outra integrante do grupo:

Andréia perguntou ‘onde você ouviu falar precarização do trabalho?’ e Leandro respondeu ‘onde eu escutei falar? Nossa mano, em todo lugar velho, eu acho que precarização é a palavra do ano. Eu acho que a partir do momento

---

<sup>25</sup> As duas próximas citações são longas, mas entendemos que são necessárias para a análise.

que a gente viu que o Congresso estava se ajustando pra fazer uma nova CLT, pra arrumar tudo isso, a gente começou a escutar falar da precarização do trabalho, ela se tornou uma palavra mais recorrente. Tipo, acho que antes disso a gente não escutava tanto, porque, mano, sei lá, o neoliberalismo, ele estava ali sempre, né? Tipo, como algo que as pessoas, que os políticos propunham, mas ele nunca se tornou tão presente quanto agora parece, né? Na verdade, ele já foi presente, sei lá, na década de 80, mas só que era outra forma, né? Até aquele momento realmente parece que eles queriam que as pessoas, todos trabalhassem pra produzir, né? Não era uma coisa diferente, agora, tipo, a ideia mudou, você tem que trabalhar, mas você tem que produzir e você só vai ser pago pela sua produção, você não vai ser pago pelo seu tempo de trabalho, então eu acho que, tipo, a partir desse momento que os políticos começaram, aqui no Brasil, começaram a se remanejar, a gente acabou escutando mais isso. E isso, junto com, sei lá, com mão de obra escrava mesmo, coisas que a gente sabe que existem, né, mano? Apesar da distância nossa, né?'. Andréia perguntou quando Benedito havia entendido o termo precarização e ele respondeu: 'há já faz uns dois anos, dois anos, assim. É que qualquer assunto ligado à precarização do trabalho, qualquer assunto de, sei lá, política ligado a trabalho, é uma palavra...'. Leandro interrompeu a fala e disse: 'acho que a partir do segundo mandato da Dilma se tornou muito comum, né? Que a gente começou a ver uma pressão interna, ali muito maior, pra ela vazar, né? Pra eles poderem aprovar a demanda que eles quiserem, os projetos que eles querem agora, tão muito mais ligados com os patrões mesmo'. Benedito retomou: 'eu acho que essa palavra começou a surgir e se popularizar nos últimos anos, mas o significado dela sempre existiu, né? É que nem machismo, uma palavra recente, comparado com o que ela significa' (XV-17).

Conversamos sobre as visões que tínhamos a respeito das diversas situações do cotidiano e como vinham sendo ampliadas por meio da participação no EES. Essa proposta de parceria despertou em Adriano a noção de que a novidade retiraria o emprego de oito pessoas e colocaria as demais em situação de precarização. Ao trazer o assunto para a reunião, possibilitou que os demais também refletissem sobre isso, o que gerou uma construção compartilhada do que são formas humanizantes e desumanizantes de trabalho. Benedito e Leandro também refletiram sobre as diferenças do capitalismo e da ES:

'[...] o ócio criativo, tudo, acho que até também para fugir um pouco do, daquilo que a gente entende como trabalho, né? Uma coisa que, sei lá, é bitolada, que ocupa, que nos desgasta fisicamente, psicologicamente, sabe, então, nossa energia, acho que economia solidária fala um pouco disso'. Leandro complementou: 'acho que alienação, acho que do tipo do capitalismo é isso, mano, é você só querer, você só poder trabalhar o tempo todo e não poder fazer nada, capitalismo é uma merda por causa disso' (IX-33).

Andréia perguntou a Odair o que seria uma retirada mensal satisfatória, tendo em vista as atividades do EES. Ele respondeu comparando com os salários capitalistas: "[...] uns dois mil, mil e oitocentos, porque numa carteira registrada aí numa empresa, você não vai ganhar mil e oitocentos [...]. Eu ganhava mil e cem bruto [...], lavava banheiro, fazia de tudo,



abastecia os banheiros, abastecia papel-toalha lá no refeitório” (X-7). Benedito também analisou o trabalho capitalista a partir de uma experiência que teve. Ele disse:

‘[...] mas isso de expandir os horizontes, tudo que a gente faz de novo, a gente tá expandido nosso horizonte, outro dia eu trabalhei pela primeira vez como garçom, nossa você começa a ver trabalho de garçom de outra forma, eu sempre tive uma questão de respeitar garçom, porque eu sempre via que as pessoas não respeitavam, aí quando eu fui trabalhar, nossa, você fica mais irritado ainda com o tratamento. As pessoas não são nem um pouco simpáticas, assim, não são delicadas, elas acham que você está lá pra servir elas, o que elas quiserem fazer, se quiser quebrar um copo e falar pra você limpar, você vai ter que fazer isso, porque no fundo você vai ter que fazer isso mesmo, né?’ (XV-21).

Em outro momento falamos de uma das pessoas que participavam do empreendimento de cicloentrega em São Paulo. Andréia comentou que essa pessoa havia desistido de trabalhar empregado porque entendeu que quem ficava com o dinheiro era o patrão. Adriano disse: “[...] foi por isso que ele saiu do outro negócio que ele tava, que ele falou que em quatro dias ele tira o que ele tirava no mês”. Andréia: “[...] [agora] ele tira quase quatro mil, mais de quatro mil por mês” (XIV-4).

Ainda sobre essa ampliação de mundo acerca da realidade do trabalho, Adriano relatou a conversa com uma pessoa que solicitou que ele fosse comprar medicamentos na farmácia e trouxesse até a casa dela. A mulher identificou que o serviço era de grande valor, pois outras opções seriam menos desconfortáveis e sairiam mais caras. O interessante do diálogo empreendido pela consumidora é que fez Adriano compreender a cicloentrega como algo diferente de outros serviços, como a entrega feita por meio de moto:

‘Mas uma das coisas que ela falou é isso, é a valorização sabe? Porque ela falou ‘ó, se não fosse vocês, o que eu ia ter que fazer? Ou eu ia ter que pegar um ônibus, e aí ia gastar mais, um ônibus pra ir e outro pra voltar, fora o tempo que eu ia perder de ficar esperando o ônibus, ou pagar um taxi’, ou seja, as outras opções que ela tinha, mano, sai muito mais barato a entrega, cinco reais, tipo, ou seja, ela falou ‘mesmo que vocês tenham que cobrar a mais, mas fazer o negócio acontecer’, sabe? E se for ver, é isso mesmo, qual que é a outra opção das pessoas? Porque a gente se compara muito com a moto, né? Com a entrega de moto, que você viu o caso de pizza, a gente tá competindo diretamente com um motoboy, só que a gente tem que chegar em mercados que não tem muito a opção do motoboy, que acho que é mais as pessoas pagam cinco reais, chega muito mais rápido, mas colocar isso, meu, se você tivesse que sair da sua casa e ir no mercado buscar essa compra, quanto tempo você ia gastar? Quanto de dinheiro você ia gastar se tivesse que pegar ônibus?’ (XIV-6).

Outro aspecto do trabalho realizado dentro dos princípios da ES é a possibilidade de tomar decisões que consideram o bem-estar das pessoas. Essa é a principal diferença entre trabalhadores/as de EES e aqueles/as envolvidos/as com os aplicativos de empresas privadas. Sobre a entrega das pizzas, por exemplo, descrita por Adriano no trecho anterior, refletimos o seguinte sobre o assunto:

Leandro ponderou: ‘então, esquema nosso das entregas de bike, tem a questão da distância, não sei o que e pizzarias entrega para regiões bem abrangentes, assim, não sei se tem umas mais locais, porque a pizzaria, é um, é um, é então, e pizzaria é um ritmo meio frenético, assim, é mais acelerado, assim, cê vê os motoboy, maaaanooo, não se a gente consegue, não é que não é vontade, não sei se cabe a gente, sabe, se já tem os motoboys, se já faz esse serviço nesse acelerado, porque a pizza sai direto, e muitas vezes é abrangente, não sei’. Leandro disse que poderia funcionar se fosse uma pizzaria menor ou algo ligado à Economia Solidária e que ‘as pizzarias que funcionam, sei lá, com esse intuito mais de arrecadar grana o máximo possível não rolaria pra gente não’ (XIV-10).

Identificamos também que os/as participantes sentiam prazer trabalhando. Após um serviço prestado para o grupo de compras coletivas, Leandro relatou: “[...] dá para pedalar, que é algo que eu gosto e ganhar uma graninha” (VII-18). Sobre ter tranquilidade e poder desenvolver a tarefa com calma, Odair disse: “[...] tem que atender bem o cliente, entregar o objeto, então ali já tá dando uma descansim, né?” (X-10). E Benedito ressaltou:

‘Acho divertido fazer entregas de bicicleta porque estou em cima dela, percorro por lugares que não conheço da cidade, percebo partes das quais eu ignorava, conheço novas pessoas e faço algo positivo para um mundo melhor, não emitindo nenhum resíduo poluente e usando apenas minha energia’ (VIII-12).

Na décima sexta reunião, antes de fazer a pausa para as festividades do fim do ano, decidimos fazer uma avaliação sobre como tinha sido o ano no EES. Cada um/a falou no momento que se sentiu confortável e era esperado que os/as participantes falassem genuinamente, sem perguntas geradoras. Odair disse: “Ah, eu gostei, eu pedalei muito, né? Tô continuando pedalando mais, entendeu? E eu quero que gera muitos serviços, emprego pra nós, da entrega, entendeu? É isso aí, tô gostando, vamos ver esse próximo ano aí” (XVI-21). Leandro, Adriano e Benedito avaliaram:

‘[...] eu gostei muito desse ano, muito instrutivo, andei de bike pra caramba esse ano, como todo ano, mas, tipo, a gente podia conseguir mais, pra andar mais de bicicleta aqui na cidade, é isso. Tem um pensamento positivo do empreendimento, acho que ele, acho que ainda tem coisas para se melhorar, mas como qualquer coisa, né? E não sei identificar no momento quais são e,

sei lá, bola pra frente, é isso’. [...] Adriano: ‘É eu acho que pra mim foi a realização de um sonho, quando eu vim pra cidade, uma das coisas que sonhava era tramar com entregas de bicicleta, aí eu conheci vocês, falei ual, existe. Gosto muito do grupo, de nós, a gente trabalha, conversamos bem, todo mundo, a gente se entrosa bem, acho que vem grandes desafios aí pra melhorar, mas acho que a gente tá, estamos no caminho aí. É isso, espero mais e melhor de 2019’. Benedito: ‘eu acho que esse ano entrou o Adriano, são pessoas que estão empenhada aí, acho que isso vai ser bem produtivo, espero que eu esteja somando coisas para o grupo e acho que foi um ano bom, uma experiência muito boa pra mim, eu pretendo continuar, eu gosto muito disso, gosto muito de pedalar, entre várias coisas, boto muita fé nisso’ (XVI-21).

Todas essas unidades de significado apontam para processos educativos relacionados ao trabalho solidário. Dessa forma é possível afirmar que a ES pode significar uma maneira de romper com relações laborais opressoras e precárias engendradas pelo sistema capitalista. Como criadora e aglutinadora de repertórios alternativos, é repleta de possibilidades interessantes para a construção do porvir. É também uma vivência de reprodução da própria vida pautada por relações significativas, o que abre espaço para diálogos mais conscientes acerca da realidade e de caminhos para transformá-la.

Porém, as US divergentes dessa categoria apontam para os limites da ES como uma economia paralela que se desenvolve dentro do capitalismo, mas que de alguma forma está imbricada. Como já tratamos no capítulo quatro e também na revisão de literatura, a ES poderia auxiliar o sistema capitalista gerando renda para pessoas que estão à margem do trabalho formal. Contudo, essas pessoas, sendo empobrecidas, podem não conseguir desenvolver o EES por impedimentos financeiros, o que estrangularia sua própria geração de renda. Muitas vezes, também, necessitam se submeter às regras do jogo capitalista para criar certa viabilidade econômica. Vejamos as US a seguir.

Identificamos, por exemplo, US relacionadas à necessidade de exercer outros trabalhos concomitantes ao EES, como forma de ter dinheiro para reproduzir a própria vida, o que, em muitos aspectos, atrapalhava o desenvolvimento do empreendimento. Adriano, ao preencher sua ficha de cadastramento no Fórum, na pergunta sobre atividade profissional colocou: “[...] comerciante de produtos orgânicos e naturais [...] Sobre a renda, disse que tirava de 0 a R\$100,00 no empreendimento por mês” (XIV-28d). Sobre si mesmo, Odair disse:

‘Eu tô rastelando grama, mato, né? Em qualquer lugar de São Carlos. Nós tava ali na, perto do Cruzeiro do Sul, é empresa terceirizada, paga bem’. Adriano perguntou se tinha vaga pra trabalhar e Odair respondeu que eles acabaram de contratar um monte de gente. Odair tinha o trabalho de cortar grama como segunda renda, pois ainda trabalhava durante as noites no Kartódromo. Como esse trabalho era durante o dia, quase não tinha tempo para dormir (XVII-9d).

Fernanda também mantinha outro trabalho. Disse “[...] que conseguiu um estágio de 20h semanais em umas das bibliotecas da cidade. Comentou que começou ontem e que gostou muito do ambiente e das pessoas” (IV-4d). Leandro trabalhava com audiovisual e vendendo hambúrgueres na feira de produtos da agricultura familiar da prefeitura e Benedito fazia trabalhos temporários de garçom. Na primeira reunião do EES após a pausa, “[...] conversamos sobre as possibilidades de retomada que tínhamos nesse momento e os participantes foram sinceros em dizer que os outros trabalhos eram prioridade, pois estavam gerando renda expressiva, algo ainda distante no contexto do EES” (IX-11d).

As outras formas de geração de renda, extremamente necessárias aos/as participantes, geraram entraves como esse descrito acima. Fernanda deixou de participar das reuniões e, em uma delas, avisou no grupo do aplicativo de conversas que “[...] não iria porque estava cansada do dia de trabalho e precisava dormir cedo para recomeçar no outro dia” (VII-3d). Em outra reunião, Leandro afirmou: “[...] que estaria bem atarefado vendendo hambúrgueres na feira nos próximos dias e Odair disse que iria trabalhar todos os dias no Kartódromo” (X-20d). Odair falou:

[...] que também pretende trabalhar em outros serviços no curto prazo, que queria trabalhar ‘registrado’ e complementar com as entregas. Comentou que acha o emprego atual cansativo porque precisa ficar acordado a noite inteira. Leandro perguntou se ele ganha bem e Odair respondeu ‘nada, ganho mil reais, eu tô indo porque eu preciso né, do do dinheiro, pago pensão alimentícia, pago a casa, se eu não trabaia que jeito eu vou viver? Vira uma anarquia, né? Sem dinheiro, já não tem’ (IX-14d).

Esses outros trabalhos também impactavam na maneira como os/as participantes entendiam o EES e como refletiam sobre o futuro. Benedito considerou: “[...] se a cicloentrega for uma opção de fonte de renda primária, assim, que acho, acho às vezes a gente coloca na cabeça que que tá distante disso assim, então a gente não considera que pode ser” (IX-15). Adriano foi sincero ao dizer que via o EES apenas como complemento da renda e não como atividade principal:

‘[...] não é que eu vejo assim, que agora nossa, meu sonho é ser cicloentregador e viver disso, sabe? Eu tô num momento bem enrolado de trabalho, que tô com várias coisas pingando, hoje eu trabalhei de pintor, outro dia eu trabalho ajudando jardim, outro dia carrego caixa’. Por fim Adriano disse que encara esse trabalho como complemento e que não se vê trabalhando só com isso. Comentou também que se tirasse R\$800,00 por mês já estaria bom (XI-5d).

Especificamente sobre a geração de renda ser insuficiente e isso desestimular o grupo, separamos duas US. Em uma delas quem fala é Adriano, que está anunciando a saída do EES na décima sétima reunião. Andréia perguntou o motivo que o faz desistir da proposta e ele trouxe a pouca remuneração como entrave. Também diz sobre a impossibilidade de conciliar vários projetos e ainda ter disponibilidade para as entregas:

‘Ah várias coisas que a gente assume na vida, né? E temos focos, assim, e esse não tá tendo retorno financeiro, né? Desde o começo a gente tá aqui por causa de dinheiro, né? E eu tô precisando focar em algo que dê retorno financeiro, assim. Porque fora isso, eu tô focando já na capoeira e que também não tem retorno financeiro, não dá pra focar em vários projetos que não têm o retorno, preciso ter algum que sustente, assim, né? E pra levar esse projeto assim também, não sei se faz muito sentido, só vir nas reuniões, eu não faço entrega, nem lembro a última entrega que eu fiz, as últimas que vocês me pediram para fazer, eu sinto, como a gente não tá disponibilizando, sei lá, não tem um dia fixo pra isso, sabe? Sempre que me chamaram pra fazer entrega, eu não consegui fazer porque eu sempre tinha outra coisa pra fazer. E aí eu fico até meio frustrado, sabe? Sei que eu sou solicitado, mas eu não consigo, não sei se tá fazendo muito sentido, sabe?’ (XVII-5d).

Elemento importante da US é que Adriano faz uma comparação entre o EES e a capoeira, dizendo que não é possível se dedicar a mais de um projeto que não gere renda. A capoeira, assim como a ES, representa resistência, mas em relação à geração de renda entendemos que, nesse caso, as duas são incomparáveis. Adriano não desenvolvia nenhuma função monetizada na capoeira, portanto sua fala expressa que via o EES mais como ativismo do que como possibilidade de renda primária.

Adriano completou dizendo: “[...] precisa de uma dedicação pra isso dar certo, né? E no momento eu não sei se consigo essa dedicação, que eu já tô me dedicando a outras coisas e é isso, ficar se dedicando a várias coisas não dá também” (XVII-7d). E Leandro, fazendo uma análise sobre sua vida, refletiu:

‘Acho que a única pessoa que tá pedindo pra mim fazer entrega ultimamente é a moça dos cosméticos, sabe? Aí uma ou duas vezes por semana eu saio pra ela, assim, tipo, consigo quinze, vinte reais por semana, mas, tipo, também é meia tarde que eu perco também, né? Perco não, né? Tô fazendo alguma outra coisa. Aí também tô pensando no empreendimento também, são momentos que eu tô mais de boa em casa, então eu consigo fazer suave, mas eu tô assumindo outras responsabilidades também, tem esse lance da hamburgada, é, tem os outros meus tramos também como técnico de som também e ah, eu consigo levar isso, fazer isso, mas, tipo, eu não sei se eu queria uma carga maior pra fazer isso, sabe? Já, talvez eu acabe tendo que negar, assim, então tá indo bem aos poucos pra mim, tipo, não sei se eu sou o cara que vai continuar, assim, fazendo tanto trampo de cicloentrega’ (XVII-7d).

Integrar um empreendimento que segue princípios solidários faz com que tenhamos repertório para refletir sobre outras formas de trabalho e também para criticá-las de um ponto de vista mais humano. Os processos educativos emergentes mostram a sensibilidade dos/as participantes para o contexto da precarização, da mesma forma que permitem tomar decisões mais lúcidas, refletindo sobre alternativas ao modelo que está dado.

# **PARTE III: PONTO DE CHEGADA**

## CONSIDERAÇÕES

- Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima (ASSIS, 1997, p. 70).

A presente tese teve como objetivo identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática social da cicloentrega a partir das ações do EES CicloPedaleiros. Para tal tornou-se necessário situar esta pesquisa na intersecção das áreas de Educação, Sociologia, Ciência Política, Economia e Motricidade Humana. Como metodologia, utilizamos pesquisa participante, sistematização das observações por meio de diários de campo e análise pautada na fenomenologia.

A utilização de procedimentos qualitativos nos ajudou a posicionar essa experiência em um tempo e espaço, em sujeitos e suas *práxis*. Por meio do cotidiano compartilhado, pudemos refletir conjuntamente sobre o que foi vivenciado, trazendo um nós que ficou presente em cada participante e que, encharcados dessa realidade, tentou transformá-la. Tal atividade não se encontrou alheia ao contexto opressor, mas resistindo e mostrando que é possível construir novas perspectivas.

Conforme demonstraram os dados, a prática social da cicloentrega engendrou processos educativos que foram consubstanciados nas seguintes categorias: A) “É bão usar o capacete, viu, numa hora dessa salva”; B) “Eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento de economia solidária”; e C) “Precarização é a palavra do ano”. Desde o nosso compromisso com Fiori (1991) de que: “A educação, pois, é libertadora, ou não é educação” (p. 83), compreendemos que tais processos guiaram-se para a libertação.

No que concerne à categoria “A” pudemos notar que participar de um EES possibilitou que fossem apreendidos processos educativos de confiança, diálogo, cuidado com Outrem, respeito, empatia e coletividade. Identificamos que essas relações criaram ambientes seguros e de acolhimento, ao mesmo tempo em que proporcionaram climas amistosos, de valorização e de enfrentamento político. Nesse contexto, mundos foram ampliados, transformando rotinas e atitudes enraizadas em ações libertadoras.

Na constituição e desenvolvimento do empreendimento, categoria “B”, citamos processos educativos de engajamento. O sentimento de pertencer ao EES fez com que os/as participantes soubessem falar sobre as atividades, participassem do movimento de ES e criassem parcerias solidárias. A busca pela ampliação e consolidação dessas práticas na cidade, possibilitou superar dificuldades de maneira criativa e inovadora, fazendo os/as participantes responsáveis e implicados/as na valorização de si próprios/as e do que estavam construindo.



Na relação com a precarização circundante, categoria “C”, os processos educativos engendrados possibilitaram a prática dos princípios da ES, bem como a apreensão de contextos *uberizados*. Os/as participantes firmaram acordos coletivos, dividiram tarefas, fomentaram a autogestão e praticaram o preço justo. Educaram-se para avaliar limites, analisar contextos de trabalho humanizadores ou não e superar a precarização. Demonstraram, assim, que trabalhar pode ser prazeroso, com tempo-espço para a fruição do ócio.

Partindo de vidas e experiências *suleadas*, compreendemos que os/as participantes se educaram para desenvolver alternativas situadas para os problemas enfrentados. Desvelamos, sobretudo, que foi possível transformar as formas de reprodução da vida por meio de novos repertórios, cujo conteúdo e forma foram construídos nas experiências e *práxis* compartilhadas. Essa ação reflexiva, dialógica e crítica promoveu novos saberes que, futuramente, poderão transformar toda a sociedade.

Conforme Freire (1994), o diálogo é requisito para a compreensão e superação da opressão, uma vez que permite realizar a denúncia e o anúncio. Propostas viáveis vão se materializando na realidade até transformá-la. Uma educação cheia de sentido engendra processos educativos que facilitam ações implicadas na concretização do inédito viável e no enfrentamento das situações-limites.

De acordo com os dados, os CicloPedaleiros assumiram tarefas contra a reprodução da ordem. Por meio da imersão na ES, emergiram educando-se para novamente se inserirem na realidade e então transformá-la. As situações descritas na construção dos resultados identificaram que os/as participantes foram ativos na luta contra a opressão, anunciando seus mundos-vidas, intencionando a superação de situações complexas e criando soluções inovadoras.

A proposta de desenvolvimento do aplicativo, por exemplo, ocorreu em meio a reflexões sobre o contexto de trabalho cotidiano e real. A percepção de tais condições possibilitou diálogos que, de um lado, reafirmaram a luta pela libertação (envolvimento com o movimento de ES; associação com outros grupos solidários; ativismo, etc.) e valorizaram a atividade (preço justo; diferenciação em relação aos motoboys, etc.), e, de outro, geraram suporte para que evitassem situações de opressão (como o caso da pizzaria ou do mercado, por exemplo).

A transformação de uma consciência ingênua em crítica faz da educação um processo que vai construindo a realidade por meio da *práxis*. Conforme Freire (2003), somos seres condicionados, mas não determinados, ou seja, nosso futuro é incerto. Todas as pessoas nascem com a vocação de *ser mais*, mas transformar a realidade não é o mesmo que refletir

sobre ela. Para *ser mais* é necessário partir da crítica para agir de maneira implicada, humanizando-se e historicizando-se (DUSSEL, 2007; FIORI, 2003; FREIRE, 2003).

A construção dos resultados também identificou que a criação de redes e parcerias fortaleceu o EES. Em muitos aspectos, podemos considerar que a ampliação do empreendimento só foi possível por meio da associação com outras iniciativas, que também estavam construindo novas trajetórias. Da mesma forma, o aparato do Estado, advindo de recursos públicos para a constituição e fomento dessa e de outras iniciativas, foi fundamental. Tanto a UFSCar, na figura do NuMI-EcoSol e do DEFMH, quanto a PMSC, foram estruturas necessárias e fundamentais para o desenvolvimento dessas experiências em São Carlos.

Entretanto, analisando o contexto dos/as participantes do EES, e os desdobramentos das situações-vidas durante a coleta de dados, compreendemos que essas pessoas vieram da informalidade, desemprego e miséria. Eram, sobretudo, pessoas marginalizadas do sistema e que foram impelidas a buscar caminhos para a manutenção da vida. Como afirmou grande parte da literatura trazida neste trabalho (SINGER, 2002; HESPANHA *et al.*, 2015; GIAVEDONI, 2015; GAIGER, 2015; LAVILLE, 2009; entre outros/as), é justamente o recrudescimento da exploração capitalista que abre caminhos para a ES.

Concordamos com Giavedoni (2015) que as diversas formas de trabalho podem ser funcionais ao capitalismo. Compreendemos que a valorização do capital necessita da reprodução da mão de obra. Sendo assim, a permanência da vida de trabalhadores/as, mesmo que em economias paralelas, pode auxiliar o desenvolvimento desse sistema. Isso se efetiva nos casos em que essa força retorna ao mercado capitalista de trabalho, ou coexiste com ele.

Identificamos, por exemplo, que, em muitos momentos, os/as participantes estiveram envolvidos/as com outras atividades profissionais, algumas dentro do mercado formal de trabalho e, outras, fora, o que impactou o desenvolvimento do EES. As pausas e o fim do empreendimento ocorreram porque precisaram, por diversos motivos, se dedicar a outras atividades laborais, impossibilitando a construção de algo que poderia ser diferente desse contexto.

Os dados mostraram que a cicloentrega não gerava renda suficiente e isso criou dependência da rede de apoio (a UFSCar e a PMSC) para a estruturação do EES. Os/as participantes não tinham local fixo e nem as ferramentas necessárias. Muitos sonhos, como a criação do aplicativo e a compra de uniformes, por exemplo, não possuíam viabilidade financeira. A criação de um negócio necessita de investimento e principalmente de tempo, e esses dois aspectos, por vezes, são escassos para as populações de baixa renda.

A coexistência da ES com o sistema capitalista gera denúncias e anúncios. Partimos da compreensão que o capitalismo é um sistema extremamente complexo, que está se desenvolvendo há mais de dois séculos hegemonicamente e, no mínimo, outros dois sendo gestado dentro do feudalismo. É um sistema que se reinventa periodicamente na busca por valorização de capital e acumulação de riquezas, explorando trabalhadores/as e marginalizando pessoas. É mantido por aparatos robustos, tais como a ideologia, o Estado, a mídia e a religião. Suas consequências para a vida na Terra são devastadoras e chegamos ao século XXI sem saber se a humanidade resistirá até o XXII.

Como elencado no desenvolvimento dos capítulos três e quatro, o trabalho é o que sustenta o modo de produção capitalista. No processo produtivo, a força de trabalho transforma a matéria-prima em mercadoria, criando mais-valor, ou seja, valorizando o capital inicialmente submetido na produção. Sem trabalho produtivo não há mais-valor e, portanto, não há lucro. E é porque os/as trabalhadores/as são partes fundamentais nesse sistema que cabe a eles/as a derrubada do capitalismo para que outros modos de produção possam prevalecer. Mas, para isso, é preciso que se organizem (MARX; ENGELS, 2007).

A classe trabalhadora não é objetiva, ela é construída pelas experiências de opressão, cujas interpretações transformam-se em pautas de resistência e transformação. Essa consciência se realiza por meio da luta, quando interesses individuais se tornam comuns e unem diferentes narrativas em torno de uma pauta. As classes só existem em relação, no momento em que há confronto, em que uma se levanta contra a outra. Na busca por romper as formas de dominação, a classe proletária liberta a si e à classe burguesa (MARX, 2011; FREIRE, 1994).

A maioria explorada vem lutando por melhores condições de vida, igualdade, reconhecimento, sustentabilidade, entre tantas lutas que estão sendo pautas nessa sociedade. Ao longo dos anos, trabalhadores/as conquistaram direitos importantes para a reprodução da vida e vivência no trabalho. Contudo, com a precarização, a classe trabalhadora vem se fragmentando, não só na luta, mas também nas alternativas.

Portanto, enquanto denúncia, ao coexistir com o capitalismo, se desenvolvendo como uma economia alternativa, a ES pode corroborar com a fragmentação da luta proletária contra o capital. Isso, porque saídas alternativas só favorecem quem delas participam, para aqueles/as que continuam sendo explorados/as no mercado capitalista não há libertação. A luta contra a opressão deve se voltar para os grilhões que exploram toda a classe; quando forem rompidos, o capitalismo terá seu fim.

Compreendemos, também, que a ES é uma economia que é dependente do modelo capitalista, pois ainda não dá conta de toda a produção necessária à vida. Embora seu

funcionamento seja em rede, em algum momento da cadeia ocorre a imbricação com o capitalismo. Primeiro porque utiliza os frutos desse mercado, seja na compra de matéria-prima, seja nos veículos que fazem a distribuição, ou em tantos outros aspectos. Segundo porque os próprios rendimentos gerados são gastos no consumo de bens capitalistas, realizando o mais-valor gerado em outros ramos da economia.

Concordamos com Mance (2002) que alguns desses problemas poderiam ser superados por meio de redes mais complexas e estruturadas. Os bancos comunitários, por exemplo, poderiam realizar empréstimos e fomentar, sem ajuda estatal, os EES. Portanto, seria possível construir uma economia paralela, desde a matéria-prima até a distribuição e o consumo. Contudo, se constituída à margem, como propõe a ES, necessitaria, em algum momento, vir ao centro e realizar a ruptura com o capitalismo para, então, consolidar-se como modo de produção dominante. A coexistência dessa forma com outras que exploram o trabalho, por exemplo as engendradas pela *uberização*, não é libertadora.

Sendo assim, é possível dizer que a ES, analisada a partir das ações dos CicloPedaleiros, não rompeu com o modelo vigente. Liberar-se da exploração não é o mesmo que romper com ela. A ação libertadora se realiza a partir de um projeto político organizado, que liberta opressores e oprimidos em reciprocidade, pois “[...] ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, 2003, p. 53).

E enquanto anúncio dessa coexistência, compreendemos que os processos educativos, que estão pontuados nesta tese, indicam que a ES é geradora de repertórios e essa é sua característica mais subversiva. Ela é a construção e experimentação de possibilidades que poderão ser utilizadas no porvir, cujas narrativas são fundamentais para pautar novas sociedades. É possível construir, a partir dessas experiências, modelos econômicos que trarão bem estar, qualidade de vida, igualdade, justiça, entre outros aspectos, e que tornarão o mundo um lugar mais bonito e solidário. As novas sociedades foram sempre forjadas nas anteriores.

Sabemos que a colonialidade reduziu a diversidade cultural, histórica, epistemológica, etc. Isso significa dizer que o nosso pensamento foi e está sendo colonizado. Por exemplo, quando pensamos alternativas para o capitalismo, quase sempre incorremos em teorias europeias (socialismo-comunismo). Fazemos isso, porque muitas propostas diferentes de estruturação social ou foram apagadas (sociedades que existiram) ou estão sendo invisibilizadas (sociedades que existem, como as indígenas).

Contudo, as experiências sociais sempre foram complexas e plurais; existem muitos modelos de sociedade sendo desenvolvidos há séculos. A construção, apreensão e fruição de outros repertórios nos fazem compreender que existem alternativas (no plural) que

podem dar respostas profundas aos graves desafios que enfrentamos atualmente. A Ecologia de Saberes Transmoderna e Libertadora parte do Sul, e pode ser a ferramenta para lutar contra o desperdício de repertórios. Isso é feito visibilizando vivências coexistentes na modernidade e experiências pretéritas apagadas, que criam/criaram trajetórias mais sólidas para a libertação.

Sendo assim, defendemos a tese de que **a ES, analisada por meio dos CicloPedaleiros, engendra processos educativos significativos para a elaboração de novos repertórios, que poderão contribuir para a construção de sociedades mais justas e igualitárias.** A ES é, portanto, um dos muitos caminhos educativos para a libertação, que está ocorrendo em processo, inconclusa, *sendo-coletiva-ao-mundo*. Para isso, é fundamental que essa trajetória envolva cada vez mais oprimidos/as, organizados/as, politizados/as na luta contra o capitalismo; e que nenhuma dessas experiências seja desperdiçada.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil, IV: trabalho digital, autogestão e exploração da vida**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. *In*: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia Stella. Exterioridade: o outro como critério. *In*: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 47-112

ASSIS, Machado de. **Páginas escolhidas**. São Paulo: Globo, 1997

BELMONTE, Maurício Mendes. **Vivências em atividades diversificadas de lazer: processos educativos decorrentes de uma práxis dialógica em construção**. 2014. 313 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014

BENINI, Édi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. A construção do trabalho associado sob a hegemonia estatal: organização, solidariedade e sociabilidade. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 22, n. 74, p. 325-344, set. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198492302015000300325&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198492302015000300325&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 set. 2019.

BERTUSO, Paula de Camargo, *et al.* Projeto de educação ambiental e lazer conciente (PEDAL-Consciente): relatos de professores. *In*: **COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: educação e experiência**, 5., 2012, São Carlos, Brasil. Anais [...]. São Carlos: SPQMH, 2012. p. 696-703.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio. *In*: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 11-18.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua**. 2019. Disponível em [https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Trimestral/Quadro\\_Sintetico/2019/pnadc\\_201901\\_trimestre\\_quadroSintetico.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Quadro_Sintetico/2019/pnadc_201901_trimestre_quadroSintetico.pdf). Acesso em 12 fev. 2022

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=28549&t=series-historicas>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua**. 2022. Disponível em [https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Trimestral/Quadro\\_Sintetico/2022/pnadc\\_202201\\_trimestre\\_quadroSintetico.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Quadro_Sintetico/2022/pnadc_202201_trimestre_quadroSintetico.pdf). Acesso em: 12 fev. 2022.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Os novos dados do mapeamento de economia solidária no brasil**: nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos – relatório de pesquisa. 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7410>. Acesso em 20 mar. 2022.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego – Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Política nacional de economia solidária – SENAES/TEM**. 2013. Disponível em: <http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080814F00FA3A014F0496938B7DF7/Num%201%20Ações%20Integradas%20para%20Municipios%20e%20UFs.pdf>. Acesso em 31 mar. 2022.

BRASIL. Planalto. **Lei n. 13467, de 13 de julho de 2017**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm). Acesso em: 18 mar. 2022.

CARMO, Clayton da Silva. **Epistemologia da bicicleta**: processos educativos emergentes na prática do pedalar. 2017. 453 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2017

CARMO, Renato Miguel do; CALDEIRAS, Jorge; ROQUE, Isabel; ASSIS, Rodrigo Vieira de. **O trabalho aqui e agora**: crises, percursos e vulnerabilidades. Lisboa: Tinta-da-china, 2021.

CARNEIRO, Ricardo. **Desenvolvimento em crise**: a economia brasileira no último quarto do século XX. São Paulo: Editora da UNESP; UNICAMP/IE, 2002.

CORSI, Francisco Luiz. A economia brasileira na década de 1990: estagnação e vulnerabilidade externa. *In*: BATISTA, Roberto Leme; ARAUJO, Renan (org.). **Desafios do trabalho**. Maringá: Massoni, 2003.

COUTINHO, Nelson Carlos. A hegemonia da pequena política. *In*: OLIVEIRA, Francisco; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele Saliba. **Hegemonia às avessas**. São Paulo: Boitempo, 2010.

DIEESE/CUT. **Terceirização e desenvolvimento**: uma conta que não fecha. São Paulo: DIEESE/CUT, 2011.

DUSSEL, Enrique. A conscientização em Paulo Freire. *In*: DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 434-443. (acrescido dos rodapés 115 a 178 às páginas 485 a 487).

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade (interpretação a partir da filosofia da libertação). **Revista Sociedade e Estado**. v. 31 n. 1, 2016.

DUSSEL, Enrique. La función del filósofo es crear teoría para transformar la realidad. **La Capital**. Disponível em: <https://www.lacapital.com.ar/educacion/dussel-la-funcion-del-filosofo-es-crear-teoria-transformar-la-realidad-n1462387.html> - Acesso em: 13 ago. 2018.

FAJARDO, Rita de Cássia Arruda. **Avanços e desafios na implementação da autogestão em empreendimentos solidários fomentados por políticas públicas municipais em São Carlos/SP**. 2014. 219 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

FARIA, José Henrique de. Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 629-650, jul. 2017. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167939512017000300629&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512017000300629&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2019.

FERNANDES, Bruno Siqueira; DINIZ, Sibelle Cornélio. Economia popular, des/colonialidade do poder e economia solidária: notas para um debate latino-americano. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 254-268, ago. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S231715292018000200254&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231715292018000200254&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 set. 2019.

FESTI, Ricardo. Contribuições críticas da sociologia do trabalho sobre a automação. *In*: ANTUNES, Ricardo. (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FIGUEIRAS, Tássio Carlos Rodrigues. **Economia solidária e transição social: o desafio de produção material da existência humana**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2014

FILGUEIRAS, Luiz; GONÇALVES, Reinaldo. **A economia política do governo Lula**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

FIORI, Ernani Maria. O fio condutor de um pensamento itinerante. *In*: FIORI, Ernani M. **Metafísica e história** (textos escolhidos, v.1). Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 32-52 (textos escolhidos, v.1).

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 9-21.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes. 1987.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. *In*: FIORI, Ernani M. **Ação Cultural para a liberdade**. Petrópolis RJ: Paz e Terra, 2003, p. 9 -13.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994



FREITAS, Mariana Machitte de. **As políticas públicas de economia solidária no governo federal: (2003- 2010)**. 215 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

FRIEDMAN, Milton. **Liberdade de escolher: o novo liberalismo econômico**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

GAIGER, Luiz Inácio. A outra racionalidade da economia solidária: conclusões do primeiro mapeamento nacional no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 79, p. 57 -77, dez. 2007. Disponível em: << <https://journals.openedition.org/rccs/725>>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária na contramarcha da pobreza. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 79, p. 43-63, set. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087365292015000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087365292015000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2019.

GAIGER, Luiz Inácio Germany; KUYVEN, Patrícia Sorgatto. Economia solidária e trajetórias de trabalho: uma visão retrospectiva a partir de dados nacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/3510304/2020>>. Acesso em 20 jan. 2022.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v.1, n.1, p. 109-122, 1997.

GIAVEDONI, José Gabriel. Economia social e solidária, trabalho e capitalismo: relação entre forma de trabalho e padrão de acumulação no governo da mão-de-obra. **Trab. Soc.**, Santiago del Estero, n. 25, p. 195-213, dez. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151468712015000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151468712015000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2019.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Plano de trabalho da parceria entre os projetos vivências em atividades diversificadas de lazer (DEFMH/UFSCar) e mais que futebol (ADESM)**. São Carlos: Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da Universidade Federal de São Carlos, 2017. 10 p. Relatório.

GONCALVES-JUNIOR, Luiz *et al.* Diarios de bicicleta: procesos educativos vivenciados en la Ruta de las Emociones. **Estudios pedagógicos**, Valdivia, v. 42, n. 1, p. 323-337, 2016. Disponível em <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S071807052016000100021&lng=pt&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071807052016000100021&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em: 27 set. 2019.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves da; CARMO, Clayton da S.; AYALA-ZULUAGA, José E. Aprender a investigar: la postura y el método soportado por la fenomenología. *In*: TORO-ARÉVALO, Sergio A.; VEGA-RAMÍREZ, Javier. (org.). **Manifestaciones de la motricidad humana: brotes desde el sur**. Valdivia (Chile): Ediciones UACH, 2021. p. 59-80.

HAYEK, Friedrich August von. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1987.

HEMPKEMEYER, Sheila. **Pedalar**: uma experiência educativa sobre duas rodas na cidade. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

HESPANHA, Pedro. Individualização, fragmentação e risco social nas sociedades globalizadas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v63, n. 1, p. 21-31, 2002.

HESPANHA, Pedro. Da expansão dos mercados à metamorfose das economias populares. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v84, n. 1, p. 49-63, 2009.

HESPANHA, Pedro; SANTOS, Luciane Lucas dos; SILVA, Beatriz Caetana da; QUIÑONEZ, Eber. Mapeando as iniciativas de Economia Solidária em Portugal: algumas considerações teóricas e práticas. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL EPISTEMOLOGIAS DO SUL: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul, 3, 2015, Coimbra. **Anais [...]**: Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado Universidade de Coimbra, 2015. p. 465-475

KUYVEN, Patrícia Sorgatto Icon. **Efeitos da economia solidária sobre a geração de renda e a redução da pobreza**: um estudo de dados nacionais. 2016. 249 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2016.

LAVILLE, Jean-Louis. A economia solidária: um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v 84, n.1, p. 7-47, 2009.

LEITÃO, Alexander Chagas. **Economia Solidária**: ideologia no cotidiano do trabalho associado. 2018. 124 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

LENIN, V. I. **O que fazer?** Questões candentes de nosso movimento. São Paulo: Boitempo, 2020

LINHART, Danièle. A uberização do trabalho não é inevitável: um assalariado sem submissão é possível. **Le Monde Diplomatique** Brasil. ed. 120, s/p, 06 de dez. de 2017, s/p. Disponível em: <<<https://diplomatique.org.br/um-assalariado-sem-submissao-e-possivel/>>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

MACHADO, Leandro. **Dormir na rua e pedalar 12 horas por dia**: a rotina dos entregadores de aplicativo. BBC News Brasil. 22 de maio de 2019. Disponível em: <<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48304340>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MANCE, E. A. **Redes de colaboração solidária** – aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação. Petrópolis, Vozes, 2002.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

MARX, Karl. **O capital, livro I**, capítulo VI. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA., 1978. (inédito)

MARX, Karl. **O capital**: livro I. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MECCA, Andréia Cordeiro. **O Governo Lula**: política, governabilidade e hegemonia. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2014.

MECCA, Andréia Cordeiro. A conciliação de classes no governo Lula. *In*: SANTOS, Patric Oberdan dos; BEZERRA NETO, Luiz; MELO JUNIOR, Arlindo Lins (org.). **Leituras marxistas**: educação e atualidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 31-52.

MONTEIRO, João Antolino. **O discurso da economia solidária no contexto capitalista**: desafios e contradições. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2016.

OLIVEIRA, Maria Waldenez.; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, Douglas Verrangia Corrêa da.; SOUSA, Fabiana Rodrigues.; VASCONCELOS, Valéria Oliveira de. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. *In*: OLIVEIRA, Maria Waldenez.; SOUSA, Fabiana Rodrigues (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014a. p. 113-141.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. *In*: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (org.). **Processos Educativos em Práticas Sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014b.

OLIVEIRA FILHO, Marco Aurélio Maia Barbosa de. Contexto de surgimento das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: da crise do capitalismo ao movimento de economia solidária. *In*: CORTEGOSO, Ana Lucia; POMPERMAIER, Henrique Mesquita; OLIVEIRA FILHO, Marco Aurélio Maia Barbosa de; GODOY, Tatiane Marina Pinto de (org.). **Economia Solidária**: a experiência da UFSCar em uma década de ensino, pesquisa e extensão. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 43-61.

PAIVA, Eduardo Pereira Lima de. **Heurísticas aplicadas a um estudo de caso de distribuição de pequenas encomendas utilizando a bicicleta**. 2014. 230 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014

POCHMANN, Márcio. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

POCHMANN, Márcio. Desempenho econômico conjuntural e a situação recente do trabalho no Brasil. **Revista do núcleo de estudos de economia catarinense**. Florianópolis, v. 13, p. 11-27, 2018.

PRESTA, Susana Rita. Trabajo, economía social y solidaria y nuevas tendencias tecnológicas. **Trab. Soc.**, Santiago del Estero, n. 32, p. 567-589, jun. 2019. Disponível em

<[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151468712019000100567&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151468712019000100567&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-117.

SANTA-CLARA, Nilton da Silva. Introdução. *In*: SANTA-CLARA, Nilton da Silva. **A pedagogia, a erótica, a política e arqueológica como prática de uma espiritualidade baseada no pensamento de Enrique Dussel**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 13-35

SANTOS, Boaventura Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura Sousa.; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 23-71

SANTOS, Boaventura Sousa.; MENESES, Maria Paula. Introdução. *In*: SANTOS, Boaventura Sousa.; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 9-19.

SERRA, José. Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do pós-guerra. *In*: BELLUZO, Luiz Gonzaga de Mello; COUTINHO, Renata (org.). **O desenvolvimento capitalista no Brasil**. 2v. São Paulo: Brasiliense, 1984. 2 v.

SICSÚ, João. **Dez anos que abalaram o Brasil: e o futuro?** São Paulo: Geração Editorial, 2013.

SILVA, Eduardo Boero de Souza e. **O uso da bicicleta como forma sustentável de mobilidade urbana e promoção da qualidade de vida: um olhar sobre a cidade de Atibaia (SP)**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modelo de produção e distribuição. *In*: SINGER, P.; SOUZA, A. R. (org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 11-28.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abreu, 2002.

SINGER, Paul. Economia solidária. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 288- 314, abr. 2008.

SMITH, Adam **A riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2017.

SOUZA, Felipe de. **Araraquara adota ‘Uber’ próprio: motorista fica com 95% da tarifa**. Economia UOL, 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/01/araraquara-sp-bibi-mob-aplicativo-transporte.htm>. Acesso em: 15 fev. 2022

STRECK, Danilo Romeu; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.38, n.1, p. 243-257, 2012.

VERONESE, Marília Veríssimo. Subjectividade, trabalho e economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 84, n.1, p. 153-167, 2009.

WOODCOCK, Jaime. O panóptico algorítmico da Deliveroo: mensuração, precariedade e a ilusão do controle. *In*: ANTUNES, Ricardo. (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

## APÊNDICES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

**CICLOENTREGAS E ECONOMIA SOLIDÁRIA: OS PROCESSOS EDUCATIVOS  
DA EXPERIÊNCIA PEDAL SOLIDÁRIO**

Eu, Andréia Cordeiro Mecca, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar) o/a convido/a a participar da pesquisa *“Cicloentregas e Economia Solidária: os processos educativos da experiência Pedal Solidário”* orientada pela Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Denominado “Pedal Solidário”, o projeto tem como objetivo a criação de um empreendimento de serviços – cicloentregas (entregas feitas de bicicleta), cicloturismo regional - e de mecânica de bicicletas, desenvolvido por adultos, acima de 18 anos. Pretendemos pesquisar, a partir de arcabouço teórico, quais processos educativos emergem dessa prática, tendo como pressuposto que homens e mulheres se educam o tempo todo mundo, para além da perspectiva que considera que a aprendizagem está restrita ao ambiente escolar.

O convite se dá devido a sua participação em movimento social que promove a utilização da bicicleta, que pode auxiliar a investigação pela relação com objetivo central desta pesquisa que consiste em *identificar e compreender os processos educativos que emergem da constituição e desenvolvimento de um empreendimento econômico solidário de cicloentregas, a partir do projeto “Pedal Solidário”*

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consistirá em autorizar registro de observações em diários de campo durante sua participação na pesquisa, bem como conceder entrevista com gravação em áudio. A entrevista será realizada em local previamente combinado, conforme sua preferência e disponibilidade. Esclareço que, embora as observações e entrevista não tenham a intenção de invadir a intimidade dos/as participantes, a participação nessa pesquisa pode ter riscos, tais como: pode gerar estresse e desconforto resultante da situação de observação como também da exposição de opiniões pessoais ao responder perguntas que envolvam as próprias ações, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante as situações de observação e de entrevista. A fim de minimizar tais possibilidades, as gravações realizadas durante a entrevista serão por mim transcritas na íntegra e apresentadas aos/às participantes, garantindo que se mantenha a mais fidedigna possível. Caso se sinta desconfortável ou constrangido/a, o/a participante, não precisará responder as questões efetuadas pela pesquisadora e nem permitir o registro em diário de campo ou o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio. Diante dessas situações, os/as participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista ou registros em diários de campo a qualquer momento. Serão retomados, nessas situações, os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento da entrevista por qualquer fator descrito acima, solicito autorização para estabelecer contato posterior, a fim de verificar os possíveis danos ocasionados e proceder quanto a novas orientações e encaminhamentos, se necessário, visando o bem-estar de todos/as os/as participantes.

Ressaltamos que poderá haver benefícios com a pesquisa, pois seus resultados podem contribuir tanto com ações do grupo do qual participa, quanto com ações educativas de outros grupos e pessoas que visem à melhoria das relações entre as pessoas, entre as pessoas e o meio ambiente e a transformação das cidades, evidenciando as potencialidades educativas da bicicleta identificadas nos grupos estudados, possibilitando também auxiliar grupos e instituições que tenham interesse de incluir a bicicleta como instrumento pedagógico ou de geração de renda.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação com a pesquisadora, a Instituição em que trabalha ou a Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo, sendo atribuídos nomes fictícios com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e posterior transcrição, mantendo-as fidedignas.

Todas as despesas que o/a participante e seus/suas acompanhantes tiverem decorrente à participação na pesquisa serão ressarcidas. Caso hajam custos para deslocamento, alimentação e outros gastos, ou necessidade de indenização por dano causado ao participante durante a aplicação da pesquisa, estes serão garantidos pela pesquisadora por meio de ressarcimento e indenização.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pela pesquisadora, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento até a conclusão da mesma. Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se pelo telefone.

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)  
Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):**

Pesquisadora Responsável: Andréia Cordeiro Mecca

Endereço: PPGE/UFSCar - Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil

Local e data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Andréia Cordeiro Mecca

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Nome do/a Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a Participante

# DIÁRIOS DE CAMPO



## Diário de campo I

**Data:** 22/03/2018

**Horário:** 14h às 19h

**Local:** Clube de Campo do Sindicato dos Metalúrgicos

**Relatora:** Andréia

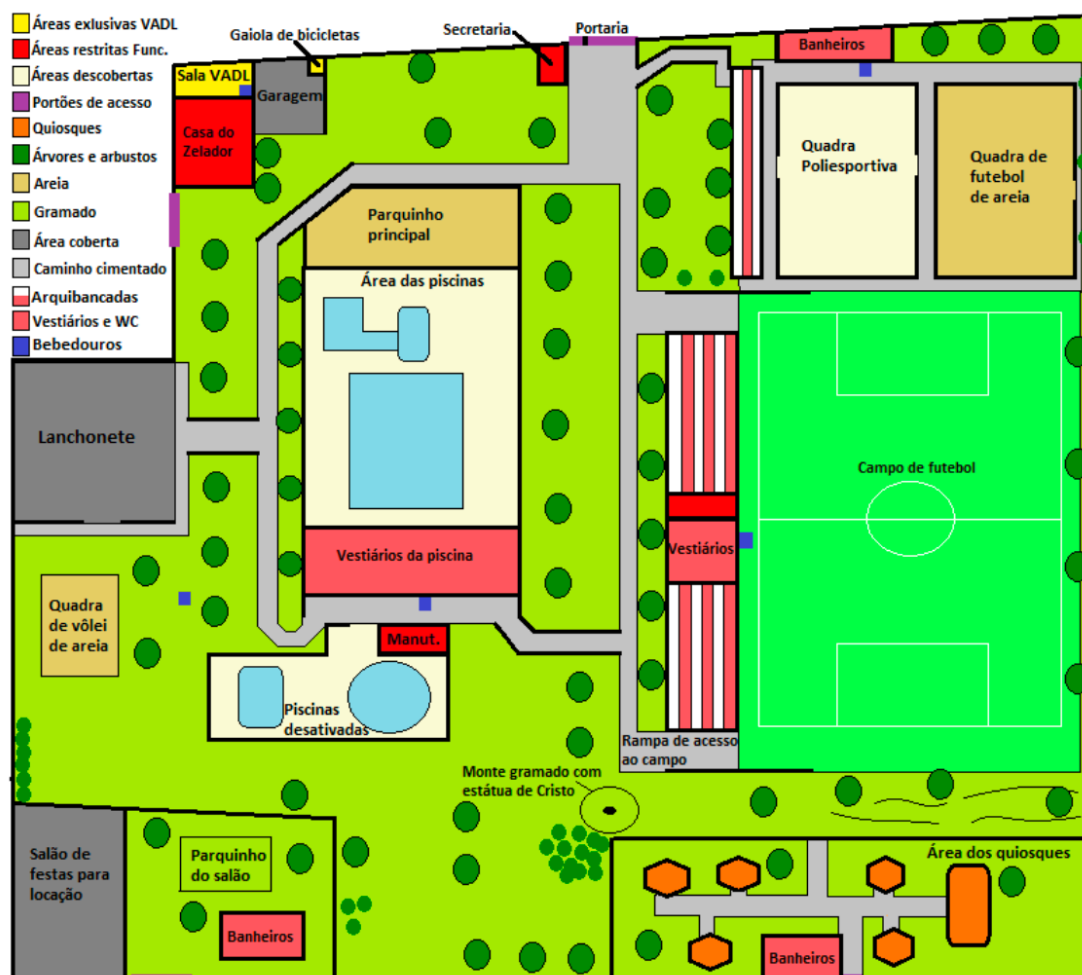
**Participantes Presentes (4):** Andréia, Fernanda, Leandro e Odair

O dia estava ensolarado e quente. Quem me recebeu para as atividades foi Leandro, que já havia chegado. O Clube do Sindicato dos Metalúrgicos é um local amplo e bem arborizado. Ao adentrar o espaço visualizamos, desde a entrada, duas quadras de cimento enfileiradas à esquerda e um campo gramado para futebol acima das quadras. À direita há um gramado com duas árvores e uma área de areia com brinquedos infantis: uma gangorra, uma casinha de madeira, um escorregador, dois pontos com três balanços cada, chapéu-da-bruxa e gira-gira. Mais adiante e à direita, ficam: a casa do zelador do clube ao lado de uma sala de cerca de 8m<sup>2</sup> onde funciona a sala de materiais e biblioteca “Menino Maluquinho” da parceria dos projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” e “Mais Que Futebol” (VADL-MQF); uma garagem coberta e uma gaiola com aproximadamente 4m<sup>2</sup> que serve para guardar cerca de trinta bicicletas. Caminhando em linha reta desde a portaria, andamos por um calçamento de cimento, intercalado com grama e margeado por árvores altas. Mais adiante vemos o campo de futebol com medidas oficiais à esquerda e à direita, a piscina, com aproximadamente 25mx10m e profundidade entre 1m30cm e 2m10cm. Além dessa, no mesmo espaço existem mais duas pequenas para criança. Há também dois banheiros divididos por gênero. Ao fundo, temos um gramado largo com apenas um brinquedo de madeira, duas piscinas desativadas, além de alguns quiosques para churrasco com acesso impedido por uma cerca que cobre todo o fundo.

Ao adentrar o espaço sede das atividades do VADL-MQF, pude perceber que a garagem tem um pé direito bem alto e na gaiola ficam bicicletas prontas para uso dos/as participantes. No espaço da garagem, ficam duas geladeiras do clube, aparentemente quebradas. À esquerda tem uma janela e uma porta. Nas paredes cerca de 20 gaiolas que prendem pássaros de diversos tipos e tamanhos (de posse do zelador). Ao lado da porta, uma grade de aproximadamente 10m de comprimento separa a casa do zelador de todo o clube. A sala destinada ao VADL-MQF é estreita e cumprida: à direita ficam quatro armários de ferro de duas portas cada um. À esquerda muitas bicicletas encostadas, grandes e pequenas. Ao fundo, mais um armário de ferro com duas portas. No centro duas mesas de madeira e pé de ferro cumpridas

ocupam todo o espaço desde a porta até o armário do fundo. Abaixo da janela, um armário de madeira cheio de capacetes de bicicleta e uma sacola de feira vermelha com coletes laranjas e verdes. Próximo à porta, um bebedouro enferrujado.

Figura Croqui do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos



Fonte: Carmo (2017, p. 157).

Quando a van chegou trazendo os demais participantes do VADL, a pequena garagem ficou cheia. Esperamos mais um pouco e por volta das 14h10min Fernanda chegou pedalando a sua bicicleta. Odair veio a pé e chegou 5min depois. Perguntamos a ele sobre a bicicleta e ele disse que a tinha deixado no conserto ali perto.

Andréia pediu para que os/as participantes do Pedal-Solidário a acompanhasse em um passeio pelo clube. Todos/as concordaram e saímos em direção à piscina. Circulamos por todo o caminho marcado pelo cimento, sem nos deter a nenhum lugar específico. Quando retornamos no ponto de partida, Andréia nos convidou para sentarmos na grama, na sombra de

árvores que formavam o caminho acima da piscina. Os/as participantes formaram uma roda. Fizemos uma rodada de apresentações, em que cada um/a deveria dizer o nome, a idade e qual a motivação para participar do projeto. As apresentações seguiram a ordem da roda:

- Fernanda, 25 anos, usa a bicicleta para tudo e salientou que tem sido bom utiliza-la para ganhar dinheiro.
- Odair, 64 anos, usa a bicicleta como meio de transporte e também lazer.
- Leandro, 31 anos, gosta de andar de bicicleta e acha interessante a proposta.
- Andréia, 30 anos, retomou a pouco o uso da bicicleta, gosta da proposta de ter um empreendimento de cicloentregas em São Carlos, pois é a favor de ações mais sustentáveis.

Seu Odair demorou um pouco para se apresentar, sorriu, depois deu um tapinha no ombro de Leandro e este então disse a ele: “vai Odair, fala seu nome, idade e por que gosta de vir aqui”. Seu Odair então deu mais um sorriso e respondeu: “tenho 64 anos, gosto de andar de bicicleta e preciso de dinheiro” (1).

C. O.: Aparentemente Seu Odair ficou com vergonha de se apresentar, sorriu e ficou sem jeito de dizer. Depois falou, mas com as palavras para dentro, como se quisesse entrar na terra. Normalmente ele é bem falante, mas sempre parece envergonhar-se quando envolve apresentações. Ainda mais a respeito dessa apresentação, que era apenas uma formalidade da pesquisa, pois os/as participantes já se conheciam.

Odair contou que foi a um mercado no bairro Cidade Aracy II, onde ele reside, na periferia sul da cidade de São Carlos, para oferecer as cicloentregas. Disse que o dono ficou de responde-lo em breve. O participante solicitou uma cópia da carta de apresentação do projeto, intentando levá-la para o dono, acreditando que daria mais credibilidade (2). Andréia disse que no final do dia, levaria Odair até a recepção do Clube para utilizar a impressora da secretaria, possibilidade aberta pela parceria estabelecida entre os projetos.

C.O.: Todos/as ficaram aparentemente muito felizes com a pró-atividade de Odair. A mim transpareceu interesse, vontade de fazer acontecer e também fiquei feliz.

A novidade trazida por Odair fez com que avaliássemos a possibilidade de divulgar melhor o empreendimento na região sul da cidade onde poderíamos encontrar

interessados/as em participar das atividades do projeto e em contratar os nossos serviços. Com o desenvolvimento dessa ação, poderíamos ter dois pontos de distribuição na cidade: um no bairro Cidade Aracy e outro no centro. Encaminhamos que essa será uma das nossas ações, bem como tentar aumentar o nosso grupo por meio de maior divulgação das nossas atividades  
**(3).**

Leandro nos contou que sua namorada havia sofrido um acidente de bicicleta, enquanto tentava atravessar a Av. Trabalhador São-Carlense.

C.O.: houve um choque e uma comoção coletiva, pois essa avenida é bastante movimentada e os carros circulam em alta velocidade (60km/h). Todos silenciaram, esperando a história ser esclarecida por Leandro.

Leandro continuou dizendo que a namorada tinha bastante medo de andar de bicicleta e que aos poucos, com o incentivo dele, ela estava começando a pedalar. Naquele dia saíram de casa com destino a sorveteria e pararam na avenida aguardando a oportunidade para atravessar. Leandro deu o sinal e os dois subiram na bicicleta, mas enquanto ainda estavam atravessando, ele mais a frente e a namorada um pouco atrás, um carro virou a rua em alta velocidade e a atropelou. Segundo Leandro, Laura ficou bastante machucada, teve braços e joelhos ralados e algumas lesões pelo corpo. A bicicleta teve o quadro partido ao meio e as peças amassadas e danificadas. O motorista prestou socorro e uma ambulância veio atendê-la.

C. O.: Leandro parecia um tanto abatido, senti que ele tomava a culpa para si. Em algum momento ele disse “se eu tivesse deixado ela ir na frente ou ido ao lado dela, isso não teria ocorrido”. Os/as participantes demonstraram carinho e apoio, perguntaram se Leandro precisava de algo e disseram palavras de otimismo (“ela vai se recuperar logo”; “vamos consertar a bike para ela”; “bom que algo mais grave não ocorreu”). Acho que assim como eu, os/as participantes tiveram empatia por Laura, quem nunca pensou que isso poderia ocorrer? Estamos susceptíveis a todo momento.

Conversamos um pouco sobre a situação da Laura e do Leandro e perguntamos se algo poderia ser feito. Leandro disse que por hora nada, mas agradeceu termos perguntado  
**(4).**

Hoje precisávamos realizar uma entrega de mel do grupo de compras coletivas. Nessa semana, por meio da parceria com esse grupo, tínhamos conseguido vinte e seis pedidos

de cicloentrega divididos em três grandes compras: Mel (que seria feita hoje), grãos e cosméticos (que seriam feitas daqui há duas semanas). Andréia já estava com os potes de Mel, pois havia retirado com uma das gestoras do grupo de compras coletivas.

Conversamos sobre aproveitar a oportunidade para fazer um treinamento e decidimos realizar as entregas juntos/as. Foram sete compradores/as, distribuídos nos endereços a seguir: Passeio dos Tangarás - Parque Faber 2; Rua Padre Teixeira – Centro; Rua Esther do Amaral Zaitune - Parque Fehr; Rua Albino Triques - Santa Felícia; Rua XV de Novembro – Centro; Departamento de Computação/ UFSCar; NuMI-Ecosol/ UFSCar.

Elencamos o que seria essencial ser feito antes de sair para entregar. Os/as cicloentregadores/as deveriam abrir a planilha com os nomes, telefones e endereços; traçar a rota no mapa virtual e calcular distância e preço; montar a rota de todas as entregas; ligar para os/as clientes e informar sobre o valor do serviço e horário da entrega; perguntar sobre troco; empacotar separadamente as encomendas; entregar. Os/as participantes se dividiram em duas equipes para realizar as tarefas (Leandro e Odair em uma; Fernanda e Andréia em outra) e cada grupo pegou um computador portátil (trazidos por Andréia para a atividade). Depois de concluir a tarefa, conversamos sobre as rotas desenhadas e decidimos coletivamente qual seria a melhor (5).

O aplicativo nos informou que percorreríamos 27,6km em 1h e 51min sem pausas. Consideramos que parariamos para conversar com os/as clientes e que, portanto, levaríamos cerca de 3h para cumprir o roteiro. Era preciso agora verificar cada endereço desde o Clube do Sindicato dos Metalúrgicos e garantir que os valores ficassem dentro do pretendido quando fizemos o Estudo de Viabilidade Econômica (EVE): R\$20,07 por hora. Os valores combinados foram pautados pela tabela a seguir, que foi feita em 2018 durante o Estudo de Viabilidade Econômica (EVE) do EES (6).

Arredondando a casa decimal, cobramos o seguinte:

2,5km = R\$4,50 - Passeio dos Tangarás - Parque Faber 2

3,9km = R\$6,00 - Rua Padre Teixeira - Centro

4,2km = R\$6,00- Rua XV de Novembro - Centro

6,7km = R\$10,50- NuMI-Ecosol/ UFSCar

6,9km = R\$10,50 - Departamento de Computação (D.C.)/ UFSCar

4,2km = R\$6,00 - Rua Esther do Amaral Zaitune - Parque Fehr

1,5km = R\$4,50 - Rua Albino Triques - Santa Felícia

Sendo assim, pelos nossos cálculos receberíamos, por três horas trabalhadas, o valor de R\$48,00, ou seja, R\$16,00/h, fora do valor estabelecido no EVE (7d).

Cada pessoa ligou para um/a ou dois/duas clientes para conversar sobre a entrega. Odair não quis ligar, disse que “sentia vergonha”. Leandro falou com ele, comentou a necessidade de todos/as saberem desenvolver todas as tarefas e a possibilidade de futuramente cada um ficar com a tarefa que mais gosta (8). Odair pegou o telefone e pediu para Leandro digitar os números. Depois conversou com o telefone distante cerca de 30cm do ouvido.

C. O.: Odair parecia bastante apreensivo em realizar a tarefa. Comentou várias vezes que não sabia falar ao telefone e que preferia não fazer isso. Suou um pouco até finalizar a ligação, mas no geral teve um bom desempenho, passou os recados de forma calma e atenciosa (9).

Feitas as ligações, começamos a empacotar os produtos separadamente, por nome do/a cliente. Andréia havia levado papel kraft e fita adesiva para embalá-los. Por fim, colocamos as embalagens dentro das caixas fixas às bicicletas, prendemos tudo com uma corda e nos preparamos para sair.

No momento da entrega, os/as cicloentregadores/as vestiram os equipamentos de segurança (luvas, óculos, capacete, coletes coloridos) e subiram nas bicicletas (10). Andréia acompanharia o percurso, auxiliando-os/as em eventuais dúvidas. Saímos do Clube por volta das 15h e 30min sentido Av. Bruno Ruggiero Filho até o bairro Parque Faber Castell 2.

Durante o trajeto consideramos que talvez só pudesse entrar uma pessoa no condomínio e escolhemos a Fernanda caso isso ocorresse. Todavia, o guarda da guarita disse que todos/as poderíamos entrar e que não havia necessidade em informar nomes e documentos (11). Fomos até a casa e a Fernanda bateu na porta. A consumidora já nos aguardava e foi rápida em nos atender. Ao abrir a porta sorriu em ver todos/as juntos/as, perguntou como estávamos e se queríamos água. Odair respondeu que queria e ela foi pegar. Na volta, Fernanda entregou a encomenda e recebeu o dinheiro. A consumidora fez mais algumas perguntas e após um breve diálogo nos despedimos.

C. O.: Percebi que o interesse dela soou como reconhecimento pelo trabalho do grupo e todos/as sentiram-se admirados/as e aparentemente orgulhosos/as de si mesmos. Fiquei contente também (12).

Pedalamos mais rápido dessa vez. Em determinado ponto, Odair quis virar uma rua na contramão, mas o grupo pediu para que ele não fizesse isso. Estabelecemos um diálogo sobre o assunto e Odair argumentou que se tivesse cuidado, não precisaria respeitar todas as regras de trânsito. Leandro disse que as bicicletas precisam respeitar as regras de trânsito e mais do que isso, precisam ter cautela, pois as vias são sempre pensadas para atender aos carros, e os motoristas de automóveis raramente conseguem ver as bicicletas, ainda mais quando uma vem no sentido oposto (13). Odair não se convenceu, argumentou que ele sempre havia feito dessa forma e que não mudaria agora. Andréia interveio e falou sobre segurança no trânsito e os princípios para circular de forma segura em meios aos carros. Odair consentiu em respeitar essa regra, mas afirmou que estava contrariado.

C. O.: Odair pedala desde muito cedo e hoje tem 64 anos. Para ele é mais difícil mudar ações já arraigadas. Como um homem de seu tempo, tem dificuldades de aceitar uma regra que para ele não faz sentido. O “sempre fiz assim” imperou nas palavras dele e a aceitação da regra foi mais por impotência perante os/as demais, do que por devida interiorização dos conceitos. (14d).

A segunda e a terceira entrega foram feitas quase que ao mesmo tempo, pois era bem perto uma da outra. A primeira, quem nos atendeu foi a secretária de uma escola de inglês. Não se deteve muito, apenas recebeu o pacote e pagou sem muitas palavras. Na segunda foi o porteiro do prédio. Ele também nos pagou e recebeu a encomenda, sem perguntar nada (15d).

Rumamos para a UFSCar, agora um pouco mais lentos. Chegamos lá por volta das 16h e 42min, bem mais rápido do que havíamos considerado, pois não haviam grandes pausas nas entregas. Quando chegamos, as cinco pessoas que estavam trabalhando ali pararam e vieram nos receber. Conversaram com os/as participantes, perguntaram como estavam sendo as entregas, ofereceram água, café e bolacha. Nos deixamos ficar ali, passando quase 30min (16). Andréia nos lembrou que ainda estávamos na metade e que deveríamos ir. Todos/as levantaram, colocaram novamente os equipamentos de segurança e saíram (17). Fomos até o D.C. e a consumidora também nos ofereceu água e perguntou se estávamos bem. Afirmamos estarmos bem e conversamos um pouco com ela, contudo, como havíamos feito uma parada grande, estávamos descansados e quisemos seguir sem aceitar a água (18).

O caminho de volta foi bastante longo e de muitas subidas. Quase no fim da Rua Miguel Petroni, as conversas haviam cessado e todos/as pedalavam em silêncio. Chegando ao condomínio, o porteiro deixou apenas uma pessoa entrar e as outras ficaram esperando do lado

de fora. Leandro entrou e demorou cerca de 15min para voltar. Quando chegou, disse que tudo correu bem. Nesse momento já passava das 18h. Fomos então para a última entrega do dia.

Ao chegar na última residência tocamos a campainha e uma senhora nos atendeu, a filha dela havia pedido a entrega, mas ela não sabia ao certo, pois não havia sido comunicada. Tentamos ligar para a filha e não tivemos sucesso, apesar da entrega já estar confirmada. A senhora se desculpou e disse que ia ver se tinha dinheiro. Dissemos o valor e ela entrou novamente na casa fechando o portão. Cerca de 5min depois, voltou com uma nota de R\$100,00 e perguntou se tínhamos troco. Não tínhamos, ela entrou novamente na casa e voltou com um saco de moedas. Contou até dar R\$3,50, nos pagou e despediu-se (19d). Voltamos para o clube às 18h38min, ou seja, levamos 3h08min para realizar as entregas.

Fizemos uma pequena avaliação e Leandro considerou que se não tivéssemos parado por tanto tempo, poderíamos ter feito em 2h30min. Fernanda disse que já está acostumada a pedalar e que o ritmo do grupo é mais lento, considerou que as entregas poderiam ser feitas em 2h. Disse ainda que demoramos para chegar na UFSCar, o que afetou o tempo também. Odair disse que a secretária e o porteiro adiantaram as entregas, pois não quiseram conversar com a gente e que existem pessoas que querem nos receber e conversar e outras não. Chegamos a um acordo de que a entrega poderia ter sido feita em 2h30min, pois alguns imprevistos devem ser considerados. Sendo assim, pedalamos 27,6km em 3h08min, recebemos o valor de R\$48,00 por todas as entregas, resultando em aproximadamente R\$16,00/h. Se tivéssemos feito as entregas em 2h30min, ganharíamos o valor de R\$19,20 (bem próximo dos R\$20,07 que calculamos no EVE). Já que essa entrega foi um experimento e considerando que grupos pedalam mais lentamente do que pessoas sozinhas, decidimos que o valor da tabela foi atingido (20). Dividimos o dinheiro por três: Fernanda, Leandro e Odair. Andréia, enquanto pesquisadora, não recebeu pelo trabalho (21).

Todos se despediram e foram para as suas casas.



## Diário de Campo II

**Data:** 27/03/2018

**Horário:** 14h às 17h30min

**Local:** NuMI-EcoSol (Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária)

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (4):** Andréia, Fernanda, Leandro e Odair.

Os participantes chegaram por volta das 14h e 10min. Fernanda foi a primeira a chegar, seguida de Leandro e por último, Odair. Andréia já estava no local. Todos/as locomoveram-se de bicicleta e chegaram ao espaço um tanto cansados/as, já que o NuMI-EcoSol fica na área norte da UFSCar (após uma longa subida) (1). Sendo assim, tomamos água em abundância, comemos algumas frutas disponíveis (melão e banana) e depois tomamos café (2). Aproximadamente às 14h e 30min nos ajeitamos na sala de reuniões.

C. O.: Odair parecia ainda muito cansado. A casa de Odair fica 14km distante, sendo que aproximadamente 7km são de subidas (pois é preciso subir uma serra). Ele leva cerca de 1h e 30min para chegar até a UFSCar (no extremo oposto da cidade). Quando precisa fazer essa viagem, Odair aproveita resolver pendências, visitar algum espaço onde nunca esteve, etc. Contudo, ele é bastante empobrecido e por vezes não possui condições financeiras para comer no centro.

Andréia perguntou a todos/as se haviam almoçado.

C. O.: imaginando que o Odair não tivesse comido e estava com fome.

Todos e todas responderam positivamente. Andréia, então, perguntou diretamente a Odair: “o senhor almoçou?”. E ele respondeu: “oxi, claro que comi, almocei lá no Bom Prato, eles cobra R\$1,00 no almoço e R\$0,50 no café da manhã. É bão come lá, a comida é boa, viu?” (3).

Fernanda informou sobre o recebimento de e-mails do Fórum e sobre sua participação no mesmo. Salientou que não tinham discutido nenhuma pauta que nos abrangia.

Decidimos que ela irá repassar os e-mails para o grupo e que iremos rodiziar as reuniões para que todos/as participem (4).

### **Roda de conversa sobre acordos coletivos e organização das cicloentregas**

Iniciamos a atividade. Precisávamos conversar sobre os acordos coletivos e esquematizar as cicloentregas, criando uma espécie de roteiro. Andréia perguntou a todos/as se lembravam dos acordos coletivos que havíamos estabelecido ao longo desses meses e ninguém respondeu. Andréia, então propôs uma dinâmica que já havia preparado previamente, imaginando que haveria dificuldade em relembrar os acordos. Disse: “Leandro, suponhamos que a Fernanda acabou de entrar no EES, ou seja, hoje é o primeiro dia dela. Você foi eleito para explicar a ela como tudo funciona e quais são as regras gerais. Você tem cinco minutos para refletir sobre isso e iniciar a dinâmica de apresentação”. Esperamos em silêncio. Passados aproximadamente cinco minutos, Andréia pediu que Fernanda saísse da sala, fechasse a porta e retornasse com uma batida. Leandro, envolto pela teatralização (já comum nos nossos encontros) levantou da cadeira e atendeu a porta (as falas a seguir foram transcritas na íntegra):

L: Olá, meu nome é Leandro, seja bem vinda ao nosso empreendimento. Irei explicar como funciona. Por favor, sente-se nessa cadeira.

F: Obrigada!

L: como você ficou sabendo do nosso projeto?

F: eu vi o cartaz de vocês no ponto de ônibus.

L: explicando mais ou menos, fazemos serviços de cicloentregas. A gente trabalha, por enquanto, com as cestas e fazendo cicloentregas do grupo de compras coletivas e queríamos expandir um pouco o nosso negócio e estamos abertos à novas possibilidades, que nem cicloturismo. Mais para frente queríamos tentar manutenção em bikes também. Ao longo do nosso projeto aqui, a gente vai ter algumas noções de economia solidária e também vamos aprofundar um pouquinho em manutenção de bikes. Mas a gente vai se conhecendo nesse meio tempo, vamos sair pedalar um pouco por aí e tal. Agora que estamos começando o projeto mesmo, a gente tá fazendo esse sistema de rodízio entre nós, para cada uma dessas cicloentregas que já estão marcadas, agendadas, a gente tem um plano de quem vai fazer a próxima cicloentrega. Já temos uma escala disso. E com as outras cicloentregas que não são fixas, a gente tá tentando escalonar um pouco isso.

F: Como funciona o rodízio, você consegue me explicar?

L: Então, a gente tenta ser um pouco mais justo, né, e que a cada semana seja um dos nossos cicloentregadores que vai fazer as cicloentregas. Vou dar o exemplo da cesta que a gente faz de segunda-feira. Agora a gente tá, vamos dizer, em cinco cicloentregadores, então, a cada uma semana do mês, assim, um desses cicloentregadores diferentes vai fazer essa cicloentrega (5).

Nesse momento, Odair nos interrompeu e perguntou quem era o próximo do rodízio nas entregas de quarta-feira. Não sabíamos ao certo, então refletimos juntos sobre as entregas anteriores até descobrir quem seria o próximo. Seria o Leandro, entretanto, ele não poderia fazer e pediu para que outra pessoa fizesse. Odair aceitou fazer (6).

Andréia aproveitou o momento para começar a anotar os acordos. A teatralização havia sido um bom começo, mas que já não era mais necessária, pois os/as participantes estavam falando sobre os acordos de forma fluída. Sendo assim, juntos/as fomos elencando os acordos que já havíamos conversado. Conforme íamos redigindo o documento, percebemos que novos acordos precisariam ser estabelecidos e nos detínhamos em cada um para aprofundar a discussão. O trabalho foi intenso e longo (7). Perto das 17h já estávamos bem cansados. Votamos entre terminar a tarefa que já estava quase sendo concluída, ou retomarmos na próxima reunião. Decidimos continuar e terminamos por volta das 17h e 30min (8).

Como estávamos no horário de verão, haveria tempo para todos/as chegarem em segurança em casa (9). Arrumamos a sala e nos concentramos na cozinha para comer o restante das frutas, um pacote de bolacha de água e sal e chá. Após cerca de dez minutos, terminamos de comer, lavamos toda a louça e nos despedimos (10).

C. O.: ao final da atividade, percebendo ainda que Odair estava abatido, perguntei discretamente como ele estava. Parecia triste. Ele me contou duas situações bastantes íntimas e complexas que o estavam deixando triste. Na impossibilidade de resolver o problema, porque não tinha solução, compartilhamos a tristeza (11).

## **Anexo 1: resumo da conversa sobre os acordos coletivos e organização das cicloentregas**

### **Acordos coletivos (rascunho do futuro regimento interno):**

1. Os equipamentos de segurança são obrigatórios: óculos, luvas, tênis, capacete, luz de sinalização noturna,
2. Respeitar todas as leis de trânsito é obrigatório

3. O celular do grupo deve ser mantido sempre carregado, rodiziando a responsabilidade da posse.
4. A cicloentrega é dividida em duas partes: gestão e cicloentrega
  - 4.1. Gestão:
    - 4.1.1. saber o que será entregue, ou seja, perguntar: medidas, peso, se é frágil, se já está embalado, se é perecível.
    - 4.1.2. verificar os endereços (de retirada e de entrega)
    - 4.1.3. traçar a rota
    - 4.1.4. verificar a possibilidade de outras cicloentregas no caminho
    - 4.1.5. olhar a planilha de custos
    - 4.1.6. passar o valor para o/a cliente;
    - 4.1.7. confirmar qual é o melhor horário para realizar a cicloentrega
    - 4.1.8. conferir a necessidade de troco
    - 4.1.9. registrar os/as clientes na planilha de clientes
  - 4.2. Cicloentrega:
    - 4.2.1. fazer a cicloentrega
    - 4.2.2. mandar um questionário de avaliação da cicloentrega (e-mail; ou pergunta simples – o que você achou da sua cicloentrega? – para aplicativo de conversas)
      - 4.2.2.1. registrar a avaliação na planilha
    - 4.2.3. para clientes antigos/as, verificar a pendência ou excedente de pagamentos.
      - 4.2.3.1. Fazer o registro na planilha
5. Quem faz a gestão, mas não faz a cicloentrega, deverá receber 20% do valor de cada cicloentrega gerida.
6. As cicloentregas devem ser rodiziadas de forma justa e solidária.
  - 6.1. O rodízio atual é o seguinte:
    - 6.1.1. Segundas: Odair, Leandro; Fernanda faz a da Heloísa
    - 6.1.2. Quartas: Odair, Leandro e Fernanda
    - 6.1.3. Compras Coletivas: Odair, Leandro, Fernanda
  - 6.2. Cada cicloentregador/a poderá fazer, no máximo, seis cicloentregas diárias. Passado esse limite, deverá contatar outro/a cicloentregador/a para auxílio em uma mesma encomenda com diferentes clientes e/ou destinos; ou várias encomendas diferentes com diferentes cliente e/ou destinos.
7. As pessoas que estiverem fazendo cicloentregas deverão comparecer à todas as reuniões e encontros do grupo.

- 7.1. Caso alguém falte em quatro encontros seguidos, deverá ser chamado/a para prestar esclarecimentos ao grupo, em reunião marcada exclusivamente para esse fim. O grupo decidirá se essa pessoa será reincluída. Em caso positivo, ficará afastada das cicloentregas pelo prazo mínimo de mais quatro encontros para que retome a frequência nas reuniões e entenda as últimas mudanças do coletivo. Outra pessoa deverá assumir as cicloentregas nesse período.
- 7.2. Caso alguém não respeite a decisão coletiva, ou não volte a frequentar as reuniões, será suspenso e só poderá retornar ao EES desde que cumprido as exigências iniciais, com a diferença de que deverá estar presente no número exato de reuniões que faltou, antes de recomeçar a fazer qualquer cicloentrega.
8. Caso a pessoa não possa fazer a cicloentrega agendada, ela deverá contatar outra pessoa do grupo para que haja a substituição. Não havendo alternativas, a cicloentrega deverá ser cancelada com os respectivos pedidos de desculpas.
9. As reuniões do Fórum Municipal de Economia Solidária (entidade pública, cuja qual o EES é cadastrado e participa ativamente) devem ter a presença de pelo menos um/a participante do EES.
10. Regras de entrada:
  - 10.1. Cada novo/a integrante que entra deve conhecer o projeto e ser integrado à equipe. O prazo é de quatro encontros, além da obrigatoriedade de acompanhar uma cicloentrega sem receber qualquer valor, com o intuito de conhecer a rotina do/a cicloentregador/a.
  - 10.2. Caso o número de cicloentregas realizadas pelo EES no momento da entrada do novo participante seja menor do que seis por dia para cada cicloentregador/a, o novo/a participante deverá auxiliar na expansão do empreendimento, com o objetivo de alcançar novos/as clientes. Essa regra serve para garantir a renda dos/as participantes antigos/as, observando a não oneração dos antigos/as pelo novo/a.
    - 10.2.1. O grupo antigo, com maior experiência, deverá assumir as novas cicloentregas e desde que não haja perda do valor bruto da renda, repassar as cicloentregas atuais para os/as novos/as participantes.
  - 10.3. O/a novo/a participante deve ter acesso à formação básica nos seguintes aspectos:
    - 10.3.1. Economia Solidária
    - 10.3.2. Locomoção no trânsito de forma segura
    - 10.3.3. Atendimento ao cliente

10.3.4. Rotas

10.3.5. Gestão financeira, de planilhas e formação do preço.

10.3.6. Manutenção básica de bicicletas

10.3.7. Acordos coletivos do grupo (12)

### Diário de Campo III

**Data:** 03/04/2018

**Horário:** 8h às 12h / 18h às 19h

**Local:** NuMI-EcoSol (Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária); sorveteria

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (4):** Andréia, Fernanda, Leandro e Odair

Combinamos de nos encontrar no NuMI-EcoSol logo pela manhã, pois tínhamos que organizar um volume grande de entregas. O dia estava ensolarado e quente, pretendíamos começar a fazer as entregas no início da tarde, então tínhamos a manhã toda para preparar o roteiro, falar com as pessoas, separar e embalar os produtos. Os/as participantes chegaram ao Núcleo por volta das 8h da manhã.

Fernanda foi a primeira a chegar e enquanto aguardávamos a chegada dos demais, Andréia decidiu fazer um café (1). Fernanda sentou-se no sofá e iniciamos um diálogo sobre a semana. Depois de alguns assuntos “comuns” (clima, possibilidade de chuva, acidente na rodovia), ela fez uma pausa e depois disse que estava namorando. Andréia a saudou pela novidade e desejou felicidades ao novo casal. Fernanda agradeceu e precisou de mais alguns minutos em silêncio. Depois disse que iria sair para jantar com a namorada. Andréia perguntou onde iriam e o assunto continuou ininterrupto.

C. O.: percebi que Fernanda teve dificuldades em contar que namorava uma mulher, mas que ao mesmo tempo se sentia acolhida para manifestar sua homossexualidade sem medo (2).

Leandro chegou quando o café já perfumava o ambiente. Sentou no banco e comentou algo sobre o clima já estar quente naquele horário. Tomamos o café juntos/as (3). Odair foi o único que atrasou, chegou por volta das 10h e justificou dizendo que precisou levar a neta na escola.

No Núcleo há uma sala que dispõe de seis computadores de mesa e espaço para mais quatro notebooks, também disponíveis em caso de necessidade. Para essa atividade, reservamos os computadores de mesa. Após o café, cerca de 8h30min iniciamos a atividade. Andréia pediu para que cada um/a ficasse em um computador e disponibilizou as tabelas das

compras coletivas para que as informações dos/as clientes das cicloentregas fossem extraídas. Leandro e Fernanda pegaram a compra de cosméticos; Andréia e Odair (depois que chegou) a de grãos. Conversamos rapidamente como desenvolver a tarefa e decidimos que montaríamos uma lista de cliente para cada compra, facilitando a montagem das rotas. Depois alimentaríamos coletivamente a planilha online de consumidores/as para atualizar o banco de dados (4).

Todos/as se concentraram na tarefa. Cerca de trinta minutos depois, já sabíamos quem eram os/as nossos/as clientes.

#### **A compra de cosméticos ficou assim:**

1. Rua Dr. Marino da Costa Terra, Parque Sabará
2. Avenida Eliza Gonzales Rabelo, Nova Santa Paula
3. Rua Octávio Binotto, Jardim Acapulco
4. Passeios dos Tangarás, Parque Faber 2
5. Rua Aristides de Santi, Azulville I
6. Rua Luiz Roher, Jardim Ricetti
7. Rua XV de Novembro, Centro
8. Rua XV de novembro, Centro
9. Rua São Sebastião, Centro
10. Avenida Carlos botelho, Centro
11. Rua Felipe Schiavone, Parque dos Timburis
12. Rua Felipe Schiavone, Parque dos Timburis
13. Rua São João Bosco, Planalto Paraíso

#### **A compra da grãos ficou assim:**

1. Rua Santos Dumont, Vila Celina
2. Avenida das gardênias, Cidade Jardim.
3. Rua Bruno Giongo,
4. Alameda das Crisandálias, Cidade Jardim
5. Rua Ray Wesley Herrick, Jardim Jockey Club A
6. Passeios dos Tangarás, Parque Faber 2



Finalizado a planilha, precisaríamos confirmar os valores das entregas. Antes de fazer as ligações, conversamos sobre o que dizer aos/às clientes. Elencamos alguns pontos importantes, tais como: cuidado com as palavras; ter educação durante a conversa; confirmar o endereço, o horário e o valor da entrega; perguntar se precisa de troco; e finalizar com um “muito obrigado/a” (5). Nos dividimos nas dezoito ligações (pois uma consumidora era a mesma nas duas compras), que foram feitas utilizando o telefone do NuMI. Andréia acompanhou Odair nas ligações; Leandro e Fernanda tiveram mais autonomia. Cada um/a fez cerca de seis ligações para os/as clientes das duas compras (6). As entregas de cosméticos seriam feitas na manhã seguinte, por conta da organização do GCC. As de grãos, seriam realizadas naquela tarde.

Na compra de cosméticos, registramos como ponto de partida o número 3737 da Avenida São Carlos, ainda que o nosso ponto de partida real será o DEFMH da UFSCar (Andréia já estava em posse dos produtos comprados). Para cada entrega contabilizamos a quilometragem a partir do ponto de saída até o endereço da entrega, não contando a volta. Quando há mais de uma entrega e existe a possibilidade de fazer um roteiro e os/as ciclistas conseguem chegar mais perto do preço por hora feito no EVE, ou seja, chegam na situação ideal (7). Quando há apenas uma entrega, os/as ciclistas pedalam a volta de graça, perdendo tempo e dinheiro (8d). Consideramos nesse caso, que a rota teria sete entregas, contudo, os valores são sempre computados um a um, como se o ciclista saísse do ponto de partida e retornasse a cada entrega. Sendo assim, achamos que seria injusto colocar a partida desde a UFSCar, primeiro porque fomos nós que escolhemos esse ponto de partida longínquo, segundo porque, mesmo sendo um ponto mais central, chegaríamos ao valor ideal por hora, devido a rota preestabelecida (9).

**Valores registrados para a compra de cosmético, na mesma ordem dos endereços listados anteriormente:**

1. 4,9km = R\$7,50
2. 2,0km = R\$3,00
3. 3,1km = R\$3,00
4. 4,4km = R\$6,00 + adicional de R\$3,00 por 9kg da compra de grãos (ou seja, R\$1,50 a cada 5kg) = R\$9,00
5. 5,2km = R\$7,50
6. 4,1km = R\$6,00

7. 2km = R\$3,00
8. 1,9km = R\$3,00
9. 2km = R\$3,00
10. 2km = R\$3,00
11. 5,9km = R\$9,00
12. 5,9km = R\$9,00
13. 2,8km = R\$3,00

Na compra de grãos, o ponto de partida definido pelo grupo foi uma casa na Avenida Doutor Carlos Botelho, no centro da cidade. Isso porque os/as ciclistas teriam que ir até lá retirar a mercadoria para poder entregar. Essa compra, especificamente, era bem pesada, pois se tratava de grãos como feijão, milho, arroz, entre outros. Seguem os valores estabelecidos, considerando peso e distância:

**Valores registrados para a compra da grãos, na mesma ordem dos endereços listados anteriormente:**

1. 2,5km; 6,50kg = R\$6,50
2. 2,2km; 9,5kg = R\$6,50
3. 1,3km; 3kg = R\$4,50
4. 2km; 5,5kg = R\$4,50
5. 3,7km; 6,5kg = R\$6,00
6. sem valor, pois já está calculado na compra de cosméticos.

Feitas as ligações, começamos a traçar a rota. Fernanda não poderia fazer a entrega de grãos e Odair não poderiam fazer a de cosméticos. Leandro podia estar presente nos dois dias. Dividimos as entregas de grãos entre Leandro e Odair e as de cosméticos entre Leandro e Fernanda. Sendo assim, Leandro e Fernanda traçaram as rotas da compra de cosméticos (duas, cada uma com seis e sete clientes) e Andréia e Odair a de grãos. Leandro e Odair decidiram traçar rota única, pois assim conseguiriam levar todo o peso de uma vez, ou seja, 31kg, transportando cerca de 15kg por bicicleta. O objetivo era começar pela casa que comprou 9kg e depois redistribuir o peso para não ficarem muito cansados (10).

As rotas ficaram prontas perto do meio dia e já era hora de nos despedirmos para que as entregas fossem realizadas à tarde. Andréia não iria participar das entregas, encontraria

Fernanda e Leandro no dia seguinte para entregar os produtos de cosméticos. Odair e Leandro combinaram de se encontrar no ponto de retirada das entregas às 15h.

Finalizamos a reunião e nos despedimos. Os detalhes da organização da tarde foram tratados por meio de um aplicativo de mensagens. Seguem os trechos:

Leandro (áudio via aplicativo de mensagem): Seu Odair eu vou levar minha mochila mesmo daí você usa ela, eu fico daí só usando o bagageiro, aquele bagageiro lá é bem espaçoso, pode ser? Daí você usa a minha caixinha também, só que a minha caixinha não cabe tanta coisa. Beleza? Você lembra de pegar a corda aí pra gente? A gente vai precisar dela hoje, daí. Daí três horas a gente se encontra lá. Fechou gente, até mais.

Andréia (áudio via aplicativo de mensagem): gente, evitem de levar peso nas costas. Está calor e os produtos são bem pesados. Tentem pegar, lá provavelmente vai ter caixa de papelão, então, dá para condicionar com cordas no próprio bagageiro. E se atentem a isso, porque se vocês levarem nas costas pode causar danos na coluna. Tomem cuidado, está bem? (11).

Leandro (áudio via aplicativo de mensagem): Seu Odair se você tiver moedas de cinquenta centavos aí sobrando também em casa, leva pra gente, porque todas as entregas que a gente vai fazer hoje são quebradas no cinquenta e já tiveram duas que disseram que vão precisar de troco. Eu tenho dois reais e cinquenta aqui, que é um dos trocos para a de dez reais.

Odair (áudio via aplicativo de mensagem): vou levando uma de cinco que eu tenho aqui no bolso. Vamos vê, não sei se eu tenho de cinquenta, talvez eu tenha de dez, sei lá. Entendeu?

Leandro (via aplicativo de mensagem): qualquer coisa a gente troca no caminho também. Beleza. Seu Odair, tô saindo de casa. Quinze minutos tô chegando (12).

Andréia (áudio via aplicativo de mensagem): boa pedalada para vocês pessoal, o tempo está ótimo para pedalar. Me avisem quando acabar, pra gente se encontrar.

Após as entregas, Andréia, Leandro e Odair encontraram-se novamente em uma sorveteria, para conversar sobre as entregas e comemorar os frutos do dia. Chegamos, prendemos as bicicletas e entramos no espaço. Cada um/a escolheu o sorvete de sua preferência

e Andréia pagou os custos. Saímos e nos sentamos nas mesas externas, na calçada (13). A avaliação teve início com a fala do Leandro:

Leandro: quanto as entregas, foi bem massa tudo assim, tipo, todas as pessoas que a gente entregou nos receberam super bem, assim. O Seu Odair pediu água na casa de todo mundo. Brincadeira. As pessoas ofereceram e o Seu Odair aceitou, sim, com certeza, né (14). É deu tudo certo, a gente fez todo aquele mesmo trajeto que a gente tinha pensado, daí do Faber II até o Jockey, né, passando pela cidade jardim. No final, foram cinco entregas que a gente fez hoje e uma delas a pessoa não tava e está na minha casa e eu já falei com ela e provavelmente eu farei na segunda-feira (15d). E outra coisa foi interessante a gente ter feito dessa vez, dessa primeira vez com a de grãos é irmos juntos, irmos duas pessoas pelo menos porque deu para perceber como é que eles trabalham lá, como é que vai ser essas entregas. Sinceramente eu não estava muito preparado porque eu não sabia que as entregas iam vim nas caixas, eu tava pensando que eram sacolas, daí na minha cabeça, sacolas, elas cabem melhor, tipo elas acabam se encaixando melhor, tanto dentro das mochilas, quanto no bagageiro. Então, hoje como estavam nós dois a gente acabou dividindo, ficou um pouco na minha caixa, ficou uma na caixinha minha que o Seu Odair levou no bagageiro dele e duas encomendas, duas caixas em cada uma das mochilas. Aí tinham duas sacolinhas também que esse era na verdade era que eu tava pensando que ia ser as encomendas daquela forma, então foi interessante para eu saber como é que eles trabalham e para a nossa vez, para a nossa próxima experiência com os grãos, eu acho que mais importante do que o peso, para perguntar para eles, é em quantas caixas que vão acondicionadas as coisas, então se a gente já tiver essa informação antes, com certeza vai facilitar bastante, vai dar pra gente pensar em quantas pessoas vamos fazer as entregas, o percurso, tudo certinho.

Odair: acho que sempre que for orgânico, vai ser nas caixinhas. Não tem jeito de ser na sacola, ainda bem que a ideia é nas caixinhas (16).

Andreia: nossa que legal, fiquei muito feliz de ouvir esse relato. É, eu já sabia que os produtos poderiam vir em caixas e acho que eu cheguei a falar em um áudio para o Leandro, mas ele só conseguiu ouvir depois que já tinha passado todo o processo e tal, mas com certeza isso foi uma falha de comunicação, assim, porque, eu acho que a gente, eu, na verdade, estava pensando, que as entregas seriam feitas, tipo, sabe, como a gente tinha feito até então, mas achei que ficou bom também esse modelo e vai os dois e já sai uma vez só e faz tudo (17). Se vocês puderem me contar um pouco sobre o tempo que levou cada entrega, o tempo geral do roteiro e também quanto vocês receberam, como foi a divisão dos recursos, eu acho que isso

também é bastante importante nos processos da Economia Solidária (18). No mais tudo ótimo, que bom, fico feliz e é isso. Parabéns a todos/as que fizeram dar certo essa entrega (19).

Leandro: Quanto a divisão de valores. A gente tinha combinado, como o Seu Odair tava fazendo menos entrega, eu e a Fernanda tava fazendo mais essas de toda semana e agora teve essas duas da feira de segunda-feira, é, a gente ficou de dar para o Seu Odair, as entregas de maior valor, no caso essas de quatorze reais. Só na verdade, então se for fazer essas contas, o Seu Odair ficou com dezenove. Então, daí, a outra parte, a outra quantidade vai ficar comigo daí, das entregas, se não me engano, tudo deu vinte e nove de entregas hoje. Daí só tem essa que eu combinei com ela na segunda-feira (20). Depois tenho que falar com você Deia, porque não sei qual é o valor dela, pois não lembro onde é a casa.

Andréia: Acho que você deve usar a planilha que fizemos do EVE.

Leandro: mas eu calculo da minha casa até a casa dela?

Andréia: da sua casa, contabilizando o peso. O certo seria cobrar também essa que ela não tava, mas melhor deixar prá lá dessa vez (21d).

Andréia: alguém sabe me dizer o tempo que demorou desde o início da entrega até o final contando com ajeitar as coisas na bike, tudo? Vocês cronometraram, viram em quanto tempo mais ou menos rolou?

Leandro: chegamos às três horas. Daí eu e o Seu Odair ficamos carregando as bikes e conferindo as cestas ali, vendo o que era de cada um (22). E daí eu acho que a gente deve ter saído de lá, depois que as bikes estavam carregadas, em torno de três e vinte e aquela hora que eu falei com você, você tinha me ligado, eram cinco e vinte. A gente tinha acabado de fazer a última entrega, então todo esse percurso durou exatamente duas horas. Eu acho que demorou mais tempo do que eu imaginava na verdade (23d). A gente saiu de lá do ponto de encontro, subimos até o Parque Faber II, fizemos as entregas no Cidade Jardim, ou melhor, a entrega no Cidade Jardim, aquela da Crisandálias, depois deixei a da minha casa e depois seguimos para o Jockey. Então foram duas horas de percurso.

Seu Odair, sempre falante, não falou muito, apesar de Andréia ter questionado se ele estava satisfeito. Ele disse “gostei” para a pergunta e em outros momentos balançou a cabeça concordando com Leandro (24d). Terminamos os sorvetes antes de terminar as avaliações. Quando finalizamos a conversa, nos despedimos, já estava escuro.

Depoimento de uma consumidora via aplicativo de conversas no grupo de compras coletivas: Pessoal, queria dar um depoimento aqui: hoje eu recebi as minhas compras de grãos pelos meninos da cicloentrega. Que fantástico! Ficou super barato, quase simbólico o valor pago pra eles, pude ficar trabalhando em casa de boas e ter esta questão resolvida em 3 minutos e ainda me senti fazendo parte de algo incrível! Apareceram 1 jovem e um senhor super simpáticos! Tudo certinho, embalado, ajeitado. Quero incentivar que nosso grupo apoie cada vez mais esta galera! Agradecer a Deia por sempre estar envolvida com coisas legais e nos convidar a fazer parte também! Por mais iniciativas como a nossa e como a deles nessa cidade! (25).

## Diário de Campo IV

**Data:** 10/04/2018

**Horário:** 8h às 11h20min

**Local:** Clube de Campo do Sindicato dos Metalúrgicos

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (3):** Andréia, Fernanda e Leandro.

Hoje o dia estava ensolarado, porém fazia frio. Andréia chegou mais cedo ao clube, veio pedalando a sua bicicleta. Fernanda e Leandro chegaram em seguida. Durante a semana o grupo combinou, por meio do aplicativo de conversas, de montar uma bicicleta para a namorada do Leandro, pois a dela quebrou quando ela sofreu acidente. Desde o ocorrido, Leandro, tentando fazer uma surpresa para a namorada, foi recomprando as peças para remontar a bici. Leandro pediu ajuda ao grupo e Fernanda confirmou presença (1). Odaí, contudo, não pôde participar do encontro, pois teve que levar a neta ao médico. Os demais não se manifestaram (2d).

Nos encontramos na garagem do VADL. Os pássaros do caseiro do clube faziam muito barulho, o sol batia em parte das cadeiras já dispostas em uma pequena roda. Nos sentamos, Leandro mostrou as peças que comprou e juntos avaliamos se daria certo no quadro. Fernanda comentou que precisava fazer um reparo no freio de sua bicicleta e que se sobrasse tempo iria pedir nossa ajuda. Concordamos em dar prioridade à bicicleta da Laura (namorada do Leandro) e no fim da manhã ajudar Fernanda (3).

Andréia perguntou se alguém tinha novidades para compartilhar. Fernanda comentou que havia dado tudo certo na entrega dos cosméticos da semana passada. Disse também que conseguiu um estágio de 20h semanais em umas das bibliotecas da cidade. Comentou que começou ontem e que gostou muito do ambiente e das pessoas. Fernanda contou que o município mantinha, por meio da biblioteca municipal, bibliotecas menores em bairros periféricos, normalmente alocadas em escolas e igrejas e que ela estava empolgada para visitá-las. Andréia perguntou em quais horários ela estaria ocupada com a nova função e anotou a resposta em uma agenda mantida pelo grupo (4d).

C. O.: Fernanda parecia muito empolgada com a nova função. Ela nos confidenciou o motivo, algo bastante profundo e íntimo, o que me fez refletir sobre outras questões. Talvez a cicloentrega não seja apenas um trabalho para ela, mais sim um lugar para desabafar,

confidenciar, ser acolhida. Sinto ali uma enorme coesão do grupo, percebo que se reconhecem, que se acolhem e trocam confidencias. Entendo que fazer parte é importante para todos/as os/as envolvidos/as e que a confiança é a base dessas relações (5).

Leandro contou da sua relação com a namorada. Disse que estavam juntos há onze anos. Contou que os dois vieram para São Carlos juntos, quando ele passou na universidade e que desde então, seguem construindo a vida. Contou das dificuldades financeiras que enfrentam, mas também das conquistas que só foram possíveis devido ao apoio que dão um para o outro (6).

Continuamos dialogando e Leandro relatou que foi fazer a entrega das marmitas e a moça “reclamou” do senhor Odair, porque ele ficava “segurando o marido dela no portão para contar histórias”. Houve alguns segundos de silêncio e Fernanda comentou que não gostou da reclamação da cliente, pois o seu Odair era “assim mesmo, contador de histórias”. Leandro fez uma ponderação, disse que ele gosta de conversar, mas que nem todo mundo gosta e que ela tinha direito de receber os produtos e voltar pra dentro de casa sem grandes conversas. Andréia riu e disse: “mas no caso do seu Odair as histórias vêm no pacote das entregas”. Leandro sugeriu uma maneira de resolver o aparente conflito: ele poderia fazer as entregas da marmita da próxima semana e Odair poderia fazer as da cesta do assentamento. Disse também que iria conversar com Odair sobre isso e pedir que tivesse mais cuidado ao atender as pessoas (7). Fernanda falou que apesar de não concordar com a atitude da cliente, acha Odair descuidado, pois em outros momentos, quando ele teve problemas com a bicicleta ou para encontrar o endereço da entrega, acabou desabafando com o/a cliente no momento da entrega (8d).

C. O.: Odair me parece ser um homem ansioso. Ele fala bastante e, às vezes, sem parar, vai emendando uma história na outra. Eu o considero um notável “contador de histórias”. Me pareceu que Fernanda também não se incomoda, contudo, creio que exista uma conduta a ser seguida pelos prestadores/as de serviços (ainda mais os que vão até a casa das pessoas) e que a cliente só estava reivindicando-a (9).

Andréia perguntou se alguém tinha outro informe e ninguém tinha. Nos levantamos e verificamos novamente as peças trazidas por Leandro, pareciam caber no quadro. Andréia foi buscar as ferramentas no armário, enquanto o grupo transformou o espaço da garagem em oficina: as cadeiras foram guardadas e trouxeram o suporte para manutenção de



bicicletas, que Fernanda utilizou para suspender o quadro. Pegamos uma mesa de plástico e apoiamos as ferramentas. As peças ficaram no chão, em cima de jornais. Leandro tomou a frente da montagem e nós o ajudamos. Pediu para que começássemos pelos pedais e depois encaixássemos os câmbios (10).

Conforme fomos montando a bicicleta, conversamos um pouco mais sobre Odair, Andréia comentou que ele deve ficar aflito em relação aos endereços, pois ela acredita que ele tem dificuldades para ler. Leandro contou que acha curiosa a forma como ele salva as rotas na memória e fez o relato de um dia em que precisava passar um endereço de entrega para Odair e conforme ia falando as ruas, ele as reconhecia do seu próprio modo, como “essa é rua que a minha mulher comprava presunto”, “lá onde o ciclista passou por mim na contramão”, “onde congelava os mortos”, “na rua que tem a loja que lava cachorro”. Leandro finalizou dizendo: “acho essa forma fantástica”. Andréia salientou a importância de utilizar o “áudio” para mandar mensagens no aplicativo de mensagens, pois Odair sempre “reclama” quando enviamos mensagens escritas, às vezes, diz que não conseguiu ler pois estava sem os óculos. Fernanda se desculpou por algumas mensagens enviadas em formato de texto e disse que na correria acabava esquecendo. Leandro riu e disse: “o Odair fica bravo quando a gente manda texto, ele manda áudio falando que não está entendendo nada”. Fernanda riu também, ela acha que dizer que está sem óculos é a forma que ele encontrou para evitar dizer que não sabe ler (11).

Conversamos ainda sobre a participação de uma nova pessoa, que talvez chegaria ao projeto por meio de um convite do Leandro. Iriamos esperar a próxima semana para saber se ele viria ou não. Aproveitamos também para organizar as entregas da semana e fazer uma pequena avaliação sobre o projeto. Leandro e Fernanda disseram estar empolgados com a proposta e ainda que a vida material os chame para outros trabalhos, ele e ela querem, dentro do possível, permanecer nas atividades (12d).

Avaliamos, também, que precisávamos aumentar a nossa divulgação nas redes sociais, pois poderíamos estabelecer parcerias a partir das plataformas. Fernanda e Leandro se comprometeram a tirar fotos do trabalho (entregando produtos ou em cima da bicicleta) e postar junto com matérias sobre temas afins. Andréia comentou que não gosta de utilizar a plataforma, mas que se for necessário pode dar uma força na divulgação. Decidimos fazer um teste nessa semana e reavaliar na próxima (13).

Ainda faltava muito trabalho na bicicleta da Laura, não daria tempo de terminar, então nos juntamos para resolver o problema da bicicleta da Fernanda e depois para guardar as ferramentas e limpar o espaço (14). Guardamos a bicicleta de Laura, com o intuito de voltar a

mexer nela em outro momento. Estávamos com as mãos e as roupas sujas de graxa. Andréia pegou sabão e detergente e nos dirigimos a uma torneira próxima para tentar minimizar a sujeira.

Quando tudo estava pronto, fechamos a sala. Nos despedimos por volta das 11h20min. Saímos do clube e pedalamos juntos até certo ponto, depois cada um/a seguiu por uma rota.

## Diário de Campo V

**Data:** 23/04/2018

**Horário:** 19h às 20h

**Local:** Kartódromo São Carlos

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (4):** Andréia, Odair, Fernanda e Leandro.

Decidimos alterar o local da reunião para atender às necessidades de seu Odair, pois ele está trabalhando como guarda noturno e tem dormido durante o dia, o que dificulta sua presença no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos (1d). Ele começa a trabalhar às 21h, no Kartódromo de São Carlos, então decidimos marcar a reunião lá, um pouco mais cedo para não o atrapalhar. Já havíamos decidido fazer isso antes, mas na reunião passada, tivemos que nos encontrar no Clube porque tínhamos como objetivo montar a bicicleta de Laura e é lá que estão as ferramentas. Portanto, só foi possível fazer a reunião no Kartódromo a partir de hoje (2).

O início da noite estava bastante frio e batia um vento gelado. Próximo ao Kartódromo passa um rio com mata ciliar comprometida pelo avanço da cidade, o vento que corre quase não tem obstáculos até o pequeno circuito de corrida de kart. Mesmo uma noite mais fresca na parte alta da cidade, por exemplo, é fria ali embaixo. Em dias de baixas temperaturas, o vento que corta é ainda mais gelado.

O Kartódromo é composto por uma pista asfaltada de corrida. Antigamente era usado para corridas de kart, mas depois de um tempo acabou sendo desativado por falta de uso. A prefeitura, então, transformou o lugar em um parque municipal, cheio de atividades ao ar livre e que acolhe diversas pessoas da cidade. Em uma das margens há a arquibancada e na outra o estacionamento. O espaço é aberto, sem barreiras para a rua. No meio do circuito existem duas academias, uma adaptada e outra não. Há também um parquinho de areia com brinquedos para crianças, bancos de cimento, três construções (da guarda municipal; da segurança local – onde fica seu Odair; e banheiros) e um quadrado de cimento, onde um pequeno parque para crianças (cama elástica e brinquedos eletrônicos) se estabeleceu e onde ocorrem, também, feiras da agricultura familiar aos sábados.

Andréia veio pedalando a sua bicicleta. Fernanda e Leandro chegaram em sequência, também pedalando. Odair já estava por lá. Fernanda, Andréia e Leandro cumprimentaram-se com um abraço e um beijo no rosto. Odair, que chegou depois onde estávamos, cumprimentou Fernanda e Andréia com a mão e com um beijo no rosto e depois

apertou a mão de Leandro, dando um tapa em suas costas. Andréia questionou o porquê de Odair não beijar Leandro no rosto. Odair sorriu, disse que “homi não beija homi”, pois era esquisito. Leandro discordou de Odair, disse que cumprimentava todos os seus amigos com um beijo no rosto e que não via o menor problema nisso. Odair perguntou se Leandro era gay. Leandro já disse algumas vezes que é casado com Laura, estão juntos há quase onze anos e não repetiu isso, apenas respondeu que não era (3d). Fernanda é homossexual e manifestou-se dizendo que se Leandro fosse gay não teria problema algum, pois cada um/a pode se apaixonar por quem quiser. Completou dizendo que o mundo mudou e hoje as pessoas tem mais liberdade. No fim, pediu ao seu Odair mais respeito. Odair sorriu novamente e falou baixo que não tinha problema com nenhum gay, que ele sabe que hoje “pode” ficar homem com homem e mulher com mulher. Disse que não tinha “problema”, mas que lá onde ele morava, os homens cumprimentavam-se com aperto de mão e que para ele era estranho fazer diferente. Leandro pediu que ele “experimentasse” o novo cumprimento e se aproximou de Odair abrindo os braços para receber um abraço; Odair aguardou alguns minutos, sorriu, olhou para baixo e por fim abraçou e deu um beijo no rosto de Leandro. Todos/as riram. Odair disse que não tinha nada de mais mesmo e desculpou-se com o grupo. Andréia comentou que gostou de ver Odair experimentando algo novo, pois era assim que o mundo ia mudando. Disse ainda que caso Odair não se sentisse confortável em abraçar e beijar Leandro, que não precisava, mas que era importante ele saber que isso é apenas uma demonstração de carinho e respeito e que não significa, de jeito nenhum, que a pessoa é gay.

C.O.: Odair pareceu um tanto envergonhado e não consegui entender se era pela atitude que tomou ou por não saber explicar ao certo porque não queria beijar Leandro, mas ele foi bastante corajoso em traspasar essas barreiras e se aventurar em uma nova experiência (4).

Elencamos as pautas do dia e começamos com os informes. Seu Odair contou sobre o acidente que sofreu no final de semana. Ele já havia nos comunicando por meio do aplicativo de conversas, mas queríamos saber mais detalhes do ocorrido, então pedimos para ele fazer um breve relato. Ele começou dizendo: “eu tive um acidente, eu e a bicicleta, eu falei com a Andréia, só que num machucou não, tá tudo bem, quebro a caixa, entorto o airo. Eu sofri o acidente numa rua pra trás do cartão de todos, ali o, ali perto do PROCON, é o PROCON. A mão que desce, a pessoa pegou eu ali, eu vim sentido, sentido parquinho da, o parquinho da casa de saúde, eu vim lotado memo e eu num arreparei, pensava que era preferencial pra mim, aí eu passei e a muié pegou eu por trás, na caixa, na garupa, só que num fez nada na bike, virei

piroleta, eu também, eu bati a cabeça atrás assim, ficou uma bola vermelha no coro cabeludo, né, e eu maginei né, o meu fio falo ‘pô se tivesse o capacete num tinha acontecido nada’, aí eu alembrei do Leandro, que o Leandro num gosta de usar capacete, ô Leandro mai é bão usar o capacete, viu, numa hora dessa salva (5). Só entorto o airo, tem que mandar arrumar. A caixa tem que comprar outra, a caixa, se a Andréia doava uma pra mim, Andréia que to meio feio de dinheiro também, viu. É isso pessoal, ta tudo bem comigo, ainda bem viu”.

C.O.: quando o Seu Odair terminou de falar, todos expressaram carinho e acolhimento por meio de palavras e frases amorosas, como “cuidado”, “fique bem”, “que bom que não se machucou”, “se ainda precisar de algo, estamos por aqui”. Leandro disse que tínhamos “que dirigir pela gente e pelos outros”. Odair sorriu, parecia contente com o carinho que todos demonstraram (6).

Após o relato de Seu Odair, conversamos sobre a importância do uso do capacete. Durante as atividades do empreendimento, todos/as os/as participantes devem usar compulsoriamente o capacete, está entre as regras do grupo, contudo, em outros momentos não há como assegurar o uso, a não ser por meio de diálogos que incentivem a prática.

Andréia disse que fazendo parte do empreendimento há tanto tempo, eles já são reconhecidos pelos/as clientes quando estão na rua ou em outros espaços, mesmo que não estejam fazendo entregas naquele momento. Sendo assim, o não uso do capacete poderia prejudicar a imagem do grupo, pois um/a cliente poderia desaprovar a ação. Leandro comentou que não gosta de usar, pois esquenta a cabeça, mas que sempre coloca. Disse ainda que aprendeu aqui no grupo que é um equipamento de segurança e que protege. Fernanda afirmou que gostava, nunca se incomodou de ter que colocá-lo.

C. O.: temos falado sobre a necessidade de uso do capacete há muito tempo, achei bonito quando o Seu Odair reconheceu que “é bão usar o capacete” e que “salva”. Ao mesmo tempo ele foi solidário em dizer ao Leandro para usar também. Fiquei emocionada e senti que o acidente do seu Odair serviu para todos/as nós aprendermos (7).

Após essas questões, conversamos sobre as reuniões que vão ocorrer na próxima quinta-feira. Na semana passada cinco pessoas interessadas em parcerias nos contataram, quatro delas por meio do aplicativo de conversas, a partir do número de telefone disponível em nossa página na rede social; e outra por meio de mensagem *inbox* na mesma página. As cinco

peças são: uma moça que produz cosméticos naturais; um homem que vende leite; uma pessoa que tem uma empresa e precisa transportar documentos; uma consumidora que queria receber marmita em casa; uma padaria artesanal. Quando algo assim acontece, marcamos reunião presencial com os/as interessados/as para apresentar todas as particularidades do empreendimento e também para colocar o nosso rosto na ação (8). Conseguimos, portanto, três reuniões para a quinta-feira, dia 26/04 e precisávamos decidir quem ia, como ia, o que dizer.

Fernanda comentou que vai trabalhar em um “frela” na quinta e que não poderia se dedicar a essa tarefa. Seu Odair falou que não poderia ir e Leandro disse que poderia. Por fim, Leandro e Andréia ficaram de realizar a tarefa (9). As reuniões foram marcadas à tarde, a de leite na praça XV, a da padaria artesanal no próprio local e a de cosméticos naturais em uma padaria da cidade, a pedido da própria interessada.

Odair disse para Leandro ir de “camisa de botão”. Leandro sorriu e falou “também não precisa tanto, seu Odair, um short sem rasgos e manchas e uma camiseta serve”. Debatemos mais um pouco e decidimos ir de shorts, camiseta de manga curta com cores claras e sem estampa, tênis, luvas, capacete e óculos. Sobre o que dizer, Andréia apresentaria o projeto e as atividades e Leandro a estrutura do serviço: preço, formas de combinar a entrega, possibilidades de parcerias. A ideia é sair de lá com algo já estabelecido (10).

Fernanda puxou um tema, perguntou se poderíamos fazer algum desconto agora no início, para atrairmos mais clientes. Odair disse que podia ser, mas que não dava pra baratear muito. Andréia pediu para que esperássemos os resultados das reuniões e verificássemos as propostas coletivamente. Caso alguém pedisse desconto ou achasse o preço alto, poderíamos discutir juntos/as formas de superar esses entraves, mas que era bom, primeiro, saber se havia ou não essa necessidade.

C. O.: acho que eles/as têm uma tendência a desvalorizar o serviço que fazem. Conversamos o tempo todo sobre como é difícil andar de bicicleta no sol, percorrer a cidade, tem que comer bem, estar disposto, às vezes chove. O preço foi calculado coletivamente, durante o desenvolvimento do EVE, fizemos muitas contas até achar o “preço justo”. Acho que diminuir o preço do serviço é uma auto-exploração (11d).

Por fim, discutimos as entregas rotineiras da semana e quem seriam os/as responsáveis. Odair faria as entregas das cestas do assentamento na segunda; e Fernanda faria a entrega do grupo de compras coletivas e das cestas do assentamento na quarta (12).

Conversamos um pouco mais sobre o acidente do seu Odair. Ele disse que levou a bicicleta pra consertar. Andréia prometeu verificar se o projeto ainda tinha caixa para fornecer a ele (13).

Perto das 20h nos levantamos e pegamos as bicicletas para partir. Odair iria começar a trabalhar às 21h, mas o seu patrão já estava por ali. Nos despedimos e fomos embora.

## Diário de Campo VI

**Data:** 08/05/2018

**Horário:** 20h às 21h

**Local:** Kartódromo São Carlos

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (5):** Representante do NuMI-EcoSol, Andréia, Odair, Fernanda e Leandro.

Nos encontramos na arquibancada perto dos banheiros. Andréia apresentou a representante no NuMI-EcoSol, ela já havia comentado por meio de áudio no aplicativo de mensagens o motivo da visita e estava na pauta do dia.

Andréia perguntou se os/as participantes tinham informes. Fernanda informou que era aniversário de Leandro e, enquanto tirava os quitutes da bolsa, disse que havia preparado bolo com suco para comemorarmos. Todos sorriram.

C. O.: foi surpreendente! Leandro ficou muito feliz e eu me emocionei com o gesto de carinho. Odair expressou um “Oloco, que legal” que demonstrava todo o seu contentamento com a atitude de Fernanda. Ela também pareceu orgulhosa com a reação de todos/as, disse que passou a tarde fazendo o bolo e preparando a surpresa (1).

Cantamos parabéns e abraçamos Leandro. Odair o abraçou e beijou.

C. O.: pareceu mais natural dessa vez (2).

Começamos a comer. Andréia sugeriu que começássemos pela pauta do NuMI-EcoSol, assim a representante não precisaria ficar até o final da nossa reunião. Concordamos. A representante começou contando um pouco sobre a antiga parceira entre o Pedal-Solidário e o NuMI-EcoSol. Depois relatou a falta de projetos aprovados pelo Núcleo recentemente e que, portanto, não seria possível contratar técnicos/as para continuar acompanhando o projeto Pedal-Solidário, como foi feito até o fim de 2017 (quando Leandro, Fernanda e Odair já faziam parte do projeto). Sendo assim, a representante anunciou que o Núcleo pretende dar continuidade à parceria, podendo se estabelecer por meio de auxílios pontuais, quando solicitados pelo empreendimento. Também haveria disponibilidade de uso do espaço e de materiais, cooperação



na divulgação, entre outros aspectos que o NuMI já fazia (3). A representante sinalizou que as reuniões do Núcleo ocorrem às sextas, das 9h às 12h e que o grupo estava convidado a participar para apresentar seus membros. Caso quiséssemos incluir pautas em reuniões futuras, teríamos que entrar previamente em contato. Ela seria a pessoa responsável por acolher os pedidos de auxílio e incluí-los na discussão geral, quando fosse necessário. Por fim, fomos informados sobre a escrita de um novo projeto, que entre outros objetivos, caso aprovado, poderia viabilizar recursos para o Pedal-Solidário. A representante ficou de nos informar sobre a escrita/submissão do mesmo. Os/as participantes fizeram alguns questionamentos sobre o tema e por fim agradeceram por tudo que havia sido comunicado. Finalizada a pauta, a representante se despediu e nós continuamos com a reunião.

Andréia perguntou se alguém tinha mais informes e Fernanda contou que retirou os “vales” na gráfica. Há algumas semanas atrás, combinamos de fazer “vales entregas” para os/as clientes regulares que quisessem pagar antecipado. A ideia surgiu quando Leandro foi fazer uma entrega e não recebeu, pois a cliente afirmou que já havia pagado ao seu Odair na semana anterior. Conversamos com ele, mas Odair não sabia ao certo quanto tinha na carteira antes da entrega e nem quanto havia recebido naquele momento (4d). Naquele dia, fizemos uma vaquinha para pagar Leandro, para que não ficasse sem receber (5). Depois conversamos sobre o problema e com o intuito de evitarmos que se repetisse, pensamos nos vales. Os vales funcionariam da seguinte forma: a pessoa que contrata regularmente o serviço, pode comprar os vales. No momento da entrega do produto, ela dá o vale ao/à cicloentregador/a como pagamento pelo serviço.

Fizemos os vales em uma gráfica e mandamos plastificar. Fernanda foi buscá-los e os trouxe na reunião de hoje. Dividimos por cor, cada participante recebeu cinco vales da mesma cor, tinha verde, amarelo e vermelho. As diferentes cores servirão para sabermos com quem está o dinheiro, ou seja, para quem a entrega foi paga. Fernanda ficou com os vermelhos, Leandro com os amarelos e Odair com os verdes.

C. O.: a ideia dos vales foi da Fernanda e ela mesma fez a arte em um programa de computador. Ficaram bem bonitos. Acho que deve servir para evitar situações como aquela. Até hoje eu não sei o que aconteceu, o seu Odair no geral é bem organizado com dinheiro, foi estranho ele não saber quanto recebeu (6).

Conversamos também sobre uma nova proposta. Andréia e Leandro foram na reunião com a padaria artesanal. Eles querem entregar café da manhã e da tarde na casa das

peças e pretendem que seja por meio das cicloentregas, serviço que, segundo eles, tem a “cara da padaria”. Eles disseram também que poderiam colocar o nosso logo no folder deles, desde que o entregássemos de graça pelo centro (7d). Ao ouvir o informe, Leandro questionou se conseguiríamos fazer entregas todos os dias, pois temos poucos/as participantes. Fernanda comentou que é difícil chamar mais gente se não temos entregas e que, ao mesmo tempo, ficamos com receio de pegar mais entregas e não dar conta. Odair disse que está precisando de dinheiro e que ele consegue entregar todos os dias. Andréia comentou que precisamos pegar tudo o que aparecer, pois isso nos motivará a permanecer no empreendimento e a chamar mais pessoas para trabalhar. Disse ainda que no início serão poucas entregas, pois as pessoas precisam conhecer o serviço e que demora um pouco até as entregas se tornarem expressivas. Ela acredita que não haverá um gargalo e que por meio do nosso engajamento, o empreendimento irá expandir sem grandes entraves.

Após discussão, resolvemos aceitar a proposta da seguinte forma: a princípio ficaremos “disponíveis” todas às manhãs (das 8h às 10h) e fim de tarde (das 17h às 19h). Quando houver entregas, a Padaria entra em contato conosco por meio de telefone e fazemos o serviço, dessa forma não precisaremos ficar lá no estabelecimento esperando uma solicitação e poderemos utilizar esse tempo para outras tarefas. Fernanda ficará disponível pelas manhãs e Odair à tarde. Pediremos à Padaria que concentre duas ou mais entregas e que indique horários já preestabelecidos aos clientes, por exemplo, às 9h sai o/a cicloentregador/a, então, entre 8h e 9h os pedidos são coletados e confirmados para chegar às 9h30min. O mesmo deve ocorrer no período da tarde. Enquanto isso, procuramos novas pessoas para trabalhar e quando os pedidos se avolumarem, poderemos reduzir o período de espera. Com o passar do tempo, será necessário que um/a entregador/a permaneça no estabelecimento. Quando isso ocorrer, já teremos mais pessoas, lembrando que outras parcerias estão sendo firmadas nessa fase (leite, cosméticos naturais, cestas de orgânicos). Decidimos não aceitar a proposta das entregas gratuitas, pois isso não valorizaria o nosso trabalho (8).

A reunião com o produtor de leite não teve resultados, já que ele achou que tínhamos caminhões de entrega e era por esse serviço que estava procurando. As entregas de bicicleta eram inviáveis nesse caso, porque a coleta seria na zona rural de São Carlos e também porque uma bicicleta não poderia comportar o volume de leite a ser entregue (cerca de 100L por dia). Sobre a reunião com a produtora de cosméticos, apresentamos o serviço e a tabela de valores e ela concordou em nos chamar quando tivesse entrega, ficou com nosso telefone e iria entrar em contato.

Por fim discutimos quem faria as entregas regulares da semana. Leandro fará as entregas da horta e dos assentamentos e Odair das marmitas. Concluimos que será necessário produzir mais folders para divulgar o empreendimento. Fernanda comentou que o telefone não está mais funcionando e acredita que a linha foi bloqueada. Andréia ficou de verificar o problema junto à operadora (9).

Terminadas as pautas, perguntamos à Odair sobre o furto de sua bicicleta e ele nos contou os detalhes. Todos/as já sabíamos do ocorrido, pois, ainda que não tivéssemos nos encontrado, conversamos amplamente sobre o assunto por meio do aplicativo mensagens. Além disso, ajudamos o seu Odair compartilhando a foto e a descrição da bicicleta roubada em sites da internet, redes sociais, grupos de amigos/as e por meio de alguns cartazes impressos (10). O furto ocorreu dentro da casa de Odair, próximo às 8h da manhã. Segundo o que nos contou, ele não ouviu nenhum ruído no corredor onde estava estacionada a bicicleta. O portão é alto e fechado e o muro ficou sujo dos pés do/a assaltante. Quando acordou percebeu que havia sido roubado, sua primeira reação foi mandar mensagem para nós por meio do grupo do aplicativo de conversas, dizendo: “Bom dia pessoal, então, minha bicicleta foi furtada, viu, roubaram ela aqui dentro do quintal, pularam o muro, acordei agora, ainda cuei o café de manhã, era umas seis e meia, então, eu tô avisanu, tá bão?”. A mensagem dele foi seguida de outras de todos/as tentando consolá-lo (11). Ele chamou a polícia (que não apareceu) e saiu para procurar no bairro, mas não encontrou qualquer indício, apenas os documentos que costumeiramente carregava na bicicleta (RG e CPF), que foram deixados na esquina da casa. Ele nos contou como havia sido e ficamos monitorando a história no resto do dia.

C.O.: ele nos mandou um áudio antes de chamar a polícia, antes mesmo de contatar qualquer pessoa. Para mim, isso significa que ele confia no grupo e procurou em nós o apoio e acolhimento que precisava naquele momento. Isso demonstra que ele nos reconhece como amigos/as e parceiros/as. E o grupo o acolheu, esteve presente e de forma bastante atenciosa. Fiquei feliz ao constatar isso, mas a notícia do furto me deixou bastante abalada (12).

Passado alguns dias, Andréia mandou um áudio dizendo: “Oi seu Odair, boa noite, tudo bem? Eu tive uma reunião agora com o pessoal do VADL e a gente resolveu te emprestar uma bicicleta do projeto, vai ser uma bicicleta bem mais simples do que a que o senhor tinha, mas provavelmente uma que vai cumprir a função de fazer as entregas e levar o senhor para o trabalho. Não precisa mais ir trabalhar de ônibus e gastar dinheiro. É uma bike mais velhinha, só que ela é boa e vai cumprir a função até o senhor conseguir comprar outra.

Daí eu preciso saber duas coisas, se o senhor quer a bike emprestada? E se o senhor pode pegar no nosso próximo encontro? O que o senhor me diz?”. Ele respondeu: “É uma boa viu Andréia, eu gostei, viu. Porque eu tô, eu tô, tô muito triste, chorando muito, eu tô fazenu umas oração lá no serviço, duas aqui em casa, entendeu, pra ver se encontra a minha bike né (13), entendeu, e amanhã eu vô lá nu, nu marron gracê, fazê né, vou tentar, vam vê se conseguem né, se não consegui, quando eu ganhá um dinheiro do insalubridade, outras coisas, eu vejo se compro outra, né, mas essa eu vô deixa drento de casa. Fica assim, então, o ônibus vai passar aqui, tchau” (14d).

C. O.: O seu Odair é um senhorzinho trabalhador, guerreiro, cheio de privações. A vida lhe deu mais uma para superar. Conviver com ele me mostra quantas oportunidades eu tenho e como a vida nesse sistema é desigual (15).

Hoje Odair nos contou os últimos acontecimentos. Disse que viu uma pessoa pedalando a sua bicicleta no bairro Zavaglia. Contou ainda que chamou a polícia e ficou esperando por três horas a viatura prometida e que depois disso desistiu, finalizou com a frase: “os homi num liga prus pobre”.

C. O.: “os homi” nesse caso, é a polícia. Em outros momentos já conversamos sobre eles e como vão à periferia apenas para enquadrar e bater na população. Odair já nos contou que em mais de vinte anos morando ali, nunca viu os policiais “descerem o morro” para fazer o bem (16d). Deve ser horrível ver uma pessoa utilizando um objeto seu, roubado, e não poder fazer absolutamente nada a respeito. Ele parecia desolado e todos/as nós sentimos o mesmo (17).

Por volta de 21h nos despedimos, cada um foi embora pedalando a sua bicicleta e seu Odair ficou para iniciar o trabalho.

## Diário de Campo VII

**Data:** 29/05/2018

**Horário:** 20h às 22h10min

**Local:** Kartódromo São Carlos

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (5):** Andréia, Leandro, Odair, Benedito e Adriano

Andréia encontrou Odair sentado dentro da casa da guarda, comendo a marmita preparada pela esposa. Ele cumprimentou Andréia e ofereceu-lhe a comida. Ela disse não estar com fome e pediu a Odair que ficasse à vontade (1). Poucos tempo depois Leandro chegou a pé, pois mora bem próximo ao local.

Depois de alguns minutos chegaram dois novos participantes: Benedito e Adriano. Andréia já conhecia Adriano, ela o havia convidado para a reunião e ele, sabendo da abertura, convidou Benedito, que também estava interessado. Os dois vieram juntos, pedalando as suas bicicletas (2). Fernanda avisou por aplicativo de conversas que não iria porque estava cansada do dia de trabalho e precisava dormir cedo para recomeçar no outro dia (3d).

Nos reunimos na arquibancada pontualmente às 20h. O kartódromo estava cheio de pessoas caminhando, correndo, fazendo exercícios nas academias e brincando no parque. Andreia apresentou os novos participantes aos “antigos”. Cada um falou um pouco de si. Adriano disse que tem 26 anos, gosta muito de pedalar e que há tempos queria entrar no empreendimento. Conheceu o projeto há mais ou menos 4 meses por meio da loja de orgânicos, onde trabalha atualmente. Salientou seu interesse em ser um cicloentregador para conseguir gerar renda extra (4d). Adriano fez até o terceiro colegial e não cursa nenhuma graduação. Benedito apresentou-se dizendo que faz faculdade na UFSCar e que veio para conhecer melhor o projeto. Ele pedala faz tempo e tem uma bicicleta fixa. Conhece Adriano porque fazem capoeira juntos.

Andréia fez um relato sobre o histórico do projeto, desde quando ele ainda funcionava dentro do NuMI. Leandro e Odair continuaram falando desde o momento de suas entradas. Relataram que no início se dedicaram a aprender a andar de bicicleta em meio ao trânsito, manutenção, plano de negócios, ler mapas e traçar rotas, entre outros aprendizados. Depois de mais ou menos 4 meses de “estudo” começaram a fazer entregas e hoje se dedicam a expansão do empreendimento (5). Andréia comentou que não tem sido possível gerar renda suficiente com as entregas, apesar de estarem crescendo em volume nos últimos meses, o

número ainda é baixo (6d). Chegando mais pessoas para auxiliar, talvez consigamos mais parceiras. Benedito disse que entendia o momento do empreendimento e comentou que queria participar do projeto por militância, queria fazer dar certo. Comentou ainda “que dinheiro não era importante” (7d).

C. O.: quando Benedito disse que “dinheiro não era importante”, senti uma enorme vontade de intervir.

Andréia falou para Benedito que “dinheiro é importante sim, engajamento também, pois se não gerarmos renda, provavelmente o empreendimento não se sustentará só com a militância, no limite as pessoas tem que comer e pagar suas contas”. Disse ainda que percebia algumas pessoas envolvidas com práticas alternativas reproduzindo a lógica da exploração, pois “nesses grupos, o dinheiro (motor do capitalismo) apresenta-se como pecado e acabam por negá-lo, como se fosse impuro. E é aí que começa uma lógica de auto-exploração e exploração dos/as parceiros/as de trabalho. Não há mal nenhum em pessoas engajadas na criação de um mundo mais bonito, justo e solidário, receberem por isso. As cicloentregas precisam gerar renda porque dinheiro é importante. Caso pudéssemos viver em uma sociedade onde o trabalho é um bem comum e não é vendido para suprir a vida material, então poderíamos valorizá-lo de outras formas. Contudo, no capitalismo não é possível dedicar boa parte da sua semana a um trabalho que não gera renda, ainda mais para pessoas empobrecidas”. Benedito concordou com Andréia. Odair acrescentou “ô se dinheiro importa, sem dinheiro nós não vive” (8).

Conversamos um pouco sobre a crise que está ocorrendo no nosso país. Recentemente o governo aumentou o preço do combustível e os/as caminhoneiros/as resolveram começar uma greve. O movimento é muito amplo, dizem que tem mais de 500 focos (rodovias onde os/as caminhoneiros/as se juntam para se manifestar). Em vários desses locais fecharam as rodovias e estão impedindo que outros/as caminhoneiros/as circulem. Andréia comentou que no final de semana fez uma viagem de ônibus e passou por um desses pontos na rodovia Anhanguera. Eram centenas de caminhões parados e somente uma das vias abertas para passagem de carros, ônibus e motos. No restante da viagem, não viu um só caminhão circulando, as estradas estavam vazias. Com a parada dos caminhões, o fornecimento de combustível e outras mercadorias nas cidades cessou. Passados alguns dias não era mais possível encontrar gasolina, álcool, gás de cozinha, algumas frutas e legumes e outros produtos nas prateleiras dos mercados. Muitos carros pararam de circular nas estradas e nas cidades.

Faculdades cancelaram aulas, patrões/as deram folgas aos/às seus/suas funcionários/as, muitas pessoas deixaram de sair de suas casas. A greve coincidiu com uma semana de feriado prolongado (quinta e sexta), na segunda, terça e quarta, poucas coisas funcionaram.

C. O.: a transformação do mundo passa pelas crises. Entendo que quando elas se instauram é o momento de apresentar alternativas. Quando a Revolução Francesa começou já existia o ideal de liberdade, igualdade e fraternidade; existiam os/as burgueses/as e a concepção de um novo mundo. A greve escancarou as limitações de uma sociedade apoiada em combustíveis fósseis, no transporte por meio de veículos automotivos particulares, no comércio de produtos que vem de longe. São Carlos tem 200mil habitantes, é uma cidade pequena que possibilita outras formas de transporte para além do carro: ônibus, a pé, bicicleta. Contudo, no momento em que a televisão noticiou a greve dos/as caminhoneiros/as houve uma corrida aos postos de combustíveis, acabando com todo o estoque. Havia postos vendendo o litro da gasolina a R\$6,00 (o normal é R\$3,50) e mesmo assim vendeu tudo. A sensação era de calamidade pública e era incrível como no “meu mundo” tudo parecia normal (e ainda melhor!). A quitanda em que eu costumo comprar as frutas e verduras de assentamentos rurais da região estava abastecida; eu pude me locomover tranquilamente de bicicleta pelas ruas vazias de carros (quando tinha algum, eles me davam preferência!); pude reparar em pais e mães levando filhos/as para a escola a pé ou de bicicleta; as rodovias livres e sem o trânsito causado pela opção de transportar todas as nossas mercadorias por meio de caminhões (nada ecológicos); as pessoas contratando e valorizando serviços como a cicloentrega. Para mim o mundo podia ser esse da crise (9).

A crise da gasolina contribuiu também para o aumento das cicloentregas em São Carlos e passamos a ser bastante requisitados/as. Leandro deu o informe na reunião. Comentou que fez muitas entregas no sábado, segunda e hoje (terça). Sábado ele se dedicou a duas entregas solicitadas por uma cliente que queria economizar combustível. Na segunda de manhã o Leandro fez a entrega das cestas do assentamento (R\$3,00) e à tarde já estavam programadas 2 entregas para o grupo de compras coletivas, contudo, durante a manhã esse número aumentou para 7 (R\$45,00) por causa da crise. No fim da tarde fechamos uma nova parceria: a entrega de cestas da loja de orgânicos. Essa parceria estava pré-estabelecida há muitos meses, mas ela nunca havia sido fechada pela loja. Nesse dia eles nos ligaram solicitando a entrega de 2 (R\$10,00) cestas para às 18h e mais 4 (R\$20,00) na manhã seguinte (10).

Todos esses pedidos passaram pelo grupo do empreendimento no aplicativo de conversas, contudo Fernanda e Odair sinalizaram que não poderiam fazer nenhuma dessas

entregas, ficando a cargo apenas de Leandro realizá-las. Na segunda à noite Leandro sinalizou estar um pouco cansado e a loja queria que duas entregas fossem feitas logo às 8h da manhã do dia seguinte. Andréia disse pelo aplicativo que poderia ajudá-lo e que estaria na loja no horário combinado para fazer as duas primeiras e que ele poderia fazer as outras duas por volta das 11h. Como combinado, Andréia apresentou-se pontualmente na loja às 8h, trajando o colete alaranjado do projeto. Ela fez as duas entregas em aproximadamente 50 minutos, pois eram um tanto distantes. Leandro foi na sequência e fez as demais (11). Depois teve mais duas entregas à tarde, uma de 7,5km (R\$9,00). No total, Leandro comentou ter recebido por todo o trabalho R\$77,00, pois R\$10,00 ficou com Andréia pelas 2 cestas que ela entregou.

Andréia comentou que não gostaria de ficar com o dinheiro e sugeriu comprar um novo chip de celular para o grupo (no mesmo valor). O chip antigo expirou por falta de créditos e os/as clientes não estavam conseguindo ligar para o empreendimento. Leandro disse que achava “justo” Andréia receber pelo trabalho, afinal ela havia levado as cestas até um lugar distante da cidade. Odair concordou com Leandro, mas ela se negou a aceitar (12).

C.O.: A tabela de preços do serviço de entregas foi calculada quando o grupo fez o plano de negócios. A constituição dos preços levou em consideração peso, distância e volume. O grupo vem, desde então, utilizando essa tabela e nunca tiveram qualquer reclamação sobre o valor. No caso da loja de orgânicos, a fim de firmarmos a parceria, combinamos um valor fixo, pois eles não queriam calcular a distância de cada entrega e acharam que ficaria bastante complexo separar as duas gestões, pois eles já têm muitas funções na loja e isso poderia atrapalhar a dinâmica. Aceitamos o valor de R\$5,00 para todas as entregas, longe ou perto, e decidimos avaliar a parceria por um tempo (13d). As cestas da loja de orgânico são bastante estratégicas para a gente, pois além deles estarem no centro da cidade, os/as clientes da loja são pessoas já sensibilizadas para apoiar um empreendimento como esse. A loja também vende muito, são cerca de 10 cestas por dia, além de existir a possibilidade de entregarmos os outros produtos. Já há algum tempo tínhamos feito um diálogo com eles sobre essa parceria e deixamos acordado que faríamos pelo menos as cestas. Contudo, os donos da loja nunca nos chamaram. Passado um tempo fomos atrás para conversar de novo, mas parecia que não deu certo, pois eles demonstraram certa insegurança em nos contratar (14d). Ficamos muito felizes quando eles nos ligaram para entregar a cesta e pensamos em fazer o nosso melhor, para que fossemos bem avaliados pelos donos e pudéssemos, finalmente, estabelecer a parceria. Foi por isso Andréia foi fazer a entrega quando não tinha mais ninguém, não podíamos falhar ou mostrar desorganização. Isso é fazer pesquisa “com”, apoiando nas necessidades, compartilhando



emoções e cuidados (15). No fim eles nos elogiaram e disseram que poderíamos voltar na semana que vem. Foi uma felicidade coletiva, existe muita expectativa nessa parceria, parece que demos o primeiro passo para a nossa expansão (16).

C. O.: sobre o dinheiro que recebi, apesar do meu discurso em outro C. O. sobre a importância de valorizar trabalhos, não achei justo ficar com o dinheiro, assim como não achava dá-lo a alguém específico do grupo. Ainda não consigo definir o porquê desse sentimento, acho que pensei sobre as oportunidades que tenho, no meu trabalho e em como eles precisam do dinheiro. Lembrei que estávamos precisando muito de um chip novo (mesmo valor que eu havia recebido), então esse me pareceu o melhor encaminhamento (17).

Leandro comentou ainda que ficou bastante cansado com todas as entregas, pois também tem outro trabalho e teve que se “desdobrar” para conseguir fazer tudo. Relatou que gostou de se dedicar um dia inteiro a isso, o que fortaleceu o seu interesse em trabalhar só no empreendimento: “dá para pedalar, que é algo que eu gosto e ganhar uma graninha” (18).

Andréia comentou com os novatos que foi uma semana bastante atípica e que normalmente fazemos cerca de 4 ou 5 entregas por semana. Comentou ainda que havia ficado muito feliz pela nova parceria com a loja, pois já estávamos esperando por isso há bastante tempo. Adriano disse que ele pode ajudar a aprofundar os laços com a loja de orgânicos (pois trabalha lá) e que estará em contato com a gente sobre as entregas (19).

Além da agitação no trabalho, Andréia comentou que foi chamada para fazer uma entrevista sobre as cicloentregas. Certa vez um armazém de produtos naturais nos convidou para uma reunião. A dona do lugar vendia os produtos utilizando uma perua Kombi e recentemente abriu uma loja física. Na ocasião ela nos contactou pois os/as clientes ainda queriam receber os produtos em casa e ela estava sobrecarregada nas duas funções. Fechamos uma parceria de entregas, mas ela continuou a entregar de Kombi e jamais solicitou os nossos serviços (20d). Durante a crise, ela ficou sem combustível e nos ligou novamente, perguntando a nossa disponibilidade para entregar. Quem conversou com ela foi a Andréia e as duas combinaram de lançar um panfleto online comunicando os/as clientes sobre essa nova possibilidade (21).

Uma emissora de televisão local viu o folheto e ligou para a dona da loja solicitando uma entrevista sobre as cicloentregas e ela ligou para a Andréia. A entrevista seria às 15h e já eram 14h30min. Andréia mandou mensagem pelo aplicativo de conversas, mas todos/as estavam ocupados/as e não poderiam ir. Leandro comentou que estava em uma rota

bem definida e que seria ruim desfazer o trajeto, pois poderia atrasar as entregas já combinadas. Leandro sugeriu que Andréia fosse, Fernanda e Odair fizeram o mesmo. Comentou-se a importância de aparecer na TV e divulgar o nome do empreendimento. Ela concordou e foi à entrevista (22). No relato Andréia disse que não saiu como o esperado. Durante a entrevista, Andréia falou sobre o projeto Pedal-Solidário e comentou que as pessoas deveriam valorizar o serviço de cicloentregas para além da crise, pois é uma alternativa sustentável. Discuti o uso do carro como meio de transporte e os impactos disso para a cidade. Disse ainda que a crise veio para revelar a nossa dependência em relação aos combustíveis fósseis, finitos, e que em muitos aspectos a bicicleta representava um rompimento de paradigmas para a sociedade moderna. A apresentadora perguntou à Andréia se as entregas haviam dobrado e ela respondeu que “sim, aumentaram bastante”. Depois a noite, quando viu a reportagem, reparou que a emissora cortou toda a fala dela e colocou no ar apenas o momento em que ela fala “sim, aumentaram bastante”. O nome do empreendimento nem apareceu, sob o seu nome na tarja da TV estava escrito apenas “entregadora”. Andréia comentou que ficou triste, pois esperava que aquilo pudesse servir também ao empreendimento, mas pareceu que serviu apenas à emissora (23d).

Leandro tentou consolar Andréia dizendo que a mídia “faz isso mesmo” e que por ter feito “imagem e som” já sabia que aconteceria algo próximo disso (24). Conversamos sobre futuras entrevistas à essa emissora e concluímos que valeria a pena participar de novo em outro momento, mesmo que eles utilizem apenas algumas partes, pois embora não falasse especificamente do EES, poderia divulgar novas possibilidades como a cicloentrega (25). Odair lembrou a entrevista que fizeram com outro grupo de cicloentregas aqui de São Carlos, dizendo que eles “pedalavam cerca de 100km por dia”, número impossível para uma cidade como São Carlos (pelo tamanho e geografia – muitas subidas e descidas que afetam o ritmo da pedalada). Andréia disse que demorou 50 minutos para percorrer 11,5km e que provavelmente, contando as retiradas de produtos e a “conversa” no momento da entrega, levaria aproximadamente 9h para fazer 100km e que o número era realmente “esquisito”.

C. O.: não acho que o meu rosto deveria aparecer como representante do grupo, mas avaliamos cuidadosamente a necessidade de ir a entrevista. Eu estava muito atarefada no dia, mas resolvi parar tudo, vestir a roupa de ciclista e pedalar até o armazém. Depois muitas pessoas me perguntaram sobre o meu “trabalho” e em muitas conversas eu expliquei que não gerava renda a partir das entregas e sim que eu estava fazendo uma pesquisa com o grupo. Muitos/as alunos/as da escola pública que dou aulas viram a entrevista e me perguntaram sobre o trabalho.

Nesse caso preferi dizer que era também cicloentregadora, isso porque queria incentiva-los/as a gerar renda pedalando uma bicicleta e também porque queria mostrar que a “professora” deles/as pedala, tentando promover o uso da bicicleta como meio de transporte (26).

Depois dos relatos, conversamos que seria muito importante a entrada de Benedito e Adriano, pois, ainda que as entregas não tenham esse volume todas as semanas, é bom poder contar com mais pessoas. Os dois disseram estar “dispostos” e discutimos como adaptar um bagageiro em suas bicicletas (27). Adriano tem uma “mountain bike aro 29” e Benedito uma “speed fixa” (cuja anatomia não permite acoplar um bagageiro). Benedito disse que queria esperar um pouco mais para pensar nisso, mas que poderia fazer entregas menores, utilizando uma mochila. Adriano se comprometeu a ir no clube na semana que vem, para que juntos/as possamos ver a disponibilidade de um bagageiro do projeto para ele (28). Andréia explicou a importância do uso do capacete e disse que era obrigatório nas atividades do grupo. Além disso, sugeriu aos novos participantes o uso de tênis, luvas e óculos, todos equipamentos de segurança. Leandro falou sobre a mochila, pediu para que os participantes não a usassem quando fossem transportar itens acima de 2kg, porque pode afetar a coluna (29). Rapidamente analisamos os ajustes das bicicletas dos dois rapazes (freio, troca de marchas, altura do banco, distância entre banco e guidão) e constatamos que estavam em ordem. Andréia aproveitou e acrescentou os dois no grupo do aplicativo de conversas e explicitou dois combinados: a) todas as entregas devem passar pelo grupo; b) a presença nas reuniões semanais é obrigatória. Por meio das reuniões aprofundamos nossos laços de confiança e amizade, superamos problemas, combinamos tarefas e mantemos, assim, a coesão. Leandro ficou de enviar aos dois os acordos coletivos elaborados pelo grupo (30).

C. O.: A criação do grupo no aplicativo de conversas foi um grande avanço na organização coletiva. Todas as entregas começaram a passar por lá porque era mais fácil saber onde estava todo mundo ao mesmo tempo e, de repente, ficou sendo uma regra. Sobre o uso de equipamentos de segurança para além do capacete (luva, óculos, tênis) e a locomoção segura em meio trânsito (usar as mãos para dar setas, por exemplo), foram costumes que adquirimos juntos, pedalando pela cidade. O processo todo me parece uma construção bastante coletiva (31).

A última pauta foi sobre as cestas do assentamento. Houve um problema de diálogo: Leandro foi fazer a entrega na segunda-feira passada e ela havia sido cancelada pela

consumidora. Os/as gestores/as da cesta deveriam ter nos comunicado com antecedência, mas isso só foi feito quando Leandro chegou lá e acabou que ele se deslocou sem motivo. Em áudio no aplicativo de conversas ele propôs “pararmos com a parceria” e afirmou estar bastante chateado com o ocorrido. O caso era que eles/as estavam tentando fazer a gestão do nosso trabalho (marcando horário, combinando preço, fazendo a ponte entre nós e os/as consumidores/as) e isso vinha causando alguns conflitos. Já tinha ocorrido, por exemplo, deles cobraram preços errados e tivemos que fazer a entrega recebendo menos (32d). Andréia conversou com a gestão das cestas e identificou o problema. O interessante seria que eles sugerissem a cicloentrega como uma possibilidade e deixassem para nós o contato direto com o/a cliente para combinar o serviço. Andréia levou a nova proposta para reunião e ela foi aceita pelos demais. Odair disse que isso deveria ter ocorrido desde o início. Andréia ficou de fechar o acordo com a gestão das cestas (33).

Antes do final da reunião, Leandro retomou com o Odair a reclamação feita pelo moço que recebe as marmitas. Isso ocorreu já faz um mês (que Odair tinha passado muito tempo conversando com o cliente no portão e que isso havia gerado desconforto) e ele havia ficado de conversar com Odair, mas até então não tinha conseguido. Por causa de uma nova reclamação, o assunto reapareceu. Ele iniciou a conversa em um tom de voz alto e forte, dizendo que algumas pessoas gostam de conversar no portão, mas que outras não. Ele entende que Odair adora contar histórias, mas que seria oportuno, durante o serviço, limitar-se apenas à entrega e caso as pessoas puxassem assunto, conversar. Senão, “é só entregar e ir embora, fazer outras coisas, dormir”, disse Leandro. Odair reagiu, disse em voz alta “eu não fiz nada não Leandro, num falo com ninguém”. Leandro alterou novamente a voz, falou que para o/a cliente “não importa se sua bike foi roubada ou se você se perdeu no caminho, ele só quer receber o produto”. Odair disse “foi o cara da marmita né? Como é que você sabe que eu contei isso para ele? O que mais ele falou de mim?” (34d). Andréia interveio, pediu calma aos dois participantes. Comentou em voz amena que o casal da marmita é bem próximo a ela e que são pessoas maravilhosas e muito ocupadas. O que fizeram foi fazer uma sugestão, uma crítica construtiva para “melhorar o empreendimento” e que não era para ele sentir que “falaram mal dele pelas costas”. Benedito decidiu falar também, em uma voz tranquila e baixa, olhando firme para Odair disse: “eu gosto de pessoas que conversam e gosto de conversar também, mas tem pessoas que ou não gostam de conversar, ou não tem tempo para isso. É preciso saber medir, ter sabedoria” (35). Odair disse que entendeu a crítica e que ia tentar melhorar.

Andréia comentou sobre a nova reclamação (ele ter chegado 11h30min para entregar uma marmita que havia sido combinada para às 12h30min) e explicitou, com

exemplos, como isso poderia atrapalhar a rotina de alguém. Ele concordou novamente e disse que não queria mais fazer essa entrega. Leandro discordou, falou que ele deveria continuar e tomar mais cuidado para atender bem o cliente. Odair perguntou como deveria ser, pois tinha “medo de chegar atrasado na casa do cliente” e por isso havia se adiantado tanto. Andréia disse que ele poderia chegar entre 12h20min e 12h40min, tendo 20 minutos de margem, sem causar transtornos ao casal. Odair fez algumas contas de cabeça e nos disse que deveria chegar 11h45min para retirar a marmita, assim daria tempo de fazer tudo (36).

C. O.: acho que o Leandro perdeu um pouco a paciência hoje. Odair pareceu muito incomodado com as palavras que ele usou e no fundo, eu também. Achei um pouco duro. Odair explicitou o seu receio “tenho medo de chegar atrasado” e é isso que o faz chegar cedo, não é desatenção, desleixou ou descaso, e sim um excesso de cuidado, é a vontade de que tudo saia perfeitamente bem. Um olhar descuidado poderia julgá-lo indevidamente. O mesmo ocorre quando ele conversa com as pessoas no momento da entrega, acredito que a oralidade é a forma mais confortável dele se colocar no mundo e ele aparentemente gosta muito de contar suas histórias e expressar sua opinião sobre as coisas da vida. Infelizmente nem todo mundo tem “tempo” para aprender com ele (37).

Por fim, combinamos de Benedito acompanhar Odair na entrega da cestas de amanhã, assim poderia adquirir experiência. As 22h10min nos despedimos. Todos relataram estar com muito frio, devido ao vento gelado. Nos abraçamos e seguimos. Andréia, Adriano e Benedito iam pelo mesmo caminho e foram embora pedalando juntos/a. Odair ficou para trabalhar e Leandro seguiu a pé para sua casa.

C.O.: Antes de irmos embora, Leandro veio conversar comigo. Disse que estava chateado por não termos mais mexido na bicicleta de Laura. Comentou que esperava mais do projeto. Nessa reunião, apesar de ele ter comentado que as entregas deram uma animada, senti que ele estava visivelmente cansado e irritado. Conversamos um pouco e eu me desculpei por não termos mais conseguido mexer na bicicleta, salientei que o fato de as reuniões não estarem ocorrendo no Clube dificultava o processo. Ficamos de agendar um dia para retornar ao Clube e finalizar a bici. Ele entendeu e concordou comigo (38).

## Diário de Campo VIII

**Data:** 05/06/2018

**Horário:** 20h às 21h

**Local:** Kartódromo São Carlos

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (6):** Andréia, Fernanda, Leandro, Odair, Benedito e Adriano

A noite estava bastante fria, batia um vento gelado. Andréia chegou ao Kartódromo às 20h e sentou na arquibancada, aguardando os/as demais chegarem. Fernanda chegou pedalando a sua bicicleta, estacionou-a, tirou o capacete e cumprimentou Andréia (1). Odair saiu da pequena sala da guarda e veio ao nosso encontro, nos cumprimentou com apertos de mão. Chegaram em seguida Adriano e Benedito, apoiaram as bicicletas e deram beijos nos nossos rostos (2). Sentamos próximos, pois fazia muito frio. Já passava das 20h30min quando começamos os diálogos (3d).

Andréia disse que precisaria sair mais cedo (às 21h), pois tinha que buscar o irmão na academia e lamentou o atraso da reunião. Enquanto dizia sobre isso, Leandro chegou caminhando. Conversaram um pouco sobre o horário combinado e a responsabilidade de cada um/a. Leandro justificou o atraso dizendo que tinha trabalhado o dia todo e precisava de um banho antes da reunião. Odair comentou que para ele é melhor que as reuniões ocorram cedo, pois às 21h ele precisa ajudar o “patrão” a desmontar os brinquedos. Na última semana nos estendemos até às 22h10min e ele havia recebido uma advertência por isso. Acertamos de tentarmos ser mais pontuais e começarmos mais cedo da próxima vez (4d).

Leandro informou que as cestas do assentamento mudaram de lugar: agora seriam entregues às segundas, em uma casa que funciona como estúdio de tatuagem, brechó e centro cultural, no mesmo horário. Fez também um relato sobre a última entrega do grupo de compras coletivas: “a Andréia disse pra gente que tinha essas encomendas para fazer, né, para fazer as entregas à tarde, daí o combinado era entre quatro e meia e seis e meia; e então durante a tarde é, eu fiz a gestão dos, dos, dos, é, das entregas que você não tinha feito, né, porque você já tinha pego alguns endereços e me passado os valores. Aí a tarde eu peguei mais três, é, mais três das entregas e fiz essa gestão e confirmei com as outras pessoas que a Andréia já tinha falado se elas iam estar no horário. Aí eu também, vi com o Benedito, né, pra gente fazer essas entregas juntos. Então quatro e meia a gente chegou lá, o Benedito chegou uns cinco minutos depois que eu. E daí a gente dividiu, eu peguei aquele endereço na Vila São José e peguei o do

Jardim Paraty, ali subindo a Miguel Petroni, e o de segunda-feira também. Aí eu peguei esses três e o Benedito, ele pegou dois (5). Ele pegou dois endereços, na XV de novembro, daí como eram mais volumosos, um deles na XV de novembro, ele precisou fazer em dois, em duas voltas, duas jornadas. Ele entregou o mais perto na praça XV e depois ele pegou um mais para frente, que eram quatro encomendas, quatro caixas. Daí ele voltou pro ponto inicial e pegou também essas duas outras encomendas, que era, um ali perto do cemitério e um mais perto da Federal, aí a gente conseguiu fazer todas essas entregas até seis e meia, foi bem rápido comigo e com ele. Na verdade, eu só tinha duas, só que endereços mais distantes e o Benedito, ele tinha quatro, mas eram dois endereços meio pares, um pouco mais próximos um do outro, então ele conseguiu fazer em três jornadas, mas ele só fez em três também porque um deles era mais volumoso, senão dava para fazer em duas”.

Andréia perguntou se Benedito havia cobrado o preço da planilha para a entrega mais volumosa. Leandro respondeu que não, que eles cobraram o valor de R\$4,00 pois era uma entrega muito perto (cerca de 600m) e que Benedito colocou três caixas no bagageiro e mais uma na mochila para conseguir levar tudo em uma única viagem (6d). Andréia fez uma reflexão sobre o bem estar dos/as ciclistas durante o trabalho. Comentou que levar muito peso nas costas pode causar lesões a longo prazo e um dos pilares de empreendimentos econômicos e solidários é o viver bem e saudável. Completou dizendo que a sustentabilidade que almejamos para o meio ambiente tem que estar em nós, pois somos também natureza. Benedito disse que as caixas estavam bem leves, mas que compreendia o que Andréia estava dizendo (7). Leandro comentou que, no momento de confirmar a entrega, a cliente disse que haviam muitas caixas e que ele poderia ter cobrado um pouco a mais. Andréia, sabendo quem era a pessoa, comentou que ela apoia muito o nosso serviço e que era bem provável que não iria se importar em pagar o preço da planilha (8).

Leandro continuou o relato dizendo que ficou 20 minutos esperando para fazer uma entrega: “cheguei lá era seis e cinco e perguntei para o porteiro do prédio se a consumidora estava lá, daí ele me disse que ela tinha acabado de sair, aí eu fiquei meio assim né, ele falou que o marido dela ia chegar mais tarde, mas ele falou que ela talvez voltasse mais cedo. Daí eu encostei ali do lado da portaria e esperei. Aí eu liguei a internet, tentei ligar pra ela e não consegui, daí tentei falar com ela pelo aplicativo de conversas e também não consegui, daí eu mandei uma mensagem pra ela falando que o porteiro falou que ela não estava lá e que eu ia esperar até seis e meia, que era o que a gente tinha combinado. Aí, era quase seis e vinte sete, ela me ligou de volta no meu celular. Daí ela falou ‘eu não tô aí, mas tem gente na casa’, daí eu entreguei. Foi uma falha meio que tipo, do porteiro, talvez um pouco dela por não ter avisado

e do porteiro que poderia ter ligado na casa e confirmado mesmo se não tinha ninguém, né” (9d). Leandro comentou ainda que recebeu R\$21,50 pelas entregas (R\$7,00 + R\$4,50 + R\$10,00).

Benedito fez o relato das suas entregas: “fiz quatro entregas dos produtos da compra coletiva. As entregas saíam da Rua São Sebastião e as primeiras duas foram entregues na Rua XV, bem perto da onde saiu. A primeira foi feita em mais ou menos cinco minutos (por ser bem perto), foi entregue três caixas e custou quatro reais, mas recebi cinco. A segunda entrega foi de aproximadamente dez minutos, quatro caixas foram entregues e custou quatro reais, mas recebi cinco. As outras duas entregas foram para perto da região da UFSCar, a primeira foi entregue próxima a Avenida São Carlos, duas caixas e uma sacola, quatro e cinquenta, mas recebi cinco. A segunda foi em frente à delegacia da Polícia próximo a saída para a estrada, uma sacola e custou quatro e oitenta, recebi cinco [rimos]. O início das entregas começou quatro e meia e finalizou seis e vinte (10). Para a entregas usei uma caixa com tampa em cima do bagageiro, onde cabiam duas caixas dentro e usei uma mochila que ajudou a transportar uma caixa e duas sacolas. No final das entregas eu estava um pouco cansado, não só pelas entregas, mas pelo dia corrido e pelas poucas horas dormidas do dia anterior para sexta (11d). Acho divertido fazer entregas de bicicleta porque estou em cima dela, percorro por lugares que não conheço da cidade, percebo partes das quais eu ignorava, conheço novas pessoas e faço algo positivo para um mundo melhor, não emitindo nenhum resíduo poluente e usando apenas minha energia” (12). Comentamos sobre os diversos R\$5,00 que ele recebeu e rimos da situação.

Adriano comentou que viu um dos meninos da outra cicloentrega da cidade passando e que o uniforme deles chamou bastante a atenção. Andréia disse que a prefeitura irá comprar uniformes para o EES, por meio de um recurso remanescente do projeto que ela tinha trabalhado. Comentou sobre a burocracia para fazer compras por meio da prefeitura e afirmou que ainda levaria um tempo para que os uniformes fossem comprados. Adriano informou que tem um quintal grande em casa e que poderíamos utilizá-lo para fazer uma festa em prol dos CicloPedaleiros. Leandro deu outra ideia: fazer uma pizzada ou hamburgada, argumentando que comida dá muito dinheiro. Dialogamos sobre todas essas possibilidades e decidimos começar rifando uma revisão completa de bicicleta por R\$2,00 e depois, com o dinheiro da rifa, fazer uma festa com pizza e hambúrgueres. O custo do uniforme é de R\$70,00 por pessoas (precisaremos de 5 uniformes em um total de R\$350,00), então, a princípio, cada um/a deveria vender 20 rifas. Com a venda de 120 rifas (20 x 6 = 120) arrecadaríamos R\$240,00. Com esse valor, poderíamos comprar os ingredientes das pizzas e dos hambúrgueres, ver se alguém



poderia cantar e tocar músicas de forma voluntária e fazer a festa para arrecadar o restante. Todos/as concordaram e ficamos de encaminhar dessa maneira (13).

Leandro comentou sobre as entregas da loja de orgânicos, disse que tinha feito duas pela manhã e que o preço cobrado não foi satisfatório (R\$5,00 para qualquer lugar da cidade), sendo uma das entregas no centro e outra próxima ao shopping. Avaliou que foi necessário sair com as duas cestas (que são comercializadas em caixas de papelão fornecidas pela loja), uma sobre a outra, ambas presas ao bagageiro com um elástico que, para dar firmeza, precisou ser tensionado, amassando as duas caixas. O problema é que essas caixas são retornáveis (o/a cliente que devolve a caixa, recebe desconto na próxima cesta) e chegaram ao destino completamente destruídas, o que por ventura prejudicou tanto o/a consumidor/a, quanto a loja. Além disso, Leandro disse que as caixas são grandes e pesadas e ficam instáveis no bagageiro, o que gera certa insegurança e lentidão ao pedalar (14d).

A hora já estava avançada, mas precisávamos falar, além da parceria com a loja de orgânicos, da parceria com o assentamento e dos folders impressos pelo pessoal do NuMI-Ecosol para divulgação do empreendimento. Também precisávamos discutir sobre a saída de Oliveria e Reginaldo (Andréia tinha mandado mensagens para eles e ficou de passar o informe depois). Decidimos que essas pautas poderiam ficar para a próxima semana, sem prejuízos. Andréia alertou todos/as novamente sobre a necessidade de cumprir os acordos e combinamos. Os/as demais concordaram e nos despedimos comentando mais uma vez sobre o frio que fazia.

## Diário de Campo IX

**Data:** 10/10/2018

**Horário:** 16h às 17h30min

**Local:** Centro Público de Economia Solidária

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (5):** Andréia, Leandro, Odair, Benedito e Adriano

Ficamos aproximadamente quatro meses sem reuniões. Nesse período o grupo continuou realizando entregas pontuais, porém as diversas tentativas de marcar reunião (por parte deles/as e minha) foram frustradas por impossibilidade de horários (os/as participantes estavam envolvidos em outros trabalhos para gerar renda) (1d). Finalmente conseguimos retomar as atividades, por causa do nosso cadastramento que ficou pendente, o que poderia afetar a compra de material que estava sendo feita pela prefeitura para o grupo. Por esse motivo, também, decidimos nos reunir no Centro Público de Economia Solidária, como uma maneira de demonstrar que estávamos ativos novamente.

O dia estava nublado, mas não estava chovendo. Andréia foi a segunda a chegar, por volta de 15h45min e encontrou Odair sentado no banco próximo à porta de entrada do Centro Público de Economia Solidária. Odair comentou que havia chegado às 15h, pois ficou com medo de perder o horário (2). Andréia disse que não precisava de tanta antecedência, mas que entendia o que Odair estava dizendo. Ele disse que ninguém tinha chegado e falou que as pessoas deveriam chegar no horário certo, pois se estava marcado para as 16h, deveríamos começar às 16h (3). Entramos no prédio e Andréia solicitou uma sala. A moça da recepção nos deixou à vontade para escolher e adentramos ainda mais. Escolhemos uma sala pequena, com mesa e cadeiras, que fazia parte de uma sala maior dividida por divisórias de escritório e vidro transparente (dando para ver a sala ao lado, onde estava acontecendo outra reunião). Nos acomodamos e por volta das 16h10min Leandro chegou e se juntou a nós. Benedito chegou logo em seguida. Iniciamos a reunião, mesmo sem a presença de Adriano (4d).

Benedito comentou que ele e Adriano foram na reunião do Fórum Municipal de Economia Solidária, disse que assinou a lista de presença com o nome e entre parênteses escreveu “CicloPedaleiros”. Houve pauta ligada a uma viagem de ônibus e nenhuma que tinha relação com as atividades do nosso grupo. Disse que assim que Adriano chegasse, passaria o resto dos informes (5).

Andréia informou que o grupo perdeu o cadastramento dos empreendimentos (o prazo final foi dia 30/09, 10 dias atrás) e que iria verificar como ficaria a nossa situação em relação ao DAES (Departamento de Assistência a Economia Solidária) (6d). Leandro disse para trocarmos o e-mail cadastrado no grupo do Fórum (atualmente quem recebe os e-mails é Fernanda, mas ela não tem conseguido nos avisar com antecedência) e sugeri inserirmos o e-mail dele (7). Odair questionou como ficaríamos sem o cadastramento. Andréia disse que esperava que isso não afetasse negativamente o empreendimento em relação às compras que estavam sendo feitas. Andréia informou que o gestor que está cuidando das compras dos novos equipamentos do empreendimento (bicicletas e ferramentas) está viajando, mas quando ele retornar, verificaremos como está o andamento dessa questão.

Leandro perguntou onde Benedito deixou a bicicleta dele e Benedito respondeu que tinha vindo a pé. Andréia questionou se ele viera da UFSCar, contudo, Benedito respondeu que tinha vindo de casa e que morava perto, mas que muitas vezes já tinha ido de sua casa até a UFSCar a pé, pois gostava de caminhar. Odair comentou que Benedito morava descendo a praça XV.

Andréia disse que precisávamos conversar sobre a pauta que já estava no grupo do aplicativo de conversas, ou seja, se pausávamos a procura por novas parcerias e retomávamos o plano de negócios (que já estava desatualizado), ou se buscávamos parceiros e depois fazíamos o plano. Andréia perguntou se Benedito tinha algo a dizer sobre a nova proposta e ele disse que achou complexo. Leandro interrompeu complementando: “tentar inverter a ordem e buscar os parceiros antes?”. Benedito continuou dizendo que achava complexo o projeto em si, que não conseguia ter dimensão do todo (8d). Perguntou se já foi feito alguma oficina ou algum curso sobre Economia Solidária. Andréia respondeu que já, mas como as pessoas mudavam muito, não teve continuidade. Leandro disse que ele e a Fernanda pegaram algumas oficinas quando entraram e perguntou se Benedito sabia trocar a câmara do pneu da bicicleta. Benedito respondeu que sim e que também sabia remendar o pneu se fosse necessário, mas que não sabia muito além disso (9). Andréia comentou que a mecânica da bicicleta é simples e, portanto, a manutenção é fácil de realizar.

C.O.: achei bem difícil essa retomada. O grupo parou no momento em que Adriano e Benedito entraram, então parece que tudo ficou meio no ar. Fernanda estava bastante ausente, porque tinha arrumado outro trabalho, então praticamente metade do grupo era nova e não sabia muito bem do histórico. Ao mesmo tempo, as decisões tomadas até o momento que Adriano e Benedito entraram ficaram desatualizadas, ou esquecidas. Naquele momento me parecia que a

tentativa de retomar o grupo seria em vão, achei que não haveria condições materiais disso ocorrer e me sentia cansada também, após tantos anos (10d).

Conversamos sobre as possibilidades de retomada que tínhamos nesse momento e os participantes foram sinceros em dizer que os outros trabalhos eram prioridade, pois estavam gerando renda expressiva, algo ainda distante no contexto do EES (11d). Considerando o tempo disponível para a dedicação ao empreendimento, combinamos de nos encontrar todas as quartas para pensar o plano de negócios e depois, quando o EES estivesse pronto para funcionar, faríamos as oficinas (manutenção e Ecosol) novamente. Andréia comentou que tinha muita experiência em planos de negócios e que para ela, ver o empreendimento funcionando era uma militância, pois já estava há muitos anos engajada na tarefa de viabilizar o projeto e queria que desse algum resultado. Benedito perguntou se ela estava otimista e Andréia respondeu: “estou”. Leandro comentou “ela está revigorada”. Todas riram. Benedito disse: “que bom, isso vai animar todo mundo, só de você está falando que a gente tá num grupo, isso é muito bom sim, isso dá força mesmo, principalmente nesse momento”, se referindo às eleições. Andréia concordou e disse “tempos difíceis virão, temos que nos fortalecer” (12).

Começamos a discutir o plano de negócios e o primeiro passo foi pensar em quais serviços gostaríamos de realizar no empreendimento. Andréia questionou: “cicloentrega é uma coisa que todo mundo gosta de fazer? Vocês se veem trabalhando com isso como a principal fonte de renda?”. Leandro disse “eu não vejo, sinceridade, eu não vejo”. Andréia perguntou no que ele se via trabalhando e ele respondeu que com audiovisual, mas que tinha como horizonte trabalhar com as cicloentregas como uma fonte secundária de renda, pois “é algo que eu gosto de fazer”. Benedito perguntou: “mas e se pudesse ser sua fonte de renda primária, por exemplo se o salário que você imagina ter como fonte primária conseguisse vir desse empreendimento?”, Leandro respondeu que não sabia, pois tinha muito prazer em trabalhar com audiovisual (13). Andréia pediu a Leandro que pensasse em curto, médio e longo prazo e perguntou se no curto prazo ele pretendia ter o audiovisual como principal fonte de renda. Leandro respondeu que não, pois o mercado anda instável, mas que, no máximo em um ano quer se estabelecer nessa área. Odair comentou que também pretende trabalhar em outros serviços no curto prazo, que queria trabalhar registrado e complementar com as entregas. Comentou que acha o emprego atual cansativo porque precisa ficar acordado a noite inteira. Leandro perguntou se ele ganha bem e Odair respondeu “nada, ganho mil reais, eu tô indo porque eu preciso né, do do dinheiro, pago pensão alimentícia, pago a casa, se eu não trabalhá já jeito eu vou viver? Vira uma anarquia, né? Sem dinheiro, já não tem” (14d).

Benedito disse que não sabia muito bem o que queria fazer da vida. Comentou que está fazendo um curso de graduação, mas que não se vê trabalhando na área: “tô perdido, assim, né? Eee se a cicloentrega for uma opção de fonte de renda primária, assim, que acho, acho às vezes a gente coloca na cabeça que que tá distante disso assim, então a gente não considera que pode ser, mas se conseguisse ser, acho que não teria problema nenhum, é um trabalho que eu gosto. Acho que também precisa levar em conta, acho que é um trabalho um pouco arriscado né, assim, de tá o tempo todo na rua de bicicleta e hoje em dia tá muito perigoso, inclusive, andar de bicicleta, né? Então não é um trabalho confortável como sei lá, ficar numa sala mexendo no computador ou fazendo outras coisas, assim, é um trabalho que você não fica confortável na verdade, né? Mas não quer dizer que seja ruim, me dá muito prazer também, eu considero trabalhar só com isso” (15).

Andréia disse que teriam outros serviços relacionados à bicicleta e comentou sobre turismo, por exemplo. Seria possível montar rotas e vender junto com um serviço de guia. Poderíamos pensar em trilhas pela região (roteiros pensados para iniciantes, intermediários e avançados), mas também em pontos turísticos, como a Fazenda Santa Maria (como um pacote, com entrada para fazenda, almoço, guia, entre outros). Nesse momento Adriano chegou para participar da reunião e interrompeu o diálogo (16). Adriano cumprimentou cada um/a com beijo no rosto e perguntou se estávamos bem, depois procurou uma cadeira para sentar-se. Leandro comentou que ele estava cheiroso. Rimos. Andréia perguntou a Adriano se poderíamos seguir com a reunião e depois passava os informes para ele, pois faltava pouco para terminar o tempo que havíamos combinado anteriormente e precisávamos avançar. Adriano concordou e ela continuou de onde havia parado (17): “outra possibilidade é a gente ter o serviço de manutenção de bicicleta” refletindo sobre montarmos uma oficina para realizar reparos em bicicletas; depois disse: “ou a gente pode fazer, tipo, bike anjo, tipo ah, ‘eu tenho medo de andar de bicicleta e eu gostaria muito de ter a bike como meio de transporte’, então eu contrato o Odair e ele vai me auxiliar, num primeiro momento, a pedalar pela cidade, conhecer as leis de trânsito, ou até mesmo me ensinar a andar de bicicleta e depois, tipo, sei lá, vai pedalar comigo algumas vezes, em alguns compromissos que eu tiver até eu conseguir pedalar sozinha. Ou tipo, sei lá, ‘eu tenho uma filha que vai para a escola e eu quero que ela passe a ir de bicicleta’, então o Leandro vai lá de bicicleta na minha casa, pega minha filha com a bicicleta dela, leva na escola e depois vai buscar, tipo, então tem muito serviço relacionado a bicicleta, não só a ciclo”.

Andréia disse que o foco do projeto havia sido as cicloentregas porque achamos que seria mais fácil gerar renda, mas que era possível ampliar os serviços, caso todos/as se interessassem. Finalizou perguntando sobre quais serviços achávamos que o empreendimento

poderia oferecer. Odair disse “nóis pode, nóis pode pensar na na cicloentregas, né, do mesmo jeito, sempre fazendo essa reunião né, para vê se consegue, se consegue esse negócio que você tava falando, de mil e quinhentos reais por mês [antes da reunião, conversando com Odair, perguntei quanto ele gostaria de ganhar trabalhando no empreendimento e ele disse ele valor], sei lá, né, porque não pode parar, talvez se nóis arruma um lugar assim que pega uma entrega boa do meio dia até de noite, sei lá, a gente não pode perder né” (18). Leandro comentou que já existia um coletivo na cidade chamado “Bike Anjo” e questionou se ele era solidário. Benedito respondeu que era totalmente gratuito, conhecia pessoas que faziam parte e que eles, no geral, apenas ensinavam as pessoas a andar de bicicleta, ou seja, não tinham serviços como levar os/as filhos/as na escola ou acompanhar pessoas nas primeiras pedaladas. Adriano comentou que conhecia o Massa Crítica, coletivo que propõe passeios noturnos na cidade. Leandro disse que acha bom o Bike Anjo ser solidário.

Andréia comentou que durante a crise da gasolina muitas pessoas levaram os/as filhos/as para as escolas de bicicleta e que percebeu esse movimento enquanto pedalava pelas ruas de São Carlos. Disse que viu amigos/as nessa situação e que poderíamos sugerir uma “Bicivan escolar”, ou seja, poderíamos passar na casa de crianças e fazer uma comitiva ciclística até a escola (19). Esse serviço seria, inclusive, mais barato que as vans tradicionais e poderia operar por bairros. Andréia ponderou que as pessoas de carro respeitariam a comitiva, pois veriam adultos e crianças pedalando juntos/as. Odair comentou: “tem motorista que respeita a bike, né? Ali no botafogo, naquela pizzaria que você mandou o endereço que eu não sabia e era ali (20), o cara, invés de esperar eu, né? Ele seguiu né? E ele é crente, aí eu dei uma xingada nele e ele não prestou atenção que eu xinguei, né? Eu falei não, eu falei que ‘é mão minha, ocê que tinha que esperar eu passar’, lá embaixo, na rotatória do shopping, ele parou e falou ‘desculpa, Deus abençoe’, eu falei, o cara tá errado, eu falei, cê vê como que é as coisas” (21). Leandro concordou com Odair, o moço não poderia ter feito isso. Benedito disse que por ser crente ele foi coerente em se desculpar. Andréia retomou o assunto dizendo: “poderíamos chamar o serviço de transporte de ‘Ubiker’, ao invés de Uber”. Benedito e Adriano repetiram a palavra “Ubiker”. Adriano comentou ainda que poderíamos colocar uma garupa na bicicleta e a pessoa transportada não iria nem precisar pedalar. Rimos (22).

Quanto ao serviço de manutenção, Leandro comentou que acha interessante, mas que precisaríamos de um investimento inicial para começar. Além das ferramentas, precisaríamos de cursos para aprendermos a fazer manutenção, o que demandaria tempo e dinheiro, mas que poderia ser pensado a longo prazo.

Benedito perguntou se era possível cada um/a tirar R\$1.500,00 trabalhando no empreendimento. Andréia afirmou que era “super possível, inclusive, se tiver 10 pessoas trabalhando”. Odair comentou “é pra ser essa base mesmo”. Andréia continuou dizendo “a gente só não consegue expandir o empreendimento porque não tem uma hora fixa para trabalhar, sabe, acho que esse é um dos maiores impeditivos também sabe, do tipo ah, tem hora que eu ligo e dá certo, tem hora que eu ligo e não dá, a moça dos cosméticos mesmo, chegou um momento que ela tava com várias entregas pra gente e não tinha gente para entregar, daí ela foi desistindo e foi diminuindo, entendeu, ao invés de aumentar para todas as entregas ser a gente, ela foi diminuindo e hoje liga bem pouco” (23d). Benedito perguntou quem era a moça dos cosméticos e Leandro disse que era a pessoa que morava em um condomínio distante e queria que cobrasse só R\$5,00 ou R\$6,00 por entrega. Leandro comentou que nesse caso ninguém quis fazer as entregas dela porque são longe e porque ela quer estipular o nosso preço, ou seja, ela cobra o preço que quer pelos produtos dela e depois abaixa o preço do nosso serviço para que o conjunto não fique caro para o/a consumidor/a. Entendemos que isso (pedir para reduzirmos a valor da cicloentrega até no máximo R\$6,00) teria nos desestimulado a atendê-la (24d).

Pensando nesse problema da distância, Andréia comentou que se tivéssemos um ponto fixo ficaria mais fácil e barato o cálculo das rotas, pois um ciclista sairia para entregar vários produtos de uma vez, em rotas planejadas e previamente estabelecidas. Hoje em dia, isso é feito em alguns casos, como nas entregas da compra coletiva, mas na maioria das vezes saímos para entregar apenas um produto, o que encarece a entrega e causa maior cansaço. Adriano disse que o cálculo do km feito do ponto fixo até o local de entrega também barateia o preço, caso não tenha o deslocamento de retirada do produto.

Por exemplo, caso a moça dos cosméticos deixasse os produtos dela uma vez por semana no nosso ponto fixo, poderíamos calcular uma rota e entregar 5 ou 6 produtos por hora. Além disso, o deslocamento para levar os produtos até o ponto fixo seria feito pela moça dos cosméticos e não seria embutido no nosso preço e sim no dela. Andréia comentou que a primeira tabela de preço do serviço foi pensada em cima de um valor hora, que só seria viável realizando entregas casadas (mais de uma por hora). Como estávamos usando a tabela para entregas individuais, o valor hora ficava bem abaixo do esperado (25).

Leandro comentou que as entregas da compra coletiva compensavam muito e relembrou a compra de óleos essenciais, produtos pequenos e fáceis de carregar (pôde ser carregado em uma mochila), que ele ganhou R\$40,00 em 7 entregas, pedalando por 2h.

Benedito comentou que na entrega de chocolates ganhou R\$17,00 por 3 entregas, 40min pedalando. Disse que deu “um role na cidade inteira e foi legal” (26).

Sobre o cicloturismo, Adriano comentou “Ecoturismo, ecobike, bike turismo é legal, é massa”. Leandro completou “tem mó galera que não conhece aqui a região, mano, tipo dá um rolê maior”. Adriano continuou “dá um rolê no cerrado, várias vezes a galera quer conhecer o cerrado, o 29, dar um rolê diferente”. Andréia comentou que podíamos até vender esses passeios para as escolas. Adriano abriu outra possibilidade “esse rolê de Bike Anjo pode rolar sempre tipo em eventos, assim, por exemplo, vai ter uma feirinha de trocas, podia combinar da galera, sempre combina carona, não sei o que, podia combinar da galera ir de bike, então, que é as ideias que a gente tentou fazer na semana de agricultura orgânica, mas que não rolou, essa ideia é interessante”. Andréia sugeriu fazer uma propaganda “Vá de bike com a gente”. Todos/as riram (27).

Retomando os serviços que gostaríamos de fazer, elencamos: cicloentrega, Bike Anjo, oficina de manutenção e cicloturismo.

Conversamos um pouco sobre quanto cada um/a gostaria de ganhar no empreendimento. Leandro lembrou que já tínhamos feito esse valor anteriormente, para fazer a primeira tabela de preços, disse “o valor inicial que a gente tentou foi de três mil, só que não fechava a conta, né? Aí acho que a gente deve ter feito mil e quinhentos”. Odair complementou: “cê falou que pedalasse, pedalava tantas horas, dava uns três mil reais, né?”. Leandro falou: “acho que o que mais pesava, a nossa tabela, a gente trabalha teoricamente meio baixa assim os valores, acho que por causa da cidade, porque a gente não tem um leque de clientes muito grande e daí tipo, por mais que a gente pedalasse e fizesse as entregas ia ser muitas entregas concentradas numa hora e não tinha cabimento assim, daí a gente acabou indo para mil e quinhentos assim. Esse valor por hora contabilizava todos os custos do empreendimento mais a retirada dos sócios”, ou seja, foi contabilizado aluguel, ferramentas, luz, etc. Andréia ficou de trazer as contas feitas anteriormente para analisarmos e revermos os valores (28).

Começamos a falar sobre a próxima reunião. Odair pediu para as pessoas chegarem no horário, pois hoje começamos às 16h12min. Comentou que se todo mundo chegar mais cedo, teríamos mais tempo para conversar (29). Andréia perguntou se os/as participantes gostariam de continuar se reunindo às 16h ou se gostariam de mudar para o começo da tarde, às 14h. Benedito perguntou se tinha que ser de quarta. Leandro respondeu que quarta era a folga do seu Odair, mas que não sabia se compensava ele subir o morro só para fazer reunião e que podíamos pensar em outro dia. Odair disse: “não, quarta-feira, eu não dormo, dá pra vir, oloko eu prefiro”. Conversamos mais um pouco sobre outras possibilidades e decidimos manter as



reuniões às quartas das 16h às 17h. Andréia disse a Odair que não precisava chegar às 15h, como ele havia feito hoje e que se chegasse às 15h45min já estava bom (30).

Nesse momento fomos interrompidos por um funcionário do DAES para nos avisar que, excepcionalmente, o Departamento, que normalmente fecha às 17h ficaria aberto até às 17h30min, pois estava ocorrendo uma reunião importante em outra sala e eles iriam esperar terminar. Agradecemos e dissemos que esse tempo iria nos ajudar a finalizar tudo com mais calma (31).

Andréia passou algumas tarefas para a próxima reunião. Os/as participantes deveriam refletir sobre quanto gostariam de ganhar e quanto tempo gostariam de trabalhar por semana. Adriano disse “isso é uma coisa importante, acho que tem que pensar que o, pessoas, que muitas pessoas que provavelmente vão trabalhar podem ser universitárias, podem ser flutuantes assim, né? E como criar um modelo de emprego flutuante assim, que normalmente os empregos modelo padrão é você fixo naquilo e você não pode viajar nas férias (escolares), você só tem férias a cada 12 meses, faz muito o perfil de pessoas que poderiam e teriam vontade de trabalhar nisso né?”.

Leandro interrompeu e disse que precisamos de pessoas que sejam da cidade para trabalhar no empreendimento e não só estudantes, completou “até mesmo por formação de empreendimento, acho que, sei lá, é um negócio da cidade mesmo e daí vai ter, acho que se encaixa muito no formato do estudante sabe, por enquanto, por ser informal e tals, essas coisas, mas ao mesmo tempo, tipo, se a gente criar esse salário mais fixo de mil e quinhentos ou um valor por mês assim, algo que sustente uma pessoa ou pelo menos dê um pouco para a família, assim, eu acho que já um começo para puxar pessoas da cidade mesmo”.

Andréia comentou que seria fundamental mesclar estudantes, que, no geral possuem outras fontes de renda e poderiam aguardar o empreendimento atingir o ponto de equilíbrio; e pessoas da cidade, que viriam quando o empreendimento já estivesse gerando renda. Adriano comentou que poderiam ter pessoas ancoras para quando os estudantes estivessem de férias. Andréia sugeriu que refletíssemos o que seriam as férias ideais de um período trabalhado, quantos dias, quantas vezes por ano, em quais períodos do ano, pois se pensássemos de forma geral, todos/as no empreendimento poderiam ter a mesma condição e não só os estudantes. Andréia ainda sugeriu refletirmos sobre o trabalho perfeito, como seria? Qual seria o trabalho ideal? Sugeriu que nos desprendêssemos das formas já conhecidas e pensássemos em novas, pois “sonhar faz parte do projeto”. Todos/as riram. Leandro brincou dizendo a palavra “gratidão” (32).

Seguem as perguntas para a próxima reunião:

- 1- Quanto gostaria de ganhar?
- 2- Quanto tempo gostaria de trabalhar?
- 3- Qual seria o melhor programa de férias?
- 4- Qual o número ideal de trabalhadores/as?
- 5- Qual o modelo ideal de trabalho?

Benedito refletiu sobre o conceito de trabalho: “o ócio criativo, tudo, acho que até também para fugir um pouco do, daquilo que a gente entende como trabalho, né? Uma coisa que, sei lá, é bitolada, que ocupa, que nos desgasta fisicamente, psicologicamente, sabe, então, nossa energia, acho que economia solidária fala um pouco disso”. Leandro complementou “acho que alienação, acho que do tipo do capitalismo é isso, mano, é você só querer, você só poder trabalhar o tempo todo e não poder fazer nada, capitalismo é uma merda por causa disso, as pessoas não se informam”. Ficamos um pouco em silêncio (33).

Andreia retomou as perguntas para finalizar o encontro, pois a hora já estava avançada. Disse que quem quisesse mandar as respostas por meio do aplicativo de conversas, poderia. Comentou sobre a possibilidade de mandar por áudio ou escrito. Odair emendou “escrever é ruim, né? Eu acho que fica escrevendo um monte de coisa, cê vê, eu pegava tudo escrito, mas não tava entendendo quem que era, eu vejo que num falavam assim escrito ‘vai rolar’, acho que era ele (e apontou para o Benedito), era 166 o telefone, é mais melhor em áudio, eu acho bonito quando a Andréia fala em áudio ‘Odair dá pra fazer essa entrega? É quatro entrega’. Eu acho melhor, dá pra entender e você entender, eu também, né? Eu não sei bem escrever, não”. Leandro disse: “Nos assuntos mais específicos a gente manda um áudio, seu Odair”. Benedito completou: “Eu acho mais fácil também, então a gente manda só áudio”. Combinamos, mais uma vez, de só mandar áudio (34).

Benedito lembrou Adriano de dar os repasses da reunião de ontem do Fórum Municipal de Economia Solidária. Ele disse: “Ah foi massa ontem a reunião aí da economia solidária, eles falaram várias coisas, que não dá pra falar tudo agora, né, porque foi uma reunião de algumas horas, mas aí, foi só na real assim, na parte que no, nos informes, aí quando perguntou mais algum informe, eu fui lá na frente falar, falei, sou dos CicloPedaleiros, empreendimento de economia solidária, aí o pessoal falou que já conhecia, aí eu vim avisar que a gente tá de volta aí, daí a galera ‘ahhh’ e bateu palma, foi muito da hora (35), aí fizeram umas perguntas ‘aí quanto que é?’, eu ‘ah, a gente tem uma tabela que a gente tá vendo ainda, 3,00 o mínimo, 1,50 o km’, aí outro já perguntou ‘e carregam qualquer coisa?’, aí eu respondi

‘qualquer coisa que dá pra levar na bike’, porque se fala qualquer coisa já vai pedir pra levar uma geladeira, um botijão, aí fizeram uma piadas e eu falei ‘então é isso aí, tamo de boa’ e sentei de novo (36). Benedito disse: “botijão a gente leva. Eu já fiz uma mudança de bicicleta, eu não tinha muitos móveis né, aí assim, eu tinha um criado mudo que foi levado numa carona, o resto foi tudo de bike, assim”. Rimos.

Começamos a pegar nossas coisas, arrumar a sala e a conversar sobre trivialidades. Benedito comentou que tem muitos grupos no aplicativo de conversas e que não consegue acompanhar. Falamos sobre o Adriano ter esquecido a luva no local da última entrega. Leandro perguntou se Adriano sabe remendar o pneu da bike. Adriano respondeu que sim e disse que ia lá no projeto qualquer dia e Leandro sugeriu de marcarmos um dia para fazer uma oficina de manutenção (37). Aos poucos fomos deixando a sala e o prédio. Quando chegamos no portão nos despedimos, Odair, Adriano e Leandro saíram pedalando suas bicicletas; eu fui de carro e dei uma carona para o Benedito que estava a pé.

## Diário de Campo X

**Data:** 17/10/2018

**Horário:** 16h às 17h

**Local:** Centro Público de Economia Solidária

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (3):** Andréia, Leandro e Odair

Andréia chegou de bicicleta 10 minutos antes das 16h. Leandro e Odair já haviam chegado de bicicleta (1). Odair estava de shorts e chinelo e tinha vindo também sem capacete. Andréia lembrou o acidente que ele sofrera recentemente e perguntou porque ele estava sem os itens de segurança. Odair respondeu que tinha esquecido e que estava muito calor para usar tênis e capacete hoje. Andréia pediu a ele mais cautela, pois o trânsito anda violento (2d).

Entramos no prédio enquanto falávamos trivialidades. Conversávamos sobre um trabalho que o senhor Odair estava desenvolvendo esporadicamente em uma empresa: capina e limpeza de rua. Em algum ponto da conversa ele disse que achava errado as mulheres ganharem o mesmo que os homens. Leandro questionou e ele respondeu: “mais as muié chama os homi pra carrgar peso, do certo é elas ajudar a gente, né? Trabalho em equipe, mas não trabalha, ganha igual nós”. Leandro questionou de novo: “Odair, se uma mulher for trabalhar de guarda lá junto com você, ela deve ganhar menos?”. Ele disse “Não né, é um serviço arriscado, esses vagabundos, hoje cedo o cara rasgou tudo o saco de lixo, esses vagabundos”. Andréia, que estava em silêncio, disse: “Eu acho errado seu Odair, porque eu sou mulher e acho justo ganhar o mesmo que os homens” e ele respondeu, “é, na ISS [INSS] ganha tudo igual, mas eu não concordo (3d).

C.O.: eu gostaria muito de ter aprofundado o assunto de uma forma clara e coerente, mas essa questão invadiu o meu cerne. Enquanto mulher nessa sociedade foi muito difícil ouvir da boca de um homem que eu deveria ganhar menos. Sei que a condição de classe, nesse caso, pesa mais do que a de gênero e que provavelmente eu ganho hoje muito mais do que ganha seu Odair, mas as palavras dele me afetaram, talvez porque isso afeta as milhões de mulheres trabalhadoras desse país, e eu não consegui manter o diálogo (4d).

Andréia sugeriu começarmos a reunião, mesmo que os demais ainda não tivessem chegado (5d). Comentou que havia trazido um material elaborado pela Capina, que se chama “Puxando o fio da meada”, guia com etapas de elaboração de plano de negócios para empreendimentos solidários. Esse guia é a primeira parte de duas, a segunda leva o título “Retomando o fio da meada”. Andréia citou três objetivos da realização do plano de negócios, que são:

- 1 estruturar a atividade;
- 2 identificar e neutralizar os fatores que podem dificultar o êxito;
- 3 permitir que todos os participantes conheçam a fundo o projeto que pretendem iniciar.

Essa primeira parte do material sugere realizar o estudo de viabilidade econômica (EVE) do empreendimento, projetando o funcionamento. As etapas bem definidas vão montando, pouco a pouco, o quadro geral do negócio que estamos pensando. Andréia perguntou se Leandro e Odair haviam feito a atividade proposta na reunião anterior. Os dois disseram que não e resolvemos fazer ali naquele momento (6d). Andréia pediu para que eles refletissem sobre os valores que gostariam de ganhar. Odair respondeu: “não pensei muito não, mas eu pensei no que cê falou, né? Mil e quinhentos, pra se vira, né? Não é bom, mas já dá para ir ajudando, né?”. Andréia questionou novamente: “o que seria um bom salário, tipo um salário que o Senhor fale ‘nossa, esse salário aqui é bão?’” e ele respondeu “uns dois mil, mil e oitocentos, porque numa carteira registrada aí numa empresa, você não vai ganhar mil e oitocentos, mil e quinhentos, é bem difícil. Eu ganhava mil e cem bruto, sem desconto de nada, né? Lavava banheiro, fazia de tudo, abastecia os banheiros, abastecia papel toalha lá no refeitório”. Leandro perguntou se ele morava de aluguel e ele disse que não, que a casa era dele, mas que pagava pensão para o filho (7).

Nesse momento Leandro lembrou que deixou o capacete preso na bicicleta lá fora e se ausentou da reunião para ir buscá-lo. Aguardamos, enquanto isso Andréia sugeriu trocarmos de sala pois estava sendo picada por muitos pernilongos, segundo ela, “doído demais”. Trocamos e Odair elogiou a nova sala, disse que “era melhor”.

C. O.: a nova sala tinha apenas um espaço maior, mas era composta pelos mesmos móveis da anterior: cadeiras surradas e uma mesa baixa e capenga (inclusive, por serem iguais, as pessoas levam as cadeiras de uma sala a outra constantemente). Contudo, acredito que por ser maior,

Odair a considerou “melhor”. A nova sala era praticamente a outra, o que separava fisicamente as duas era um vidro apoiado em uma estrutura própria para divisão de escritórios.

Passados alguns instantes, Leandro retornou com o capacete em mãos. Andréia o esperou sentar e perguntou quanto ele gostaria de ganhar. “Dois mil reais, seis horas por dia, para dar tempo pro ócio também”. Odair concordou que seria bom trabalhar 6h por dia. Conversamos sobre trabalhar aos sábado e concordamos que seria melhor não trabalhar, mas se fosse preciso, 4h seria o máximo, ainda em sistema de escala, sábado sim e não. Aos domingos ninguém gostaria de trabalhar, Leandro salientou que a grande maioria dos comércios estão fechados aos domingos (em São Carlos) e que não haveria muita procura para as entregas (8).

Andréia questionou em que horário eles gostariam de trabalhar durante a semana. Leandro respondeu que um horário flexível seria mais adequado, mas que não gostaria, por exemplo, de trabalhar à noite. Até as 20h estaria bom. Odair nos interrompeu para perguntar se poderia gravar, pois ele queria ouvir a própria voz. Leandro e Andréia responderam que sim. Andréia acrescentou que se ela podia gravar o seu Odair, ele com certeza poderia gravar ela também. Perguntou se ele sabia como gravar no celular e ele respondeu que sabia (9). Andréia continuou perguntando sobre os horários e Leandro respondeu que seria bom o empreendimento funcionar das 8h às 18h, mas com horários flexíveis para os ciclistas. Andréia perguntou se eles preferiam trabalhar no almoço, no sol do meio dia, ou à noite, quando já está mais fresco. Leandro respondeu que preferia fazer entregas das 8h às 11h e depois das 15h às 18h. Odair respondeu que preferia trabalhar de manhã, das 8h às 14h, mesmo que tivesse que pedalar no sol do meio dia. Leandro disse que ele teria que parar para almoçar, senão desmaiaria no sol. Odair disse: “tem que atender bem o cliente, entregar o objeto, então ali já tá dando uma descansim, né? Tem que entregar aquela, aquela sacola que eu levava, naquela rua sem saída, lá, então, ali já dá pra tomar um forguinho, não tá rolando mais aquela cesta lá? Eu gostaria tanto, né? Eu levava lá naquele negócio que ocê falou lá, que a ex-mulher comprava, ali vendia presunto, aquela casa de comprido. É bom quando a gente tá no centro de bicicleta e rola alguma coisa” (10). Leandro concordou com Odair e disse que quando soubesse de alguma entrega, avisaria ele pelo aplicativo de mensagem e caso ele estivesse pelo centro, poderia fazer (11).

Conversamos um pouco mais sobre cicloturismo, Andréia problematizou que, caso escolhêssemos esse tipo de serviço, teríamos que trabalhar aos finais de semana, algo que acabamos de discutir e que não era desejado pelo grupo. Leandro questionou se precisaria ser em todos os finais de semana e Andréia alertou que precisávamos refletir mais sobre a

possibilidade, pois uma vez que o serviço estivesse em funcionamento, seria difícil escolher ou negar contratos. Leandro disse que não topava trabalhar em todos os fins de semana e Odair disse que achava melhor trabalhar com cicloentrega. Conversamos sobre os tipos de passeio e a possibilidade dos CicloPedaleiros irem se revezando, montando uma escala para possibilitar que folgassem aos fins de semana (12).

Leandro questionou quantas pessoas eram necessárias para conduzir dez pessoas em um passeio e citou dois, uma para cada cinco pessoas. Andréia comentou que achava pouco, pois se alguém passasse mal e tivesse que ficar para trás, um dos guias teria que ficar com essa pessoa e o outro seguiria com um grupo de nove. Leandro salientou que mais guias elevaria o preço do serviço e afirmou que achava que não iria compensar colocar três guias para dez pessoas. Andréia deu exemplo, argumentando a favor de três guias: contou de uma vez que estava pedalando com amigos/as e quebrou o cassete de uma das bicis. Relatou que uma das pessoas do grupo precisou sair da trilha e se deslocar até a estrada para conseguir uma ferramenta que possibilitasse a troca, enquanto isso havia um grupo mais a frente, já afastado da situação e outro parado com a pessoa que quebrou o cassete em algum lugar da estrada de terra. Andréia problematizou o fato de que vários eventos podem ocorrer ao mesmo tempo. Leandro disse: “aí já são duas coisas, tipo, primeiro é que a gente teria que ter essa ferramenta com a gente e segundo é que teria que saber como trocar essa ferramenta, saca, eu que acho que também é outro lance que exige da gente um pré-treinamento maior ainda, né, mano? Umas oficinas, nem uma oficina, eu acho que seria um curso mesmo, mano. Acho que talvez essa parte complique essa ideia do cicloturismo, então”.

Andréia sugeriu procurarmos agências de viagens para compreendermos melhor os contratos de turismo, e pelo o que exatamente deveríamos nos responsabilizar. Leandro sugeriu que poderia ter uma terceira pessoa de carro, para poder levar as pessoas e as bicicletas caso alguém ficasse muito cansado ou não tivesse como reparar seu equipamento. Andréia comentou que já participou de grupos de ciclismo na cidade e que seria interessante perguntar como eles montavam o roteiro e quais necessidades se apresentam antes, durante e depois dos passeios, por exemplo, quando envolvia desconhecidos/as. Leandro disse que poderíamos terceirizar o serviço de resgate, ligando para algum amigo/a que tenha um carro espaçoso, caso acontecesse algo muito diferente do programado, pagando os custos da viagem. Andréia comentou que é muito comum as pessoas acharem que vão aguentar finalizar o roteiro e ficarem fadigadas antes do fim, mas que também poderíamos pensar em roteiros menores que abarcassem todo tipo de pessoas (13). Leandro comentou que foi até a Represa do 29, distante 14,4km de São Carlos e que na volta sua companheira passou mal por excesso de exercício.

Odair comentou que é um caminho muito cheio de subidas e disse que “Se fosse uma airo vinte nove ela não ia sofrer” e que ele viu em uma bicicletaria “uma de outro modelo, igual do exército, bonita, rapaz, num tem aquele sinal, todas as bicicletas, bike tem, parece que é soldado, aquela não tem, aquela não tem marca de solda”.

Sobre o Bike Anjo Leandro disse: “eu acho que Bike Anjo é um rolê que, eu acho que deveria ser solidário mesmo, mano. Eu acho. Eu acho que é, eu não sei, e ainda vejo tipo, o lance da bike nossa muito como ativismo também, então eu acho que tipo ensinar uma pessoa a se locomover dentro da cidade, eu acho que a gente devia encarar isso como ativismo, como algo solidário”. Andréia sugeriu que um serviço como esse poderia ser feito em dias específicos, como um dia por semana ou duas vezes por mês. Leandro falou que ele não se importaria em fazer isso num sábado à tarde, por exemplo (14).

Retomamos a ideia do Ubiker. Leandro comentou que nesse caso compensaria cobrar. Conversamos sobre as responsabilidades envolvidas e Leandro disse que achava o serviço de Bicivan escolar muito arriscado. Andréia disse que poderia ter uma idade mínima. Enquanto estávamos refletindo sobre qual seria a idade mínima, o funcionário da prefeitura que trabalha no DAES bateu na porta e pediu licença. Andréia o convidou para entrar e sentar com a gente, pois gostaríamos de tirar algumas dúvidas. Como essa conversa já havia sido previamente combinada entre o funcionário e Andréia, ele entrou e sentou-se, colocando um caderno e uma caneta sobre a mesa.

Andréia perguntou se havíamos mesmo perdido a o cadastramento e ele confirmou que sim, pois o prazo era dia 30/09 (15d). Contudo, sugeriu fazermos um ofício para o Conselho Municipal de Economia Solidária (COMESol) explicando os motivos pelos quais não fizemos a renovação nesse ano e pedindo para se cadastrar fora do prazo previsto (16). O documento poderá ser protocolado no DAES mesmo. O conselho tem 20 conselheiros/as, 10 pessoas da prefeitura e 10 da sociedade civil. Os documentos necessários ao cadastramento são: atas das reuniões (no mínimo 6), portfólio e ficha de cadastro individual e coletiva.

Além disso, o funcionário comentou que acha importante explicarmos nossas dificuldades enquanto grupo para o Conselho, pois não ter conseguido se cadastrar é diferente de não querer se cadastrar. O Conselho também precisa estar informado sobre os percalços de cada grupo (17). No caso da prefeitura, não é recomendado que se tenha grupos de Economia Solidária na cidade não cadastrados, pois isso torna injustificado o trabalho do DAES. Também, no nosso caso, a prefeitura, por meio do DAES está realizando compra de equipamentos e seria incoerente terminá-la sem que o grupo estivesse cadastrado. Andréia questionou o andamento da compra e o funcionário disse que estava muito difícil conseguir orçamento, comentou que



precisa de três e que havia conseguido apenas um. Andréia perguntou se Leandro e Odair topavam tentar conseguir os orçamentos junto com ela. Os dois afirmaram que sim, então ela pediu as planilhas de materiais a serem comprados e prometeu trazer assim que conseguisse. Odair sugeriu ir à loja de bicicletas que acabou de abrir no bairro Cidade Jardim.

Discutimos como pegaríamos os orçamentos. Andréia propôs nos dividirmos, pois haviam orçamentos de ferramentas, itens de segurança, mochilas, vestimentas e bicicletas, sendo assim, teríamos que ir em lojas diferentes. Pensamos em ir as lojas mais conhecidas de São Carlos.

Sobre o ofício, Andréia perguntou se Leandro poderia redigir a justificativa, enquanto ela montaria o ofício e entregaria ao DAES. Combinamos de explicitar que o senhor Odair começou a trabalhar à noite no Kartódromo e por isso mudamos nossa reunião pra lá, o que fez com que ficássemos distantes das ações do DAES. Ao mesmo tempo paramos de receber os e-mails do Fórum, pois a Fernanda teve um problema no e-mail dela. Quando percebemos, procuramos nos informar e voltamos a frequentar as reuniões do Fórum (18).

Odair desligou o celular que também estava gravando as nossas vozes e no momento seguinte ficou ouvindo-as (19). Alguém bateu na porta da sala e avisou que o prédio estava sendo fechado. Juntamos nossas coisas e nos dirigimos à porta, onde estavam as bicicletas. O funcionário trouxe o modelo impresso dos orçamentos e entregou para Andréia, que questionou sobre os demais itens, que não estavam na lista. Ele respondeu que o resto já havia sido comprado, só faltavam esses itens, pois não haviam conseguido orçamento.

C.O.: avaliei a lista e percebi que era bem pequena, tinha apenas uma página e meia.

Leandro comentou com Andréia que estaria bem atarefado vendendo hambúrgueres na feira nos próximos dias e Odair disse que iria trabalhar todos os dias no Kartódromo, então, como a lista era pequena, Andréia combinou com eles de ir sozinha ver os orçamentos e trazer tudo na quarta. Leandro ficaria com a função de redigir o ofício completo (20d).

Nos despedimos na porta do DAES, os/as trabalhadores/as da prefeitura fecharam o portão e acenderam cigarros. Odair subiu na bicicleta e saiu pedalando, eu desci a rua com o Leandro e nos despedimos na esquina.

## Diário de Campo XI

**Data:** 24/10/2018

**Horário:** 16h às 17h

**Local:** Centro Público de Economia Solidária

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (4):** Andréia, Adriano, Odair e Benedito

O dia estava chuvoso e ventava um pouco. Andréia chegou por volta de 15h45min e encontrou Odair e Adriano no salão de entrada do DAES, os dois foram pedalando até lá. Fomos até a sala que comumente estávamos utilizando para as reuniões. Benedito chegou em seguida a pé. Nos acomodamos enquanto conversávamos sobre trivialidades. Passados cerca de 10 minutos, Andréia sugeriu começarmos a reunião. Andréia perguntou se Adriano e Benedito haviam feito a atividade proposta no penúltimo encontro e Adriano respondeu que não, pois havia faltado a reunião passada. Benedito afirmou que a tarefa era da reunião retrasada. Adriano lembrou os exercícios, mas disse que não havia feito a reflexão e Benedito disse apenas que não tinha feito (1d). Andréia perguntou para Odair se ele poderia repassar as perguntas com os dois, assim terminaríamos essa parte. Odair concordou e começamos o diálogo (2). Nesse momento, Odair ligou o gravador do seu celular e ficou segurando perto da boca das pessoas. Todos/as riram. Andréia disse que ele poderia apoiar o celular na mesa, pois a sala não tem ruído e a captação de áudio fica boa. Ele apoiou, mas de tempos em tempos apertava o botão para ver se estava mesmo gravando (3).

Após o breve relato de Odair, Andréia perguntou a Benedito quais serviços, dentre os que havíamos elencado, ele achava que o empreendimento deveria prestar, e ele respondeu: “todos, todos me interessam”. Dialogamos sobre a problematização trazida por Leandro no último encontro, de que o serviço de Bike Anjo deveria ser gratuito. Sobre isso, Adriano comentou: “Eu ia falar da gente se envolver mais, a gente com o nosso grupo, cicloentregas, empreendimento de Economia Solidária, da gente tá envolvido também nesses outros movimentos, então a gente chegar junto como parceiro assim, dos movimentos que já existem, que seria esse Bike Anjo, que já existe aqui em São Carlos, né? Alguém comentou, daí, tipo, entrar em contato com essa galera e falar, ó a gente também tem uma equipe de pedaleiro, como é que a gente faz para ajudar e, e aí nisso também acaba divulgando nosso empreendimento, assim né, a gente faz como voluntário, mas não precisa a gente puxar isso se já existe, talvez conversar com eles”, continuou “o Massa Crítica também, é toda última sexta-

feira do mês, essa pedalada do Massa Crítica, que é o intuito de um ativismo mesmo, né? De mostrar visibilidade dos ciclistas de São Carlos, apesar de ter muito ciclista aqui, pra além do emprego, como ativismo, a gente tá envolvido no Massa Crítica também, ajudar a divulgar, tá lá junto puxando, aproveitando as coisas que já existem” (4). Adriano também disse que tinha interesse em todos os outros serviços e continuou “não é que eu vejo assim, que agora nossa, meu sonho é ser cicloentregador e viver disso, sabe? Eu tô num momento bem enrolado de trabalho, que tô com várias coisas pingando, hoje eu trabalhei de pintor, outro dia eu trabalho ajudando jardim, outro dia carrego caixa”. Por fim Adriano disse que encara esse trabalho como complemento e que não se vê trabalhando só com isso. Comentou também que se tirasse R\$800,00 por mês já estaria bom (5d). Andréia perguntou por que ele não se via trabalhando só com as entregas e Adriano respondeu que isso era uma característica particular dele, que gostava de trabalhar e se envolver em várias atividades ao mesmo tempo. Comentou que não gosta de fazer a mesma atividade todos os dias e que se ganhasse muito bem em uma das atividades que realiza, ainda sim iria querer se engajar em diferentes trabalhos. Odair comentou que iria querer ganhar R\$2000,00 com as entregas e também realizar outro serviço para poder ganhar mais. Adriano disse que não quer pedalar todos os dias, o dia inteiro, pois seria desgastante. Houve um silêncio. Passado algum tempo Benedito disse que não iria precisar pedalar o tempo todo, pois ofereceríamos diversos tipos de serviços, contudo, Adriano insistiu que era uma característica dele e finalizou o assunto (6d).

Benedito retomou a conversa problematizando os valores, se nos apoiáramos em mil e quinhentos ou dois mil. Discutimos qual valor seria mais apropriado. Odair disse: “Se for dois mil, amém, mas talvez não rola”. Andréia salientou que deveríamos colocar nossas intenções no plano de negócios e tentar viabilizar o que fosse possível. Odair disse: “que nem, a Andréia é a chefe, né? Aqui da reunião”. Andréia interrompeu e disse que não era a chefe. Adriano disse: “não? Quem tá gravando, quem tá escrevendo o que a gente fala”. Benedito discordou: “ela tá gravando pra pesquisa. E ela sabe como fazer o plano, ela que tá desenvolvendo isso com a gente”. Adriano riu, disse que estava apenas brincando e retomou o assunto anterior, dizendo que achava dois mil um valor excelente (7d). Odair disse que “nas empresas terceirizadas aí, você vai pegar mil, mil e trezentos”. Benedito disse que achava que mil e oitocentos seria um bom salário. Conversamos mais um pouco e fechamos em R\$1800,00.

Andréia perguntou quantas horas eles queriam trabalhar. Disse que nesse momento todo mundo deveria ser sincero. Era importante saber a disponibilidade de cada um, sem julgamentos, para a partir disso montar a estrutura do empreendimento. Adriano disse que precisávamos entender quanto conseguiríamos pedalar por dia e em qual ritmo. Odair comentou

que isso dependeria do que a gente estivesse entregando e onde. Benedito disse que se via trabalhando 4h por dia. Odair respondeu que gostaria de trabalhar de manhã, das 8h às 13h. Benedito disse que preferia tarde e noite, mas pensando no sol, de manhã também seria bom. Adriano disse que trabalharia 4h por dia em diferentes períodos. Comentou que seria interessante montar uma tabela semanal com escalas, para que as pessoas pudessem migrar nos períodos. Andréia questionou sobre o sábado, se gostariam de trabalhar nesse dia e todos disseram que sim, desde que houvesse revezamento.

Andréia comentou que Leandro havia dito que gostaria de trabalhar 6h por dia, Odair 5h, Benedito e Adriano 4h. Imediatamente Benedito perguntou se isso teria impacto no salário. Andréia respondeu que tudo isso poderia ser pensado (8). Adriano comentou que seria bom pensar em um valor por hora de trabalho e no fim dividir os rendimentos pelo tempo de dedicação de cada um. Andréia problematizou que tínhamos pessoas com diversos saberes e que, às vezes, Adriano poderia não fazer entrega e compensar fazendo uma reparação elétrica que economizaria o dinheiro de chamar um eletricista e que no final, poderia ficar equilibrado. Adriano disse que achava importante contabilizar horas e começou um cálculo: “5h por dia, 20h na semana, tirando, se fosse R\$10,00 a hora, dá duzentos na semana, oitocentos no mês”. Andréia comentou que esse cálculo é bem simplista e que um dos objetivos do plano de negócios é compreender a possibilidade de trabalhar 20h por semana e ganhar mil e oitocentos reais. Também precisamos refletir sobre os custos do empreendimento e como arcar com eles (9). Segue tabela desenvolvida nessa reunião:

	Manhã	Tarde	Noite	Horas/Dia
Adriano	X	X	X	4
Odair	X			5
Leandro	X	X		6
Benedito		X	X	4

Andréia comentou que o empreendimento, nesses moldes, poderia ficar aberto das 8h da manhã até as 20h. Conversamos sobre os turnos e montamos o seguinte esquema: de manhã Odair abriria às 8h (às 13h), às 10h Leandro chegaria (até às 15h), Adriano às 14h (até 18h) e Benedito às 16h (até às 20h). Seguiram-se algumas contas em relação as horas. Cada um/a tentou fazer uma conta diferente e no fim ninguém se entendeu. Rimos da situação. Andréia comentou que precisávamos saber quantas horas o empreendimento funcionaria por dia e de acordo com as disponibilidades elencadas, conseguiríamos abrir por 12h de segunda à

sexta e aos sábados 4h, fazendo revezamento. Benedito comentou que estava gostando mais do modelo atual, que é, quando aparece uma entrega, jogamos no grupo para perguntar quem pode fazer e a pessoa que estiver livre no momento se responsabiliza. Adriano comentou que com a escala já teríamos responsáveis em cada horário, então, se alguém se comprometeu a ficar em determinado horário, tem que estar disponível nesse horário. Não pode sair pra fazer outras coisas e deixar desguarnecido o empreendimento (10).

Andréia comentou que a ideia é ter um espaço físico de funcionamento do empreendimento em breve, que seria ali no DAES, e as pessoas ficariam disponíveis nesse espaço, mantendo-o aberto. Durante esse tempo, a pessoa poderia também ficar montando e vendendo roteiros turísticos, arrumando bicicletas, tentando encontrar parcerias, entre outras atividades. Inclusive, poderíamos ter um telefone fixo disponível para as pessoas ligarem e solicitarem entregas. Benedito perguntou se compensava ficar depois das 18h, pois o comércio estaria fechado. Odair disse que poderíamos entregar lanches e pizzas a noite e Andréia lembrou da Bicivan escolar, que buscaria as crianças na escola depois das 18h. Adriano disse que não daria para se responsabilizar por crianças e Andréia informou sobre essa discussão na última reunião e sobre a proposta de limitar a idade. Adriano disse que deveríamos pensar em jovens de 14 anos pra cima (11). Odair comentou rindo: “eu nem sei quando eu comecei a aprender a pedalar, o meu irmão empurrou eu e falou ‘vai filho da puta’, eu cai e num instantinho eu aprendi” (12d). Adriano disse que aprendeu a andar de bicicleta com 5 anos.

Andréia sugeriu passarmos para a próxima etapa, ou seja, pensar na estrutura do empreendimento e calcular os custos dele. Comentou que já era próximo das 17h e que iniciariamos com isso na reunião da semana que vem. Até lá, eles deveriam sonhar com o empreendimento funcionando e tudo o que poderia envolver esse funcionamento. As perguntas disparadoras foram: “quando eu abro a porta do empreendimento, como ele é por dentro? Quais móveis, peças, ferramentas tem nele? O que preciso para realizar as atividades propostas? Pediu que pensassem até na cor da tinta da parede, utensílios domésticos como copo, bucha, entre outros. Salientou que o trabalho de descrever tinha que ser detalhado.

Adriano comentou que para o empreendimento funcionar 12h e ter telefone fixo, seria importante contratar uma secretária. Andréia disse que contratar um funcionário com carteira assinada é bem caro, mas que poderíamos pensar nessa possibilidade e ver se ela é viável. Adriano disse: “outra ideia, uma coisa que eu acho que a gente precisa melhorar muito no nosso empreendimento é a questão da comunicação, de todo mundo saber de tudo que tá acontecendo”. Benedito comentou: “Será que a gente não poderia pensar em desenvolver um aplicativo?”. Adriano comentou que “eu imagino um aplicativo, não sei como seria para

construir ele, né? Que que seria possível, né? Mas eu imagino que um aplicativo daria para fazer muito, chamar muito cliente assim. Ele chega, tem tudo lá, se coloca já de onde cê é pra onde cê quer e ele já calcula o preço, calcula a rota, já aparece tudo pra gente, não precisa ficar procurando mapa. Eu pensei até em fazer um legal, eu pensei em fazer um jogo de entrega de bike, tá ligado? Um bagulho que você entra lá, tal fulano pediu tal entrega, aí você tem que ir lá com a bicicletinha, pá e fazer a entrega. Um que tivesse vinculado ao nosso aplicativo, entendeu? Porque a pessoa baixa pra jogar e já aparece nosso empreendimento. Aí a gente coloca dificuldades, os desafios do dia-a-dia dos CicloPedaleiros, oh você saiu e está chovendo pra caramba, seria um jogo educativo”. Benedito comentou: “no final aparecia a mensagem ‘você perdeu, você entendeu porque a entrega custa esse preço?’ Muito educativo”. Todos/as riram da possibilidade. Adriano continuou: “Daí você passa maior perrengue e recebe cinco reais pela entrega, depois aparece a mensagem, você precisa trocar de peças, duzentos e trinta reais, você conseguiu só, fez dez entregas e conseguiu cinquenta”. Dessa vez ninguém riu (13).

Andréia lembrou do ofício que deveria ser entregue hoje, comunicou que Leandro tinha redigido o documento e que ela iria entregar para alguém do DAES (14). Perguntou se todos podiam na próxima quarta-feira e todo mundo respondeu que sim. Benedito sugeriu que podíamos estabelecer um número máximo de faltas que uma pessoa poderia ter (15). Andréia perguntou se alguém gostaria de alterar o horário da reunião. Pensamos em quarta às 14h e lembramos que Leandro não poderia nesse horário. Odair pediu para mandarem um áudio no grupo do aplicativo de conversas, quando não pudessem comparecer à reunião e finalizou com “tem que avisar a gente, né? Senão...”. Andréia comentou da semana passada que só tinham ido o Odair e o Leandro e que as outras pessoas não tinham justificado a ausência (16d). Andréia comentou que não era bom fazer a reunião com apenas três pessoas, porque depois tinha que repetir todo o procedimento, como foi o caso hoje. Odair enfatizou que não podia “furar” com as reuniões”. Adriano e Benedito se desculparam pelo ocorrido e combinamos de não faltar às reuniões, entendendo a importância delas. Acordamos que, caso tivéssemos algum contratempo, avisaríamos com antecedência (17).

Andréia comentou que iria entregar o documento e conversar com os gestores. Adriano comentou que precisava ir, pois estava com medo da chuva recomeçar. Benedito pediu carona e disse que podia aguardar a entrega do documento. Odair pediu a Benedito que o ajudasse a salvar o arquivo de áudio que acabara de gravar e ele respondeu que ajudaria (18). Nos despedimos com abraços.

## Diário de Campo XII

**Data:** 31/10/2018

**Horário:** 16h às 17h

**Local:** Centro Público de Economia Solidária

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (4):** Andréia, Adriano, Odair e Benedito

O dia estava ensolarado e fazia calor. Andréia chegou um pouco antes e ficou aguardando os demais na sala de sempre. Aproveitou para perguntar ao funcionário do DAES sobre a resposta do ofício enviado. O gestor disse que o pedido de inclusão no cadastramento foi aceito, então, seria necessário preparar toda a documentação para o Conselho analisar.

Passados alguns minutos, Andréia foi até a porta do DAES para ver se alguém já tinha chegado. Logo Odair chegou, depois Adriano e depois Benedito, todos pedalando. Após prenderem as bicicletas, nos reunimos na sala. Adriano retirou da mochila um panetone e nos deu de presente. Rimos, batemos palmas e agradecemos a gentileza. Andréia foi até a cozinha buscar uma faca e alguns guardanapos. Andréia comentou que já estava gravando e brincou “não vão falar mal de mim”. Enquanto foi até a cozinha, Adriano brincou com a situação, contando uma fofoca falsa sobre ela. Todos riram. Nesse momento o galo da vizinha cantou fazendo o riso virar gargalhada. Depois todo mundo se acalmou e Andréia retornou sem saber o que havia passado nesses minutos (1).

Andréia perguntou: “você viram o compartilhamento de receitas de bolo nas redes sociais?” e eles responderam que não. Andréia continuou: “na época da ditadura, quando havia censura no jornal, colocavam receita de bolo no lugar da matéria censurada, daí agora, por causa das eleições, um monte de gente está postando”. Adriano perguntou se as receitas continham mensagens subliminares e Andréia respondeu: “tipo, a ditadura bloqueava o jornal, aí ficava um vazio, da coisa que havia sido suprimida, aí a edição colocava receita de bolo pra disfarçar”. Houve um tempo de silêncio. Benedito perguntou o que tínhamos achado do novo presidente. Odair disse “tinha uma muié falando na episcopal ‘graças a Deus’ e eu falei assim ‘vamo vê o que ele vai fazer, né? Se ele vai fazer coisa boa’, porque disse que ele não gosta de preto, não gosta de traveco”. Benedito disse “ele só gosta de dinheiro” e Adriano completou “e de poder” (2).

Benedito informou que tinha mandado um questionário pelo aplicativo de conversas, que faz parte de um trabalho sobre mobilidade urbana que ele está fazendo para uma

disciplina do curso que realiza na UFSCar. Respondemos que sim e ele perguntou se podíamos responder (eram cinco questões abertas). Todos/as aceitaram participar e combinamos de fazer isso depois da reunião (3).

Andréia comentou que Fernanda mandou um questionário solicitado pelo Fórum Municipal de Economia Solidária e que deveríamos responder e reenviar por e-mail o mais breve possível. Adriano disse que tinha visto, mas como eram perguntas para o grupo, achou que tínhamos que responder juntos. Conversamos sobre usar ou não o tempo da reunião para responder ao questionário e, olhando as perguntas, decidimos que alguém poderia responder pelo grupo, pois eram bem genéricas, como “dados do empreendimento; quanto tempo está aberto; quantos integrantes”, entre outras. Adriano disse que poderia responder no fim da reunião e Andréia e Benedito prometeram ajudá-lo.

Andréia também comentou que o NuMI-EcoSol solicitou um pequeno texto explicativo sobre as cicloentregas. O objetivo era produzir um caderno informativo descrevendo todos os empreendimentos de Economia Solidária da cidade. A descrição também iria para o site do NuMI-EcoSol. Andréia comentou que temos um descritivo na nossa rede social e também fotos que poderiam ser enviadas junto. Benedito e Adriano disseram que não tinham rede social. Andréia sugeriu que poderia enviar o texto para Adriano revisar e mandar junto com as fotos. Todos concordaram (4). Andréia lembrou que precisávamos conferir as publicações, pois havíamos feito postagens divulgando o celular pessoal de um dos participantes (que não estava mais no grupo). Quando isso aconteceu, discutimos que seria melhor ter um chip do grupo, pois se alguém saísse, seria difícil desvincular os telefones pessoais. Porém como o chip só foi comprado recentemente, ficamos com essa pendência.

Andréia também informou que na próxima reunião do Fórum teria uma festinha com comes e bebes. Adriano gritou “uhul, eu venho!”. Odair sorriu e perguntou quando seria. Andréia disse que seria uma confraternização boa e que ela também viria. Discutimos quando seria e, com um calendário em mãos, percebemos que seria na próxima semana. De todo modo, Andréia foi até o funcionário do DAES para confirmar se seria no dia 06/11. Seria. Andréia perguntou se todos poderiam ir e comentou que seria das 18h às 19h30min (5). Benedito perguntou se Odair poderia vir antes de ir trabalhar e ele perguntou que dia e que horas (6d). Rimos. Benedito respondeu às perguntas e Odair respondeu que viria (7). Andréia sugeriu fazermos a próxima reunião na terça mesmo, assim já ficaríamos para a confraternização do Fórum. Conversamos sobre as disponibilidades e decidimos que não seria viável alterar o dia.

Andréia comentou que o Conselho aceitou nosso pedido de cadastramento, porém vamos precisar entregar todas as atas de reuniões de ano, algo que não temos. Ela e



Adriano combinaram de produzir as atas a partir dos diários de campo que ela vem produzindo para a pesquisa. Leandro ficou com a tarefa de redigir outro documento solicitado, o plano de trabalho (descrevendo nossas atividades durante o ano e quais os próximos passos). Andréia perguntou se conseguíamos fazer tudo isso até no dia 06/11, pois seria avaliado pelo Conselho na reunião do dia 10/11 e todos concordaram que sim (8).

Retomamos o plano de negócios com a pergunta: “entramos no nosso empreendimento, ao abrir a porta o que vemos lá dentro?”. Adriano disse “um sofá” e Benedito comentou que poderia ser qualquer lugar para sentar, uma cadeira, um banquinho, ou um sofá. Listamos também: televisão e lousa. Odair disse que não podia faltar água: “a melhor coisa, assim, de você falar do sofá, era a água primeiro. Isso aí não pode faltar, água” (9). Pensamos em uma geladeira, para gelar água e deixar alimentos (almoço, frutas). Odair comentou: “a geladeira, se a gente tivé o dinheiro, a gente pode fazer uma vaquinha e comprar, né? Na rede social tinha uma puta geladeira de freezer, rapaz, bonita, mas não me lembro quanto tava” (10).

Fizemos o desenho de um retângulo em uma folha de papel A4 em branco e começamos a posicionar os móveis dentro. Colocamos o sofá e a geladeira lado a lado, para poder sentar, esticar o braço e pegar a água depois da entrega (11). Adriano disse que precisaríamos de muitos armários: um para colocar as entregas, outro para as ferramentas e mais um para equipamentos. Benedito comentou da lousa e Odair disse que poderia ser uma pequena. Também posicionamos uma mesa multiuso e outra tipo “escrivadinha” com computador e telefone. Nesse momento Adriano se ergueu da cadeira, olhou mais de perto o desenho e comentou: “é uma oficina de bicicleta também, não é? Então precisa de bancada, precisa de espaço para trabalhar, precisa encher de bicicleta e bicicleta ocupa espaço. A gente tinha que começar pensando na parte da oficina, ao meu ver, assim”. Benedito e Odair disseram que não ia caber nada na sala. Andréia comentou que poderia colocar as bikes em ganchos parafusados nas paredes, para economizar espaço (12).

Odair perguntou se a sala seria no DAES e qual era. Andréia perguntou para todo mundo se queriam ver as salas e pensar em alguma para o empreendimento. Todos concordaram. Andréia levantou e pegou o celular. Odair questionou “vai continuar gravando?” e Benedito brincou “ela vai filmar a gente agora, nossa reação”. Rimos (13). Andréia perguntou para o um funcionário se podíamos ver as salas do andar térreo e ele disse que sim. Saímos pela porta principal do DAES, descemos a rampa até sairmos na calçada e entramos pela porta do andar de baixo do prédio.

Ali na entrada tinham algumas pessoas do DAES, então anunciamos que erámos os Ciclopedaleiros e que pretendíamos ver as salas disponíveis para montar nosso EES ali no

prédio e fomos bem recebidos (14). Entramos pelo corredor e fomos visitando uma a uma, sonhando com o empreendimento montado ali. A primeira sala que visitamos tinha aproximadamente 35m<sup>2</sup>, tinha janelas, espelhos e uma porta com saída lateral do prédio. Benedito disse que a sala era bem grande e que caberia tudo o que quiséssemos ali dentro. Fomos até a segunda sala, que tinha a metade do tamanho da primeira. Adriano e Benedito comentaram que era uma sala pequena para o empreendimento. Andréia disse que parecia pequena porque estava vazia, mas que daria para montar uma oficina e ter um espaço de descanso junto. Ela entrou na sala e foi ditando onde ficaria cada móvel. Odair, Benedito e Adriano também “colocaram” alguns móveis e percebemos que caberia tranquilamente um empreendimento lá (15). Olhamos mais algumas salas e no fim achamos que a sala com porta para a lateral do prédio seria a mais indicada para o empreendimento, pois facilitaria entrar e sair com as bicicletas. Além de tudo, nesse piso também tinha uma cozinha e imaginamos que a geladeira e o sofá poderiam ficar ali, economizando espaço dentro da nossa sala, o que possibilitaria montar a oficina.

Retornamos para o segundo andar e olhamos mais duas salas lá em cima. Nesse piso as salas foram montadas com divisórias de escritório o que tornava os espaços mais integrados, comprometendo a privacidade do empreendimento. Terminado o passeio, voltamos à sala em que estávamos nos reunindo e nos acomodamos nas cadeiras. Andréia refez o desenho da sala que havíamos escolhido. Benedito comentou que seria bom termos um cavalete para trabalhar com as bicicletas suspensas. Concordamos (16) Adriano comentou que achava melhor pensarmos nas ferramentas primeiro e depois nos móveis. Andréia disse que o desenho era para ajudar a lembrar o que iríamos precisar, mas que poderíamos abandoná-lo e listar livremente os itens. Conversamos e decidimos fazer primeiro uma lista e depois o desenho. Sendo assim, listamos, além da geladeira e lousa: bancada, suporte para as bicicletas, bomba de ar grande, compressor de ar, chaves (nesse momento decidimos pegar a lista que fizemos para a prefeitura comprar e revisá-la, pois é trabalhoso citar chave por chave da manutenção de bicicletas – são muitas), peças de reposição (também disponíveis na lista), cabos, equipamentos de segurança, bagageiros, bicicletas, uniformes.

Andréia comentou de uma máquina ou um tanquinho para lavar as roupas e Adriano respondeu “ah, isso daí cada um lava na sua casa”. Rimos. Percebemos também que iríamos precisar de um local para lavar as bicicletas, as peças e a gente mesmo, porque mexer com manutenção é algo que suja bastante o corpo e o espaço. Pensamos em a princípio colocar uma mangueira no corredor lateral, mas depois tentar organizar algo um pouco mais elaborado para essas funções.

Computador, micro-ondas, celular, chip, ventilador.

Benedito perguntou se tínhamos que listar até as coisas menores, como papel e caneta. Andréia respondeu que sim e escreveu: material de escritório, material de limpeza. Odair comentou: “aí dava pra começar com uma geladeira só e depois montar, que ele falou, o negócio das bicicletas, as peças, as bikes, que vai vim, sei lá, aí depois pensar em outras coisas, num sofá, pode ser um sofazinho pequeno, né? Para caber três pessoas assim, não pode se apavorar muito, né? Porque daí não vai sobrar vaga pra nada, né Benedito? Né Adriano?” (17).

Alforje, mochilas, sapatilhas, lixo, graxa, óleo.

Benedito sugeriu “imaginem vocês entrando no espaço, tomando água”, Adriano falou “precisamos de cinzeiro”. Odair questionou “cinzeiro? Não isso aí não, oxi, cê fuma?”. Adriano riu, disse que não e Odair completou “eu também não, não precisa disso aí não. Não pode fumar em ambientes fechados. No bar não pode, nem na sua casa, nem na casa da Andréia, nem na minha também”. Adriano respondeu “na minha pode sim”. Odair: “mas a casa fica fedida”. Adriano e Benedito riram (18). Andréia pediu para nos concentrarmos na tarefa, pois de outra forma não seria possível terminar. Odair quis continuar o assunto e Andréia interferiu “relógio na parede, Odair, um bebedouro” (19d). Odair disse: “Não pode ser muita coisa, viu Andréia, senão não vai caber nada” (20).

Escrivaninha, fogareiro, botijão de gás, pratos, copos, talheres, caixa e calculadora. Discutimos sobre a máquina de cartão. Odair comentou: “a que fala no programa de televisão não tem aluguel e aquele que ali com uma muié na feira não tem nada”. Dissemos que poderia ser uma possibilidade e que depois conversaríamos melhor sobre isso.

Fruteira, vaso de flor, sabonete, papel higiênico, toalha, pano de chão, vassoura, rodo, balde. Odair brincou “uma cama”, Adriano falou “saco de dormir e ar condicionado, mesa de sinuca” (21). Televisão, almofadas, mochila de entregar pizza. Andréia disse que para trabalhar com turismo seria bom comprar mapas. Benedito comentou que poderíamos colocar um mapa grande na parede.

Luvas de manutenção, macacão, avental, botas, capacetes, remendos, câmeras de ar, prego, estante de livros, manuais sobre manutenção de bicicletas, potes para colocar peças, potes para comida, óculos. Adriano perguntou se poderíamos ter uma rede e Odair disse novamente “não vai caber nada”. Rimos (22). Andréia colocou na lista.

Benedito perguntou em quanto tempo conseguiríamos comprar tudo isso. Andréia respondeu que já tínhamos grande parte desse material, que foi sendo adquirido ao longo do desenvolvimento do projeto, mas que era importante listar porque tudo isso sofre depreciação e, portanto, faz parte do cálculo do preço do serviço. Houve trocas de olhares entre

eles e Benedito perguntou, você sabe fazer esses cálculos? Andréia respondeu que estava ali para isso. Rimos. Andréia comentou que o prédio era alugado pelo município e dependia da boa vontade da gestão municipal. Caso entrasse uma gestão contrária a Economia Solidária, poderíamos ser despejados e tudo que foi comprado pela prefeitura e tivesse patrimônio, retornaria ao poder público. Então, apesar dos privilégios, tudo era bastante instável e era preciso se precaver. Andréia sugeriu fazer um fundo e ir comprando as próprias ferramentas com o desenvolvimento do projeto, assim ganharíamos autonomia em relação à prefeitura. Também era preciso entender se o empreendimento conseguiria arcar com custos de aluguel, água, luz. O plano de negócio serviria para entender a viabilidade desse empreendimento (23).

O tempo já estava se esgotando e Andréia disse que poderíamos terminar na próxima semana. Reafirmamos comparecer à reunião do Fórum na terça. Andréia disse que na semana que vem faríamos a depreciação de toda essa lista. Começamos a guardar o nosso material. Benedito comentou que estava querendo se aproximar da Economia Solidária de outras formas. Andréia sugeriu a ele que fosse ao NuMI-EcoSol, pois lá sempre estão precisando de voluntários para as atividades. Benedito questionou: “você acha que meu curso está ligado a esse ambiente?”. Andréia respondeu “acho que você pode aprender e ensinar coisa lá, tipo tem pessoas de todas as áreas, se você for uma pessoa disposta, você pode estar em qualquer lugar, que é isso né, o aprendizado leva tempo e precisa de disposição” (24). Adriano interrompeu para perguntar se alguém queria comer o último pedaço de panetone. Odair disse “não pode jogar fora, tem que comer, come Adriano e Benedito, é pecado jogar fora”. Benedito respondeu que não ia jogar fora e que Adriano estava perguntando por que ele queria levar embora para casa. Odair disse “pode ser também, né? Tomar com leite”. Andréia deu R\$5,00 para ajudar com os custos do panetone e Adriano agradeceu (25).

Sáimos do prédio pois já estava sendo fechado. Já na calçada, Adriano abriu no celular o questionário enviado por Fernanda e começamos a responder, demorou cerca de 5 minutos. Andréia ficou de separar umas fotos e enviar no grupo do aplicativo de conversas para que Adriano juntasse o material e enviasse ao Fórum (26). Enquanto isso, Odair se despediu e Benedito também. Andréia e Adriano foram embora juntos.

### Diário de Campo XIII

**Data:** 07/11/2018

**Horário:** 16h às 17h

**Local:** Centro Público de Economia Solidária

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (4):** Andréia, Benedito Leandro e Odair

O dia estava ensolarado e com poucas nuvens, fazia bastante calor. Andréia chegou mais cedo e foi até a esquina comprar um lanche para a reunião (1). Depois voltou de mãos vazias, pois o lugar estava muito cheio e a fila do caixa bastante grande. Entrou no prédio, encontrando Odair e Leandro. Enquanto ajeitavam-se nas cadeiras e depositavam seus objetos pessoais sobre a mesa, Andréia comentou que queria muito ter ido à feira hoje comer o hambúrguer que Leandro faz e vende, contudo não tinha dinheiro suficiente e decidiu almoçar no R.U. Leandro contou que agora está vendendo a opção “combo”, ou seja, um lanche mais um cookie (feito por Laura, sua namorada), sai por R\$10,00. Andréia perguntou como estão indo as vendas e Leandro disse que tinha ficado mais fraco nesse período e os dois concluíram que a causa poderia ser o fim do semestre (momento em que os/as estudantes ficam mais envolvidos/as com provas e trabalhos) (2).

Andréia perguntou se os dois tinham vindo à reunião do Fórum ontem, Leandro respondeu que não e Odair que sim. Andréia perguntou como tinha sido e Odair respondeu: “ah fala um monte de coisa, não dá nem pra marcar de cabeça, o coiso veio, o Bene..., o Benedito, ele marcou tudo no caderno”. Andréia questionou se ele lembrava de algo e ele respondeu: “ah num lembro, ixi, tava falando de outro projeto, das barracas, que vai ter na praça XV alguma coisa, algum cantor” (3). Leandro disse “ahhhh, o Chorando Sem Parar, ixi dá pra fazer o rolê dos hambúrguer lá mano, vou dar uma olhada, alguém tem o contato direto com aaa, como é que chama, aquela que veio conversar com a gente do NuMI? Aquela senhora, a mais velha”. Andréia comentou o nome e ele concordou. Andréia comentou que não era com ela que Leandro deveria falar, o que ele deveria fazer é participar das reuniões do Fórum e se envolver a partir dali. Andréia relatou que o Chorando Sem Parar é promovido pelo Contribuintes da Cultura e que eles convidam as pessoas envolvidas com Economia Solidária, por meio do Fórum, para montar uma feira no espaço e terminou “aí aqui no coletivo cê tem que falar o que você vende e eles vão decidir se pode entrar, precisa ver se não concorre com nenhum produto”. Odair complementou: “vai ter uma reunião só com eles, pessoal do negócio de barracas aí. Aí falou

que, quando o pessoal for armar a barraca, tem que armar num circulo só porque os visitantes, o pessoal num, uma tá aqui, outra tá ali, outra tá lááááá num sei a onde, porque pra fazer tudo numa reta só, aí os visitantes que vai olhar, que a gente vai olhar, num precisa ficar rodando” (4).

Andréia comentou que o ofício escrito por Leandro havia ficado muito bom e ele agradeceu. Andréia comentou que o nosso pedido será aceito e que precisaríamos entregar as atas (5). Nesse momento ela ficou em dúvida sobre quais documentos precisaríamos entregar, então levantou-se e foi até a secretaria perguntar ao funcionário. Enquanto esteve lá, Odair e Leandro ficaram em silêncio, Leandro ficou no celular e Odair ficou olhando os objetos que compunham o espaço. Andréia retornou após 2 minutos e continuou o assunto, como se não tivesse se ausentado: “precisa de ata dos últimos 6 meses, mas pode ser tipo duas por mês, então vão ser 12 atas”. Andréia perguntou sobre o caderno do grupo e Leandro respondeu que estava com ele. Andréia sugeriu tirar xerox do que tinha no caderno, já que tínhamos feito todas as atas lá e que o resto poderíamos lembrar com auxílio dos Diários de Campo dela.

Também precisariam entregar portfólio com as atividades que feitas (que seriam um conjunto de fotos datadas e com legenda). Andréia perguntou se tinham fotos e Leandro respondeu que a Fernanda tinha tirado algumas fotos das entregas para colocar na rede social. Lembrou que haviam tirado fotos com o celular e que também poderiam ter algo. Refletimos se seria necessário fazer isso juntos/as, em reunião. Adriano adentrou a sala nesse momento e gritou “ooouuuu”. Paramos de conversar para recebê-lo (6d). Adriano cumprimentou Leandro com um aperto de mão e depois com um abraço e fez o mesmo com Odair. Andréia tentou imitar o cumprimento que ele havia feito nos dois rapazes, mas nela Adriano preferiu dar um beijo, o que causou um impasse nesse momento. Depois os dois repetiram a forma como Adriano havia cumprimentado Leandro e Odair. Andréia disse “então é isso pessoal, a reunião acabou, obrigada” e todos/as riram. Andréia falou que pensou em trazer o lanche hoje, mas que foi ao mercado indicado por Adriano na última reunião e tinham 15 pessoas na filha do caixa e apenas 1 atendente e como já estava em cima da hora e ela poderia se atrasar para chegar à reunião, desistiu. Adriano disse “ahhh, que pena”. Rimos (7).

Voltamos ao assunto da entrega dos documentos e Leandro sugeriu separarmos a reunião da semana que vem para fazermos juntos/as. Andréia comentou que achava 1h pouco para reunir tudo o que precisava. Leandro sugeriu que poderíamos começar na reunião e terminar em outro lugar, mas Andréia disse que tinha aula quarta à noite e, portanto, não poderia. Contudo, fez a proposição de chegarem mais cedo, ainda que Leandro não pudesse, e começar com quem estivesse e depois Leandro se juntaria. Sugeriu também que a reunião se

realizasse no NuMI ao invés do Centro Público e citou dois motivos: porque o DAES não tem computadores disponíveis para os empreendimentos usarem; e porque ficaria mais fácil para Leandro, que estaria fazendo a feira na UFSCar. Adriano disse que tinha laptop e que poderia levar na reunião, assim teriam mais computadores disponíveis. Andréia disse: “Lá na UFSCar, tem o NuMI lá, mas aí, tipo, a gente fica em dois computadores, você mais um, o Benedito mais um e o Seu Odair também, aí, enquanto um vai pegando fotos, sei lá Odair vai baixando fotos, a gente vai fazendo o portfólio, aí o outro vai fazendo as atas, depois a gente troca também, pra não ficar muito cansativo” (8). Odair perguntou: “O NuMI ééééé....?” e Andréia respondeu: “lá onde encontramos o senhor na ponte do lago e subimos juntos”. Odair lembrou onde era e agradeceu. Rimos (9). Andréia continuou: “pode ser, então? Oh, a gente vai fazer tudo isso na próxima quarta-feira, dia 14”. Leandro comentou que era véspera de feriado e que ele iria viajar à noite, provavelmente depois das 17h. Adriano sugeriu terça à tarde, mas Andréia comentou que tinha aula e que não poderia. Leandro disse: “Você tem aula? Tá bom, vamos manter isso na quarta mesmo, eu vou sair da feirinha lá umas duas horas e já vou direto pro NuMI” (10).

Odair perguntou onde era a feira e Leandro explicou usando como referência a creche, o gramadão e a reitoria da UFSCar. Odair disse que sabia onde era e perguntou o que Leandro fazia lá. Leandro respondeu que está vendendo hambúrguer. Adriano disse que ia tentar ir na feira antes da reunião. Leandro falou pra marcarmos 13h30min na feirinha, assim comíamos e subíamos juntos/as para o NuMI. Rimos. Andréia sugeriu que poderíamos nos encontrar lá, mas que poderíamos deixar como horário oficial 14h no NuMI, assim cada um/a administraria seu tempo e comeria como quisesse (11).

Andréia comentou que ainda não tinha conseguido pegar os orçamentos, mas que tentaria ir na próxima segunda. Leandro leu o papel e perguntou “Ciclocomputador? O que é ciclocomputador?”. Adriano respondeu: “Ah, é tipo um GPS pra bike, marca velocidade, distância, é não é um GPS, tem aquele, é aquele, sabe aquele pequenininho que você coloca o sensor no pedal? Aí cada volta ele marca, ele marca distância, velocidade, mas os mais modernos têm mais coisas, né?”. Benedito complementou “tem odômetro, marca velocidade média” (12).

Depois de um momento de descontração do grupo, Andréia retomou o diálogo da semana passada, quando foram visitar as salas do DAES em busca de um lugar apropriado para o empreendimento. Andréia comentou que eles haviam visto duas salas, uma maior e outra menor (que seria a metade da que eles estavam nesse momento de reunião). Adriano disse que a maior era do tamanho dessa. Odair disse que tinha uma “grandona”. Andréia comentou que seria importante fazermos o cálculo de depreciação da lista de objetos necessários para o EES.

Precisávamos colocar o preço, quanto tempo duraria e fazer a depreciação (que é o preço dividido pelo tempo que dura, podendo ser calculado em meses ou em anos). Começou a reler a lista feita na semana passada “quadro de recados. Preço?”. Leandro respondeu: “Tem que pesquisar?” e Andréia disse que não, “dá pra ir chutando” (13).

Leandro continuou: “deve, deve... A gente deve conseguir por uns sessenta, setenta reais um desses?”. Andréia e Adriano concordaram. Andréia perguntou quanto tempo dura e Leandro respondeu: “mano, isso aí é coisa de uns dez anos, facilmente” e complementou: “tipo... Vamos tentar medir a vida... Essas coisas que tem vida longa, com dez anos mesmo, não tem muita depreciação, esqueci o nome”. Concordamos. Adriano comentou “é, depende, essas lousas, depende como você, de como usa, né? Tipo, se passar algum produto naquela parte, aí fica riscando, não apaga mais. Aí zoa o quadro. Mas se cuidar bem, dura” (14).

Andréia continuou a lista: aventais. E Leandro questionou qual tipo seria. Andréia respondeu que havíamos pensado em um para manutenção de bicicletas, ou seja, um que protegesse a roupa de sujar, poderia ser um avental ou um macacão. Andréia sugeriu: “uns quarenta reais?”. Leandro perguntou se iríamos comprar quatro ou cinco para o empreendimento e Andréia disse que dificilmente teriam cinco pessoas trabalhando juntas na manutenção das bicicletas. Leandro então sugeriu dois. Adriano disse “acho que três vai! Tem um de reserva porque tipo... Se precisar lavar... Na verdade, ah! O ideal quatro porque vai estar dois em uso, sabe? Aí de tempos em tempos a gente vai ter que tirar pra lavar, aí...”. Conversamos mais um pouco e decidimos colocar quatro mesmo. Andréia fez a conta: “dá quanto? Quatro vezes quarenta...”; Leandro respondeu: “cento e vinte”; Andréia: “não, cento e sessenta, né?”; Leandro: “cento e sessenta! Não foi que eu falei?”; Andréia: “não, você falou cento e vinte”; Leandro: “e quanto que é?”; Andréia: “cento e sessenta. O que eu falei?”. Rimos (15). Andréia retomou perguntando quantos anos durariam os aventais. Odair comentou: “essa capa que eu tô aqui já tá rasgada”. Leandro disse “dois anos?” e ele respondeu “Oxe, nem isso, dois anos”. Adriano ponderou: “nem isso! Acho que um ano, mas como é dois... É um reserva né?”. Decidimos que durariam dois anos.

Andréia falou o próximo item: botas de manutenção e perguntou quantos pares iríamos precisar. Achamos que quatro pares era o suficiente. Quando começamos a discutir o preço, percebemos que estávamos falando de tipos de calçados diferente, então Andréia perguntou: “qual bota a gente pensou?”. Adriano respondeu: “ah essas, acho que é essas botas de segurança que vende nessas casas de segurança, que tem uma biqueira reforçada, sabe? Aí tem vários modelos né?”. Andréia questionou se precisaríamos desse tipo de bota e Adriano respondeu: “ah é... Você precisa de um calçado fechado pra trabalhar né?”. Nesse momento a



reunião foi interrompida pela chegada do Benedito, já 25min atrasado. Benedito informou que se atrasou porque foi levar a bicicleta de uma amiga para arrumar e demorou mais do que ele queria. Adriano brincou “ah, cheio das desculpas, essa galera que chega atrasada...” e Benedito interrompeu sorrindo: “você quer ver o recibo do conserto?”. Rimos. Benedito se desculpou pelo atraso e sentou, colocando a mochila e o capacete no chão (16d). Leandro comentou que queria tirar algumas dúvidas com Benedito e perguntou se ele poderia falar um pouco no fim da reunião. Benedito concordou (17).

Andréia disse que queria saber dos informes do fórum também, mas que depois voltaríamos a esse assunto, para não interromper o processo da reunião. Respirou fundo e disse: “botas! Então quanto custa? Mas essas de segurança não precisa ter quatro”. Adriano respondeu “não, dois pares” e Odair repetiu “dois pares”. Andréia questionou: “mas tem que ser vários números daí, né?”. Entramos no impasse da necessidade de ter ou não as tais botas. Então, Adriano reforçou: “é bom pra trabalhar com isso assim, numa oficina, mesmo que não seja pra gente pedalar, é bom você tá calçado né? É o certo. E aí, não sei, para não depender de cada um ter o seu tênis assim, sei lá! Acho que... E sabe, você vai num lugar que você vai trabalhar que se exige que tenha um calçado, e é por causa que ele tem um bico reforçado. Porque às vezes você vai mexer com alguma peça pode cair no pé e não-sei-o-que. É questão de trabalho assim. Segurança de trabalho”. Concordamos com Adriano. Andréia perguntou novamente quanto custava. Leandro disse: “EPI [Equipamento de Proteção Individual] geralmente não é caro, né, mano?” e Adriano complementou “não, mas o certo é... É ser ó EPI: Equipamento de Proteção Individual, tem que ter um pra cada um, é individual”. Odair disse: “se for desse que eu tenho aí é a base de uns trinta. Viu? Se não for bota, se for desse que eu trabalho, que eu tô, usando... É uns trinta, quarenta”. Andréia perguntou quanto cada um calçava: Odair 40; Adriano 39, Leandro 42/43 e Benedito 41. Adriano disse de novo: “tem que ter uma bota pra cada um”. Concordamos, decidimos que compraríamos cinco botas. Odair disse que achava que custava R\$35,00 e decidimos que durariam dois anos. Odair finalizou: “se for bico de ferro: um ano, dois anos, três anos. Depende do uso”.

O próximo item foi luva de manutenção, que assim como as botas, concluímos que deveria ter um para cada participante. Adriano comentou: “tem que ser individual e tem que ter um repositório, porque é uma coisa que você vai gastar bastante. Suja de graxa” (18). Leandro comentou: “essas luvas também é tipo... Dez, quinze reais também. Não são muito caras”. Adriano disse que achava que as luvas custavam menos do que R\$10,00 e Leandro disse: “sério? Mas elas não são tão descartáveis assim mano, mas tipo dura bem pouco tempo. Tipo, acho que não deve durar seis meses quase”. Depois disso, seguiu-se o diálogo:

Leandro: Essa daí tem... Tipo, eu sei que ela é uns vinte e cinco reais mais ou menos na época em que eu trampava...

Andréia: Cada uma?

Leandro: É, cada... Cada par.

Andréia: Vinte e cinco?

Leandro: É, mas elas duram mais daí. São um pouco mais reforçadas.

Andréia: Tá! Quanto?

Adriano: É, mas tem aquelas mais simplesonas, que dura menos e...

Leandro: Coloca uns dez.

Andréia: Dois meses.

Leandro: Dois meses? Não, conta mais tempo: Uns seis meses vai!

Andréia: Não, seis meses é muito.

Leandro: Você acha que é muito?

Andréia: Uns três meses.

Leandro: Tá.

Adriano: Tá.

Andréia: Quatro, vamos fechar em quatro meses.

Benedito: Todo mundo de acordo?

Concordamos balançando a cabeça e fazendo algumas caretas (19). Andréia perguntou: “então, a cada quatro meses a gente tem que ter quantas luvas?” e Leandro respondeu: “então, mas aí a cada cinco meses você compra cinco luvas. Entendeu, a gente não vai comprar, não vai nesses... Nesses quatro meses não vai gastar dez luvas. Conversamos sobre ter mais pessoas no empreendimento e que seria importante ter mais luvas, caso alguém perdesse. Adriano completou que elas sujam muito de graxa e rasgam fácil, então dez seria um bom número.

Odair interrompeu o assunto para contar que um cachorro o perseguiu no kartódromo e que lá não tinha chovido (houve enchente na cidade no dia anterior). Benedito comentou que ficou preso no mercado e Odair quis saber qual. Andréia chamou a atenção dos dois para que retornassem à atividade proposta e disse “please”. Odair disse “ixe, daí que eu não entendo mesmo” e comentou que passou um cara falando inglês no kartódromo esses dias. Rimos (20). Andréia retomou dizendo “mapa turístico vai, quanto custa um mapa turístico?” e discutimos se seria dois ou cinco reais. Adriano disse que com dois reais não compraríamos nem bala hoje em dia e concordamos que poderia custar dez (sugestão do Leandro). O mapa ficaria pregado na parede, então poderia durar até dois anos. Adriano comentou que queria um

para a parede do quarto dele, pois tinha achado a ideia boa. Achamos que seria necessário ter um mapa da cidade de São Carlos também, para ajudar na visualização das rotas. Leandro disse “pode por” e Andréia brincou “pode por, ou pode pá?”. Rimos. Leandro perguntou qual seria a diferença entre o mapa da cidade e um mapa turístico. Andréia comentou que o mapa da cidade descrevia ruas e bairros, enquanto o turístico marcava os pontos mais interessantes para se visitar, não tendo a preocupação de marcar as ruas (21).

Sofá. Leandro disse que podíamos pegar um abandonado na rua e colocar no empreendimento. Rimos. Andréia sugeriu comprarmos na loja de móveis usados e Leandro disse que já comprou um usado por R\$120,00, mas que ele havia quebrado fácil. Concordamos que poderia custar aproximadamente duzentos reais e que duraria cinco anos. O próximo tema foi “almofadas”. Benedito sugeriu comprarmos uma para cada (rimos) e brincou “a gente vai chegar e vai ter um armário gigante com as mesmas peças, só que individualmente”. Odair completou “compra tudo essas coisas tem que ser uma sala bem grande heim ô”. Benedito disse que também estava achando. Andréia disse que eram almofadas para ficar sobre o sofá e concordamos em comprar quatro por R\$60,00 e que elas durariam o mesmo que o sofá, cinco anos. Odair disse que almofada dura bastante e que só estragaria se rasgasse. Leandro finalizou “precisa criar um ambiente aconchegante, né?”.

Televisão. Adriano disse: “Ah televisão? Cê tá falando sério? Televisão? Por quê?”. Andréia respondeu que apenas estava lendo a lista que havia sido feita anteriormente, que também tinha outros itens, como geladeira e armário. Adriano disse que geladeira estava correto, para guardar comida, mas que achava desnecessário ter televisão. Odair emendou “não precisa ter muita coisa não, o certo não é compra muita coisa não, gente, assim não, nesse negócio não, a num ser mais pra frente nós mesmo comprar uma televisão, mas” e foi interrompido pela fala do Benedito “acho que televisão a gente falou brincando” e depois Leandro “se tiver um computador ali já é suficiente, no máximo, sei lá, se tiver uma televisão sobrando” (22). Benedito complementou “ou pode ser um jornal do dia, assim”. Concordamos em retirar a televisão da lista. Adriano disse “pô veio, uma assinatura de um jornal é massa” e Benedito falou que hoje em dia as pessoas se informam só pelas redes sociais.

Geladeira, Leandro sugeriu que poderíamos pagar algo em torno de duzentos reais em uma usada, Adriano concordou que poderíamos pagar esse valor por uma geladeira mais simples. Andréia sugeriu um frigobar, mas Leandro disse que seria mais caro. Andréia questionou e Adriano respondeu: “porque é mais difícil de achar, tipo, geladeira tem um monte, um monte de marca”. Sobre a duração pensamos que se pegássemos uma usada duraria cinco anos. Leandro disse “na verdade era pra reger dez anos mais ou menos”, Adriano “pode por

dez, é que a gente já vai pegar ela usada, então já vai ter cinco anos de uso”, Benedito “acho que nada dura dez anos hoje em dia” e Adriano emendou “nem a gente vai durar dez anos” (23). Ficamos em silêncio após o comentário de Adriano.

Armários. Pensamos em um menor para guardar as entregas e dois maiores para guardar peças, equipamentos, roupas e itens pessoais. Para o menor, Leandro sugeriu duzentos reais. Benedito falou que dava para achar mais barato. Odair disse que poderia ser um pequeno, com partições, pois já caberia muita coisa. Leandro contou que um amigo dele já achou um por cem reais. Benedito disse que é difícil achar um grande por cem. Concordamos que custaria duzentos e que duraria dez anos. Adriano brincou que se um dia entregássemos bigornas, o armário duraria menos. Rimos. Os maiores decidimos que custaria em média trezentos reais cada um. Andréia fez a conta em voz alta “Trezentos vezes dois dá?” e Leandro respondeu “Seiscentos”. Nesse momento ouvimos o barulho de um porco na casa vizinha e Odair reparou “caramba, tem até porco aí, tem galo”. Rimos (24).

Potes para as peças. Decidimos que poderiam ser potes de sorvete mesmo e que arrumaríamos. Adriano disse: “acho que a gente podia ter um valor, que nem, não vamos colocar que precisa colocar lápis, quanto que é, quanto cada lápis, borracha, quantas borrachas, tipo, material de escritório, isso daí podia entrar dentro de material de escritório, tipo, se tem um armário de equipamentos, daí tem a compra dos equipamentos, então, dentro dos equipamentos tem as máquinas discriminadas certinho, né?” (25). Andréia comentou que para itens pequenos como materiais de escritório poderíamos aglutinar em um valor mensal, mas que no caso das ferramentas era bom listar uma por uma.

Quadro de cortiça. Benedito disse que poderia custar cinquenta reais. Andréia disse que tinha um desde a adolescência e que esse tipo de quadro durava muito.

Mesa para as refeições. Andréia sugeriu uma mesa dobrável, para otimizar o espaço e Adriano disse que o principal era o espaço para trabalhar com as bicicletas, sobrando, poderíamos colocar uma mesa fixa. Odair afirmou que se pegássemos a sala grande, caberia tudo. Adriano brincou que caberia até uma mesa de pingue-pongue e Odair disse que caberia até três ou quatro camas. Adriano falou “dai vamos morar aqui”. Rimos (26). Andréia retomou perguntando quanto custaria uma mesa de madeira. Benedito disse que madeira era mais caro do que as de ferro. Odair retomou a piada “aí da hora do meu serviço eu ia dormir pra cá” (27d). Benedito disse que uma mesa de ferro custaria uns duzentos reais. Pensamos que talvez uma de plástico fosse mais barato. Andréia percebeu que Adriano estava desenhando em um documento (o papel dos orçamentos!). Benedito disse “chega atrasado e ainda faz isso?”. Adriano disse que estava escrevendo um item importante que ainda não tinha: capas de chuva. Andréia disse

que tinha e mostrou para ele onde. Adriano apagou o que tinha feito e devolveu o papel (28d). Retomamos o assunto da mesa e decidimos que compraríamos uma de plástico, que custaria R\$150,00 e que poderia durar cinco anos.

Ganchos para bicicleta. Leandro perguntou o que era e Odair respondeu “o que pendura o quadro da bicicleta”. Benedito disse que conhecia um de prender a roda e Odair disse que tinha os dois (29). Benedito disse que deveria ser caro e Andréia respondeu que era só um gancho, poderia ser um de ferro comum, sem precisar ser um muito elaborado. Consideramos que precisaríamos de quatro ganchos e que eles durariam mais de dez anos. Benedito perguntou: “a gente vai ter serviço de manutenção também? De as pessoas vem aqui que tem problema e a gente conserta e ganha um dinheiro com isso?”. Adriano respondeu “acho que podia, acho que sim, né? A gente vai ter toda essa estrutura aí meu, pô”. Andréia comentou que já havíamos discutido amplamente essa questão e pediu mais atenção às atividades (30d).

Andréia disse “bancada”. Benedito completou “bancada ruralista” e Adriano respondeu “não queremos”. Rimos. Andréia disse que essa não queríamos mesmo (31). Depois conversamos sobre o preço, e Andréia sugeriu R\$700,00. Todos concordaram e pensamos que duraria 10 anos.

Suporte de manutenção. Benedito disse que isso era caro e achava que custava uns mil reais. Adriano disse “nossa caro, veio”. Benedito disse que já tinha ido em uma bicicletaria perguntar e que eles tinham falado esse valor, mesmo tendo mandado fazer. Odair comentou que na bicicletaria do bairro Antenor tinha um que pendurava o quadro da bicicleta. Adriano disse “nossa, mas eu já fiz cada gambiarra que deu certo, tinha corda, cadeira, num lugar para amarrar em cima”. Benedito disse que tinha visto um esquema de roldanas com corda para segurar a bicicleta. Adriano disse que já amarrou na corda, mas que ela ficava com balanço. Também já apoiou em dois cavaletes com um pedaço de pau no meio e disse que tinha dado certo (32).

Máquina de cartão. Leandro disse “tá cento e dezoito reais hoje, uma máquina de cartão com chip já, você num precisa de celular, que ela já tem acesso a internet de graça, sem mensalidade, daí o que acontece é que ela vai cobrar, vai tirar uma porcentagem do, do valor que passa, tipo é bem pequeno mano, tipo, sei lá, o lanche lá é oito reais e ela tira vinte e cinco reais, vinte e cinco centavos de cada lanche”. Rimos e fizemos algumas piadas por Leandro ter confundido e dito que a máquina cobrava vinte e cinco reais por cada lanche (33). Achamos que a máquina duraria dois anos, pois ficaríamos andando com ela na bicicleta e isso faria com que depreciasse mais depressa. Andréia perguntou se compraríamos uma só. Adriano disse que poderíamos começar com uma e comprar mais conforme iam aumentando as entregas.

Andréia sugeriu colocar duas no começo, pois uma podia ficar no empreendimento para receber os valores das manutenções e roteiros turísticos e a outra sairia para as entregas.

Calculadora. Achamos que custava R\$30,00 e que duraria cinco anos.

Fruteira. Benedito disse que isso era barato, fechamos em R\$20,00 e que duraria cinco anos.

Vaso de flores. Odair disse: “Eiaí, pára Andréia, pra que ponhar essas coisas? Ei ou, pra que essas besteiras aí?”. Adriano disse que custava R\$10,00 já com as flores. Leandro respondeu: “você quer chegar num lugar escuro e cheio de graxa, seu Odair?” e Benedito “precisamos de um ambiente agradável para trabalhar, uma casinha”. Adriano respondeu “quando tiver pronto isso daí, vou parar de pagar aluguel” e Odair “nem vou dormir na minha casa”. Ficamos um tempo brincando com essa ideia e rindo (34). No fim Odair deu um peteleco no braço de Adriano, uma mania que ele tem quando dá risada de algo e Andréia pediu “Odair, não bate, dói quando o senhor faz isso”. E ele respondeu “Dói? Dói nada”. Adriano disse que não tinha doído, mas concordou que era desconfortável. Odair disse que não ia fazer mais (35). Andréia retomou o assunto, dizendo que os supermercados vendem flores bonitas por R\$30,00. Adriano disse que dava pra plantar as flores e Leandro comentou que mesmo assim teríamos que comprar vaso, terra, muda. No fim combinamos de deixar R\$50,00 por ano para comprar flores. Andréia sugeriu plantar uma trepadeira na parede, assim quando os/as clientes entrassem a sala seria cheia de plantas. Leandro disse que seria incrível e relembrou o paredão verde feito por Dória em São Paulo e que não tinha dado certo, pois as plantas morreram em pouco tempo por falta de água. Pensamos que seria um problema regar dentro da sala e voltamos à ideia do vaso (36).

Toalhas de banho. Adriano perguntou se ia ter chuveiro para banho, o que seria excelente já que eles trabalhariam com entregas e chegariam suados. Andréia sugeriu colocarmos um chuveiro na lista. Concordamos. Leandro disse que as toalhas poderiam custar R\$50,00 e completou “a gente, eu e a Laura tá guardando dinheiro maior tempo para comprar umas toalhas novas lá em casa” (37). Discutimos quanto tempo duraria e Benedito disse que dependeria da qualidade da toalha, mas que uma de cinquenta poderia durar perto de cinco anos. Combinamos que teríamos que comprar dez toalhas para que cada um/a tivesse a sua.

Toalha de mão. Benedito disse que custava vinte reais, dez toalhas. Discutimos o tempo, Leandro disse cinco anos e Odair disse “acho que num dura, num dura, num dura não, lá em casa teve que trocar, comprar nova, que eu vou usando, vai lavando, né?”. Decidimos que duraria três anos.

Chuveiro. Leandro disse que custava oitenta. Benedito disse que durava dois anos. Leandro disse que não, que durava mais e o que não durava, na verdade, era a resistência. Andréia sugeriu cinco anos e Leandro concordou. Fomos interrompidos por um funcionário do DAES que nos avisou que estavam fechando o prédio. Benedito disse que para durar cinco anos seria um mais caro que oitenta reais, custaria cento e vinte ou mais.

Andréia finalizou a reunião, disse que nos veríamos na próxima quarta e Adriano disse “vou falar pro Benedito [o que combinamos]”. Leandro interrompeu perguntando os informes da última reunião do Fórum e Andréia disse “espera, deixa o Adriano contar da reunião” e Adriano continuou “o próximo vai ser lá na, no NuMI, a gente quer fazer, mas a gente quer se juntar, fazer as atas, fazer outras coisas, por que daí com os computadores lá, eu vou levar meu note também e a gente vai fazer as atas, o que mais que a gente vai fazer? Vamos fazer várias coisas na real”. Benedito perguntou se já era para levar algo pronto e Odair respondeu: “a gente vai fazer tudo lá, é pra tá duas horas lá” (38). Adriano perguntou se Benedito tinha aula na próxima quarta e ele respondeu que sim, mas que começava às 16h (39). Leandro comentou que era véspera de feriado e que ele iria viajar, por isso tínhamos marcado mais cedo.

Fomos guardando as coisas e saindo, Andréia comentou que achava que seu bilhete da área azul estava vencido, Adriano disse que dava pra colocar mais moedas quando acabava o tempo, Leandro disse que era muito caro. Falamos mais algumas trivialidades até chegarmos ao Fusca da Andréia. Benedito ainda precisava dar o informe da reunião do Fórum, então não nos dispersamos, ficamos todos/as juntos/as na calçada, ao lado do carro da Andréia.

Benedito começou os informes: temos que responder um questionário até dia 09/11 com as informações do empreendimento para compor o novo site da prefeitura. Contudo, Adriano já tinha feito isso na semana passada. Também foi discutido sobre um ônibus que levaria pessoas dos empreendimentos para uma feira de artesanato (nós não iríamos). E no final deram um manual para cada grupo que continha todos os empreendimentos de São Carlos, com nome, foto e pequena descrição. Benedito disse que tinha os CicloPedaleiros, porém a foto era antiga, com Andréia, Leandro, Odair e outras pessoas (40). Benedito relatou que no final da reunião uma senhora o abordou para dizer que o sobrinho, menor de idade, sempre andava de bicicleta sozinho e perguntou se ele podia pedalar junto com a gente. Benedito respondeu “ó a gente não é um grupo que pedala por lazer, né, a gente também pode fazer isso, mas a gente faz um serviço de entrega, daí eu falei ó, se você precisar, perguntei ‘o que você faz?’, daí ela ‘ah eu faço artesanato’ eu falei ‘se você quiser entregar em algum lugar a gente pode entregar, a gente cobra um valor e entrega’, daí ela ‘ah que legal’, aí ela queria o telefone, tanto que eu

fiquei perguntando lá no grupo, daí eu não sabia e não passei pra ela” (41d). Nesse momento Andréia, Leandro e Adriano falaram juntos/a sobre o chip que havíamos comprado e que possivelmente já estaria cancelado por falta de uso. Leandro disse que o chip estava com ele, mas estava fora do celular (a Fernanda havia emprestado um celular pra gente colocar o chip, mas não era sempre que Leandro lembrava de carregar a bateria) (42d). Andréia comentou “ou a gente tem um chip do empreendimento ou a gente não tem, porque não adianta ter e ficar desligado, tipo, o telefone está em vários lugares, tá no site”. Combinamos que Leandro, ao chegar em casa, ligaria o celular e tentaria fazer uma chamada, caso não estivesse cancelado, iríamos colocar crédito hoje mesmo (43). Leandro perguntou se eles falaram algo sobre o festival Chorando Sem Parar, mas Benedito disse que não teve esse assunto na reunião. Benedito também disse que tinha uma comissão que ele não sabe para que serve, mas que tinha que ter um representante de cada empreendimento. Adriano disse que achava que isso tinha a ver com a feira da Economia Solidária que ocorre na Praça XV aos domingos. Comentamos que teríamos que nos informar sobre isso, para saber se precisaríamos entrar na comissão ou não (44). Benedito disse que tinha anotado tudo, mas que o papel estava na casa dele (45d). Andréia finalizou “ó, eu vou pedir um favor para você, então, é, cê pode chegar na sua casa, vê o que você anotou e mandar um áudio pro grupo? Porque o Fórum é o nosso principal objetivo agora, saber o que tá acontecendo lá, onde que a gente pode se colocar, o que foi feito, sabe? Então é importante, sei lá, pega suas anotações e vai falan... mesmo que você já tenha falado pra gente agora, põe lá no grupo, que é uma coisa também que a gente pode acessar, tipo ‘ah, vamos ver o que foi falado na reunião do dia tal’ daí tá lá no grupo, mas pode ser um áudio simples, não precisa ser nada”. Concordamos (46).

Leandro pediu ajuda a Andréia para arrumar a regulagem da sua marcha, enquanto isso os demais se despediram. Odair disse que precisava voltar pra casa e já estava tarde. Adriano e Benedito foram juntos. Andréia e Leandro ficaram ajustando a bicicleta dele (47).



## Diário de Campo XIV

**Data:** 21/11/2018

**Horário:** 16h às 17h

**Local:** NuMI-Ecosol/UFSCar

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (3):** Andréia, Adriano e Leandro

Decidimos fazer a reunião no NuMI para Leandro conseguir participar, pois ele estava vendendo hambúrguer na feira de Economia Solidária que acontece todas às quartas-feiras no horário do almoço na UFSCar e também porque no Núcleo tinham computadores disponíveis para a atividade de hoje (1). Andréia já estava lá quando Adriano chegou pedalando sua bicicleta. Depois de travá-la do lado de fora do departamento, entrou e cumprimentou Andréia. Depois saiu e foi beber água e também ao banheiro. Enquanto isso, Leandro chegou, veio a pé da feirinha.

Andréia informou que Odair avisou que não iria, porque estava com fome. Adriano disse “é, acho que num é por causa de fome, acho que é mais, é pra além disso, sabe? Num pode vim acho que, ah pela dificuldade acho que de chegar aqui, de sei lá, do horário dele. Eu acho assim, isso também é uma pauta, pra gente discutir o local da reunião, sabe? Acho que aqui é mais fácil para você [Andréia] e para o Benedito, cê tá bastante aqui e o Benedito tá no dia que tem a feira, ou o Benedito não, Leandro! O dia que cê tá aqui já, o Benedito também porque ele estuda aqui também, mas não sei”. Rimos porque Adriano confundiu o Leandro com o Benedito (algo que o Odair sempre faz). Andréia disse que as reuniões tem sido no Centro Público de Economia Solidária e lembrou o motivo pelo qual estávamos, excepcionalmente, realizando a reunião na UFSCar “é pontual, só porque a gente tá num momento do plano de negócios que precisa de computador”. Combinamos de voltar a fazer no DAES na próxima semana (2).

Andréia informou que não poderia estar presente na próxima, mas fomentou que eles fizessem a reunião sem ela. Depois sugeriu que poderíamos fazer no Kartódromo na quinta á noite. Leandro disse que iria viajar na quinta e na sexta, mas que tudo bem fazer a reunião sem ele. Adriano disse que quinta não era um bom dia para ele também e completou “o que é importante acho, de estar todo mundo, que vai ser outra pauta, do cara que vai vir do Giro Sustentável [empreendimento de cicloentrega de São Paulo] na semana de Economia Solidária, isso é legal, se todo mundo puder tá meu, nesse encontro com ele, não sei exatamente que dia

ainda, né? A gente precisa ver a viabilidade, se vai vir mesmo, que já é logo também né?”. Andréia disse “a gente podia ver com o Benedito, porque ele é de São Paulo, se ele consegue ir lá um dia e acompanhar o cara meu, sei lá, um dia, porque imagina o quanto esse cara já não tem de experiência”. Adriano: “então, tudo bem, acho que acompanhar, acho que é mais saber das ideias assim, acompanhar também é um processo legal, mas se ele puder vir aqui e todo mundo conversar com ele, acho que ele vai sanar várias dúvidas nossas, várias coisas que a gente, pô mais como vocês fazem a cobrança de preço, como vocês chegaram nisso, como vocês se organizam com a parte da comunicação” (3). Andréia “você viu ele falando que patrão é zoadado, que patrão fica com todo o dinheiro” e Adriano complementou “foi por isso que ele saiu do outro negócio que ele tava, que ele falou que em quatro dias ele tira o que ele tirava no mês”, Andréia “ele tira quase quatro mil, mais de quatro mil por mês”. Adriano e Leandro soltaram alguns palavrões e Andréia continuou “eu falei para vocês que dá”. Adriano disse “é real, é porque aqui em São Carlos é mais difícil né, com certeza, que São Paulo, porque aqui as pessoas não valorizam tanto (4). Aqui, é até uma coisa que eu tava pensando, a gente precisa começar, a gente precisa fazer um trabalho forte de conscientização das pessoas, do nosso trabalho, da importância dele, pras pessoas valorizar, pô realmente, sabe? Botar de uma forma que toque as pessoas ‘pô realmente véio, esse projeto, tem que investir, mesmo que pague mais caro que uma entrega, é justo e tô mesmo colaborando com as coisas’, tá ligado? (5). Em São Paulo dá certo porque as pessoas pagam bem, acho que as pessoas valorizam mais lá, porque a entrega que eu fiz agora, conversei isso com a consumidora [que pediu para buscar remédio na farmácia e entregar na casa dela], né, e ela deu uma ideia da gente ir no Sebrae, mas uma das coisas que ela falou é isso, é a valorização sabe? Porque ela falou ‘ó, se não fosse vocês, o que eu ia ter que fazer? Ou eu ia ter que pegar um ônibus, e aí ia gastar mais, um ônibus pra ir e outro pra voltar, fora o tempo que eu ia perder de ficar esperando o ônibus, ou pagar um taxi’ ou seja, as outras opções que ela tinha, mano, sai muito mais barato a entrega, cinco reais, tipo, ou seja, ela falou ‘mesmo que vocês tenham que cobrar a mais, mas fazer o negócio acontecer’, sabe? E se for ver, é isso mesmo, qual que é a outra opção das pessoas? Porque a gente se compara muito com a moto, né? Com a entrega de moto, que você viu o caso de pizza, a gente tá competindo diretamente com um motoboy, só que a gente tem que chegar em mercados que não tem muito a opção do motoboy, que acho que é mais as pessoas pagam cinco reais, chega muito mais rápido, mas colocar isso, meu, se você tivesse que sair da sua casa e ir no mercado buscar essa compra, quanto tempo você ia gastar? Quanto de dinheiro você ia gastar se tivesse que pegar ônibus” (6).

Andréia procurou o site da Giro Sustentável [Cooperativa de Entregas Sustentáveis e Serviços Associados, Executados de Bicicleta] e quando abriu começamos a falar do site, ler as informações e visualizar os vídeos disponíveis. Nas fotos aparecia uma bicicleta equipada com caixa na frente, algo que nunca havíamos pensando em fazer. Também notamos que levavam os produtos: amarrado às costas com rede de moto; no suporte da frente ou de trás; carreta acoplada, entre outros. Adriano disse que eles estavam começando a projetar bicicletas específicas para entrega, com carreta integrada. Também vimos uma bicicleta elétrica alimentada por painel solar fixo entre o banco e o bagageiro (7). Havia uma foto de uma carreta de ferro com o seguinte descritivo:

“Ontem tivemos o prazer de conhecer o Juliano Pappalardo no "MobLab" Laboratório de Mobilidade da Prefeitura de São Paulo. Ele nos apresentou seu projeto, uma caretinha para bicicletas o "Reboque Borboleta", multiuso e de fácil acesso, podendo ser produzida, com um custo reduzido, por qualquer serralheiro, em qualquer canto do planeta!”

Adriano comentou: “Mano, dá pra nós fazer uma parceira aqui dentro da universidade né? Com o pessoal da engenharia mecânica, pros caras fazerem uma caretinha pra bike, seria legal”. Leandro disse que ia seguir a página. Ficamos mais um tempo vendo e comentando as fotos (8).

Leandro contou que haviam solicitado a ele o transporte de um bolo de aniversário confeitado e, como estava com medo de carregar algo tão frágil, nos perguntou qual seria a melhor forma de acomodar o bolo para realizar a entrega. Adriano disse que ele poderia colocar dentro de uma caixa firme e anexar ao bagageiro. Leandro falou que pensou em acomodar dentro de uma mochila e colocar a mochila no bagageiro com algum calço. Adriano sugeriu levar a mochila nas costas, pois com o corpo amortecemos mais o impacto. Leandro disse que o bolo não caberia na mochila em pé, pois o fundo dela é estreito. Andréia sugeriu para Leandro usar a mochila de carregar pizzas, que havíamos emprestado de um amigo do Adriano para realizar algumas entregas de marmitas veganas. Leandro disse que era uma boa ideia, mas que de todo jeito necessitaria de um calço. Adriano sugeriu fazer o calço com espuma. Andréia comentou que nossas articulações absorvem mais impactos do que o sistema de amortecimento da bicicleta e que, nesse caso, carregar o bolo nas costas seria mais indicado. Leandro concordou e decidiu fazer a entrega com a caixa de pizza. Andréia perguntou se essa mochila era desconfortável e Leandro comentou que não, que cabem cinco pizzas e que fica confortável nas costas (9).

Andréia perguntou se eles gostariam de entregar em pizzarias. Leandro respondeu: “eu não tenho muita vontade não, de pedalar à noite”. Adriano respondeu “então, esquema nosso das entregas de bike, tem a questão da distância, não sei o que e pizzarias entrega para regiões bem abrangentes, assim, não sei se tem umas mais locais, porque a pizzaria, é um, é um, é então, e pizzaria é um ritmo meio frenético, assim, é mais acelerado, assim, cê vê os motoboy, maaaanooo, não se a gente consegue, não é que não é vontade, não sei se cabe a gente, sabe, se já tem os motoboys, se já faz esse serviço nesse acelero, porque a pizza sai direto, e muitas vezes é abrangente, não sei”. Leandro disse que poderia funcionar se fosse uma pizzaria menor ou algo ligado à Economia Solidária e que “as pizzarias que funcionam, sei lá, com esse intuito mais de arrecadar grana o máximo possível não rolaria pra gente não”. Adriano finalizou dizendo que tinha vontade, mas que precisaria ver a viabilidade mesmo. Ficamos de pensar melhor sobre a questão depois (10).

Leandro disse que o dono de um supermercado do Jokey Clube entrou em contato por ligação telefônica querendo fazer uma proposta para as cicloentregas. Andréia perguntou se Leandro já sabia qual seria a proposta e ele respondeu que não, pois a conversa pelo telefone havia sido bem rápida, mas que ele havia combinado de ir lá amanhã (11). Consideramos que essa poderia ser uma boa oportunidade para Odair, pois parecia ser algo fixo (12). Leandro disse ainda que ele comentou algo sobre “2 mil entregas por mês e setenta reais”, mas que ele não tinha entendido direito. Fizemos uma conta rápida: trabalhando 20 dias a R\$70,00, sairia R\$1.400,00 por mês para 2 mil entregas, o valor da entrega seria de R\$0,70. Adriano achou incoerente esses números, porque, por essa conta, seriam 100 entrega por dia. Leandro riu e disse que se cada entrega tivesse 2km pra ir e voltar, seriam aproximadamente 200km em um dia. Rimos. Leandro afirmou que iria conversar com o dono amanhã para compreender a proposta. Andréia sugeriu de Odair ir junto, assim, já participava da negociação. Adriano sugeriu negociarmos um período de testes da proposta apresentada, pois seria certo que o tal dono do supermercado quisesse fechar diárias de trabalho, ou invés de pagar por entrega. Fazendo o teste por uma semana, poderíamos identificar se seria um valor justo, comparado ao da nossa tabela (13). Leandro disse: “caramba meu, precisava de mais alguém lá, mano, eu não sei, eu vou... seu Odair, mano, não não, eu não sei, mano, tipo eu tenho a impressão que vou falar ou fazer alguma coisa errada, mano”. Andréia perguntou “Por que?” e Leandro continuou: “deeee, eu não sei, eu não sei qual que é a mentalidade desse cara aí, de repente vai que ele já chegue lá com uma ideia fixa na gente, mano, e eu sou muito manso para esse tipo de ideia, é muito capaz de eu aceitar muito rápido, assim, as coisas”. Andréia disse “mas calma, você não vai aceitar nada sozinho, cê tá lá representando um grupo, então tudo que

ele falar, você fala ‘legal, eu vou falar com o grupo; ah legal, preciso falar com eles; ah então a gente conversa e te dá um retorno’, porque não dá pra decidir nada amanhã”. Leandro concordou e disse que poderia ir com Odair. Andréia perguntou se ele tinha certeza e ele respondeu que sim (14).

Durante a semana, Andréia enviou um arquivo para Adriano contendo os tópicos das atas que ela tinha nos Diários de Campo e Leandro complementou com os escritos no caderno. Depois Adriano pegou tudo isso e terminou de redigir o documento que seria entregue para o conselho de Ecosol (15). Andréia elogiou o trabalho e parabenizou o esforço de Adriano para finalizar o documento (16). Adriano disse: “mas já tinha bastante coisa feita lá, eu até me surpreendi, achei que ia ter que fazer tudo e tinha bastante coisa feita. Mas eu consegui por bastante coisa também”. Andréia comentou que Benedito havia feito a primeira página, só de tópicos e que ela complementou com informações que foi lembrando a partir dos itens colocados por Leandro e das suas próprias anotações em diários de campo. Adriano continuou: “é difícil lembrar das coisas, aí é legal que uma coisa puxava a outra, e vinha uma coisa, outra coisa”. Andréia concordou e finalizou “a memória é assim, cê lembra de uma coisa, essa coisa vai fazendo você puxar as outras, foi bem coletivo o negócio” (17).

Andréia sugeriu discutirmos a proposta do pessoal do Contribuintes da Cultura. Adriano disse: “isso é pauta ou é informe?” pois ele estava escrevendo a ata da reunião. Andréia disse que era pauta, pois tínhamos que tirar encaminhamentos; informe era quando não precisava encaminhar nada (18). O Contribuintes da Cultura havia entrado em contato com ela para pedir orçamento de distribuição de panfletos de divulgação do “Chorando sem parar”, atividade musical com bandas de choro (estilo musical) e oficinas, que acontece anualmente em dezembro. A solicitação de orçamento era para realizar a distribuição de 5 mil impressos (deixar em alguns lugares e panfletar em outros – no semáforo da rua XV de novembro, saída do Shopping, semáforo da Avenida Salum, calçadão – Rua General Osório -, Mercado Municipal, Vila Nery, mais um Shopping e bairro Cidade Aracy) e 200 cartazes (alguns teríamos que colar e outros apenas entregar). Adriano disse que deveríamos mandar um orçamento com valor mais elevado para podermos negociar depois, por exemplo, cinco reais por cartaz (19d).

Leandro disse que concordaria em ficar no sinal: “não sei nem se é o intuito das ciclo fazer panfletagem dessa forma”. Adriano argumentou que não era nosso foco, mas que tinha aparecido como proposta e que faria pelo dinheiro (20d). Contudo, entendemos que eram muitos lugares e talvez tivéssemos pouca disponibilidade para fazer todos. Adriano disse: “para ser viável, quanto tempo de panfletagem cê tem que ficar? Sei lá, uma, duas horas pelo menos,

sei lá, por exemplo, eu não teria, duas horas em cada lugar, são nove lugares, dezoito horas na semana, até o final da semana que vem, no máximo, então nesse tempo, não vamos conseguir ir em todos esses lugares, a gente, enquanto coletivo, não vai ter tempo de ir em todos esses lugares fazer essa panfletagem. Acho que o de entregar cartazes, mesmo sendo um volume grande, a gente consegue se organizar, faz um atrás do outro, faz um itinerário e acho que a gente dá conta”. Leandro argumentou que dezoito horas dividido em duas pessoas poderia dar certo. Disse ainda que Odair provavelmente iria querer fazer esse trabalho (21). Seriam em média 2h por dia em 5 dias. Adriano disse que ele não teria essa disponibilidade na próxima semana. Pensamos em cobrar R\$20,00 a hora, o que daria R\$360,00 pelo serviço de panfletagem. Pensamos que talvez Benedito e Odair concordariam em fazer. Andréia comentou que 200 cartazes vezes R\$5,00 cada cartaz daria R\$1.000,00 e que poderíamos cobrar R\$1.360,00 o serviço inteiro. Adriano disse que achava melhor separar, assim poderiam negociar cada trabalho ou até mesmo desistir de algum. Adriano fez as contas dos panfletos, 5 mil panfletos em 20h de trabalho, daria uma média de 250 panfletos por hora, 4 por minuto. Avaliamos que 2h seria suficiente em cada lugar. Subimos para 20h a R\$20,00 a hora, o que daria R\$400,00 pela panfletagem, mais o valor dos cartazes (R\$1.000,00), daria R\$1.400,00 o serviço completo.

Adriano comentou “acho que tá barato, assim, pensando nos imprevistos, sabe? Porque isso que a gente fez, mil e quatrocentos, é o tempo dando tudo certo, tá ligado? Tempo de entrega e não sei o que, cê entende? Mil e quatrocentos é dando tudo certo, entendeu? E a gente tem sempre que contar com imprevisto, tempo a mais que a gente vai gastar, quebrar uma bike ou sabe? Algum perrengue a mais... porque nessa panfletagem a gente tá contando só o serviço da panfletagem, mas não tá contando exatamente o nosso serviço de bike, de ir pegar os panfletos e ir até o lugar, que seria pelo menos mais cinco reais. Então já cairia mais pra dezoito lugares [pensando ida e volta de cada um dos nove lugares], mais cinco lugares, noventa reais a mais de transporte, certo? Então já sobe para mil quatrocentos e noventa” (22). Andréia disse que poderíamos pensar essa lógica para os cartazes também: “Escola são dois, quatro, seis, oito, dez... dezenove escolas, aí tem mais a USP... são vinte e quatro lugares”, Adriano complementou “então não são duzentos lugares, são vinte e quatro, então cinco reais por lugar, vai dar cento e vinte reais. Então a gente pode colocar dez reais por lugar, duzentos e quarenta reais”.

Leandro disse “vamos ter que pedalar até lá e colar os cartazes” e Andréia “esperar também, tipo, numa escola, você chega lá e vai ter que conversar com a direção antes de colar o cartaz, isso pode demorar”. Andréia sugeriu cobrar R\$20,00 a hora pra tudo e Adriano

questionou como estipular, com antecedência, quantas horas seriam necessárias para distribuir e colar 200 cartazes, sendo que cada lugar seria uma situação diferente. Adriano retomou o preço por lugar “teria que ser pelo menos dez reais cada lugar, cinco da entrega e mais o trampo de conversar, de prender o cartaz, acho que de dez a quinze até. Se fosse dez seria duzentos e quarenta, se fosse quinze ficaria trezentos e sessenta, o que vocês acham?”. Adriano comentou ainda que o ideal seria pegarmos a distância de cada escola e cobrar o preço da nossa tabela, mas como o serviço era muito diverso que achava que esse valor (R\$15,00 por lugar), contemplaria **(23)**. Andréia salientou que é diferente, também, pensar em distribuir cartazes em escola, que são espaços pequenos e as universidades, como a UFSCar que era bem ampla, com muitos departamentos. Pensamos em cobrar um valor maior para as universidades, mas Leandro avaliou que tinham escolas afastadas, como o Aracy IV que demandaria mais tempo para chegar do que talvez o tempo gasto na distribuição dentro da UFSCar.

Adriano comentou que poderíamos pensar por zonas, por exemplo, centrais e periféricas e incluir as universidades nas periféricas. Começamos a fazer esse esboço, mas depois de alguns minutos Adriano disse que não valia a pena, considerando que tínhamos lugares no centro que eram extremamente próximos e que compensariam os deslocamentos mais longos, dentro de uma média. Leandro comentou que precisava ir, pois tinha que resolver algumas coisas e perguntou em quanto fecharíamos o orçamento. Combinamos de manter o valor da panfletagem (R\$400,00) e cobrar R\$15,00 por cada lugar dos cartazes (R\$360,00). Total R\$760,00. Fechamos nesse valor **(24)**.

Adriano avaliou a semana dele e pensou que poderia fazer 4h dessas 20h. Leandro disse que não teria disponibilidade. Adriano comentou “acho legal esse trampo aí, parceria de alguma coisa cultural, né?” **(25)**. Enquanto íamos conversando, Andréia foi montando um orçamento no computador, com o logo do empreendimento. Ao final assinou com os nomes dos dois rapazes e perguntou “Leandro, qual o seu cargo no empreendimento mesmo?” e ele respondeu “põe sócio fundador do clube dos mini-gameiros, já ouviu Hermes e Renato? Eles falam isso [riu]. Eu sou o presidente”. Rimos **(26)**. Andréia terminou de redigir o orçamento e enviou ao e-mail de Leandro, solicitando que ele enviasse a proposta à pessoa do Contribuinte da Cultura e fosse o nosso representante na negociação. Decidimos que se houvesse contraproposta discutiríamos pelo aplicativo de conversas e Leandro encaminharia as decisões.

Respondemos ao formulário enviado pelo DAES, com informações sobre cada participante do empreendimento: nome, apelido, nome do empreendimento, telefone celular, endereço completo, e-mail, RG, CPF, gênero que se identifica, etnia, número do CadÚnico e

as seguintes perguntas: beneficiário de algum programa de transferência de renda; escolaridade; atividade no empreendimento; desenvolve outra atividade profissional e qual; qual o rendimento médio mensal que você obtém no empreendimento; quantas pessoas moram na sua casa; quais formações em economia solidária participou esse ano; quais equipamentos possui. Adriano respondeu o seu junto com Andréia e ficou de ligar para Odair para coletar os dados dele, pois imaginamos que ele teria dificuldade em responder sozinho (27). Leandro ficou de responder em casa, pois já estava bastante atrasado. Andréia mandou o link pelo grupo e pediu para as outras pessoas responderem também.

C.O.: Quando perguntei a etnia de Adriano ele respondeu que se identificava como “brasileiro”. Também pediu para ser cadastrado como “sem gênero” e, como ele trabalha em uma loja de orgânicos se identificou como “comerciante de produtos orgânicos e naturais”. Nesse momento comentou que não se considerava atendente na loja, pois ele fazia muitas coisas além de atender e que o termo correto era comerciante. Na pergunta sobre as formações, respondeu que as recebia por meio do empreendimento que estava sendo acompanhando por uma técnica, eu. Também considerou formação as reuniões da feira de orgânicos e as reuniões do Fórum. Sobre a renda, disse que tirava de 0 a R\$100,00 no empreendimento por mês. Possui bicicleta, capacete, luvas e bagageiro (28d).

Finalizamos a reunião e nos despedimos. Andréia permaneceu no Núcleo e Adriano foi embora pedalando sua bicicleta.



## Diário de Campo XV

**Data:** 05/12/2018

**Horário:** 16h às 17h

**Local:** Centro Público de Economia Solidária

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (3):** Andréia, Leandro e Benedito

Andréia havia dado uma carona a Leandro e os dois aguardaram cerca de 15 minutos pelos demais participantes, porém ninguém chegou. Andréia mandou áudio no aplicativo de conversas convocando os demais a se justificarem. Adriano respondeu que estava no projeto de horta e que não iria dessa vez. Odair não respondeu e Benedito chegou em seguida. Começamos a reunião já eram 16h30min, apenas em três pessoas e Andréia comentou que faltou comprometimento da equipe (1d). Depois Odair respondeu via aplicativo de conversas que tinha retornado do centro da cidade pra casa às 15h30min e que não teve ânimo para subir de volta. Comentou ainda que “estava louco para ir na reunião” e lamentou não estar presente (2).

Andréia informou que o Conselho avaliou nossa documentação e aceitou nosso pedido, portanto, fomos cadastrados mesmo fora do prazo. Salientou que isso era importante para conseguirmos a sala e os equipamentos no próximo ano. Comemoramos (3). Benedito perguntou se sairia algum dinheiro para o empreendimento e Andréia disse que não diretamente, mas que seriam comprados os equipamentos pedidos durante esse ano, entre eles, os dos orçamentos que fizemos nas últimas semanas.

Tínhamos algumas entregas para resolver. O grupo de compras coletivas nos chamou para realizar a entrega de grãos. Até agora haviam três pessoas interessadas que resultariam duas entregas de 2,5kg e uma de 10kg. O ponto de partida seria uma casa da Vila Prado. Benedito tem uma bicicleta fixa de pneus finos (parecida com a *speed*, porém sem marchas e com freio contrapedal). Nessa bicicleta não era possível acoplar um bagageiro e Benedito vinha fazendo entregas com a mochila ou emprestando bicicletas de outras pessoas. Para a entrega de amanhã, já havíamos conversado rapidamente pelo grupo do aplicativo de conversas e decidido que Leandro faria a entrega de 10kg, pois tinha bagageiro e Benedito ficaria com as duas de 2,5kg (uma perto do Cemitério e outra perto do supermercado na Rua Miguel Petroni). Leandro sugeriu que os dois se encontrassem na Vila Prado às 14h30min (4). Andréia considerou que nessa hora o sol estará bastante intenso, pois, sem considerar o horário

de verão, seria 13h30min e perguntou se poderiam ir mais tarde (5). Contudo, Leandro argumentou que depois das 16h faria a entrega dos bolos da namorada, a Laura.

Benedito questionou se conseguiria levar as duas de uma vez e Leandro respondeu que poderia ser uma caixa pequena (e fez o tamanho da caixa com as mãos, desenhando no ar). Benedito perguntou se poderia levar os produtos na mochila de 50L com barrigüeira (6). Andréia disse que os produtos eram a vácuo e que não precisariam ser levados na caixa; poderiam ser posicionados na mochila de 20L, ocupando um espaço consideravelmente pequeno, já que o vácuo compacta os produtos. No entanto, Andréia considerou que se tivesse macarrão na compra, Benedito e Leandro teriam que ter uma atenção especial a esse produto, pois ele não era embalado a vácuo e poderia quebrar facilmente (ou com o peso de outros produtos ou com a própria trepidação da bicicleta). Nesse momento, Benedito lembrou que já tinha feito a entrega de grãos do grupo de compras e que lembrava do tamanho médio dos produtos.

Leandro perguntou se Benedito estava com o celular e ele respondeu que sim. Leandro disse a Benedito a senha da internet wi-fi do DAES e pediu para ele calcular a distância entre a casa onde fariam a distribuição dos produtos até o local de entrega (7). Enquanto Benedito pesquisava a rota, Leandro começou “eu acho que vai dar uns quatro quilômetros, três quilômetros, seis e cinquenta? Acho que a gente podia cobrar oito reais”. Andréia pediu para ele usar a tabela de preços que havíamos produzido, para saber quanto ficaria e ele respondeu “então, mas ó, a tabela, então, porque três quilômetros com subida e descida com o pacote de dez quilos dá seis e cinquenta. Quatro quilômetros dão oito reais, num chega a dez reais. Eu só uso a tabela, na real”. Andréia perguntou quanto daria de 10 a 15kg e Leandro respondeu “quinze quilos, três quilômetros, oito e cinquenta; quatro quilômetros dez reais” (8).

Como temos acesso à planilha de compras decidimos olhar quantos quilos exatamente tinha a compra. Leandro abriu a planilha no celular e comentou que eram 10,48kg. No mesmo momento Benedito revelou a distância: 3,7km. Andréia retomou a tabela de preços do empreendimento e relatou que a interseção da linha de 10 a 15kg e a coluna de 4km de distância gera o resultado de R\$10,00. Fechamos esse valor para a entrega que seria feita por Leandro (9).

Aproveitando que a planilha estava aberta e conferimos os produtos que eles deveriam entregar: fubá (pacote sem vácuo), pipoca (à vácuo), aveia em lâminas e em flocos (caixinhas). Benedito perguntou o tamanho da caixa e Andréia delimitou com as mãos no ar. Consideramos que Benedito não precisaria da mochila de 50L. Benedito decidiu ir com a mochila de 20L à prova d'água, pois todos os produtos seriam leves. Leandro disse que iria sem

a caixa organizadora presa ao bagageiro, pois pretendia fazer o transporte nas próprias caixas de papelão onde normalmente vinham esses produtos, empilhadas e amarradas ao bagageiro. Andréia sugeriu levar um saco de lixo para caso chovesse (10). Comentou também que em ciclovagens já viu pessoas usando sacos de ração de cachorro para proteger a mala da chuva. Benedito disse que sacos de ração são usados para fazer alforjes. Andréia disse que sim, mas que não duravam tanto, porque rasgavam com a trepidação. Comentou ainda, que um de seus amigos já tinha confeccionado um alforje caseiro com banners. Ele fez cortes e dobras e colou com cola de contato, depois anexou presilhas na parte de trás para que o alforje pudesse ser preso ao bagageiro. Benedito e Adriano se surpreenderam com a ideia (11).

Falamos sobre um pedido que chegou: uma moça iria fazer marmitas excepcionalmente nesse domingo e nos chamou para fazer a entrega. Já havíamos feito para ela em outra edição e Leandro comentou que foi legal, pois além de podermos estipular nosso preço e conseguir cerca de dez entregas, ela os presenteou com uma refeição no fim do trabalho (12). Nesse domingo, as marmitas saíam entre 11h e 13h. Adriano já tinha manifestado interesse em ir. Leandro também queria e Benedito ainda estava indeciso. Odair não disse nada no grupo. Leandro falou “ela disse pra mim que vai deixar, ela ia deixar a maior parte delas organizadas antes, pra... e já passar os endereços pra gente antes, pra daí não tentar pegar no dia. Mas provavelmente vai rolar uma no dia também. Mas pra gente já organizar rota, essas coisas, tal, a gente tá suave, mano. Aí a gente vê, dependendo de quanta demanda tiver e quantas pessoas vão, mas eu vou avisando” (13).

Depois de falar rapidamente sobre as entregas das marmitas, Leandro emendou na mesma fala outra pauta: “daí quanto ao supermercado, eu fui lá conversar com o cara, daí assim, o cara é um tiozinho meio simples, assim, tipo, botei fé nisso nele, mas ele tem um projeto bem doido assim, mano, tipo, a ideia dele é que ele tá começando, como se fosse uma associação de donos de supermercado aqui, mercadinho de bairro, essas coisas e ele tá querendo montar o esquema que futuramente é, esses mercados deles não atendem de porta aberta, ou seja, de porta fechada, ele chamava de Centro de Distribuição, essas coisas. Aí os clientes iam comprar tudo pela internet e a ideia era que a gente fizesse as entregas. Só que o circo de entregas dele, ele falou que não passava de três quilômetros, era mais ou menos dois quilômetros, dois quilômetros e pouco, ele falou que às vezes era na mesma rua, umas coisas assim. Ele tá com projeto de site montado já, do primeiro mercadinho que ali perto do varejão, aquele bairro lá, e parece que tá pra rodar já, e a ideia dele é com se os pedidos fossem entregues em até três horas depois que fossem feitos né? Aí tipo, ah, ele apresentou todo o projeto e tal, fora as questões que eu não concordo tanto, que não vai dar tão certo, enfim, ele queria continuar

essa conversa, daí eu falei pra ele pra gente fazer uma outra reunião, que mais pessoas estivessem presente pra conversa com ele, assim. Mas é isso, mais ou menos. Eu falei pra ele que a gente podia conversar ainda esse ano, assim” (14). Leandro ainda complementou que nesse caso seria interessante que o/a cicloentregador/a morasse perto do mercado para chegar rápido quando fosse solicitado. Ponderou que se fossemos chamado uma vez por dia para fazer todas as entregas, poderíamos realizar o serviço, mas se fossemos solicitados em diferentes momentos do dia e muitas vezes, que não teríamos estrutura para atender (por sermos poucas pessoas que têm outros trabalhos além desse) (15).

Leandro fez uma crítica à proposta recebida: “Esse tipo de projeto dele, eu acho que ele dá uma enfraquecida no trabalho, assim, não no nosso trabalho, mas no geral, sabe? Precariza o trabalho, porque a ideia dele é que a gente, a gente já faz isso na verdade, a gente ganha pelo que a gente pedala, né? A ideia dele é que as pessoas ganhem pelo que elas produzem, então ele quer pagar um preço justo assim, pro cara que corta a carne, um preço justo pra pessoa que faz a coleta e que recebe o pedido, um preço justo pra pessoa que coloca as coisas no carrinho, que separa, né? E o preço justo pra ele é tipo conforme a demanda, assim, então vai lá, o cara recebe o pedido daí ele vai ser pago mediante aquele pedido, né? Só que é assim, eu acho que a gente trabalha, agora nesse momento a gente trabalha por tempo pago, né? Com a CLT atual, tipo, a gente trabalho oito horas por dia e é pago por essas oito horas por dia, não importa o que a gente esteja fazendo essas oito horas por dia. Sei lá, tem um restaurante, o cara vai ter um pico entre onze horas e uma ou duas horas da tarde, o resto do tempo as pessoas estão mais paradas, recebem um pedido ou outro, vai comprar um salgado e tal, né? Mas você recebe pelo seu dia inteiro trabalhado. Aí no caso do cara, ele só quer, ele quer pagar pela quantidade de pessoas que você atende. Então, o que acontece, pra mim, eu acho que, provavelmente não vai compensar, ele vai pagar por essa mão de obra produzida, assim, mas o tempo que você tá parado, você vai tá lá apostado, né mano? E você não vai ser pago por isso, saca? Eu acho que é mais um projeto de precarização do trabalho assim, mesmo, né? Tipo eu vejo que o cara, ele não fez isso na maldade, tanto que uma hora eu perguntei pra ele ‘mas e as pessoas que trabalham já?’ que nem, ele começou a me explicar com um exemplo que o dono de outro mercado chegou e perguntou pra ele ‘eu tô com dez pessoas aqui no caixa e boa parte do tempo elas estão paradas, né?’ daí o cara explicou pra ele e tal. Eu perguntei pra ele ‘tá, mas’, ele falou no final ‘então quer dizer que no final eu consigo fazer tudo o que essas dez pessoas fazem, só com duas’ e aí eu perguntei pra ele ‘o que essas outras oito pessoas vão fazer’, né? [risos]. Daí ele tipo, deu uma curva, assim, tentou explicar tudo ‘não, porque cê tem que produzir e tem que pensar nisso, né?’, tipo pra chegar no final e falar pra mim ‘olha

Leandro, eu sinceramente não sei dizer o que essas outras oito pessoas vão fazer [risos]. Eu queria que, tipo, ele me falasse, sei lá, que ‘ah não, essas pessoas vão ser remanejadas para outras funções, assim’, mas nem isso ele pensou”. Benedito disse que ele tinha certeza que o plano era apenas reduzir pessoas. Rimos (16).

Andréia perguntou “onde você ouviu falar precarização do trabalho?” e Leandro respondeu “onde eu escutei falar? Nossa mano, em todo lugar velho, eu acho que precarização é a palavra do ano [risos]. Eu acho que a partir do momento que a gente viu que o Congresso estava se ajustando pra fazer uma nova CLT, pra arrumar tudo isso, a gente começou a escutar falar da precarização do trabalho, ela se tornou uma palavra mais recorrente. Tipo, acho que antes disso a gente não escutava tanto, porque, mano, sei lá, o neoliberalismo, ele estava ali sempre, né? Tipo, como algo que as pessoas, que os políticos propunham, mas ele nunca se tornou tão presente quanto agora parece, né? Na verdade, ele já foi presente, sei lá, na década de 80, mas só que era outra forma, né? Até aquele momento realmente parece que eles queriam que as pessoas, todos trabalhassem pra produzir, né? Não era uma coisa diferente, agora, tipo, a ideia mudou, você tem que trabalhar, mas você tem que produzir e você só vai ser pago pela sua produção, você não vai ser pago pelo seu tempo de trabalho, então eu acho que, tipo, a partir desse momento que os políticos começaram, aqui no Brasil, começaram a se remanejar, a gente acabou escutando mais isso. E isso, junto com, sei lá, com mão de obra escrava mesmo, coisas que a gente sabe que existem, né, mano? Apesar da distancia nossa, né? Tipo, não acontece aqui em São Carlos a olho nu, né? Você não vai andar na rua e olhar um trabalho escravo, mas a gente sabe que no campo principalmente é muito mais recorrente. Eu imaginei que em São Paulo é muito comum, mano, pessoal peruano, chileno que trabalha com indústria têxtil lá, a maior parte é trabalho escravo mesmo, cara, cara que não recebe pelo trabalho dele, tipo é outro esquema né, esquema de o cara trabalha, produz para pagar uma dívida que o patrão dele falou pra ele que ele tem, mas na verdade essa dívida é inexistente ou ele trabalha porque ele quer pegar o visto dele de novo, né? Que o patrão retém os documentos. A gente escutou falar isso várias e várias vezes”. Benedito continuou “trabalho escravo também não é aquele que não é remunerado, né? Você pode receber um centavo”. Leandro finalizou “eles te dão uma casa e dizem ‘você vai trabalhar pra ficar nessa casa’, acontece isso muito comum”. Depois falamos um pouco da época do café e dos imigrantes que vinham para o Brasil.

Andréia perguntou quando Benedito havia entendido o termo precarização e ele respondeu: “há já faz uns dois anos, dois anos, assim. É que qualquer assunto ligado a precarização do trabalho, qualquer assunto de, sei lá, política ligado a trabalho, é uma palavra...”, Leandro interrompeu a fala e disse “acho que a partir do segundo mandato da Dilma

se tornou muito comum, né? Que a gente começou a ver uma pressão interna, ali muito maior, pra ela vazar, né? Pra eles poderem aprovar a demanda que eles quiserem, os projetos que eles querem agora, tão muito mais ligados com os patrões mesmo". Benedito retomou "eu acho que essa palavra começou a surgir e se popularizar nos últimos anos, mas o significado dela sempre existiu, né? É que nem 'machismo', uma palavra recente, comparado com o que ela significa" (17).

Andréia comentou sobre um conto que havia lido naquela semana, "Ideias do Canário de Machado de Assis, que descreve a ampliação de mundo vivida por um canário que sai de uma loja de belchior para viver em um jardim e depois foge pelo mundo. Depois de relatar a história, Andréia comenta: "ele vai ampliando essa concepção de mundo que ele tinha [e Benedito completou 'de liberdade também']. Muitas vezes é isso, né? A gente tem uma concepção de trabalho e aí algo acontece e a nossa concepção expande. Daí é muito isso, como às vezes a gente vai, num diálogo, em algum lugar, algo que acontece longe da gente, mas ouvimos falar, vai ampliando o nosso mundo, né?", Leandro disse "eu acho que, pelo menos pra mim, a universidade pública abriu vários horizontes diferentes, várias coisas que eu nunca tinha escutado falar mesmo. Eu acho muito engraçado como a gente, às vezes, passa por momentos, eu por muitos anos, eu me julguei muito apolítico mesmo, mano, não tava nem aí pra nada, aí eu não sei em que momento, foi um momento de virada, que tipo, eu achei que tomei conhecimento do mundo suficiente para não se manter neutro, assim, o tempo inteiro, sabe?". Andréia perguntou se tinha a ver com a entrada na universidade e Leandro respondeu "eu acho que ela expandiu meu horizonte, mas acho que um pouco antes eu já vinha aumentando o meu leque, abrindo meu horizonte mesmo" (18).

Nesse momento fomos interrompidos por um funcionário do DAES avisando que eles estavam fechando. Pedimos mais um minuto para finalizar e o funcionário repetiu "já estamos fechando" e saiu (19d). Começamos a arrumar nossas coisas enquanto Benedito continuou "tem um rapaz que mora comigo e ele tava falando outro dia, ele gosta muito de ficar provocando as pessoas, e ele falou outro dia que ele leu um cara falando que tudo que a gente vive e a gente percebe que tá errado, mas a gente não faz nada, a gente, de alguma forma, tá fazendo a manutenção daquilo, tá de acordo com aquilo. Ser apolítico, assim, de alguma forma você está colaborando para a manutenção disso, entendeu? Conivente, acho que foi essa a palavra" (20).

Sáimos da sala e enquanto caminhávamos para a porta Benedito continuou "mas isso de expandir os horizontes, tudo que a gente faz de novo, a gente tá expandido nosso horizonte, outro dia eu trabalhei pela primeira vez como garçom, nossa você começa a ver

trabalho de garçom de outra forma, eu sempre tive uma questão de respeitar garçom, porque eu sempre via que as pessoas não respeitavam, aí quando eu fui trabalhar, nossa, você fica mais irritado ainda com o tratamento. As pessoas não são nem um pouco simpáticas, assim, não são delicadas, elas acham que você está lá pra servir elas, o que elas quiserem fazer, se quiser quebrar um copo e falar pra você limpar, você vai ter que fazer isso, porque no fundo você vai ter que fazer isso mesmo, né? (21). Mas o quanto você puder aliviar o garçom, já faz uma diferença pro garçom, entendeu?" (22). Andréia comentou que já trabalhou muitos anos de garçonete e achava ruim quando chegava em uma mesa para recolher as coisas ou para deixar um pedido e as pessoas simplesmente continuavam a conversar como se ela não existisse, e tampouco agradeciam pelo serviço. Disse que depois dessa experiência, toda vez que um/a garçom/garçonete chega na mesa em que ela está, ela faz questão de interromper o assunto, olhar para a pessoa e conversar ou apenas agradecer pela gentileza. Fomos invadidos pelo som da rua, que estava cheia de carros e barulhos. O assunto parou momentaneamente.

Andréia retomou falando sobre a próxima reunião, disse que a de hoje tinha sido boa, mas que precisávamos de mais pessoas do grupo participando para que pudéssemos retomar o plano de negócios. Salientou a importância de ser uma construção coletiva, pois na próxima fase iríamos atualizar a tabela do valor do serviço. Além disso, era uma oportunidade de aprender/entender o processo e que era importante o envolvimento de todos/as em todas as fases. Benedito e Leandro concordaram. Fomos descendo a rua juntos/as e combinando as próximas atividades. Benedito e Leandro disseram que estariam em São Carlos até o dia 15/12.

Andréia lembrou que na semana que vem teria reunião do Fórum e que precisávamos de representantes. Leandro sugeriu nos organizarmos pelo aplicativo de mensagens. Combinamos de nos esforçar para estar presente na próxima reunião e pedir para os/as demais também estarem (23). Enquanto caminhávamos, Leandro ofereceu biscoito que ele e Laura estavam vendendo. Andréia disse que estava sem dinheiro no momento, mas que gostava muito de biscoitos e que compraria na próxima semana. Benedito agradeceu e desejou boas vendas a Leandro (24). Quando chegamos em uma esquina que Andréia e Leandro virariam, Benedito se despediu e subiu na bicicleta, porém Andréia percebeu que ele pedalaria na contramão e alertou “desce a próxima que você vai tá na mão já, vai descer na contramão?” e Benedito disse “é verdade, você tem razão”. Ele desceu da bicicleta e continuou nos acompanhando (25). Viramos a esquina e caminhamos juntos até a próxima, no caminho falamos sobre trivialidades. Chegando na outra esquina nos despedimos. Andréia e Leandro subiram a rua caminhando em direção ao carro e Benedito desceu pedalando.

## Diário de Campo XVI

**Data:** 19/12/2018

**Horário:** 18h às 19h

**Local:** Kartódromo e depois Casa do Leandro

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (5):** Andréia, Adriano, Leandro, Odair e Benedito (por telefone)

O dia estava instável, combinamos de nos encontrar no Kartódromo, mas chegando lá começou a chover. Andréia, Leandro, Adriano e Odair já estavam reunidos e Leandro ofereceu para fazermos a reunião na casa dele, bem próximo dali. Aceitamos e em instante estávamos adentrando o pequeno apartamento. Laura estava lá e nos recebeu com abraços e sorrisos (1). Benedito pediu para participar via ligação telefônica, pois estava em São Paulo (2). Quem ligou pra ele foi Odair, mas como a internet era 3G, Leandro sugeriu para que se conectasse à internet do apartamento. Deu certo, depois de uns 5 minutos, Benedito também estava presente na reunião (3). Não conseguimos nos encontrar na última semana, por indisponibilidade dos/as participantes, então decidimos fazer uma reunião mais tranquila hoje, tentando trilhar os passos do próximo ano. Combinamos de terminar o plano de negócios no ano que vem.

Adriano perguntou qual seriam as pautas. Andréia disse que precisávamos conversar sobre a proposta do mercado. Adriano sugeriu de falarmos primeiro as datas de viagem dos/as participantes. Concordamos.

Adriano: disse que viajaria no sábado e que deveria retornar à São Carlos no dia 01 ou 02 de janeiro.

Leandro: viajaria sábado de manhã ou à tarde e retornaria dia 15/01;

Andréia: viajaria sábado e voltaria quarta, estaria aqui no ano novo, inclusive;

Odair: disse que ficaria aqui e que iria trabalhar todos os dias;

Benedito: informou que ainda não tem uma data para retornar, mas que provavelmente seria no final de janeiro.

Combinamos de retornar as atividades do empreendimento no dia 15/01 e depois passar os informes ao Benedito (4). Leandro comentou: “já estou dando uma avisada aí no pessoal, que a gente vai tá fora nesses dias, quem a gente atende, a moça dos cosméticos, a



moça dos bolos lá, o pessoal, já tá meio que sabendo”. Andréia perguntou se tinham entregas rotineiras acontecendo e Leandro respondeu que a única rotineira era a do senhor que recebe a cesta de orgânicos do assentamento todas as segundas, mas que ele já havia comunicado que ficaríamos fora até o final de janeiro (5).

Andréia retomou as pautas em aberto pelo grupo: plano de negócios; acordos coletivos; e solicitação de nova sala no DAES. Comentou que ontem havia sido inaugurada uma nova sala na UFSCar, destinada ao projeto PEDAL-Consciente (projeto que tem como uma de suas frentes o Pedal-Solidário), que incentiva o uso da bicicleta por meio de oficinas e tem como público alvo estudantes da escola pública. Essa sala poderia abrigar também os CicloPedaleiros, caso quiséssemos. Adriano comentou “eu acho que tem tudo a ver o projeto com o nosso, minha única questão é que eu não sei se vai ter sentido para o nosso empreendimento ter a nossa base lá, sendo que que nosso empreendimento de entrega, quanto mais central, melhor” (6). Andréia disse que esse espaço serviria apenas enquanto não temos um espaço no DAES, mas que a ideia era continuar com o pedido de sala no Centro Público. Benedito comentou que seria bom já termos um local para as cicloentregas, mesmo que fosse longe.

Leandro lembrou que temos muitos materiais que estão espalhados, no NuMI-EcoSol, no VADL e na casa dos/as participantes e que seria muito bom concentrar tudo em um único lugar (7). Andréia comentou que também tínhamos bicicletas já destinadas às cicloentregas e que se tivéssemos um lugar, poderíamos deixar duas bicicletas boas, equipadas com bagageiro disponíveis para realizar as entregas. Isso ajudaria principalmente Benedito e Adriano que atualmente têm bicicletas que não acoplam bagageiro e acabam por, ou pedir bicicleta emprestada, ou levar os itens em mochilas nas costas (8).

Ficamos de protocolar um documento redigido coletivamente no DAES no começo do ano. Andréia pediu aos participantes que fossem procurando móveis de doação, pois é comum no fim do ano as repúblicas acabarem e disponibilizarem móveis gratuitamente ou a custo baixo. Adriano comentou “Aí, uma outra proposta que veio agora, enquanto a gente não tem nenhum espaço, dá pra usar o espaço lá de casa. Lá em casa tem um barracão que tem espaço, é um dos meus sonhos ter uma oficina de bike lá, mas ainda não consegui desenvolver, porque precisa investir em ferramentas e tal, organizar o espaço, porque os móveis de uma amiga lá, que tá pra sair e aí vai liberar o espaço. Aí assim, tem espaço, tem estrutura, é uma área bem central, acho que pelo menos provisoriamente, também dá pra usar lá. A gente pode conversar, a gente pode marcar uma reunião lá e ver o que vocês acham do espaço, da

localização, é perto da Praça Brasil”. Achamos muito boa a proposta e Adriano ficou de marcar a primeira reunião de janeiro lá na casa dele para conversarmos melhor sobre (9).

Nesse momento chegou um pedido de entrega no celular do Leandro e ele perguntou se alguém gostaria de fazer (10). A entrega era de uma cesta de orgânicos que iria do centro para o Santa Marta. Odair disse que iria trabalhar, Adriano estava sem bicicleta e pegaria uma carona com Andréia até a sua casa (11), e Benedito estava em São Paulo. Leandro falou que poderia fazer, mas que teríamos que terminar a reunião em 25 minutos para dar tempo de chegar ao centro antes da feira acabar. Leandro informou que fez 4 entregas para a moça dos cosméticos hoje pela manhã.

Odair comentou “nossa só escreve só mensagem, não fala, eu acho chato. Eu reclamo com esses dois aqui [Benedito e Adriano], bem difícil”. Combinamos de nos esforçarmos mais para só mandar áudio (12d).

Andréia sugeriu confeccionarmos uma mensagem padrão para as férias coletivas, assim, sempre que chegar uma entrega, a mensagem seria enviada. Leandro ficou de escrever a mensagem e mandar pelo grupo para avaliarmos (13).

Conversamos também sobre as camisetas, Adriano fez o orçamento, sairia R\$53,00 cada e agora precisávamos fazer pelo menos 4 camisetas. Como não tínhamos dinheiro em caixa, pensamos em fazer uma rifa (100 rifas de R\$2,00) com a cesta de produtos naturais doada pela loja de orgânicos. Adriano falou que poderíamos rifar uma bicicleta, por meio de alguma parceria com uma bicicletaria e cobrar R\$5,00 cada número. Como contrapartida poderíamos colocar o logo deles na camiseta. Benedito comentou que a rifa da cesta poderia custar R\$3,00. Adriano disse que teriam mais pessoas querendo uma bicicleta e que a rifa poderia custar R\$5,00 e ter 200 números. Benedito disse que poderia ser até R\$10,00, mas Adriano comentou que por R\$5,00 venderia mais rápido. Adriano ficou de procurar bicicletarias para fazer a proposta. Combinamos de continuar a falar sobre isso no próximo ano (14).

Odair comentou que conseguiu comprar uma bicicleta nova (a dele foi roubada). Andréia perguntou quanto ele tinha pagado e ele respondeu “baratinho, o homem ali da São Paulo, ele sempre tem pra vender, eu encomendei e ele falou que sempre tem, novecentos e setenta, vinte e uma marcha, vinte e nove, boa, mais do que aquela que roubou, o quadro é dezenove, só que ela dá uns socos, é normal mesmo? Qualquer dia ocêis dá uma volta pra ver” (15).

Adriano comentou “eu tenho uma pauta, eu vi um empreendimento de uma amiga, ela lançou esses dias na rede social, ela ‘ah, agora estamos com um aplicativo, peça’,

não sei se vocês conhecem, eles lançaram um aplicativo e tal, daí na hora que eu vi, eu falei ‘nossa passa o contato dessa galera do aplicativo que eu tenho muita vontade de fazer um aplicativo pro nosso empreendimento dos CicloPedaleiros, aí ela falou ‘pô, é uma galera que tem essa ideia de trabalhar com questões de empreendimentos sociais’. Ela não falou quanto pagou no aplicativo, mas falou que é a mesma galera que ela tá dividindo escritório, falou que é ali perto dos orgânicos e falou ‘oh, vamos combinar de ir lá e conversar’. Então é isso, eu tô pra marcar uma reunião, eu ia fazer essa semana, mas essa semana já ficou corrida, deixa pra quando eu voltar em janeiro” (16). Andréia pediu pra ele escrever na ata para lembrarmos na próxima reunião.

Andréia também disse “essa aí, eles estão fazendo entrega de moto, os caras colhem no dia, alimento orgânico, cozinham, fazem a marmita inteira orgânica, vegetariana, vegana, usam uma caixinha de papelão pra não usar marmita de alumínio e entregam de moto. Dá pra entender? A gente tinha que pegar essas entregas, tem tudo a ver com a gente. Uma parceira para o próximo ano é incrível, porque eles vendem a marmita mensal, então, tipo, a pessoa pega o mês todo e já tá certo” (17). Adriano disse “acho que ainda não rolou por questão de organização nossa, de chegar pra eles e falar o que a gente tem de possibilidade (18d). E eu acho que eles estavam começando também, eles ainda não tinham uma lista de freguês, agora já tem, já dá pra gente sentar junto e mostrar quais são os clientes, se é possível essa entrega e a gente também já vai estar estruturado melhor pra fazer essa entrega, acho que rola, começo de ano a gente chega junto com eles”. Marcamos na ata e Adriano ficou de pensar a parceria, já que ele conhecia a pessoa responsável pelo empreendimento (19).

Benedito pediu para falar um informe que tinha esquecido “no sábado de madrugada eu levei um tombo de bicicleta, e eu abri o queixo, tomei cinco pontos, é a terceira vez que eu levo cinco pontos no queixo, eu abri duas vezes quando eu era criança”. Leandro perguntou se ele estava bem e ele respondeu “tá tudo bem, foi em frente a minha casa”. Adriano e Odair pediram uma foto pra ver. Rimos. Andréia perguntou como ele havia caído e Benedito disse “o lugar é muito inclinado, daí eu tava com o corpo pra frente na bicicleta e eu freei um pouquinho com o freio da frente e eu travei a minha roda, que nem eu tinha te mostrado outro dia, e pra destravar a roda, eu preciso dar um impulso, dar um pulinho com a roda de trás, aí eu dei um impulso muito grande, eu inverti a bicicleta e fui jogado pra frente, aí eu cai de queixo. Foi um momento bem tenso, porque eu levantei e tava pingando sangue da minha cara e eu não sabia o que tinha acontecido. Tá tudo bem, podia ter sido bem pior. Está tudo bem com a bike. Esqueci de dar esse informe, tomem cuidado”. Andréia lembrou “usem capacete!”. Adriano falou “só se for capacete de queixo, ou de moto”. Rimos (20).

O tempo estava quase no fim (Leandro teria que sair para fazer a entrega e Odair tinha que trabalhar), Andréia sugeriu fazermos uma avaliação de como tinha sido o ano no empreendimento. Adriano achou que ia demorar, mas Andréia insistiu na pauta.

- Leandro disse que começava “eu gostei muito desse ano, muito instrutivo, andei de bike pra caramba esse ano, como todo ano, mas, tipo, a gente podia conseguir mais, pra andar mais de bicicleta aqui na cidade, é isso. Tem um pensamento positivo do empreendimento, acho que ele, acho que ainda tem coisas para se melhorar, mas como qualquer coisa, né? E não sei identificar no momento quais são e, sei lá, bola pra frente, é isso”.

- Odair: “ah, eu gostei, eu pedalei muito, né? Tô continuando pedalando mais, entendeu? E eu quero que gera muitos serviços, emprego pra nós, da entrega, entendeu? É isso aí, tô gostando, vamos ver esse próximo ano aí”.

- Adriano: “É eu acho que pra mim foi a realização de um sonho, quando eu vim pra cidade, uma das coisas que sonhava era tramar com entregas de bicicleta, aí eu conheci vocês, falei ‘ual, existe’. Gosto muito do grupo, de nós, a gente trabalha, conversamos bem, todo mundo, a gente se entrosa bem, acho que vem grandes desafios aí pra melhorar, mas acho que a gente tá, estamos no caminho aí. É isso, espero mais e melhor de 2019”.

- Benedito: “eu acho que esse ano entrou o Adriano, são pessoas que estão empenhada aí, acho que isso vai ser bem produtivo, espero que eu esteja somando coisas para o grupo e acho que foi um ano bom, uma experiência muito boa pra mim, eu pretendo continuar, eu gosto muito disso, gosto muito de pedalar, entre várias coisas, boto muita fé nisso (21). E uma coisa que eu acho que a gente tem que fazer mesmo, e fazer o aplicativo do grupo mesmo, porque é bem importante, as pessoas reclamam disso. É isso” (22).

- Andréia: “eu gostei bastante do ano, eu acho que a gente tem amadurecido muito enquanto grupo e enquanto empreendimento. Eu queria dizer que eu gostei muito, muito, muito da entrada de vocês dois [Benedito e Adriano], eu acho que eu, o Leandro e seu Odair, a gente já tava quase desistindo, e aí vocês entraram e deu um puta gás. E eu lembro muito, sempre, daquela reunião no Kartódromo assim, que você falou Adriano ‘vamos fazer, vamos por pra rodar esse empreendimento e tal’, que era o momento que eu falei, ou é agora, ou nunca, e aí eu gostei muito da sua energia, assim, de falar ‘nossa, vamo aí, vai dar certo e tal’ e eu acho que o grupo tem feito virar várias coisas, assim, sabe? Desde que a gente retomou, acho que a gente fez bastante coisa, foi pro Fórum, talvez já consiga um espaço, aí no próximo ano consiga algumas parcerias mais consolidadas, então acho que tá super virando. Também agradeço muito

ao empenho do Leandro e seu Odair, aí, que persistiram, tão na caminhada, que não deixaram a peteca cair” (23).

Batemos palmas e sorrimos. Andréia continuou “acho que a gente precisa se encontrar mais para celebrar, tomar uma cerveja juntos”. Adriano disse que não podia beber e andar de bicicleta porque era perigoso. Odair disse que podia e que era só não beber muito. Dissemos que podíamos ir a pé também. Rimos. Benedito se despediu desejando boas férias a todos (24). Leandro ofereceu a Adriano para ele ficar com a mochila térmica (de carregar pizza) e ele aceitou. Leandro considerou que ia usar para entregar as pizzas de Laura na sexta e depois deixava na loja de orgânicos para Adriano (25).

Arrumamos juntos/as a casa do Leandro, recolocamos alguns móveis que haviam sido afastados pra caber todos mundo. Nos despedimos de Laura e agradecemos a hospitalidade, ela também agradeceu. Desejamos boas férias entre nós enquanto íamos deixando o apartamento (que era no térreo) e nos aproximando do portão. Adriano e Andréia foram de carro levar Odair no Kartódromo e Leandro saiu de bicicleta para fazer a entrega (26).

C. O.: chegando no kartódromo, Adriano e eu descemos para ver a bicicleta nova de Odair. Ela era realmente muito bonita e moderna. Aro 29, com freio a disco, toda preta e azul. Ele aparentava estar bastante feliz, mostrava cada detalhe da bicicleta e nos convidou para pedalá-la. Eu aceitei, dei uma volta no Kartódromo, achei bastante confortável. Adriano quis andar também. Foi divertido. Depois nos despedimos e desejamos boas festas (27).

## Diário de Campo XVII

**Data:** 27/03/2019

**Horário:** 18h às 19h

**Local:** Casa do Leandro

**Relatora:** Andréia

**Participantes Presentes (5):** Andréia, Odair, Leandro, Adriano e Benedito

Fazia muito tempo que não conseguíamos nos encontrar. Andréia mandou mensagem desde o dia 15 de janeiro (previamente combinado para o retorno das férias) no grupo do aplicativo de mensagens tentando motivar o grupo a se encontrar, mas os/as participantes estavam sempre indisponíveis para fazer as reuniões. Leandro tentou marcar uma reunião no dia 16/01, Andréia nos dias 24/01, 10/02, 20/02, 11/03 e 14/03. Odair propôs pedalarmos juntos no dia 21/03, mas também ninguém estava disponível. Chegamos a marcar no dia 18/03 no Kartódromo, mas apenas Andréia apareceu. Também não estávamos comparecendo às reuniões do Fórum, apesar das informações e datas terem circulado no grupo do aplicativo de conversas (1d).

Na metade de março chegou uma demanda do DAES pelo e-mail do Leandro: precisávamos enviar ao Conselho a ata de eleição da diretoria e fazer o recadastramento do empreendimento e dos membros. No dia 24/03 Andréia mandou o seguinte áudio: “pessoal, estou bastante preocupada com o nosso recadastramento, ele acaba no dia 31 e se a gente não recadastrar acabam todas as nossas oportunidades com a Economia Solidária. Então eu acho que agora é o momento de pensar se a gente vai mesmo permanecer nesse empreendimento, se a gente não vai, se a gente se recadastra, porque a gente já não foi em nenhum Fórum esse ano, já perdemos o cadastramento do ano passado, vamos perder o desse ano, então eu acho que a gente tem que avaliar se a gente quer mesmo manter esse grupo. Vamos nos reunir na quarta?”. Ninguém respondeu essa mensagem, assim como não estavam respondendo às demais (2d). No dia 25/03 Andréia insistiu “pessoal, vamos fazer a reunião na quarta?” também sem resposta. No dia 27/03, quarta, depois de mais uma mensagem de Andréia, as pessoas responderam que poderiam ir e combinamos de nos encontrar na casa do Leandro, pois lá iríamos dispor de um computador (3).

Também em janeiro o Centro Publico de Economia Solidária nos ofereceu uma sala, mas precisávamos enviar um ofício solicitando a sala e quais equipamentos ou móveis iríamos precisar (mesa, computadores, cadeiras). Ficamos de combinar na nossa próxima

reunião, mas apesar das tentativas acima descritas, o grupo não se reuniu. Durante esse período algumas entregas apareceram e discutimos no grupo quem poderia fazer, contudo, muitas não foram feitas e até mesmo não foram justificadas, deixando as pessoas sem notícias se haveria entrega ou não. Andréia recebeu reclamações do grupo de compras coletivas, antigo parceiro e as repassou ao grupo. A situação estava bastante complicada (4d).

Foi com essa energia que nos encontramos hoje, precisávamos discutir os rumos do empreendimento. Andréia começou o diálogo pedindo para cada um relatar sua disponibilidade para o empreendimento. Adriano começou dizendo: “Então, eu estava bastante pensativo em relação a esse empreendimento e eu tava, realmente, eu tava pensando em sair, assim”. Andréia disse “Ah Adriano, não acredito, você era o mais empolgado” e ele continuou “Então, mas a questão é de que num... Ah várias coisas que a gente assume na vida, né? E temos focos, assim, e esse não tá tendo retorno financeiro, né? Desde o começo a gente tá aqui por causa de dinheiro, né? E eu tô precisando focar em algo que dê retorno financeiro, assim. Porque fora isso, eu tô focando já na capoeira e que também não tem retorno financeiro, não dá pra focar em vários projetos que não tem o retorno, preciso ter algum que sustente, assim, né? E pra levar esse projeto assim também, não sei se faz muito sentido, só vir nas reuniões, eu não faço entrega, nem lembro a última entrega que eu fiz, as últimas que vocês me pediram para fazer, eu sinto, como a gente não tá disponibilizando, sei lá, não tem um dia fixo pra isso, sabe? Sempre que me chamaram pra fazer entrega, eu não consegui fazer porque eu sempre tinha outra coisa pra fazer. E aí eu fico até meio frustrado, sabe? Sei que eu sou solicitado, mas eu não consigo, não sei se tá fazendo muito sentido, sabe?” (5d). Andréia disse: “na verdade a gente parou, né? Três meses parado, janeiro, fevereiro e março, bastante, né? Sem reunião, sem ir nas reuniões do Fórum, recusando entregas. E a gente tava num ritmo bom, assim, o plano de negócios, já quase conseguindo a sala lá, com a sala equipada, né? Que isso é muito da hora”. Houve um silêncio (6d).

Andréia perguntou o que Leandro achava e ele disse: “Ao mesmo tempo também, acho que a única pessoa que tá pedindo pra mim fazer entrega ultimamente é a moça dos cosméticos, sabe? Aí uma ou duas vezes por semana eu saio pra ela, assim, tipo, consigo quinze, vinte reais por semana, mas, tipo, também é meia tarde que eu perco também, né? Perco não, né? Tô fazendo alguma outra coisa. Aí também tô pensando no empreendimento também, são momentos que eu tô mais de boa em casa, então eu consigo fazer suave, mas eu tô assumindo outras responsas também, tem esse lance da hamburgada, é, tem os outros meus trampos também como técnico de som também e ah, eu consigo levar isso, fazer isso, mas, tipo, eu não sei se eu queria uma carga maior pra fazer isso, sabe? Já, talvez eu acabe tendo que

negar, assim, então tá indo bem aos poucos pra mim, tipo, não sei se eu sou o cara que vai continuar, assim, fazendo tanto trampo de cicloentrega, sabe? Mas, tipo, é aquele lance, eu sempre acreditei no potencial do projeto, tipo, nunca acreditei que realmente fosse pra mim, eu tô pensando que eu tava criando o empreendimento pra outras pessoas gerarem renda também. Mas ao mesmo tempo parece que eu não tô deixando nada pronto pras outras pessoas”.

Adriano: “é a gente tava, como você falou, a gente tava tentando criar uma coisa ali, esse plano de negócio, pra ter isso, pra deixar. Eu também acreditei no potencial do projeto, mas isso, precisa de uma dedicação pra isso dar certo, né? E no momento eu não sei se consigo essa dedicação, que eu já tô me dedicando a outras coisas e é isso, ficar se dedicando a várias coisas não dá também. Então, no momento da minha vida acho que minha dedicação vai pra outras coisas, sabe?”. Houve silêncio (7d).

Andréia perguntou o que Odair achava e ele respondeu “deve continuar, né? E se surgir alguma coisa? Alguma empresa, né? Aqueles caras lá, eu conversei com o cara lá [da empresa que tem serviço de cicloentrega], eles estão fazendo entrega, mas eu não perguntei o salário (8). Eu tô rastelando grama, mato, né? Em qualquer lugar de São Carlos. Nós tava ali na, perto do Cruzeiro do Sul, é empresa terceirizada, paga bem”. Adriano perguntou se tinha vaga pra trabalhar e Odair respondeu que eles acabaram de contratar um monte de gente. Odair tinha o trabalho de cortar grama como segunda renda, pois ainda trabalhava durante as noites no Kartódromo. Como esse trabalho era durante o dia, quase não tinha tempo para dormir (9d).

Benedito foi o próximo: “Ah, eu queria continuar, mas, quando a gente tava com as reuniões, falando cada um de quanto a gente queria ganhar no futuro, assim, acho que a gente tem que trabalhar pra que isso aconteça, a gente precisa de novas pessoas também, precisa realmente pegar no tranco, assim, a gente tá parado também, né? Antes mais no tranco do que agora. Mas ah, eu pretendo sim, eu também esse semestre tá bem difícil de aparecer em reuniões, assim, mas entregas eu tenho até feito. Eu fiz uma que a moça pediu, ela pediu direto pra mim. Ela falou assim ‘ah, como que eu faço pra pedir uma cicloentrega?’ e eu falei ‘ah, manda pra mim que eu mando no grupo’ [risos], aí ela mandou pra mim e eu falei ‘ah, eu posso fazer’, aí não tinha sentido mandar no grupo, aí, eu fiz”. Leandro disse “tá certo, assume mesmo, mano”. Benedito continuou “e tem a segunda parte agora, eu fui pagar e encomendar uma peça, agora eu vou buscar essa peça quando chegar” (10).

Andréia comentou que a gente estava muito perto de terminar o plano de negócios, depois de tudo que havíamos feito no ano anterior e se conseguíssemos nos cadastrar e ir às reuniões do Fórum (uma por mês), poderíamos ocupar a sala disponibilizada pelo DAES. Com a sala e o plano de negócios a gente expandiria o empreendimento e, consequentemente,



as entregas, chamando novas pessoas, inclusive, as pessoas que já tinham passado pelo projeto antes (mesmo o Adriano que queria sair agora) e terminou dizendo “se vocês toparem, acho que a gente consegue, sabe? Vai parecer filme, né? O negócio quase acaba e de repente estoura”. Odair disse: “não pode perder a sala, né? A gente tá ganhando as outras coisas. Um dos cêis mesmo pode fazer um esforço, meu, o Benedito, o Adriano, tem que fazer uma forcinha pra não perder a sala” (11).

Benedito disse “na verdade é assim, se a gente combinar de revezar quem aparecer, assim, pra mim super rola”. Leandro “a gente tem que organizar um jeito da gente sempre lembrar das reuniões, então na terça-feira, antes da reunião, a gente manda mensagem no grupo e fala “oh, vai ter reunião hoje, quem pode ir?”, daí fica marcado, fica responsável pra pessoa ir nessa semana”. Andréia sugeriu de combinarmos hoje quem iria nas reuniões dos próximos quatro meses e quem ficasse responsável e não pudesse na data teria a obrigação de trocar com alguém, ficaria comprometido. Odair disse: “Aquela reunião que eu fui, né? Então, eu faço uma forcinha pra ir, meu (12). O pessoal nosso, vou falar heim, tem que parar um pouco de viajar também, só sai, o Leandro direto manda mensagem ‘eu não posso, vou viajar’, só a Andréia que não viaja, né, Andréia?”. Leandro justificou que não viaja a passeio e sim para trabalhar, pois trabalha com audiovisual e tem bastante oportunidade em São Paulo (13d).

Adriano perguntou como estava o plano de negócios e Andréia disse que parado, pois era algo que deveríamos fazer juntos e que ela não poderia fazer sozinha, inclusive porque, todos/as deveriam participar da atualização da tabela do preço do serviço, que seria o próximo passo. Odair comentou: “é difícil você conseguir uma sala e a gente alugar um negócio, sendo que talvez não vai rolar e muita coisa, dinheiro e tem que pagar aluguel. Já ali não, a prefeitura vai ceder, né? (14). Esse que é o problema”. Leandro comentou que viu um ex-integrante do Pedal-Solidário na UFSCar, enquanto fazia a feira.

Benedito puxou outro assunto, falando sobre uma das clientes: “eu ia falar, que vocês estavam falando do preço, e aí eu fiz uma entrega pra ela que era seis reais, daí ela não pagou no dia e depois de duas semanas pagou cinco. Aí outro dia eu fui lá e pedi um real pra ela. Falei ‘ah, eu vou pedir esse um real, não porque tá faltando um real, mas porque eu acho que é meio desvalorizado o serviço e se a gente ficar deixando um real ali, a gente fica mais desvalorizado ainda. Aí ela me deu dois [risos] e eu vou devolver um real pra ela”. Andréia perguntou se ele tinha ido várias vezes à casa dela e Benedito respondeu que não, que sempre a encontra pela cidade (15).

Andréia perguntou o que eles iriam decidir sobre o empreendimento e Leandro respondeu “ah acho que a gente vai continuar, viu, por enquanto, vamos vê”, Benedito disse

“ah, eu pretendo continuar”. Sobre as próximas reuniões do Fórum combinamos o seguinte: Benedito e Odair iriam na reunião de abril, Andréia na de maio, Leandro na de junho e Odair na de julho (16). Benedito comentou sobre uma reunião do ano passado, que o NuMI-EcoSol havia chamado dizendo que teria comes e bebes e não teve e que ele e Odair tinham ficado chateados. Benedito disse “quase fiz uma fala sobre isso”. Odair tinha até levado o filho para comer e não teve nada. Odair comentou: “o meu filho falou ‘o pai não vai sair o comes e bebes?’. Dessa vez não teve, já pensou se a minha mulher ia”. Benedito comentou “não, falar que vai ter comida e não ter, é sacanagem”. Leandro e Andréia concordaram.

C.O.: notei o incomodo de Odair, o fato dele ter levado o filho para comer me deixou triste e inconformada com a situação. A informação oficial era de teria um *coffee breack* depois da apresentação do projeto, mas por qualquer motivo e sem nenhuma justificacão deixaram de lado essa parte (17d).

Conversamos algumas trivialidades e Andréia retomou o assunto do recadastramento dizendo que precisaríamos eleger a diretoria e que, formalmente, teríamos que eleger um presidente e um vice. Andréia sugeriu uma votação. Adriano votou em Leandro, Leandro votou no Benedito, Benedito votou no Adriano, Odair votou na Andréia e Andréia votou no Odair. Rimos. Fizemos novamente e todos repetiram os votos, menos Odair que votou no Leandro e que ficou sendo nosso presidente (18). Pedimos para Adriano redigir a ata, mas ele se negou (19d). Benedito então assumiu a tarefa, mas fomos construindo o texto juntos/as (20). Discutimos quem seria o vice-presidente e votamos: Andréia votou no seu Odair, Leandro votou no Benedito, Benedito votou no Seu Odair, Adriano votou no Odair (que foi eleito como vice). Benedito e Adriano, farão parte do Conselho Fiscal (21). Segue o documento escrito:

#### Ata da assembleia geral ordinária

No vigésimo sétimo dia do mês de março, o grupo reuniu-se em assembleia ordinária para eleger a nova diretoria dos CicloPedaleiros, empreendimento de economia solidária, assim estruturada:

Leandro - Presidente

Odair - Vice - Presidente

Benedito - Conselho fiscal

Adriano - Conselho fiscal

Sem mais para o momento encerramos a assembleia e abaixo assinamos.

E todos assinaram a ata (22).

Benedito precisava sair, então começamos a conversar sobre a melhor data para a próxima reunião. Leandro não podia na quarta, Benedito não podia na segunda. Andréia sugeriu fazermos às 20h no Kartódromo para atender a demanda de Odair, que estava em dois empregos e não poderia em nenhum outro horário, também porque nos intervalos tenta dormir. Leandro respondeu “ah, eu prefiro mais cedo, Déia. A Laura tá ficando fora o dia inteiro, daí a gente tá aproveitando todo o momento que a gente pode junto, tipo, acho que se for umas sete horas, acho que é mais suave, na maior parte dos dias, pra gente, tipo, fazer uma reunião de uma hora no máximo”. Odair disse que saía de casa 21h para trabalhar, mas que podíamos escolher qualquer horário que ele iria. Andréia perguntou que horas ele saía do outro trabalho e ele disse “nós para quatro e dezoito, mas espera a pirua, chega um pouco pras cinco lá e eu casco fora embora”. Andréia perguntou se poderia ser na quarta às 18h e depois Odair podia ir pra casa, pois era a folga dele no Kartódromo. Leandro disse “quarta eu acho que mais ruim, por causa das coisas do NuMI, eu tipo, tenho que acordar cedo pra fazer as coisas do hambúrguer e vou ter que ficar o dia inteiro na Federal e ainda ter reunião a noite é complicado pra mim”. Decidimos fazer terça, dia 02 de abril, na UFSCar, porque era mais perto da casa de Odair (que havia mudado para o bairro São Carlos VIII, nas proximidades da universidade) e ele poderia retornar para tentar dormir. Leandro disse que o Kartódromo era do lado da casa dele, mas que ele poderia ir até a UFSCar. Andréia sugeriu fazermos às 18h, assim Odair tinha mais tempo e Benedito disse que nesse horário ele perderia o jantar do Restaurante Universitário. Então fechamos às 18h20 (para Benedito poder jantar), no DEFMH (23). Odair perguntou “onde a gente foi a primeira vez que não era lá?”, Andréia disse que não, falou que era perto do lago e Odair indagou “que furou o pneu perto ali, né?”, Leandro afirmou que sim, era ali e Odair entendeu (24).

Benedito saiu, Odair e Adriano começaram a se despedir e Andréia falou que faltava terminar o cadastramento (havia mais um formulário). Adriano e Leandro ficaram, Odair foi embora, pois precisava descansar. Andréia ficou no computador, enquanto os demais foram ajudando-a com as informações para o cadastro. Leandro enviou todos os documentos do e-mail dele (25). Andréia disse que queria que mandasse uma cópia para o e-mail dela e perguntou se alguém mais queria, ninguém quis (26d).